



Laísa Couto

# Lagoena

O Portal dos Desejos

  
Editora  
Draco

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





Lagoena

O Portal dos Desejos

Laísa Couto

a  
1ª edição

Editora Draco

São Paulo  
2014

**Laisa Couto**

é uma poesia quebrada. De dia sopra histórias ao vento. De noite explora nebulosas e colhe lágrimas de deuses esquecidos. Quando dorme, apenas sonha.  
Blog lagoenaoficial.blogspot.com.br facebook.com/lagoenaoficial

© 2014 by Laisa Couto

Todos os direitos reservados à Editora Draco

*Publisher:* Erick Santos Cardoso

*Produção editorial:* Janaina Chervezan

*Edição:* Ana Lúcia Merege

*Revisão:* Eduardo Kasse

*Arte:* Diego Guerra (logo) e Ericksama

*Ilustrações:* Frank William (capa), Laisa Couto (mapa e vinhetas)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

C 871

Couto, Laisa

Lagoena : o portal dos desejos / Laisa Couto. – São Paulo : Draco, 2014. –  
(Lagoena ; 1)

ISBN 978-85-8243-069-9

1. Ficção brasileira I. Título II. Série

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2014

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 – casa 1

Jd. da Glória – São Paulo – SP

CEP 01547-060

[editoradraco@gmail.com](mailto:editoradraco@gmail.com)

[www.editoradraco.com](http://www.editoradraco.com)

[www.facebook.com/editoradraco](https://www.facebook.com/editoradraco)

twitter: [@editoradraco](https://twitter.com/editoradraco)

## **Sumário**

[Capa](#)

[Ilustração](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Lagoena - O Portal dos Desejos](#)

[Epígrafe](#)

[Mapa 1](#)

[Mapa 2](#)

[Mapa inteiro](#)

[Capítulo 1 - O segredo da luva](#)

[Capítulo 2 - A Senhora dos Presságios](#)

[Capítulo 3 - O ajudante](#)

[Capítulo 4 - A caixa verde](#)

[Capítulo 5 - O homem da capa negra](#)

[Capítulo 6 - O filho do sapateiro](#)

[Capítulo 7 - O que o mapa escondia](#)

[Capítulo 8 - A Árvore de Espinhos](#)

[Capítulo 9 - A fuga à meia-noite](#)

[Capítulo 10 - Uma longa caminhada](#)

[Capítulo 11 - A prisão sob a Colina](#)

[Capítulo 12 - O Concílio dos Magos](#)

[Capítulo 13 - O fim e o recomeço](#)

[Capítulo 14 - A renúncia de Zagut](#)

[Capítulo 15 - Três tesouros perdidos](#)

[Capítulo 16 - A prisioneira do lago](#)

[Capítulo 17 - O gigante solitário](#)

[Capítulo 18 - O raro homocapillis](#)

[Capítulo 19 - O choro na lua cheia](#)

[Capítulo 20 - A voz dos astros](#)

[Capítulo 21 - Inocência e amizade](#)

[Capítulo 22 - Filhos do vento](#)

[Capítulo 23 - O Espírito da Nogueira](#)

[Capítulo 24 - A ceia na clareira](#)

[Capítulo 25 - Anel das Colinas](#)

[Capítulo 26 - Quem rouba quer trocar](#)

[Capítulo 27 - O plano](#)

[Capítulo 28 - O Torneio da Ordenança](#)

[Capítulo 29 - Kiel, o ladrão](#)

[Capítulo 30 - O Coração de Murdak](#)

[Capítulo 31 - A magia adormecida](#)

[Capítulo 32 - O Lar de Élefha](#)

[Capítulo 33 - Armiel](#)

[Capítulo 34 - O sangue da serpente](#)

[Capítulo 35 - O besouro da má sorte](#)

[Capítulo 36 - Três noivos e três noivas](#)

[Capítulo 37 - A sala das duas verdades](#)

[Capítulo 38 - O último segredo](#)

[Capítulo 39 - Sete Chaves e um desejo](#)

[Capítulo 40 - Uma surpresa inesperada](#)

[Ilustração](#)





Laísa Couto

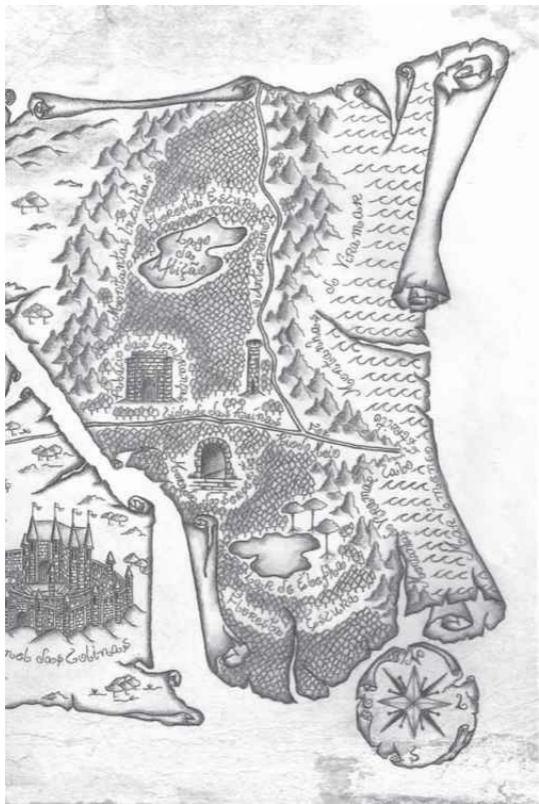
# Lagoena

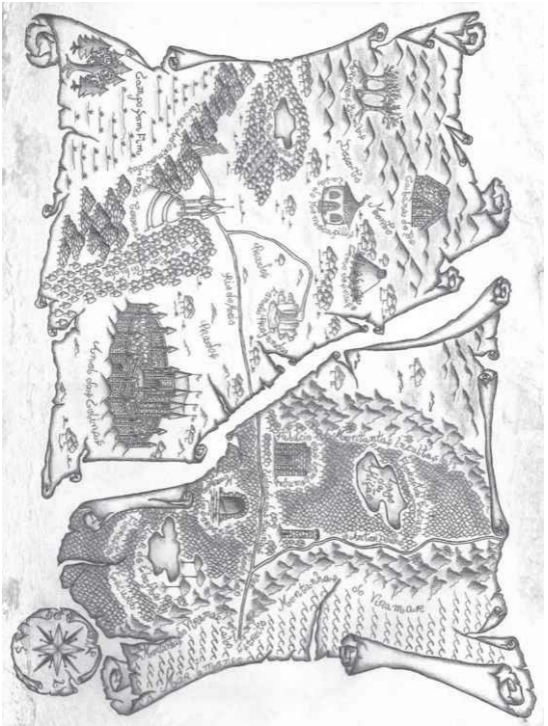
O Portal dos Desejos

**Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porque todo aquele que pede, recebe; quem procura acha, e se abrirá àquele que bater à porta.**

*São Mateus, cap. VII, v. 7 e 8*







## Capítulo 1

### O segredo da luva



O destino preparou um estranho começo para Rheita. Enrolada num manto quente, a menina de apenas seis meses dormia tranquila no berço. Ao seu lado, o avô, o Sr. Gornef, verificou duas vezes, em um intervalo de menos de cinco minutos, o relógio de algibeira: faltavam quinze minutos para o meio-dia, horário em que se manifestava o fenômeno. Desde o nascimento, a neta tinha o hábito de chorar com hora marcada. Isso desconcertava seu único parente.

Vestindo uma sobrecasaca, apressou-se a sair, certificando-se de que na sua ausência a neta estaria segura. Da janela viam-se os finos flocos de neve rodopiarem, anunciando um longo inverno.

Quase vencido pelo curto trajeto, as pernas trêmulas, chegou à *Trigo Doce*. O cheiro de pães e doces espalhava-se pelo ar aquecido por fornos subterrâneos. Dona Adeliz acabara de repreender um menino sardento que tentara furtar um potinho de balas, expulsando-o, quando percebeu a presença preocupada do velho joalheiro.

– Dona Adeliz, já está quase na-na hora... – gaguejou o joalheiro, consultando o relógio.

– Está bem, Gornef, já vamos... Tímiooooo!! – gritou ela para a porta dos

fundos.

– O que foi, mulher? – gritou de volta o marido da cozinha.

– Estou saindo para resolver um problema, volto logo! E não se esqueça das tortas de avelã que deixei assando! – Cobriu-se com um xale de lã e saiu às pressas na companhia do velho amigo.

Na joalheria *Ponto de Ouro*, tudo era silêncio. Atravessaram o balcão por uma portinhola, nos fundos ficava a oficina. Uma escada em caracol deu acesso ao primeiro andar – uma saleta com poucos móveis, junto à cozinha simples. Depois, subiram outra escada espiralada que desembocou no andar superior, de três cômodos separados.



De um deles veio o choro baixo, contido. No meio do embrulho de mantos, encontraram Rheita, os pequeninos olhos esverdeados acesos. Apesar de fios de lágrimas pintarem seu rosto miúdo, inesperadamente surgiu um sorriso.

– Ela me parece muito bem, Gornef – Dona Adeliz levou a criança aos seus braços. – Tem certeza de que ela só chora ao meio-dia? Isso me parece um tanto absurdo.

– Eu nunca inventaria uma coisa dessas! Você acha que estou mentindo, Adeliz?! – indagou ele, ofendido. – Tenho sido vigilante desde que... desde que Enid se foi... – Sua voz embargou. – Não me perdoaria se algo de ruim acontecesse a Rheita.

– Perdoe-me, Gornef. Não foi minha intenção ofender. Sei como é difícil cuidar de um bebê, ainda mais nestas circunstâncias... – consolou ela, dando tapinhas no ombro do joalheiro.

– Então, o que me diz? Qual a sua opinião?

– Eu nunca ouvi falar de nada igual. E, olhe, você sabe que eu e Timio nunca conseguimos ter filhos, mas já cuidei de todos os nove de minha irmã caçula, Anneliz, quando mal conseguiam abrir os olhos. Honestamente, acho que deve procurar um doutor... Se isso o preocupa tanto.

Ela apertou os olhos, examinando a criança com mais atenção. Rheita piscava interessada, ao devolver-lhe o olhar. De súbito, Dona Adeliz exclamou pasmada:

– Oh, meu Deus! Meu Deus!

– O que foi, Adeliz?! – Gornef se espantou, aproximou-se da doceira.

– Olhe! Que coisa horrível! – Ela estendeu a mãozinha direita de Rheita, cujos pequenos dedos se abriram, um por um. – Você nunca percebeu isso?

– Não... É a primeira vez que eu vejo... É como se não estivesse aí antes, me

parece bastante recente, nem cicatrizou. – Aproximou-se, ajustando os óculos.

– Dordi Gornef, alguém mais esteve aqui, além de você? – Ela devolveu Rheita ao berço, onde a menina adormeceu de imediato, alheia ao que acontecia ao seu redor. – Esta criança foi gravemente ferida! Quem fez essa marca horrível? Exijo uma explicação, Gornef! – O rosto da doceira ficara púrpura do choque.

– Ninguém fez essa cicatriz... Ninguém esteve aqui... E nem torturou minha neta, Adeliz... Isso não aconteceu, não é possível, é loucura... – respondeu o Sr. Gornef perplexo, a mão trêmula sobre a testa, sentando-se na cama.

Ele continuou com os olhos fechados e devolveu:

– Adeliz, você não reconheceu a marca? Vá até Rheita e veja a cicatriz de novo.

Obedecendo ao estranho pedido, a doceira se debruçou sobre a menina.

– Oooh! Não pode ser! – repetiu, incrédula, ao perceber a estranha marca em forma de “S”, na palma da mão de Rheita. – Gornef, o-o que significa isso? – perguntou, benzendo-se.

– Nunca achei que seria possível, Adeliz. O “S” é uma lenda, e lendas não se tornam realidade.

– No entanto, Gornef, esta não só parece ser uma realidade, como se tratar da vida de sua neta. A marca... a cicatriz... Ela tem um “S” – disse a doceira, relutante.

– Estou absolutamente perplexo. Isso prova que a lenda é verdadeira, não uma ilusão como todos creem. Parece-me que foi ontem que eu ouvi falar do “S” do Guardião pela primeira vez. Lembra-se da história, Adeliz?

– Não me lembro de muita coisa da minha infância. Mas seria bom recordar uma parte dela – sugeriu a doceira, sentando-se ao lado do amigo.

– Era um menino na época, mas nunca esqueci, nunca – começou o Sr. Gornef. – E como é tradição de nosso povo colecionar histórias... havia uma em particular que me atraía muito.

Lágrimas encheram os olhos do velho joalheiro ao lembrar as fábulas e lendas contadas para ele ainda na infância. Uma lenda em especial o marcou. Era sobre um império distante em tempos remotos, governado por um imperador poderoso e cruel. Diziam que uma grande sombra tomou a região que governava, e o poder dela aprisionou milhares de pessoas, tornando-as servas do seu senhor. Aqueles que tentaram fugir encontraram a fenda escura da morte. Por longos anos, ele impregnou sua terra de horror e tormento. Chamavam-no de Zhetafar, o Imperador do Caos. Estendeu sua vida por séculos, sem que ninguém compreendesse esse mistério. Uns diziam que forças das trevas alimentavam-no, para que vivesse perpetuamente; outros argumentavam que sua longevidade se devia a um precioso tesouro que o imperador escondia sob os subterrâneos de sua fortaleza.

Porém, um dia, seu amuleto da sorte sumiu – a fonte de todo seu poder. Bastou-lhe um simples momento de descuido, e seu império ruiu, seu poder se esgotou, e sua vida, prolongada por tanto tempo, foi amaldiçoada para sempre...

Todo o povo foi libertado, e uma grande caravana de pessoas fugiu para muito longe, onde pudessem recomeçar suas vidas. Andaram por dias sem fim, até encontrarem um lugar recluso e de difícil acesso, num vale montanhoso próximo



aos mares gelados do Ártico.

– As Montanhas Sem Cumes – completou a doceira, que prestava atenção à história em silêncio.

– Sim... E com aquelas pessoas veio a revelação da existência do Guardião. Pouco se sabia sobre ele, somente se dizia que fora enviado para uma missão: destruir o império de Zhetafar. Supunha-se que fora ele a roubar o tesouro do imperador e libertar todos os escravos. Porém, depois de seu feito heróico, assim como apareceu ele sumiu, deixando um único vestígio de sua identidade: a lembrança do “S” que carregava na palma da mão, uma insígnia com o significado esquecido. Entretanto, conta-se que, ao longo dos séculos, o Guardião elegeira discípulos para continuar a sua missão, uma vez que Zhetafar, como uma sombra, andaria à espreita, a fim de tentar recuperar o amuleto perdido.

– Oh, Gornef! Será o mesmo “S” que Rheita tem na mão? – Dona Adeliz sobressaltou-se. – A lenda do Guardião é verdadeira, é o nosso passado.

– Sinto que Rheita foi marcada pelo destino – disse ele, esfregando a face contraída.

– Marcada – repetiu a doceira, admirando a menina que dormia tranquila. – Acho que só pode ser magia... Magia é a única explicação. Rheita é uma menina especial, Gornef. E, como ainda não consegue falar, mostrou-nos a verdade de outra forma, chorando – concluiu, emocionada.

– No entanto, acho melhor que ela nunca descubra. Trata-se de sua segurança. Se as pessoas souberem, nunca mais vão nos deixar em paz.. E que tipo de expectativas a população não depositará em Rheita? É melhor que ela cresça sem saber da verdadeira identidade; do contrário, nem posso imaginar os perigos que poderão rondá-la.

– É claro... Você tem razão, Gornef – concordou a doceira. – Existem pessoas muito maldosas... Mas como protegerá Rheita de sua própria curiosidade?

– Preciso pensar numa boa e duradoura solução. Algo, algo que seja eficaz... e simples – disse o velho, andando de um lado para o outro. – Ah! Tive uma ideia!

– Qual?

– Luvas! – respondeu ele. – Encomendarei algumas, com tamanhos variados, para acompanhar o crescimento de Rheita; então, ela esconderá a mão direita e, para que as pessoas não fiquem curiosas, contarei que nasceu com uma pequena deficiência. O que acha?

– É tão cruel quanto esconder a verdade, mas não vejo outra saída. Então, faça o que achar melhor para a segurança de sua neta, Gornef. Eu estarei ao seu lado, e zelarei sempre pelo segredo.

No final da tarde daquele dia gelado, o joalheiro dirigiu-se ao *Margit - Alta Costura*. Um saquinho contendo dinheiro foi entregue ao ajudante da costureira pela encomenda de oito luvas de variados tamanhos. Entretanto, Gornef perguntava a si mesmo se aquela decisão era segura o suficiente para esconder o segredo sob a luva.

Dez anos depois, a questão ainda permanecia teimosa na sua mente, como uma nuvem cinzenta, atormentando-o.

## Capítulo 2

### A Senhora dos Presságios



Sob a luva o segredo ficou oculto por uma década. Histórias carregadas de exagero e citações maldosas se espalhavam como fumaça, falando da suposta demência da criança que nascera prematura, ou de uma imensa corcunda nas costas. No entanto, a maioria acreditava que nascera aleijada, sem uma mão, e usava uma luva cheia de enchimento para disfarçar.

Rheita passava a maior parte do tempo no sótão do sobrado – o seu quarto. Do alto, pela janela, ficava horas olhando as pessoas que iam e vinham pela Rua dos Artesãos, fazendo suas compras. Era uma cena que sempre lhe dava prazer de ver, embora seu avô parecesse não apreciar pessoas. Nos últimos anos, as evitava, e enclausurara-se com a neta, isolando-a do mundo.

A menina raras vezes saía de casa, a não ser no dia do seu aniversário e no Natal, quando passava o dia na doçaria da Dona Adeliz. Talvez por isso sua pele fosse tão branca, por falta dos raros raios de sol que apareciam no curto verão. Os cabelos negros e lisos, sempre presos em duas longas tranças enfeitadas por fitilhos, olhos verdes que se tornaram mais escuros, num tom de esmeralda profundo. Apesar de ter dez anos, aparentava ser mais nova, pois era pequena, comparada às meninas de sua idade.

A vida no sobrado transcorria rotineira e monótona. Foi acostumada a ajudar nos afazeres domésticos. O avô a ensinara a ler e a escrever. Divertia-se pouco; apenas quando brincava sozinha no quarto, inventando histórias e conversando com personagens imaginários. Fazia-lhe falta um amigo real. Havia Dona Adeliz, só que ela era muito mais velha para poder brincar, pensava Rheita com seus silenciosos botões. Adorava quando a doceira lhe trazia biscoitos e pãezinhos, e gostava ainda mais de lhe fazer perguntas.

– Por que ele foi embora? – indagou certa vez, pegando a doceira de surpresa.

– Ele quem, Rheita? – fez-se de desentendida.

– Meu pai. O que aconteceu com ele, Dona Adeliz?

– Ora, Rheita... Ninguém sabe... O motivo é desconhecido... Agora, vamos parar com essa conversa, você sabe que seu avô não gosta.

– Qual era o nome dele? – insistiu a menina.

– Aiai, seu avô um dia me mata se me pegar lhe contando essas coisas!

– O nome!

– Domik, Rheita... Domik.. Era um belo rapaz – revelou Adeliz, perdida em alguma lembrança.

– Hum... – disse Rheita, simplesmente.

– O que foi, querida? Que cara é essa? – perguntou a doceira, tirando os olhos da luva que tricotava para encarar a menina.

– Nada... Eu só... é... Talvez... ele ainda possa estar por perto e vivo. – Seus olhos se perderam na chama que crepitava na lareira da pequena sala do sobrado. O joalheiro tinha dado uma rápida saída; estavam sozinhas, ela e a doceira.

– Oh, Rheita, por que acha isso? Já se passaram dez anos e ele nunca retornou – explicou a mulher, com paciência.

– Não sei, penso que... ele talvez ainda possa voltar, não?

Dona Adeliz demorou alguns minutos para responder. Finalmente, disse:

– Rheita, este mundo é tão grande... Além dessas montanhas existem outros lugares... Não sei se há motivos para ter esperanças, mas se seu coração assim deseja, acredite – disse, dando um cálido sorriso entre as gordas bochechas enrugadas. – Gornef não ia gostar nada, nada de me ver falando assim; me expulsaria daqui a pontapé! – riu-se. – Prontinho, terminei! Experimente, veja se está do tamanho ideal!

Ela entregou a Rheita a luva de lã verde que acabava de tricotar. Antes de vestir a nova, Rheita despiu a luva púida, usada por mais de um ano.

– Ah! Ficaré linda! Combina com seus olhos! – elogiou a doceira com entusiasmo. Rheita entreteve-se com a marca na mão direita, antes de vestir a luva nova.

– O que foi, querida?

– Não me lembro do acidente – disse ela, tentando forçar alguma lembrança perdida na memória. – Deve ter doído. – Cutucou a marca com um dos dedos.

– Você não tem como lembrar, Rheita, era muito pequena – explicou a doceira, condoída. Aquela fora a explicação que o avô dera para as curiosas perguntas da neta: queimara a mão num instante de descuido do joalheiro, quando moldava uma peça de ouro na oficina, oito anos antes. – Na época... Seu avô se sentiu

extremamente culpado, mas já passou... Você está bem...

– Mas por que tenho de escondê-la?! – interrompeu Rheita, um tanto aborrecida.

– Minha nossa! Como ficou tarde! Deixei Timio cuidando sozinho da padaria; deve estar vermelho como um pimentão à minha espera! – disse a doceira num rompante, evitando a costumeira pergunta da menina, que já obtivera várias vezes a mesma resposta: *As pessoas não gostam de ver machucados feios, falam demais!*

– Eu já vou indo, deixei em cima da mesa uns biscoitos de nozes para você, e fale ao Gornef que trouxe a geleia predileta dele: pêssego com mel! Comportese, fique longe da lareira; seu avô logo estará de volta! Tchau, meu anjo! – Ela deu um beijo na testa de Rheita e desceu às pressas a escada espiralada, que rangeu perigosamente sob seu peso.

Rheita a viu se afastar e suspirou. A nova luva fez sua mão direita coçar.

A morte da mãe se somava como um imenso buraco na sua vida, mas pelo menos Rheita tinha uma única, triste e real certeza: ela nunca iria voltar. Quanto ao pai... Gornef se mostrava extremamente desgostoso quando o assunto era o genro desaparecido. Rheita nunca o vira tão zangado como quando insinuou que gostaria de tê-lo conhecido; após esse tempestuoso acesso de fúria, não tocou mais no assunto na frente do avô.

Todos os dias para Rheita pareciam iguais. Revolvía o sobrado por inteiro tirando a poeira, exceto a joalheria, abandonada desde o falecimento da única filha do Sr. Gornef. Agora, para sobreviver, ele apenas comprava joias usadas e as revendia; seus clientes passaram a ser caixeiros viajantes à procura de velharias baratas. Rheita também nunca tivera a permissão para entrar no quarto antigo da mãe, trancado por dez anos. Ela se remoía de curiosidade: desejava conhecer os segredos escondidos ali. Um dia, enquanto limpava os livros da estante na saleta, descobriu uma chave incomum dentro de um pequeno volume de capa desbotada. Desde então, esperava o momento certo para desbravar os mistérios do quarto proibido.

Dias, semanas e meses transcorreram depois daquele achado, sem que ela pudesse conhecer o interior do quarto que pertencera à mãe. No final de uma noite de outono, desapontada e cansada, atirou-se sobre sua cama no sótão, distraindo-se com as sombras escuras projetadas pelo armário e o criado-mudo. Meio sem ânimo, rolou na cama e sentou-se, atirando as botas para longe. Então, num salto, levantou-se e correu até a janela redonda, que empurrou, abrindo uma fresta de uns poucos centímetros. Uma corrente de ar frio soprou, bagunçando as mechas dos seus cabelos. Ela mirou o céu no horizonte; algumas estrelas piscavam timidamente na noite, e as Montanhas Sem Cumes lançavam sombras gigantescas e ameaçadoras – um paredão de rochas isolando do mundo o Reino do Vinagre, o pequenino país conhecido na região pelo famoso vinagre produzido pelas macieiras cultivadas nos sopés das montanhas. Rheita encarou ao longe a fortaleza erguida sobre um rochedo, cheia de torres que pareciam lanças apontando para o céu.

A menina levou um grande susto quando fogos coloridos estouraram de repente. Fora esse o motivo pelo qual desistira de ir para a cama cedo: era o

aniversário do rei e todo ano o comemoravam com uma grande festa, que se encerrava com um belo espetáculo de fogos de artifício. Rheita ouvira os rumores da festa naquela manhã, quando espiava as pessoas transitando na rua.

Os fogos explodiram e coloriram o céu com luzes faiscantes. O espetáculo durou pouco mais de dez minutos; Rheita bocejou quando o último rastro de pólvora estourou no ar e fechou a janela, tremendo de frio.

Despiu-se rápido, vestiu a camisola de dormir, apagou o candeeiro e imergiu sob o cobertor. Seus olhos pesados logo se fecharam, e ela adormeceu. O corpo estava cansado o suficiente para se manter inerte entre o sono e a vigília, mas tinha a vaga sensação de andar pelo quarto, sozinha no escuro. Olhou a si mesma enquanto dormia; sabia que sonhava, e era um sonho estranho e confuso.

De repente, uma voz longínqua atravessou as paredes do sótão. Rheita olhou ao redor, procurando pelo som que parecia vir de todas as partes. Este continuou a soprar num sussurro distante, agora um pouco mais alto, mais próximo. A menina levou as mãos aos ouvidos e viu-se dormindo, alheia à voz que atravessava vagarosamente a escuridão do quarto. Ela se desesperou. Sua própria voz ficou trancada num grito mudo, enquanto a outra, sorrateira, ininteligível, chegava mais perto, mais perto... Até que Rheita ouviu seu próprio nome, entoado por uma voz suave que emergiu num clarão, cegando seus olhos e fazendo-a acordar.

À sua frente, uma luz branca muito intensa surgiu, feito uma estrela que tivesse escolhido seu quarto para se refugiar. A menina sentou-se sobre a cama e esperou até seus olhos se acostumarem à luz relampejante; piscou incrédula.

– Rheita... – disse uma bela e jovem mulher, sem fazer o mínimo esforço para mover os lábios. Sua pele, de tão alva, emitia uma luz clara e tênue. Os cabelos lisos, compridos e azuis lembravam o céu crepuscular cheio de estrelas. Usava uma veste prata e longa cobrindo-lhe os pés que, curiosamente, não tocavam o chão, fazendo-a flutuar com graciosidade. O rosto deixava transparecer uma misteriosa alegria e serenidade angelical.

Rheita apressou-se a perguntar:

– Quem é a senhora?

– Sou aquela que do futuro tudo sabe, até onde meus olhos podem ver... Sou a Senhora dos Presságios – disse a mulher, dando um cálido sorriso à menina, sem mover os lábios para falar. E continuou: – Vim de um horizonte distante, muito além deste mundo seu. Eu li nos seus olhos as páginas da sua destinação... O caminho se acenderá como o alvorecer, e a luz do seu coração guiará seus passos. A sua verdadeira missão se aproxima e você não recuará da luta...

– Missão? Sobre o que está falando? – inquiriu Rheita, sem entender o que a mulher dizia.

– Eu posso entender as palavras do futuro, mas este tem de ser pacientemente esperado!

– Mas... Espere! Não vá!

O quarto ficou num breu total: a bela mulher sumira num raio de luz. Rheita permaneceu quieta, olhando perdida para o escuro, esperando talvez acordar de outro sonho, mas tudo havia sido magicamente real. As palavras da senhora que brilhava ainda pareciam reverberar pelo sótão; apesar de não as ter entendido direito, ela se sentia bem. Apenas duas palavras ressoavam na sua cabeça:

*destino e missão.*

“O que ela queria dizer com isso?”, perguntou-se, sem conseguir fazer ligação entre as palavras e ela mesma. Seus finos dedos contornaram a cicatriz em “S” na palma da mão direita. Estava desapontada com as inúmeras perguntas que afluíam sem respostas. Resolveu, então, banir da mente a recente visita estrelada; foi com certa relutância que conseguiu dormir.

### Capítulo 3

#### O ajudante



Rheita acordou ouvindo os berros do avô. Rápido, passou o vestido azul desbotado pela cabeça, calçou as meias e pôs suas botas velhas. Fez duas tranças, prendeu-as com laçarotes e, por fim, calçou a luva. Aos tropeços, desceu a escada para o andar inferior. Ouviu uma voz familiar. Então, se apressou. Era Dona Adeliz, numa visita matinal.

– Bom dia, querida! – disse ela num grande sorriso, sentada à mesa da cozinha. Apesar da fartura de carnes, usava um vestido exageradamente apertado na cintura, à moda da época. – Trouxe uns pães fresquinhos. Não, não se incomode, Gornef, é por minha conta! – acrescentou a doceira, que já discutira com o amigo sobre alguns favores.

– Bom dia, Dona Adeliz.. vovô.... – cumprimentou Rheita, juntando-se à mesa.

– Dia... – O Sr. Gornef amanhecera com o seu costumeiro mau humor.

– Ah! Ontem, o rei fez mais um ano de vida! – noticiou a doceira. – E pelos meus cálculos, deve estar se aproximando dos cem. A festa deve ter sido divina... Com um banquete maravilhoso. Eu adoraria conhecer quem faz todas aquelas bolas estourarem no ar; é um belíssimo espetáculo! Você perdeu a noite, Gornef, uma pena...

– Fogos! É isso que fazem com nossos impostos! Estouram no ar! – queixou-se o joalheiro, quase se queimando com o café.

– Tenha um pouco mais de espírito, Gornef – retrucou a doceira, sem perder o humor. – Devia ter acompanhado Rheita, eu a vi na janela, quando fui verificar se a doçaria estava bem trancada...

De repente, a lembrança da noite anterior caiu como uma avalanche sobre a cabeça de Rheita. Como pudera se esquecer da inusitada visita da mulher estrelada trazendo uma misteriosa mensagem de outro mundo? Tremeu de medo e expectativa, de volta à realidade. Ao encarar o avô, percebeu seu olhar de censura e lhe deu um sorriso amarelo em resposta.

– Gornef... – disse a doceira. – Od ainda trabalha nas minas?

– Ah, sim, sim, ainda trabalha... Ele não se cansa daquilo... E se fosse um animal, juraria que seria uma toupeira – respondeu ele, zangando-se com a repentina mudança de assunto. Rheita riu baixinho, quase se engasgando com o leite. – Mas por que o interesse?

– Ora, não seja tolo, homem! – retorquiu a doceira. – Sabe o que eu quero dizer... É uma oportunidade de voltar ao ofício de joa...

– Não, não e não, Adeliz! – recusou o velho, levantando-se bruscamente da cadeira. – Isso é um caso encerrado! Não tenho mais condições de voltar... Minha saúde não é mais a mesma.

– Mas pense, pense, Gornef! Od ainda pode oferecer um bom material por um preço baixo e você pode contratar uma pessoa para ajudá-lo na joalheria – insistiu Dona Adeliz com calma.

– Não. Está acabado.

– Gornef, você foi o melhor joalheiro de todo o reino. Possui um conhecimento singular sobre sua arte e poderá voltar a ser o que era antes, se souber passar seu conhecimento a alguém que esteja disposto a aprender... Vamos, tente!

Rheita olhava para o avô e a doceira. Pareciam ter se esquecido de sua presença. Ela continuou calada, esperando que o avô desse outra resposta negativa. No entanto...

– Ah... Bem... Não sei como isso poderá dar certo... – começou ele a dizer.

– Isso! – comemorou Dona Adeliz. – Gornef, está fazendo a melhor escolha!

Finalmente o avô retomaria o ofício. Naquela mesma manhã, com a ajuda da doceira, colocou um cartaz à porta da joalheria, informando a proposta de vaga aberta. Logo chamou a atenção de algumas pessoas, que se aproximavam mais por curiosidade do que por interesse pela vaga de ajudante e aprendiz.

Nos dias que se seguiram, Rheita frequentemente descia à loja para ajudar o avô na limpeza. Havia muito trabalho a fazer. Os vidros dos armários estavam encardidos, bem como as vitrines; os estojos de veludo, cobertos por teias de aranha e pó; a camada branca também dormia sobre o balcão e o assoalho. O joalheiro se responsabilizou por limpar e organizar sua mesa de ferramentas, além de desentupir o forno em desuso por dez anos. E a menina, apesar de atarefada, não se esquecia da visita noturna da Senhora dos Presságios, nem da misteriosa mensagem que estranhamente reconfortava seu coração, como se estivesse há muito esperando por aquele momento.

Passaram-se algumas semanas desde que foi colocado o pequeno cartaz em



frente à joalheria. O Sr. Gornef continuava organizando a oficina, na esperança de que alguém batesse à porta, à procura do emprego. No entanto, com o passar dos dias, a confiança do joalheiro foi diminuindo; as pessoas vinham somente para ver a novidade, espiando pelas vitrines e até espichando a cabeça pela porta, mas sumiam a seguir. Fora isso, alguns interessados apareceram, porém logo desistiam ao saber que se pagava pouco. O Sr. Gornef chegou a fazer testes com dois ou três rapazes, mas eles não tinham o menor jeito para o ofício e nenhum deles conseguiu o emprego.

Depois de mais uns dias, o joalheiro se impacientou. As chances de empregar alguém, agora, eram mínimas. Rheita percebeu o desapontamento do avô, como uma centelha se apagando no escuro. Ele retirou o pequeno cartaz da vitrine e tornou a se trancar junto com a neta naquele sobrado escuro.

Eis que uma semana depois, o Sr. Gornef se servia de uma xícara de café forte, quando alguém bateu à porta no andar abaixo, logo no começo da manhã. Surpreso, ele se adiantou até a joalheria; Rheita o seguiu até a escada, mas não desceu, impedida pelo avô. Ficou somente escutando a conversa.

– Bom dia... – cumprimentou o Sr. Gornef, abrindo uma fresta da porta. – O que deseja tão cedo?

– Bom dia – disse o homem. – Perdoe-me o incômodo. Vim pelo emprego, ouvir dizer que o senhor está precisando de um ajudante.

O Sr. Gornef examinou o moço da cabeça aos pés. Beirava os trinta anos, muito alto, os ossos do rosto destacavam-se pela magreza. Os olhos grandes e escuros sob a sombra de um chapéu demasiado gasto, além das vestes simples. O joalheiro convidou-o a entrar, apontando para duas cadeiras atrás do balcão. Quando finalmente se acomodaram, perguntou:

– Então, jovem, qual é o seu nome? – Empertigou-se sobre a cadeira, limpando os óculos numa flanela.

– Perdoe-me mais uma vez, senhor – disse o rapaz, retirando o chapéu. – Esqueci de me apresentar. Meu nome é Kaspar, Kaspar Gotskalk – Ele estendeu a mão.

– O meu é Dordi Gornef, mas pode me chamar só de Gornef. É como todos me conhecem por aqui... – disse o velho, apertando a mão do outro. – Presumo que, além de ter escutado sobre o posto de ajudante, soube também que estou pagando pouco por ele.

– Senhor Gornef, preciso muito do emprego, e o pouco que o senhor oferece é suficiente para mim – explicou Kaspar, num tom suplicante.

– Vamos com calma, vamos com calma – pediu o joalheiro, levantando-se da cadeira e dirigindo-se a uma prateleira. – Primeiro, vou fazer um teste. Você tem alguma experiência com a ourivesaria, Kaspar?

– Conheço um pouco, mas não tanto quanto o senhor... – respondeu o rapaz, humilde.

– Não importa, só quero ter a certeza de que tem jeito para o negócio. – Ele pegou alguns frasquinhos contendo líquidos transparentes, uma pequena chapa lisa e escura e uma caixinha de veludo. Colocou tudo sobre uma mesa e, de dentro da caixa, retirou algumas peças de ouro: anéis, pulseiras e correntes.

– Reconhece o processo? – indagou o joalheiro, vendo uma expressão familiar

no rosto de Kaspar.

– Reconheço, sim, senhor. Mas prefiro evitar os ácidos. – Ele apontou para os frascos de líquidos transparentes.

– Com o faria, então? – perguntou o joalheiro, intrigado.

– Se o senhor me permite...

Ele pegou um colar de ouro, bem trabalhado, mas sem pérolas ou pedras. Fora comprado de uma viúva, por um preço razoável. Gornef ficou quieto, esperando Kaspar avaliar a peça. Ele mediu o peso com um simples movimento de mãos e sorriu.

– Ouro 18, mas três quartos da peça são ouro 12; não vale tanta coisa... – disse, ao devolver o colar ao joalheiro.

– Hum... – O Sr. Gornef tentou conter o espanto. – Você é realmente bom nisso... acertou! Ouro 12 e 18, não é de se estranhar que a dona quisesse se livrar dela, mas tem um bom desenho, não acha? Pode ser reaproveitada em outra peça...

– Então, estou contratado? – perguntou Kaspar, numa tímida ansiedade.

– Pode começar amanhã – anunciou o joalheiro.

– Muito, muito obrigado, senhor Gornef! Espero ser útil... Vou começar hoje mesmo! Se for do seu agrado, é claro!

– Oh, eu... eu não esperava, mas pode começar – concordou o velho, surpreso.

– Tenho algumas peças antigas, mas são exclusivas. Vou apanhá-las, então você poderá começar com o polimento.

Rheita só conheceu o recém-contratado ajudante na hora do almoço, quando lhe foi levar um pouco de comida, a pedido do avô. Ela desceu a escada espiralada equilibrando com cuidado um prato de sopa. Encontrou o homem debruçado sobre a mesa de ferramentas, selecionando peças e instrumentos. Assim que notou a presença da menina, ele disse “olá”, num sorriso que Rheita presumiu ser totalmente falso. Em resposta, continuou em silêncio, entregou-lhe o prato e subiu rápido, para evitar encarar aquele homem.

Rheita foi assaltada por um pressentimento ruim. O semblante ossudo de Kaspar não lhe saía da mente, causando-lhe enorme desgosto. Uma suspeita pairou sobre sua cabeça: Kaspar não era confiável; achou-o estranho e de caráter duvidoso – o seu comportamento comedido não negava.

Nas visitas corriqueiras que a menina fazia à joalheria para entregar o almoço ao empregado, percebeu que ele falava pouco, somente o necessário, nada além de “*Sim, senhor*”, “*Posso, senhor*” e “*Entendi, senhor*”. Quase nada se sabia sobre sua vida e nem como aprendera a trabalhar com metais e pedras preciosas. Descobriu que o avô apreciava aquele silêncio perigoso e, diante disso, as lacunas vazias aumentavam a desconfiança de Rheita. Teve certeza disso quando flagrou o ajudante dando batidinhas no assoalho da joalheria, com a desculpa de descobrir por onde os ratos entravam. Ela fingiu acreditar, garantindo a resposta para sua suspeita: Kaspar estava procurando alguma coisa.

O Sr. Gornef mostrava-se satisfeito com o trabalho do ajudante. Com isso, ganhou alguns novos fregueses, e outros antigos retornaram contentes ao ver novas joias reluzentes para venda. O trabalho na joalheria vinha prosperando aos poucos. As pessoas não mais entravam na loja apenas por curiosidade; tinham

interesse em comprar. A *Ponto de Ouro* foi reconquistando o respeito que tivera outrora, e a notícia sobre a volta do joalheiro Gornef se espalhou por todo o reino.

Com o avô retornando ao ofício, Rheita se via sozinha na maior parte do tempo, fazendo suas tarefas rotineiras e remoendo a desconfiança que sentia contra Kaspar. Ainda não tivera coragem de revelar suas suspeitas ao avô, pois certamente ele não acreditaria em suas palavras. Ela era só uma criança. Rheita queria descobrir os motivos que levaram Kaspar à sua casa, mas, agora que ficava sozinha perambulando pelo sobrado, havia grandes chances de desbravar o segredo do quarto proibido. Essa ideia lhe ocorreu como um raio de sol entre nuvens cinzentas.

## Capítulo 4

### A caixa verde



Rheita deu um salto da cama, o coração ribombando descontrolado. Perdera a hora. Como uma flecha, vestiu-se, não se esquecendo da luva, e, aos tropeços, desceu a escada do sótão. Engoliu rápido o parco café da manhã. O avô já tinha se retirado para o trabalho na oficina, com certeza nada satisfeito com as longas horas de sono da neta.

Começou o dia arrumando o quarto do velho joalheiro no andar debaixo do sótão, como se tivesse que cumprir algum castigo. Os móveis eram poucos, dispersos no pequeno espaço. Não havia janelas, somente um pequeno basculante para ajudar a circular o ar.

A preocupação e desconfiança haviam roubado noites recentes de Rheita, e esses eram os motivos de acordar fora do horário, provocando queixas do avô. Depois de tudo limpo, seguiu para o corredor e fitou o quarto proibido. Por instinto, deu alguns passos, mas estacou antes mesmo de alcançar a metade do caminho: escutara um barulho estranho vindo da saleta logo abaixo. O baque surdo de algo caindo.

Sorrateira, Rheita desceu alguns degraus da escada, cuidando para que esta não rangesse sob seus pés. Não precisou chegar até o último degrau para descobrir

quem estava escarafunchando a saleta como se revolvesse um punhado de terra. Seu coração martelou: Kaspar, o ajudante esquisito, visitava a saleta do sobrado sem nenhum convite. Via-o tatear as paredes à procura de alguma saliência. Ele não tinha percebido a presença de Rheita, que o espiava atenta do alto da escada. Com uma espécie de euforia dando piruetas no seu peito, a menina teve certeza de que Kaspar não viera até a joalheria somente à procura de emprego. Ele queria alguma outra coisa.

Rheita viu a irritação tomar conta do rosto magro do homem. Sua expressão mudou totalmente, como se uma máscara tivesse caído. Adquiriu uma vermelhidão colérica, e uma veia pulsou no seu comprido pescoço. Temerosa, ela recuou dois lances, embora decidida a descobrir aonde Kaspar queria chegar com aquela procura incessante. Ele esquadrinhou os fundos dos vasos de porcelana. Procurou possíveis frestas no assoalho. Vasculhou as pequenas gavetas da estante e nada, absolutamente nada. Ele rugiu baixinho toda sorte de palavões e retomou a procura, alheio ao fato de que alguém o observava. Por fim, procurando sob as almofadas que forravam o sofá de madeira, resmungou:

*“Onde ele escondeu, onde?! Acho que meu senhor nunca encontraria a toca dele! Tem de estar em algum lugar...”*

Desta vez, Rheita teve a prova definitiva de que o ajudante não precisava realmente de um emprego. Porém, quem seria a outra pessoa a quem Kaspar se referia: *“...ele escondeu...”*?

*“Ele quem?”* – os pensamentos de Rheita borbulhavam ao ponto de ferver. *“...Meu senhor...”* Haveria mais alguém por trás disso tudo? Outra pessoa mandara Kaspar fingir-se de ajudante, para furtar algo secreto dentro da casa do seu patrão? Ela juntava o quebra-cabeça, mas faltavam peças. Haveria algum objeto tão valioso para merecer a cobiça de ladrões? Não conseguia pensar o que poderia ser...

Um súbito lampejo lhe sobreveio, ao ver agora Kaspar abrindo os velhos livros com violência e atirando-os ao chão. Era isso! O quarto! Ele estava procurando a chave que dava acesso ao antigo e abandonado quarto de sua mãe! Com o coração aos saltos, Rheita empertigou-se e tomou fôlego. Desceu alguns degraus para ficar visível e, juntando as mãos atrás do corpo para não demonstrar o nervosismo, perguntou:

– Precisa de alguma coisa?

Com o susto, Kaspar derrubou os livros que empilhava nas mãos. Desculpou-se:

– Oh, mil perdões! Mil perdões! – Sobressaltado, ele começou a juntar os livros e repô-los de qualquer jeito na estante. – Perdoe-me a bagunça. Eu... Eu estava procurando pelos óculos do senhor Gornef... Ele disse que os esqueceu aqui em cima e pediu para que eu viesse buscá-los. Mas procurei por toda parte e não os encontrei... Acho que se enganou! Devem estar lá embaixo! – Passou por Rheita, esbarrando nela, e desceu a escada, que rangeu alto.

*“Como é mentiroso!”*, protestou Rheita em pensamento, quando ouviu o avô reclamar com o ajudante sobre sua ida demorada ao banheiro. Desejou com toda a força denunciar Kaspar para Gornef; aquilo era o certo a ser feito. No entanto, a sua vontade se aplacou; ainda tinha dúvidas se o avô acreditaria nela ou não. Não tinha argumentos claros para acusar o ajudante da sua suspeita

instintiva.

Frustrada pela própria incapacidade de contornar aquela situação, ela não viu outra saída, a não ser arrumar a bagunça com que Kaspar deixara a saleta. Sentia como se estivesse apagando as marcas de um crime recente.

Quando, por fim, terminou de reorganizar os livros na estante, ocorreu-lhe que se encontrava totalmente sozinha. O avô se atarefaria por todas as horas do dia na joalheria, e ela conhecia o esconderijo da chave que trancava o antigo quarto da mãe. Se havia algo que Kaspar gostaria de descobrir lá dentro, ela seria a primeira a saber.

Rheita verificou se o avô e o ajudante estavam distraídos o suficiente com o ofício. Depois, pôs-se rápida e sorrateiramente dois andares acima, com uma pequena chave enferrujada nas mãos. Forçou-a na tranca da porta do quarto proibido que, com certo custo, se abriu num estalo. Pulou para dentro do cômodo, trancando-o. A luz rala saía de uma fresta da janela fechada com tábuas. Ela forçou a abertura, a luz do dia escapou com mais fôlego.

Os móveis adquiriam um foco fantasmagórico sob os lençóis amarelados. Num canto, próximo à janela, Rheita descobriu um berço escondido sob um trapo carunchado. Arrastou-se até o guarda-roupa e o abriu.

O interior estava vazio. O pesar se abateu sobre ela; o luto a abraçava naquele instante, depois de tanto tempo. Ela tocou o fundo do guarda-roupa, como se quisesse sentir vestidos invisíveis roçando suas mãos. Uma lágrima quente lhe escorreu pelo rosto.

Com certa relutância, fechou o guarda-roupa e lançou o olhar sobre a penteadeira, tomada de súbita curiosidade. Na mesinha, sob o espelho, o manto branco revelou uma porção de frascos de perfumes vazios, um conjunto de escova e pente de prata e uma caixinha de joias moldada com uma rosa em alto-relevo na tampa. Rheita reconheceu rapidamente que aquela peça de prata só poderia ter sido fabricada pelo avô, num tempo mais feliz. Ela pegou a caixa e se sentou na cama grande de casal, apoiando-a entre as mãos.

Compreendia naquele momento que sua própria vida corria sob um manto que a escondia do mundo, como aqueles móveis. Pensou: se sua mãe estivesse viva, nada seria daquele jeito... Ou, se o pai retornasse, haveria alguma perspectiva de mudança... Rheita tentou abafar seu desejo dentro da realidade que a rodeava; a sua história parecia ter terminado antes mesmo de começar. Abriu a caixinha e, somente quando seus olhos marejados encontraram foco, percebeu uma pequena coleção de joias: um par de brincos engastados de ametista, um pingente de rubi, uma delicada gargantilha e um anel de um único diamante, cujo brilho ofuscava todas as outras pedras.

Possuída por uma súbita vontade de experimentá-lo, Rheita encaixou-o no anular da mão esquerda. Então, ela caiu em si: seriam essas joias que Kaspar procurava? *“Ele escondeu”* seria dirigido ao avô? No entanto, se o ajudante quisesse roubar joias, já teria feito isso desde que começara a trabalhar na joalheria, mas nada sumira na loja – refletiu –, o que provava que Kaspar buscava outra coisa...

Rheita alarmou-se. Tinha se esquecido das horas. Presumiu que o avô já dera por sua falta; era quase a hora do almoço. Colocou a caixa de joias sobre a

penteadeira e, antes de fechá-la, tentou retirar o anel do dedo. Forçou-o, mas ele continuava no lugar. Estava preso! Desesperada, empregou tanta força que o anel ricocheteou no móvel com um tilintar metálico e caiu, rolando rapidamente para baixo de uma pesada cômoda.

Rheita gelou. Correu e debruçou-se sobre o chão, na tentativa de alcançar e recuperar a joia, mas seu braço não ultrapassava o estreito espaço entre a cômoda e o assoalho. Nervosa e suando frio, correu os olhos pelo quarto. Em fração de segundos, encontrou uma rápida solução: retirou uma haste solta da cabeceira da cama e voltou a se comprimir contra o chão. Distinguiu um tênue brilho no espaço escuro sob o móvel. Direcionou a tala com precisão e a empurrou com cuidado até o ponto brilhante. Em seguida, o ruído de algo caindo fez seu corpo paralisar. Ela puxou a haste de volta e apertou os olhos contra a fresta negra: o anel sumira.

O temor roubou-lhe todo o ar. Levantou-se e esforçou-se para empurrar a cômoda. O anel devia ter caído em alguma fresta do assoalho. Empurrou o móvel, evitando fazer barulho. Ajoelhou-se e bateu o chão; em instantes, notou um fino rasgo na madeira, que nem seu dedo mindinho atravessaria. Rheita foi abalada por um amargo arrependimento. Se pudesse retroceder no tempo, escolheria jamais ter entrado naquele quarto. Ela teve a angustiante certeza de que o avô descobriria tudo e ficaria furioso, além de se sentir desrespeitado. Suas entranhas reviraram, imaginando a explosão dele: seu castigo seria a clausura para sempre no sótão.

Desanimada, ela olhou para a finíssima fresta – e foi tomada de súbito alívio. O assoalho ao redor estava solto. Rápida, retirou a tampa de madeira e localizou o anel, no fundo de um buraco, ao alcance de suas mãos. Com ele bem seguro, Rheita foi golpeada pela surpresa ao perceber que havia algo diferente ali – uma pequena caixa. Limpou a generosa camada de poeira que a cobria e descobriu que era de um verde desbotado, envelhecido pelo tempo. Examinou-a, sem abri-la. Não poderia correr o risco de se demorar mais ali. Devolveu a caixa ao buraco, porém a curiosidade pulsou, triunfante – e, sem cerimônia, tornou a pegá-la e a abriu.

Alguma coisa murchou dentro dela. Descobriu no interior da caixa uma bola de papel amassado e um rolinho também de papel, com um aspecto amarelado e frágil. Seria estúpido pensar que Kaspar, o ajudante mentiroso, procurava uns papéis velhos e rasgados. Haveria algum segredo contido neles que merecesse a cobiça de um farsante?

Rheita pegou o rolinho e o abriu, temendo que se desmanchasse em suas mãos. Sobre o papel estendia-se o que parecia ser uma paisagem desenhada à mão com tinta preta. Tratava-se de um campo que se abria até as margens de um concentrado de pequenas colinas enfileiradas no formato de arco. Mais para cima, uma extensão vazia cobria toda a parte superior do desenho, e abaixo uma grande floresta ia se aglomerando até a parte inferior da paisagem. Uma fina linha descia dos vales; o rio cortava a floresta ao meio, perdendo-se num destino desconhecido na borda direita, pois ali, fatalmente, o desenho fora rasgado, não dava para saber em quantas partes.

O desenho não continha nenhuma informação, nem assinatura do autor, nem

data, nenhuma pista no verso. Então, a bola de papel desviou a atenção de Rheita, e ela desfez o amontoado, como se estivesse descascando uma cebola. O papel era mais rijo que o outro, manchado de gotas amareladas aqui e acolá. Rheita emendou os pedaços, decifrando um breve bilhete:

*Minha amada Enid,*

*Peço que um dia seu coração possa me perdoar. Estou partindo para sempre. Não tenho outra escolha, descobri algo que põe em risco nossa família. Preciso ir para longe, a fim de despistar o perigo.*

*Deixo parte de um grande tesouro; é um mapa que veio parar em minhas mãos quando eu era menino, um achado inexplicável. Peço que o esconda. Não deixe que ninguém o encontre. Mas nunca tente destruí-lo, pois contém muitos segredos.*

*Cuide bem da nossa criança que está por vir.*

*Meu coração chorará sempre essa partida.*

*Adeus,*

*Domik*

Aquela carta fez Rheita transbordar de uma felicidade desconhecida, mescla de alívio e dor. Era a primeira vez que tinha uma prova da existência do pai: as letras apertadas riscando o papel numa despedida prematura. O pai estava vivo, em algum lugar. Não as teria abandonado se não fosse necessário. Domik tentava protegê-las e, para isso, sumira de suas vidas. Rheita compreendeu, então, que sua mãe acolhera o pedido do marido: guardou o segredo, que se calou junto com sua morte.

A menina sentiu-se cúmplice da tragédia que mudara suas vidas, com a descoberta do segredo que jazia dentro de uma caixa verde, vínculo que a ligava ao passado, peça que não se encaixava corretamente no estranho quebra-cabeça que era sua vida. Era o mapa que Kaspar procurava? Como ele poderia saber onde estava escondido? Rheita deduziu que flagrara o ajudante na primeira e desesperada tentativa de agarrar seu objetivo. Talvez não lhe ocorresse ter de encontrar uma chave, pois o segredo da caixa verde emudecera junto a sua mãe.

O velho pergaminho jazia ao lado da neta do joalheiro. Uma folha simples, sem aparentes segredos, como a carta insinuara que ele teria. O mapa havia atraído o perigo, arruinara tudo, desfazendo-lhe a família. Rheita foi tomada por uma súbita vontade de rasgá-lo “*Mas nunca tente destruí-lo, pois contém muitos segredos.*” Sentiu vergonha por desprezar o pedaço de papel inofensivo e o examinou mais uma vez. Não havia descrições, nenhum caminho a ser seguido naquele velho pedaço de pergaminho; era um mapa sem destino.

Diante da estranha descoberta, ela resolveu manter o segredo consigo. Era uma forma de manter viva uma história perdida, um passado que lhe parecia mais reconfortante que o presente. Devolveu o bilhete e o suposto mapa à caixa, encerrando-a sob a tampa de madeira e retornando a pesada cômoda para o seu lugar. O anel também voltou para sua caixa de joias. Ela deu uma última olhada



no quarto, destrancou a porta e abandonou para trás o segredo.

Rheita apressou os passos e esgueirou-se escada abaixo. Não havia ninguém na saleta, mas os preparativos do almoço tinham sido iniciados pelo avô; uma caçarola fumegava sobre a chama do fogão a lenha. Ela estranhou o fato de ele não ter notado a sua repentina ausência.

Depois de ter devolvido a chave ao esconderijo – um pequeno livro de capa desbotada –, a menina resolveu ir até a joalheria, para que o avô tomasse consciência de que ela ainda estava no sobrado. Assim que ele a viu, perguntou:

– O que andava fazendo? Estou chamando por você há horas!

– Ah... eh... Eu... Eu estava no meu quarto... Arrumando. Desculpe, não escutei o senhor chamando.

– Está bem, então termine o almoço – apressou o joalheiro. – Não deixe as batatas cozinharem demais!

Ao ser dispensada pelo avô e lhe virar as costas, os olhos de Rheita rapidamente encontraram os de Kaspar, nos quais enxergou uma violência contida por trás da cortina negra e fria de seu olhar atento. Teve, então, a desagradável sensação de que ele já sabia do mapa e que ela o havia encontrado.

Rheita irrompeu escada acima, temendo que seu receio a denunciase.

## Capítulo 5

### O homem da capa negra



Naquela noite, nem o corpo pesado, muito menos o cansaço conseguiram fazer Rheita adormecer. Pelo contrário: seus pensamentos descontrolados navegaram noite adentro. O frio de final de outono consumia o sótão, e ela se enrolava entre os cobertores. Não apagara o candeeiro. Sabia que não conseguiria dormir, e a luz trazia um pouco de calor. As descobertas daquele dia estalavam na cabeça. Finalmente, descobrira que Kaspar procurava algo, e esse algo estava bem escondido dentro do assoalho do quarto proibido, no andar de baixo: “...um grande tesouro”, um pedaço de mapa sem destino algum. Rheita cogitou em contar tudo à Dona Adeliz, talvez ela entendesse e a ajudasse; no entanto, corria o risco de a doceira achar toda a suspeita absurda.

Rheita pôs-se de pé antes do avô. Lá fora, no alvorecer insondável, o silêncio reinava absoluto. Mudou de roupa e, cansada pela noite mal dormida, arrastou-se para os andares abaixo. Na pequena cozinha serviu-se de um copo de leite com café e pão. Coçando os olhos inchados, desceu a escada espiralada da joalheria e desembocou nos fundos da loja, onde havia uma oficina de ourives.

Acabou tendo uma péssima surpresa: deu de cara com Kaspar. A menina fez menção de dar a volta e subir a escada correndo, porém refreou a vontade,

calando um grito “*Socorro, um ladrão!*”. Rapidamente, controlou-se e encarou a parede além do ajudante.

– O que faz aqui tão cedo? – perguntou, omitindo o nome; parecia-lhe que “Kaspar” era um nome tão falso quanto seu dono.

– Ah... Tenho de adiantar o serviço sob a ordem do seu avô – explicou, torcendo a aba do chapéu roto entre as mãos. – Espero não ter acordado a senhorita.

Rheita não teve tempo para responder.

– Quem está aí? Rheita? É você que está aí embaixo? – Era a voz do velho joalheiro, que logo apareceu no pé da escada, trajando um robe xadrez sobre o pijama. – Ah, Kaspar! É você! Pensei que alguém estivesse invadindo a loja... Rheita, já de pé a esta hora? – indagou, num tom surpreso, consultando o relógio de bolso. Suas sobranceiras brancas e ralas se estreitaram.

– Peço desculpas, senhor. Acho que assustei a família inteira hoje – disse Kaspar, lançando um breve olhar para Rheita. – Na próxima vez, serei mais discreto.

– É melhor que seja mesmo – retrucou o joalheiro, irritado. – E fique atento para que estranhos não passem por aquela porta enquanto eu não estiver presente – salientou, examinando o relógio que acabara de tirar do bolso do robe. – Bom, já que estamos todos de pé, vamos começar o serviço mais cedo, assim ganhamos mais tempo, e tempo é lucro, como dizem por aí.

Rheita subiu às pressas. De uma das janelas da saleta, espiou a rua. Não havia notado que o sol começava a despontar entre as montanhas, sorrateiro. Os artesãos abriam suas lojas e desejavam bom dia uns aos outros. Contudo, Kaspar voltou a assombrar seus pensamentos. Ele lhe dava muito mais o que pensar. Ganhara completamente a confiança do velho avô, conquistando uma cópia da chave da joalheria. Assim, poderia entrar no sobrado quando bem quisesse, sem que ninguém o percebesse. Seus planos para procurar o que Rheita achava ser a parte de um mapa haviam-se tornado bem mais ousados.

Ela se perguntou há quanto tempo Kaspar estaria ali, dentro de sua casa, vasculhando no escuro. Será que encontrara um modo de adentrar os limites do antigo quarto de sua mãe durante a noite? Não, seria muito arriscado perambular pelo andar onde o joalheiro dormia. Rheita lamentou não poder compartilhar suas suposições com alguém, muito menos com o avô, cada dia mais satisfeito com os serviços do novo contratado.

Imersa em devaneios, sobressaltou-se ao ouvir um suspiro alto vindo da cozinha. Rheita se aproximou do avô; percebeu que nas suas mãos enrugadas jazia o estimado relógio de bolso, sem vida, completamente parado.

– É a primeira vez que isso acontece... Depois de oitenta anos! – lamentou o Sr. Gornef.

O relógio era muito mais que um simples instrumento para verificar as horas; era um objeto de lembrança, pertencente ao bisavô de Rheita, que também fora joalheiro. Passara o relógio ao filho no leito de morte, e assim Gornef pretendia seguir, quando chegasse sua hora.

– É uma pena, vovó – consolou a menina.

Ele ficou em silêncio, contemplando o relógio. Havia algo em seu semblante que Rheita desconhecia, talvez fosse hesitação.

– Rheita, quero que me faça um favor. Hoje, meu dia vai ser muito atarefado, não vou ter tempo, tenho muitas encomendas para entregar... – O avô estava ficando vermelho. – Quero... quero que vá ao relojoeiro.. Meu relógio precisa ser rapidamente consertado. Leve ao senhor Rosberg, sua lojinha fica a cinco lojas daqui, do mesmo lado da joalheria; chama-se Casa do Relógio, tem um grande cuco de madeira pendurado à vista. Diga que levarei a quantia exata ao término do expediente.

Rheita estava literalmente embaçada: iria sair pela primeira vez sozinha e fora das datas de hábito. Nunca, em toda sua existência no sobrado, imaginara que o avô tomaria aquela decisão. Esperou até que mudasse de ideia, mas ele não expressou nenhum arrependimento. Pensando ter escutado errado, perguntou de novo para onde iria com aquele relógio; o Sr. Gornef tornou a explicar com certa impaciência e lhe deu todas as instruções para que não errasse o caminho e voltasse o mais rápido possível. Seu tom de voz deixava transparecer preocupação, com uma pontada ínfima de confiança. Rheita, no entanto, sabia que não poderia negar o pedido do avô. Se o fizesse, nunca teria outra oportunidade como aquela.

O sol se escondeu dentro das nuvens nubladas, mas o frio, que aumentava, soprado das montanhas, não espantou os fregueses que começavam a se concentrar na rua. Rheita os observou da porta da joalheria, ainda escondendo a hesitação. Parecia prestes a fazer uma coisa ainda mais errada que penetrar os segredos do quarto proibido. O avô abriu a porta, e ela foi incentivada a experimentar o perigo, como se tivesse que se jogar de um precipício ou num mundo desconhecido do seu.

Finalmente, ali embaixo, bem devagar, ela foi engolida por uma multidão crescente de pernas e perdeu de vista o avô, que a acompanhava da porta com ar preocupado. Ficou ainda mais impressionada com a quantidade de pessoas que a empurravam, distraídas pelas inúmeras lojinhas que se apertavam na Rua dos Artesãos. Rheita tentou prosseguir caminho, esforçando-se para enxergar, além da muralha de cabeças, um cuco de madeira – em vão. O coro de vozes encheu o ar ao seu redor, e, dentre muitas delas, reconheceu uma. Era Dona Adeliz, que se espremia entre as pessoas. Sem sorrir, sua face contraiu-se, pasma.

– Rheita! Meu Deus! O que faz aqui? Está sozinha?! Cadê seu avô? Você se perdeu? – disparou ela, nervosa.

– Não, não estou perdida, Dona Adeliz – respondeu Rheita com simplicidade. – E vovô ficou na joalheria, tem muito serviço a fazer – informou.

– O quê? Como...? Ele deixou você sair *sozinha*?

– Sim. Vou à Casa do Relógio. Vovô me explicou o caminho... O relógio de estimação dele parou. – Mostrou-lhe o objeto.

– Acho que Gornef está caducando...! Rheita, tome muito cuidado! Não converse com estranhos e, principalmente, não tire a luva. Faça o que tem de fazer e volte! Volte depressa para casa!

Rheita entendeu que era mais que um pedido, pois a doceira lhe lançava um olhar de reprovação.

– Preciso conversar com seu avô. Acho que não está bem do juízo. – Ela sumiu na multidão. Ia para a joalheria.

Rheita nunca a vira tão exasperada. Então, apressou-se, para que pudesse voltar o quanto antes. Mas as pessoas não lhe deram vez, esbarravam nela e empurravam-na. Não sabia o quanto avançara, sentia-se miúda. Para conseguir se localizar, subiu num dos inúmeros postes plantados na rua, até ficar a um pouco mais de um metro do chão. Agarrou-se firme, só com uma das mãos, já que a outra se ocupava com o relógio, e pôde finalmente enxergar sobre as cabeças que inundavam a travessa de pedra. Um pouco adiante, deparou-se com um grande cuco de madeira pendurado à porta da relojoaria, do outro lado. Era um sobradinho apertado, como todos os outros, com várias janelas nos quatro andares acima. Rheita observou a joalheria do avô, a poucos metros de distância.

De um salto, desceu do poste e tornou a enfrentar a multidão que a acercava. Para se precaver, comprimiu o relógio contra o peito, querendo evitar que caísse de suas mãos; as pessoas passavam por ela com demasiada brutalidade. Arrastou os pés sem perder a noção da direção que deveria seguir; teria somente de atravessar e subir um pouco à direita, mas as pessoas a levavam para o lado oposto ao qual desejava ir.

Logo, aconteceu o que a neta do velho joalheiro mais temia. Alguém, sem a mínima cautela, a derrubou no chão, num gesto violento. Rheita descuidou-se e largou o relógio, para não se machucar; mesmo assim, arranhou os cotovelos. Levantou-se com dificuldade e, correndo o risco de ser pisoteada, pegou o relógio, que sofrera alguns danos. Estremeceu, ao perceber de soslaio que quem a derrubara não tinha movido um passo desde então; continuava à sua frente.

Um homem de capa e capuz negro a observava com expressão que oscilava entre a dúvida e o enfado. Rheita petrificou-se ao encontrar os seus olhos cinza e sem vida; parecia que tinham roubado suas córneas. Ela sentiu a frialdade daquele olhar e, como se a morte roubasse aos poucos a sua alma, levou as mãos ao peito. Dele emanava uma aura maléfica, impregnada de ódio e sede de algo que Rheita não conseguia compreender. Sob o capuz, a sombra de uma face oleosa, prematuramente enrugada, intimidava, além de causar certa repugnância, e uma cicatriz a atravessava como uma estria branca, num feio corte diagonal. Cabelos grisalhos caíam sobre a testa, quase escondendo os olhos vazios e vidrados. De repente, assim como apareceu, o estranho sumiu, engolido entre as pessoas, como um fantasma fugindo de algo que o seguia.

Capítulo 6  
O filho do sapateiro



A menina permaneceu paralisada, tendo na mente a sombra daquele olhar. Uma parte dela parecia adormecer, mas outra, consciente, compreendia que o destino segurava suas mãos. O seu coração palpitou compassado, tentando seguir o ritmo da respiração, depois do breve mergulho em que o medo era absoluto. Mas os batimentos ribombaram novamente quando uma mão tocou em seu ombro. Ela estacou.

– Vo-você está bem? – perguntou alguém ao seu lado.

Rheita desarmou ao tom da voz que não parecia oferecer perigo e, ao se virar, viu um menino franzino, um pouco maior que ela. Suas pesadas olheiras lhe atribuíam um aspecto cansado. Tinha os cabelos castanhos e curtos demais na testa; usava uma boina desbotada. O suéter listrado grande demais para um garoto magro como aquele.

– Vo-você está bem? – tornou a perguntar; parecia assustado.

– Ah... É... estou... – disse ela, num fio de voz.

O menino percorreu o olhar em volta, entre as pessoas. Então, disse, quase num sussurro:

– E-ele re-realmente assusta... A-aquele homem que-que a empurrou, e-eu vi

tudo...

– Você sabe quem ele é? – indagou a menina, ainda assobrada e esquecendo-se da recomendação da doceira sobre conversar com estranhos.

– Nã-não! Ma-mas, ultima-mamente, vem muito po-por aqui... e não é para fazer co-compras – disse ele, observando a mão enluvada de Rheita. – Vo-você é a neta do jo-jalheiro? – perguntou sem conter a curiosidade.

– Como sabe?

– Po-por causa da-da luva – disse ele, temendo havê-la ofendido.

– Hum... – Rheita não entendeu o que o menino quis dizer. Então se apresentou, estendendo-lhe a mão enluvada, pois a outra estava ocupada.

– Meu nome é Rheita, e o seu?

– Ki-Kiel. Soou o filho do sa-sapateiro.

Rheita se lembrou de tê-lo conhecido de vista, quando passou um dos seus natais na doçaria da Dona Adeliz. Nunca fora autorizada a conversar com as crianças que se espremiavam na lojinha querendo gastar com guloseimas as moedas que os pais lhes tinham dado.

– Vo-você foi co-corajosa. A-achei que sa-sairia co-correndo, mas ficou pa-parada e de olhos arregalados, encarando a-aquele homem, bem assim! – O menino a imitou, sem jeito.

– Mas tenho medo de que ele volte – confessou ela.

– Vo-voltará, quando a-a rua e-estiver vazia... – calou-se, arrependido, como se o assunto não lhe agradasse.

– Como sabe disso? – inquiriu Rheita, assustada.

Kiel ficou pensativo, por um instante pareceu temer dar qualquer informação.

– O aju-judante... O e-empregado do se-seu avô... Ele o conhece – explicou, brevemente.

– Verdade? Kaspar conhece aquele homem? – Pela primeira vez, o nome do ajudante escapulia da sua boca.

– É, sim. – Era visível o desconforto do garoto, mas, mesmo relutante, ele prosseguiu. – As pe-pessoas da rua co-comentam. Elas te-temem que seja um bandido... ou algo pi-pior... Me-meu pai acha que-que é só um me-mendigo. Mas eu... Eu a-a-acho que pa-parece mais um grande mo-morcego – acrescentou, em tom de pavor.

Rheita não conseguiu se segurar e riu; o menino corou. Ela ainda não tinha imaginado aquilo. Então, o olhar morto do homem lhe voltou à memória.

– É muito estranho que Kaspar não tenha comentado nada sobre ele. Kiel... Você sabe o nome dele?

– Não... Ni-ninguém sabe... Mas e-eu ouvi uma co-conversa entre ele e o a-ajudante o-outro dia...

– O que você ouviu?

Ele olhou para um lado, depois para o outro, verificando se havia alguém prestando atenção sobre o que conversavam. Mais seguro, revelou:

– A loja já tinha fe-fechado. Eu de-descei até a sa-sapataria e os vi co-conversando em frente...

– Vamos, conte logo! – apressou-o Rheita, lembrando-se de que ainda teria de ir ao relojoeiro.

– Ca-calma...! O ho-homem, o da capa, é cha-chamado de *Majestade* pelo outro... E ele parecia mu-muito irritado, fa-falava sobre te-tempo... e... Ah! E... a outra me-metade de um ma-maaa... – ele engasgou.

– Mapa? – concluiu Rheita.

– Isso! U-um mapa... Mas co-como você sabia?

A resposta quase saltou da boca de Rheita, mas ela acabou se lembrando do conselho de Dona Adeliz: não conversar com estranhos.

– Desculpe, Kiel. Preciso ir agora!

A menina despediu-se rápido, sobressaltada com a ideia de ter perdido tempo. Embora se lembrasse da carta do pai, que alertava sobre a segurança do mapa, gostaria de poder conversar mais com Kiel, pois percebeu que ele sabia muito sobre aquele mistério e receava, assim como ela, a presença dos dois homens estranhos pelas bandas do reino.

Num piscar de olhos, Rheita alcançou a *Casa do Relógio*. Nenhuma sineta tocou avisando sua chegada, mas se viu cercada por cucos que tiquetaqueavam no mesmo compasso. Todos marcavam exatamente uns poucos minutos depois das dez. Ela esperou alguém aparecer para atendê-la, até que notou uma sineta no balcão alto. Suas mãos, porém, não a alcançaram; o balcão tinha quase o dobro de sua altura. Olhou ao redor e encontrou um banquinho; rapidamente, arrastou-o até o balcão, empoleirou-se nele e tocou a sineta.

Minutos depois, um homenzinho apareceu. Deveria ser muito pequeno, pois ela viu somente seus cabelos alvos dançando sobre o andar apressado. Então, ele pareceu subir num banquinho, como Rheita, e surgiu do outro lado, como um fantoche surge de uma janela de teatro. O velho senhor usava óculos tipo fundo de garrafa e, sob o bigode branco, abriu um sorriso.

– Bom dia, em que posso servi-la, senhorita?

– Bom dia. O senhor é o relojoeiro? – perguntou Rheita. Os muitos tique-taques ao seu redor pediam pressa.

– Certamente que sou – respondeu ele, surpreendido com a pergunta, pois a resposta era óbvia. – Estou há tanto tempo neste ofício que nem sua cabecinha seria capaz de fazer as contas. – Ele riu. – Sou Arnulf Rosberg, o relojoeiro, ao seu inteiro dispor...

– Senhor Rosberg, trouxe este relógio... – Rheita lhe mostrou o objeto, descansando-o sobre o balcão. – Está parado... Nunca havia acontecido antes...

– Ora! Então, vejamos o que aconteceu com esta rara preciosidade! – disse ele, pegando o relógio com delicadeza. – Se meus velhos olhos não estão enganados, acho que este é uma das duas cópias que meu querido e falecido pai fabricou há quase noventa anos... Ele era um relojoeiro muito hábil, entendia da coisa, entendia de verdade!

– O relógio tem conserto, senhor? – perguntou Rheita, para evitar alongar a conversa.

– Ah, sim... Claro, claro que tem – disse ele, caindo em si. – É um relógio antigo, mas resistente... O par está perdido – lamentou – no fundo do rio, onde seu dono, descuidado, o deixou cair na água enquanto pescava. Uma lástima, uma lástima... Mas este aqui – disse, apontando os danos que Rheita causara com a queda: fissuras no vidro e finos arranhões na peça de ouro –, aposto que seu dono



foi tão descuidado quanto o outro.

– Não, não – apressou-se Rheita em dizer. – Não foi meu avô, ele sempre foi muito cuidadoso com o relógio. Eu o deixei cair, no caminho para cá. – Ela mostrou os cotovelos machucados.

– Ah! Não me arrisco a andar sozinho por esta rua. É um perigo para alguém da minha idade, pois os ossos de um velho não se consertam como um relógio! – disse Rosberg, indignado. – Quando voltar para casa, peça para que seu avô faça rápido um curativo e... Oh! Por acaso... Seu avô não seria o velho joalheiro Gornef, seria? – Ele olhou a menina com certa curiosidade e espanto, fixando-se sobre a mão enluvada.

– Sim, ele é meu avô – respondeu Rheita, notando a repentina mudança de assunto.

– Deus do céu! Você é a netinha dele! E eu pensava que...

Suas palavras sumiram. Com toda certeza, ia dizer que não acreditava na existência da neta do joalheiro.

– Deixe-me ver você mais de perto! – Rápido, o velho relojoeiro desceu do seu banquinho e saiu por uma portinhola no balcão. Era realmente um homem pequeno: devia ter o tamanho de Rheita. – Vamos, desça daí.

Rheita desceu do banco. O relojoeiro era metade de um palmo mais alto que ela, de longe quase não se via a diferença. Ele a estudou com seus protuberantes olhos azuis, aumentados pelas lentes dos óculos.

– Você é a cópia exata de Enid... – disse ele, revelando um mistério à menina. – Com exceção dos olhos... São iguais aos dele... O rapaz.. Domik – Sua voz foi tomada pela emoção. – Que tragédia, meu Deus, que tragédia! A bela Enid... Falecida... E o jovem marido... Desaparecido...! – Gotas de lágrimas começaram a cair sobre as bochechas enrugadas. – E Gornef ... Pobre Gornef... Tendo de cuidar de uma criança, sem amparo... – Agora, ele assoava sonoramente o nariz gordo num lenço. – Deve ter sido difícil, muito, muito mesmo... Não tenho palavras... Gornef é um homem forte... De coragem. Não conheço outro igual... – disse aos soluços.

– Acho melhor o senhor se sentar – sugeriu Rheita, preocupada e, além disso, surpresa com as revelações do relojoeiro.

– Não, está tudo bem, obrigado. Desculpe-me, não ligue para um velho bobalhão e emotivo! – Ele forçou um sorriso. – O relógio! Vamos ver o que posso fazer por ele! – E tornou a entrar pela portinhola, sob o balcão.

Rheita sentou-se no banquinho e esperou, paciente, enquanto o relojoeiro trabalhava. Escutou os barulhinhos metálicos de ferramentas agindo velozes. Não demorou muito para que Arnulf terminasse o conserto.

– Pronto! – disse ele, do outro lado do balcão, entregando a Rheita o relógio. – Troquei o vidro rachado por um novo. O relógio só parou por causa de um problema no eixo, e uma gotinha de óleo resolveu tudo. Quanto aos arranhões... – Ele fez uma cara séria. – Tentei polir a caixa de ouro, para disfarçar um pouco, mas ainda assim são visíveis. Presumo que terá de contar a verdade para seu avô... Desculpe, tentei ajudar – disse ele, percebendo a decepção no rosto da menina.

– Obrigada, Sr. Rosberg... Meu avô passará aqui mais tarde para fazer o

pagamento.

– Ho-ho! Será ótimo rever Gornef! Assim poderemos colocar a conversa em dia! Vou aguardá-lo! E diga a ele que o custo do conserto não passará de três régios de prata.

A neta do joalheiro não encontrou tanta dificuldade para de voltar para casa. Saiu apressada da Casa do Relógio, ao constatar que os inúmeros relógios da lojinha indicavam quase onze horas. Venceu o percurso em poucos minutos, e logo viu que o avô a esperava à porta da *Ponto de Ouro*, impaciente e preocupado.

– Por que demorou tanto?

– Foi o relojoeiro, tive de esperar... – respondeu ela, entregando-lhe o relógio.

– O que aconteceu, você está machucada? – disse o Sr. Gornef, notando os hematomas no braço da neta.

– Ah! Não foi nada, caí na rua, não doeu... – Apalpou os ferimentos lembrando-se de que deveria falar sobre o dano causado ao relógio, mas preferiu ficar quieta.

– Deveria ter tomado mais cuidado, Rheita – repreendeu o avô. – Suba e trate esses machucados.

Rheita dissera meia verdade. Ficou aliviada por não ter levado uma bronca do avô na frente de Kaspar, que não lhe deu atenção quando passou por ele e subiu a escada em caracol nos fundos da loja. Agora, ela sabia mais sobre os segredos estranhos do ajudante, relatados por Kiel, o filho do sapateiro que conhecera naquela mesma manhã.

Ela aproveitou o resto do dia para pensar e planejar. Tinha uma ideia em mente. Seria arriscada, mas necessária.

## Capítulo 7

### O que o mapa escondia



A tarde passou tão depressa quanto o dia, e igualmente cinzenta. Rheita escondeu-se no sótão, tramando um plano silencioso, mas ainda tinha dúvidas se surtiria bons resultados. Precisava de mais informações, e suas chances de sair novamente para consultar Kiel eram remotas. No entanto, no final daquela tarde, Rheita foi convocada mais uma vez para ir até a lojinha do relojoeiro.

Aquele foi um dia estranho. O destino parecia brincar, dando suas próprias cartadas e alterando a normalidade das coisas. Rheita foi incumbida de uma nova empreitada na Rua dos Artesãos: pagar o conserto do relógio. O joalheiro se atarefara tanto no final do expediente que estava sem tempo disponível. Ela não ousou questionar quando ele lhe entregou um saquinho com moedas.

O crepúsculo ameaçava romper quando Rheita saiu do sobrado pela segunda vez, sob o olhar vigilante do avô. Seguiu obediente o caminho até a relojoaria e, quando percebeu que o Sr. Gornef voltava para o trabalho, escapuliu rápido até a sapataria dos Enestam. Desejava trocar alguma informação com Kiel, e aquela era a oportunidade. Queria descobrir mais sobre o amigo de Kaspar, o homem que buscava o mapa; inexplicavelmente, ele sabia que estava escondido no sobrado. Como soubera disso? Rheita não fazia a mínima ideia, visto que o

segredo tinha sido levado para muito longe com seu pai, e calado na memória da falecida mãe. Algo dera errado, e o segredo escondido no mapa estava sob ameaça novamente.

Num instante, chegou à sapataria. Um sobrado apertado de tijolos aparentes e janelas com molduras descascadas em todos os três andares superiores. Ao entrar, a sineta soue e, desta vez, não demorou nada para que alguém notasse sua presença. Um homem de aparência arrogante apareceu do outro lado do balcão. Estatura mediana, a barriga saliente pendendo da cintura gorda. A cabeça brilhava, pois lhe restavam apenas uns poucos fios de cabelo. Rheita nunca tinha visto Jarmo Enestam, o sapateiro, muito menos conhecia seus modos ríspidos.

– Já estamos fechando! Volte amanhã – disse ele, rude.

Rheita engoliu em seco e criou coragem para dizer:

– Ah... eh... Não quero comprar nada, senhor... Preciso falar com Kiel, ele está?

Jarmo demonstrou surpresa. Em seguida, a desconfiança derramou-se em seu semblante carrancudo. Ele chegou mais perto do balcão, quase se debruçando sobre ele, e analisou Rheita dos pés à cabeça: uma garotinha pálida, segurando um saquinho e usando uma única luva. Os olhos do homem pararam ali, horrorizados. Seus lábios se contorceram, calando palavras feias, e, depois da longa análise e silêncio, disse:

– Você é a neta do joalheiro.

Não foi uma pergunta. Seu tom continha repugnância.

– Sou, sou sim – confirmou a menina, encarando as botas. Não era a primeira vez que lhe diziam isso naquele dia. E não gostou nem um pouco do sapateiro.

De repente, ouviram-se um baque e gritos no andar de cima.

– Fique aqui. Vou chamá-lo – disse, lançando um último olhar à mão coberta da menina. – Seus moleques endiabrados! Parem já com isso!

Rheita continuou de cabeça baixa, até escutar o sapateiro subindo a escada para o andar superior, ralhando ferozmente. Quando constatou que estava sozinha, sentiu alívio. Deu-se conta de que as pessoas reagiam de forma estranha quando sabiam que era a neta do joalheiro Gornef. Não entendia o motivo para tais reações.

No instante em que ficou sozinha, observou as várias caixas de sapatos fforando as paredes por todos os lados. Nos fundos, perto da escada que Jarmo Enestam acabara de subir, havia vários moldes de pés de madeira pendurados em nichos. Numa mesa, grandes rolos de couro, ferramentas e latas de cola. De repente, a escada rangeu, assustando-a. Kiel descia às carreiras, surpreso com a visita. Foi ao seu encontro, um tanto acanhado, atravessando a portinhola do balcão.

– Olá, de-desculpe – disse ele, apontando para cima. – São os gê-gê-meos.

– Obrigada por ter vindo falar comigo, achei que seu pai não iria deixar. – Ela olhou para a escada, temendo que o sapateiro voltasse e a expulsasse aos berros.

– Ah, não se pre-preocupe. O que a-aconteceu? *Ele* vo-voltou?

Rheita olhou novamente para a escada e disse baixinho:

– Não o vi mais. E acho melhor que desapareça para sempre... Mas duvido que isso aconteça; Kaspar continua trabalhando para vovô.

– E por-por que você não co-contou a-ainda a ele sobre o *outro*? – indagou

Kiel, achando errado esconder a existência do estranho.

– Por causa de uma coisa – cochichou Rheita. – Descobri uma coisa que *eles* não sabem. – Ela olhou novamente para os fundos da loja.

– O-o quê? – perguntou ele, curioso, tão baixo quanto a menina.

– Promete que não vai contar nada para ninguém?

O menino confirmou com a cabeça, a expectativa crescendo dentro dele.

– Ninguém pode saber, entendeu, Kiel? Guardará o segredo?

– Sim, pro-prometo! – disse ele, selando a promessa com um aperto de mãos. – O que fo-foi que de-descobriu?

– O mapa! Sei onde ele está.

– Sa-sabe? Onde? – indagou boquiaberto o menino, esquecendo-se de que deveria continuar aos sussurros.

– Shiii! Fale baixo, Kiel! O mapa está na minha casa...

– Oh! Ma-mas isso os a-atrairá! – concluiu Kiel, voltando ao tom da conversa quase inaudível.

– Eles já sabem que a outra metade do mapa está lá! Lembra o que me falou hoje de manhã? Pois é! Mas *eles* não sabem *onde* está escondido...

– Hum... po-por isso a tal Ma-majestade, o outro, e-estava tão-tão irritado...

– Ahã... Ainda não conseguiram encontrá-lo, mas a metade do mapa está bem escondida, por enquanto... Mas temo pelo pior; o homem encapuzado vai fazer o que puder para consegui-lo, pois o mapa deve esconder algo muito importante... Você lembra mais alguma coisa, Kiel? Algo sobre o mapa?

– Ah, não... Na-nada... – respondeu pensativo.

– Faça um esforço, por favor.

Ele ficou em silêncio, fazendo caretas, enquanto tentava puxar alguma informação da memória. Então, seu rosto contraiu-se, chocado.

– Lembrou alguma coisa? – indagou apreensiva.

– Ah! Acho que-que eles to-torturaram uma pe-pessoa! – Os olhos do menino saltaram de pavor.

– O quê? Como? Isso é horrível!

– Pa-parece que fo-foi num lugar lo-longe do reino... O po-pobre homem foi to-torturado até que fa-falasse tudo so-sobre o mapa...

Rheita parecia ter engolido uma grande pedra de gelo.

– O-o que foi? Você ficou pa-pálida – disse Kiel, preocupado.

– Nada... – mentiu ela. – Disseram o nome dele? – Foi a pergunta que logo veio à sua mente.

– Si-sim... – confirmou o garoto. O coração de Rheita disparou. – Era Do-dominik..

– Dominik? – Rheita não podia acreditar que tivesse chegado tão perto. Então arriscou: – Não seria Domik?

– Era esse o no-nome! Mas, co-como você sa-sabia?

– Domikera o nome do meu pai.

– E-então, quer di-dizer que... – Kiel já ouvira falar do desaparecimento do genro do joalheiro.

– Acho que era ele – sussurrou Rheita. O receio a invadiu. – Meu pai sumiu por causa do mapa, ele o escondeu em casa e desapareceu...

– Oh! E-então, os ho-homens o e-encontraram!  
– Eles disseram mais algo sobre meu pai? Ele está vivo?  
– Não. Nã-não di-disseram mais nada, si-sinto muito... – Fez um silêncio prolongado. – Cha-chaves!

– Hã?

– Chaves! É isso que o ma-mapa e-esconde! Fa-falavam sobre chaves!

– Chaves? Para que serviriam?

– Isso, e-eu não sei – disse desapontado. – Eles a-acabaram me ve-vido ouvir a conversa e corri.

– Chaves... que coisa mais estranha... – refletiu Rheita. Domik escondera muito mais que um mapa. Escondera um mistério.

– A-acho que vão te-tentar roubar o mapa, Rhe-Rheita.

– Estou começando a ficar com medo, Kiel. O mapa não está mais seguro como antes... Não pode continuar no sobrado... A não ser que...

– Quê? – encorajou Kiel.

– Que eu descubra onde estão essas chaves e para que servem. Assim, posso despistar os ladrões e encontrar meu pai. É o que eu devo fazer. O mapa pode me ajudar... É a única pista!

– Ma-mas, você só tem a me-metade, le-lembra? Nã-não é uma bo-boa ideia, Rheita! É mu-muito perigoso! Você não sa-sabe se se-seu pai co-continua vivo, e po-podem matá-la!

– A metade do mapa deve levar a algum lugar, Kiel; senão, eles nunca estariam interessados em procurá-la. O mapa não pode ficar escondido em minha casa. Se estiver mais longe, melhor; está atraindo o perigo. Tenho de fazer algo o quanto antes!

– De-destrua-o! – sugeriu Kiel, preocupado.

– Não, não posso! – A menina esforçava-se para continuar um diálogo quase inaudível. – Vou procurar as chaves, e espero que isso me leve a meu pai... Ele pode estar sozinho, perdido, sei lá, tenho de encontrá-lo... – Rheita percebeu a reprovação no rosto do amigo. – É isso que vou fazer. Irei amanhã, à meia-noite...

– Você vai fu-fugir? – Ele estava absolutamente incrédulo.

– É, vou... E você?

– HÃ, QUE-QUEM, E-EU? – disse, fazendo-se de desentendido.

– Você mesmo, Kiel. Vai vir comigo? Descobrirão que você contou algo, viram você!

– Eu... – recuou o garoto.

– E somos os únicos a saber onde o mapa está escondido...

– Bem... é... não se-sei... – disse hesitante. – Não po-posso... É mu-muito arriscado...

Rheita ficou decepcionada.

Silêncio.

– E-eu vou – encorajou-se Kiel, tomando um longo fôlego. – Vo-você tem razão, ficar aqui po-poderá ser pior para nós do-dois.

Rheita, que já estava atravessando a porta da sapataria, parou imediatamente e voltou-se para ele.

– Tem certeza que quer ir? – disse baixinho.

– Te-tenho. – Ele esboçou um sorriso acanhado e sincero. – Pa-para onde vamos? – perguntou, aproximando-se da menina.

– Para um lugar onde há um grande campo e colinas – disse Rheita, lembrando que o mapa não descrevia o lugar desenhado nele. Mesmo assim, julgou que poderia descobrir onde ficava. – Acho que fica além das montanhas...

– De-deve ser... Aqui não tem ca-campo e nem c-colinas... Talvez fi-fique em algum país vi-vizinho.

– Acho que sim. Então nos encontramos amanhã, à meia-noite, em frente à joalheria – combinou Rheita. – Leve alguma coisa para a viagem. Não vamos poder parar até estarmos bem longe do reino... Até breve!

Eles selaram o trato com um aperto de mão.

O nevoeiro desceu sobre o reino, cobrindo os telhados dos sobrados. Rheita percebeu que o crepúsculo se adiantava, anunciando uma noite fria. Depois de ter pagado pelo conserto do relógio, voltou para casa apressando os passos. Tinha demorado demais na sapataria; o avô estaria à sua espera, nada satisfeito. Realmente, na joalheria parcialmente escura, o Sr. Gornef a esperava, os pequenos óculos equilibrados na ponta do nariz. Rheita ia passando de fininho, quando o avô disse, a voz ecoando pela loja:

– Volte aqui, mocinha... Onde estava esse tempo todo?

Rheita parou e encarou o avô; a luz do candeieiro que segurava projetava uma sombra sinistra no rosto.

– Pagando pelo conserto do relógio, vovô... Como o senhor mandou – mentiu. Percebeu que aquilo já estava se tornando um vício; no entanto, acabou emendando outra mentira. – O senhor Rosberg esperava pelo senhor, mas eu lhe disse que estava muito ocupado e não poderia ir. Então, ficou conversando comigo.

O joalheiro lançou-lhe um olhar não tão convencido, mas disse:

– O tempo está esfriando, você não devia ficar na rua até agora, pode pegar um resfriado...

A sineta tocou, alguém entrou na loja: era Dona Adeliz.

– Ah, Gornef, você está aí! Precisamos ter uma conversa... Aquela que não tivemos hoje de manhã, lembra? Rheita, pode nos deixar a sós, por favor? – disse, olhando para a menina. – Ah, volte aqui, trouxe um pedaço de torta de avelã; tome cuidado, acabou de sair do forno!

– Obrigada, Dona Adeliz, não precisava – agradeceu Rheita, recebendo um embrulho de papel.

O avô e a doceria se acomodaram em duas cadeiras, e a menina subiu a escada, rangendo alto e batendo os pés no assoalho, como se estivesse se distanciando, mas na verdade, nem saíra do lugar. Queria escutar o que Dona Adeliz tinha a dizer.

– Gornef, que raios está acontecendo com você? Notei que ficou diferente... Desde que reabriu a loja – começou a doceira. – E aquele sujeito, o tal de

Godsfalk.. Não me agrada em nada... Então, me diga o que achava que estava fazendo, ao deixar Rheita perambular por aí sozinha; por acaso era alguma tarefa que o seu empregado Gondsmalt não poderia fazer? – Dona Adeliz estava visivelmente insatisfeita.

– Controle-se, Adeliz! Rheita pode nos escutar... Vou lhe explicar melhor. Hoje, meu dia foi muito atarefado, e meu relógio parou...

– Poderia ter pedido para esse... esse Got-Gotskalk levar ao concerto – interrompeu a doceira.

– Estávamos muito ocupados na oficina, tínhamos prazos a cumprir – retorquiu o velho.

– Volto a dizer, Gornef, seu comportamento mudou. Sua cautela diminuiu, não tem dado a Rheita a atenção necessária... Venho percebendo isso há algum tempo; acho que se deve ao excesso de dinheiro. Arrependo-me de ter insistido para voltar ao ofício de joalheiro. Pensei no futuro de Rheita, mas vejo que ela está correndo riscos sem necessidade... Não pode dizer que estou errada, Gornef, pois sabe que não estou! É meu compromisso, tanto quanto o seu, manter o segredo da luva muito bem guardado.

A menina, que escutava a conversa, engasgou. Mas continuou aguardando, com o coração aos pulos, o resto da conversa.

– Ah, Adeliz! Perdoe-me! Acho que quanto mais a idade avança, mais fico tolo... Você tem toda razão, fui seduzido pelo ganho do ouro... Deixei minha Rheita exposta ao perigo! Enid nunca me perdoaria, nunca – soluçou ele.

A doceira sentiu-se penalizada.

– Acalma-se, Gornef... Exagerei um pouco. Não quis ser dura, só estive preocupada com você e Rheita... O que aconteceu hoje não pode voltar a repetir. Mande o Gotskalk fazer o que for necessário, mas minha intuição diz que ele não é um bom sujeito...

– Ele tem me ajudado muito na joalheria – contrapôs Gornef, assoando o nariz.

– Não há dúvida. Mas, honestamente, preferia que você ficasse esperando um ano por um ajudante a vê-lo empregar esse sujeito estranho... Não, não vamos discutir de novo. Tenho de ir. Tímio deixou uns pães assando. Tenha uma boa noite, Gornef.

– Você também, Adeliz.

Rheita escutou passos e uma porta abrindo, a qual se fechou em seguida. Ela correu até a cozinha e fingiu colocar água na panela. O avô se juntou a ela, e em silêncio fizeram um ensopado para a ceia. Depois, a menina comeu um pouco da torta de avelã e guardou o restante para levar na viagem. Antes de subir para o sótão, desejou boa-noite ao avô. Rheita percebia seu ar triste, abatido, e bem sabia a causa. Nunca teria esperado que ele e a doceira tivessem um segredo que lhe dissesse respeito, nem que se referia à luva – ou melhor, à estranha marca que a luva escondia na palma da sua mão.

Rheita fechou a janela do sótão e esperou o quarto aquecer. Os mistérios a envolveram numa enorme confusão. Como o seu velho avô reagiria à sua ausência? Não lhe queria causar dor, sumindo como o pai. Ela pretendia voltar. Só não sabia quanto tempo isso lhe custaria. Imaginou-se procurando chaves douradas, desejando imensamente que isso a levasse ao pai, pois tinha certeza de



que ele estava vivo em algum lugar, sem poder voltar. Sentira-se na obrigação de proteger o segredo do mapa desde que o descobrira escondido embaixo do assoalho. Caberia a ela ser mais esperta e agir sem demora, pois o inimigo estava à espreita, somente esperando uma oportunidade para se apossar do antigo pergaminho.

Lá fora, na noite fria, dois homens conversavam. O de capa e capuz fazia gestos nervosos e apontava para um sobrado onde vivia um joalheiro, o outro apenas escutava. Depois desceram a rua e sumiram na esquina.

## Capítulo 8

### A Árvore de Espinhos



Rheita se revirava debaixo do cobertor, tentando se aquecer. No final, acabou perdendo o sono. Ansiosa, evitava refazer o plano da fuga mentalmente; concluiu que planejar era inútil. Então, arrastou-se até a janela, abrindo-a. O vento lá fora assobiava.

A rua adormecia silenciosa, completamente vazia, exceto por um cachorro abandonado. Rheita desejou encontrar mãos feitas de ar, que a conduzissem sobre os telhados cinzentos dos sobrados, sobre as ruas sinuosas. E, sem que pudesse ainda expressar esse estranho desejo, sentiu-se inusitadamente leve, saiu flutuando na companhia de seres invisíveis, risonhos. A leveza tocou seus pés, impelindo-a para fora do quarto, fazendo-a subir e subir, cada vez mais alto, ganhando asas feitas de puro ar.

Seus cabelos esvoaçavam ao sopro do vento manso que sussurrava em seus ouvidos palavras estranhas e distantes, empurrando-a para o norte, em direção à grande mancha escura: a Floresta dos Pinheiros.

Escutou os sorrisos maternos das criaturas que a guiavam. Ela dançava com graciosidade no ar, na companhia deles, que riam ao fazê-la rodopiar no compasso de valsa. Continuou girando e rindo também. Contente, não temia a

grande altura em que se encontrava. Sentia-se segura, as muitas mãos a apoiando e a levando para mais perto da floresta, em sopros lentos. Rheita improvisava piroetas no ar. Os seus amigos gargalhavam felizes, até que suas vozes foram se distanciando. Dando-se conta do repentino adeus, a menina procurou por elas, pedindo que voltassem. Mas haviam sumido.

O ar congelou. O vento baforejou uma rajada furiosa, e Rheita foi lançada bruscamente para muito longe, sobre o ventre da sinistra Floresta dos Pinheiros. Ela rodou e rodou no ar desgovernado, sugada por um redemoinho. Seus braços se mexiam freneticamente, tentando, em vão, agarrar-se a algo, mas ela continuava a girar na ventania enlouquecida, engolida por suas entranhas frias.

Rheita, agora, despencava sobre a floresta; não havia socorro que escutasse o seu grito desesperado. Apavorada, aceitou que a morte a levaria em poucos segundos. Aproximava-se cada vez mais das copas pontiagudas dos pinheiros; galhos surgiram entrelaçados em nós – um emaranhado de braços espinhosos, as pontas afiadas feito adagas. Percebeu que o monte de espinhos era, na verdade, a copa de uma árvore, perigosa e assassina. A Árvore de Espinhos a esperava, a fim de prendê-la para sempre em seus braços. Então, num grito de dor, Rheita desabou sobre ela, e acordou.

Foi apenas um sonho assustador, uma armadilha da imaginação inconsciente. Enxugou a testa banhada de suor. Algum tempo depois, Rheita conseguiu tranquilizar-se, encolheu-se na cama, fazendo um pequeno casulo, e adormeceu.

Na manhã seguinte, sobre o reino, concentrava-se um aglomerado de nuvens carregadas com muita chuva, e cedo ela despencou sobre os telhados. Rheita acordou assustada com o barulho, as gotas pesadas bombardeando o teto. Logo, lembrou-se do sonho da noite anterior, o que a deixou apreensiva, e também das inúmeras coisas que estavam acontecendo ultimamente: o ajudante mentiroso, o mapa sem destino, o estranho encapuzado, o segredo sob a luva e a fuga. A menina sobressaltou-se ao se lembrar desta última. Durante todo o dia teria de agir com naturalidade, para não levantar suspeitas. Tinha de preparar a bagagem e não pretendia levar muito peso, só o que fosse suficiente; e isso significava um bom estoque de comida e moedas.

Fez um rápido desjejum na companhia do avô. Listou mentalmente o que precisaria levar, sem que ele notasse o repentino sumiço de comida. Kaspar veio trabalhar naquela manhã, mesmo com a chuva torrencial. Rheita esperou o joalheiro se juntar a ele para pôr os planos em prática.

Na sua lista de prioridades, o primeiro item era o mais importante: a metade do mapa. Rheita se esgueirou escada acima, tendo nas mãos a chave do antigo quarto da mãe. Com destreza, abriu a porta e trancou-a, em segundos. A caixa verde estava lá, sob a cômoda; o coração de Rheita saltou quando a retirou do esconderijo. Após reacomodar o móvel no lugar, deixou o quarto para trás e, segura com o mapa invisível sob as vestes, dirigiu-se à saleta, escondendo a chave no interior do livro do qual a havia retirado.

Antes de subir para o sótão, espiou o avô e o ajudante na joalheira. Poderia jurar que tinham se esquecido por completo de sua existência naquele instante. Satisfeita, desembestou até o quarto, verificou se a porta do alçapão estava bem trancada e esparramou-se sobre a cama. A metade do mapa saíra ilesa do

esconderijo, embora a qualidade do papel fosse extremamente frágil. Abriu-o com cautela, segurando as bordas para que não se fechasse.

*Oooh! Incrível, o mapa é mágico!*, pensou Rheita extasiada. Piscou várias vezes, temendo não enxergar bem, ou estar dentro de outro sonho, porém nada lhe dizia o contrário. Estava desperta, ainda com o mapa nas mãos, olhando para a pequena árvore rodeada por pinheiros anexada a tinta no desenho. O sonho, o pesadelo, teria sido real? O mapa ganhara vida! Despertava, revelando que era muito mais que um velho pergaminho sem graça.

Identificou de imediato a pequena figura que surgia no canto inferior esquerdo do mapa, sobre o campo: a Árvore de Espinhos, sobre a qual caíra na Floresta dos Pinheiros, enquanto sonhava. Rheita presumiu que o mapa possuía vida autônoma e queria dizer-lhe algo, revelar-lhe algum segredo. Mostrara isso num sonho, e ela entendeu que somente poderia significar uma coisa: devia ir para a floresta encontrar a Árvore de Espinhos. Isso a levaria a algum lugar, que talvez fossem as terras distantes desenhadas no mapa. Rheita finalmente compreendeu por que este era tão valioso, e porque estranhos o cobiçavam: a folha frágil de papel continha magia.

Durante o dia tempestuoso, Rheita colocou em ordem todos os quesitos para sua fuga, mais tarde. Rezou, pedindo que a chuva abrandasse, porém suas preces não foram atendidas; a torrente de água golpeava o reino com toda a força. Era o último dia do décimo mês do ano, uma data que esperava ajudar em seu plano, pois era quando Od, o mineiro, subia das minas e ia se hospedar em sua casa. Sua presença era importante para o sucesso da fuga: ela pretendia pegar “emprestados” seu cavalo Bravo e sua carroça. Com o veículo, chegaria mais rápido à Floresta dos Pinheiros, o lugar para onde o mapa dizia que tinha de ir.

Achou seguro esconder o mapa na brecha do seu colchão velho. Era sua obrigação mantê-lo em segredo. Depois, esgueirou-se até a cozinha e saqueou a despensa. Numa trouxinha de pano, enrolou três maçãs, o resto da torta de avelã, uma boa fatia de pão e outra de queijo. Já no quarto, ao separar uma muda de roupa, acabou se dando conta de que nunca tivera uma bolsa para viagem, nem seu avô. Mas lembrou-se de que, no quarto dele, havia uma mochila velha de couro, muito gasta. O joalheiro não iria notar a sua falta.

Sua mochila ficou quase completamente cheia quando nela enfiou um cobertor. Não precisaria levar tanto. Carregaria ainda consigo uma pequena soma de moedas que vinha guardando para comprar um par de botas novas. Assim que terminou de arrumar sua bagagem e conferir se não se esquecia de nada, desceu à cozinha. Tinha de começar a preparar o almoço. Pouco tempo depois, o velho avô apareceu para ajudá-la nessa tarefa.

Antes que a mesa fosse posta, o joalheiro fez o prato para o ajudante e o levou para ele na oficina. Nos últimos tempos, Rheita não mais se encarregava dessa tarefa, o que a deixara satisfeita. .

Rheita esperou em vão por toda a tarde pelo mineiro. Seu plano não estava funcionando tão bem. Desceu até a joalheria. Kaspar já tinha ido embora, e o avô terminava de arrumar algumas peças no armário de vidro. Foi até a porta, sem abri-la, para espiar a rua, na esperança de ver o mineiro.

– Não adianta esperar – anunciou o avô. – Está tarde, ele não virá.

A menina sentiu-se murchar por dentro. Od, pela primeira vez, não se hospedaria em sua casa. O avô também parecia um tanto frustrado; desejava fazer negócios com o mineiro, não apenas abrigá-lo em sua passagem pela região, como fizera nos últimos dez anos.

Diante das circunstâncias, resolveram adiantar o jantar. Umas cebolas raladas foram para a panela, enquanto o joalheiro procurava o pão na despensa. Logo se queixou de que não havia uma quantidade suficiente para o jantar. Rheita ficou quieta; sua trouxinha de comida se encontrava bem segura, não havia como o avô descobrir que roubara comida naquela manhã. Com ou sem veículo, iria desbravar o misterioso lugar do Mapa Mágico.

A sopa borbulhava, emanando o aroma por todos os cômodos, quando alguém gritou da porta, lá embaixo: “*Ô de casa!*”. O coração de Rheita deu pulinhos de alegria, ao reconhecer a voz grave. O Sr. Gornef desceu apressado, depois de ter conseguido a muito custo acender a lareira. O mineiro esperava no batente da porta. Alto o suficiente para preencher todo o portal, beirava os cinquenta anos, tinha o porte robusto por causa do trabalho nas minas. O rosto enrugado não escondia a idade, tampouco a farta barba grisalha que cultivava. Grossas gotas d’água escorriam pela capa de chuva, lavando as botas cobertas de lama.

– Gornef, meu grande amigo! – saudou ele, quando transpôs o portal meio agachado, enlaçando o joalheiro num apertado abraço molhado.

– Od, tome mais cuidado, está completamente encharcado! – queixou-se ele, verificando as vestes úmidas.

– Ah! Rabugento como sempre! – brincou Od, ao retirar a capa, pendurando-a num cabideiro.

– E você não perdeu nem um pouco da sua insolência – retorquiu o joalheiro, num tom falsamente sério.

– O ar rarefeito das profundezas das minas faz isso com a gente. – Ele riu. – E onde está a pequena Rheita?

– Está terminando de pôr a mesa; você chegou na hora do jantar.

– Isso é ótimo! Estou faminto! Fiquei em jejum durante todo o dia. A viagem foi difícil, Gornef; a estrada, um verdadeiro pântano encharcado. A carroça atolou várias vezes, e Bravo foi muito forte retirando-a da lama... Que chuva, que chuva...!

Antes de subirem, o joalheiro ajudou a descarregar da carroça a preciosa mercadoria, bem como as pesadas ferramentas do mineiro. Depois, juntos, subiram para cear. Rheita terminava de pôr os pratos na mesa quando Od alcançou a saleta.

– A sopa de cebola parece-me estar muito apetitosa. Posso sentir pelo cheiro! – disse, massageando a barriga saliente. – Oh! Rheita, você está aí, minha pequena! Como cresceu!

– Boa noite, Od – cumprimentou a menina, sorridente. – Ainda bem que chegou!

Após se servir da sopa fumegante, mesmo com a boca cheia, Od desatou a falar. Tinha notícias do mundo afora, assunto que o Sr. Gornef não apreciava muito, como bom vinagrense, embora Rheita gostasse de saber o que acontecia em outros lugares. Od conhecia vários países, nos quais as pessoas falavam

diferente e se portavam de modo diferente também.

– Então, Gornef – começou o mineiro, servindo-se de café, acomodado na salinha do sobrado, depois de três pratos fartos de sopa. – Como vão os negócios? Ouvi rumores sobre seu retorno, fiquei muito feliz com a notícia, por isso não via a hora de lhe oferecer algumas preciosidades. Eu trouxe material de boa qualidade, fiz negócios lá fora, sabe, consegui algumas pedras raras de um povo moreno que mora mais ao sudeste, árabes pelo que dizem. Na terra deles sempre é verão. Não entendo nada da língua, mas eles me entendem muito bem quando eu mostro ouro! – Od riu abertamente de sua façanha.

– Você deveria se cuidar melhor, Od – repreendeu o velho joalheiro, carrancudo. – Não deve ficar por aí, cavando nem barganhando em terras alheias, muito menos negociando com pessoas estranhas. Seja mais cauteloso, não se arrisque à toa. As profundezas das Montanhas Sem Cumes têm muito para oferecer. Não precisa ir tão longe. E, já que perguntou, os negócios estão indo bem, obrigado. Contratei um ajudante que tem sido bastante útil. Aprende com facilidade.

Rheita, que continuava na cozinha lavando as louças do jantar, escutava toda a conversa. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, o avô contaria sobre os bons dotes de Kaspar.

– Foi realmente uma boa decisão, Gornef, voltar aos negócios – disse Od, descansando a xícara sobre o pires. – Cheguei a pensar que nunca retornaria, depois da morte de... – ele pigarreou, percebeu que tinha entrado num assunto delicado e mudou de assunto. – Bom... Sua volta sem sido bastante comentada aqui na região, sua arte é uma lenda, você sabe disso, Gornef, nunca será esquecida. Logo, logo, voltará à sua antiga forma, aposto que voltará...

– Obrigado, Od, obrigado... Mas eu nunca mais vou alcançar a precisão de trinta anos atrás, quando eu era mais jovem. Estou velho, os anos tiram a leveza das mãos e o bom reflexo dos olhos. Kaspar, o ajudante, tem sido de grande serventia, trabalha muito, embora eu lhe pague pouco, não mais que doze régios de prata.

– Mesmo assim, é uma boa quantia, meu caro Gornef; conheço gente que, numa condição melhor, não daria nem a metade desse valor. Ele deve ser mesmo bom, esse seu ajudante Kaspar, pare ter merecido sua confiança. Ele já trabalhava no ramo? Talvez eu o tenha conhecido.

– Bem... Ele disse ter trabalhado um curto período no ofício, mas reconheço quando a pessoa tem talento, e esse rapaz tem muito... Apesar de calado, sabe realmente o que faz. Usa métodos estranhos que desconheço, mas com efeitos tão bons quanto os meus segredos. Sim, sim, é realmente uma sorte tê-lo trabalhando para mim – disse o velho, bebendo uma xícara de café. – As vendas aumentaram, a matéria-prima que eu tinha guardada nos últimos anos está na reserva; esperei ansioso pela sua visita.

– Reservei o melhor para você, Gornef. Sei que é o mestre dos diamantes, guardei uma porção deles; eu mesmo os recolhi numa mina ao sul, têm um grau superior de pureza... Também trouxe outras pedras, esmeraldas, ametistas, topázios, rubis e muitas outras. O ouro encareceu um pouco, mas vou fazer um bom preço para você, é claro.

Depois de recolher as xícaras vazias, Rheita se retirou. O avô lhe desejou boa noite, mas ela não teve coragem de encará-lo. Conteve-se para não chorar; memorizou todas as rugas do seu velho rosto, como se aquela fosse a última vez que o veria.

## Capítulo 9

### A fuga à meia-noite



Às dez horas da noite, a prosa na saleta silenciou. Rheita já preparara sua mochila, sem se esquecer do mapa. Pela janela do sótão, observou a noite que o luar tornava estranhamente clara, com estrelas e nuvens passageiras. Seria possível dizer que era véspera de primavera, não fosse pelo frio abusivo. A temperatura caíria ainda mais, e ela se preparou para não congelar antes de chegar à Floresta dos Pinheiros. Optou pelo mais novo par de luvas; vestiu por cima do vestido verde, o mais novo que tinha, um casaquinho tricotado por Dona Adeliz.

Rheita esperou ansiosamente as duas horas que faltavam para o começo da aventura. Cada vez mais a decisão que tomara tornava-se palpável. Lembrou-se da moça estrelada e de sua mensagem: talvez ela houvesse vindo somente lembrá-la que havia uma tarefa a realizar, imposta pelo destino. A menina não tinha dúvidas, embora o caminho ainda se apresentasse incerto, encoberto por uma nuvem de mistérios guardados no Mapa Mágico.

Lento, o relógio ressoou lá embaixo, anunciando com doze badaladas a hora da partida. Rheita acordou assustada do seu repentino devaneio; já era hora, tinha de partir. Rapidamente, ajeitou a mochila nos ombros. Pegou o candeeiro aceso e,



silenciosa, pé ante pé, desceu o alçapão. Passou pelo corredor de quartos, num deles dormia o avô. Depois esgueirou-se entre os móveis da saleta. Od dormia a sono alto sobre um colchonete, roncando. Chegou com sucesso à joalheria, acendeu um lampião com o candeeiro, e a claridade forte inundou os fundos da loja. Rheita vasculhou uma gaveta abarrotada de ferramentas, até localizar a chave da porta de entrada.

Agora, nada mais a impedia de avançar. Tudo estava tão quieto que pôde escutar as batidas nervosas do coração sobre os passos lentos até a porta. Ouviu-se um estalo e, em breves segundos, Rheita se encontrava do lado de fora da joalheria. A porta fechou-se logo atrás, num baque surdo. Estava livre.

Rheita ficou alguns segundos parada diante da porta, perdida numa estranha hesitação. Talvez, no íntimo, desejasse que nada daquilo estivesse acontecendo, que alguém gritasse seu nome e ordenasse o seu retorno a casa. Naquele momento de debate íntimo, percebeu que Kiel não a estava esperando em frente à joalheria, conforme haviam combinado. Teria desistido na última hora? Mesmo com as dúvidas pairando sobre a cabeça, resolveu esperar; talvez Kiel estivesse atrasado, alguns minutos não fariam falta.

A Rua dos Artesãos estava mergulhada em completo silêncio, e Rheita teve medo até de sua respiração. A madrugada ia esfriando. Ela apertou o corpo com os braços e espiou de longe a sapataria dos Enestam durante meia hora, sem que houvesse sinal de alguém saindo pela porta da loja. Cabisbaixa, adiantou-se até Bravo, o alazão marrom de grande porte e de crinas negras. Estava atento, preso ao poste, observando-a desde que saíra da joalheira. Rheita não sabia como lidar com um cavalo. Ao se aproximar dele, tirou uma maçã da mochila e ofereceu-a, com as mãos trêmulas.

– Aqui, cavalinho, aqui – disse ela. – Isso, bom menino!

Bravo primeiro cheirou a maçã e depois começou a mordiscá-la.

– Bom menino, Bravo, bom menino! – Ela deu tapinhas no pescoço do animal. Tentava desatá-lo do poste quando alguém, às suas costas, disse:

– De-desculpe.

Rheita deu um gritinho, e Bravo soltou um relincho, assustado.

– O a-atraso – disse Kiel, constringido.

– Você... deveria... ter... tomado... mais... cuidado... Kiel! – ofegou Rheita, apertando o peito ao se virar para encarar o amigo. Ele parecia tão assustado quanto ela.

– Nã-não quis a-assustá-la.

– Tudo bem. Pensei que você não viria mais. Por que demorou tanto? – indagou Rheita, sem esconder a irritação.

– Me-meus irmãos pe-pequenos... De-demorei para co-convencê-los a dormir. – explicou Kiel, dando um sorriso amarelo. Estava bem agasalhado, usando sua boina. Trazia uma mochila e, nas mãos, duas trouxas de um pano grosso e escuro. Ofereceu uma a Rheita. – Ah! Vi-vista isto.

– O que são? – Ela desdobrou atrapalhadamente a trouxa.

– São-são capas, cubra-se – disse ele, atirando a sua por cima dos ombros e cobrindo a cabeça com o capuz. – As fro-fronteiras do re-reino são muito vigiadas, temos de nos e-esconder!

– Não tinha pensado nisso! – confessou Rheita, atirando a capa sobre os ombros. – Foi uma excelente ideia!

– Então, vo-você está com o ma-mapa? – indagou o amigo, esfregando as mãos uma na outra, para aquecê-las.

– Sim, está bem seguro aqui – confirmou ela, dando tapinhas na mochila.

– De-descobriu pa-para onde vamos? – Kiel perguntou curioso.

– Vamos para a Floresta dos Pinheiros – declarou ela, com segurança, quando finalmente conseguiu desatar o nó da corda que prendia Bravo ao poste.

– O quê? A floresta? Tem *certeza*? – Kiel arregalou os olhos, apavorado. Rheita percebeu que ele não gaguejou e estranhou a reação do amigo.

– Sim... a Floresta dos Pinheiros – repetiu cautelosa. – Tenho uma coisa para contar, mas precisamos ir o quanto antes; me ajude com Bravo!

Kiel ficou um tanto hesitante ao encarar o cavalo:

– Vo-você já guiou um ca-cavalo, antes? – Seu tom voltara ao normal.

– Não – respondeu Rheita, vendo que esse era um problema inicial que teria de contornar rapidamente.

Kiel prendeu a respiração e subiu na carroça para encaixar o lampião num nicho, rezando para que Bravo não disparasse com ele a bordo. Depois, desceu para ajudar Rheita a fazer a carroça dar a ré. Kiel sentou-se ao lado da amiga quando o cavalo, enfim, entendeu que seu guia queria seguir pela rua até a saída mais próxima. Rheita dominou as rédeas, ainda nervosa. Kiel sabia exatamente qual o atalho que encurtaria o caminho até a entrada da floresta. Esgueiraram-se pela travessa sinuosa entre os apertados e silenciosos sobrados da Rua dos Artesãos, até desembocarem em outra via.

Não havia ninguém rondando pelas ruas, exceto guardas de patrulha, em algumas esquinas. Rheita e Kiel rezaram para passar despercebidos sob as capas; suas preces foram atendidas. Subiram e desceram ladeiras, passaram diante de uma bela catedral. Os anjos de mármore, nos batentes das janelas. Rheita sentiu um arrepio ao pensar ter visto pequenos diabretes pendurados nas sacadas.

Descendo uma ruazinha ao lado da catedral, viraram à esquerda. Kiel avisou que finalmente iriam cortar caminho. Aquela rua era mais escura que todas as outras pelas quais haviam passado; os sobrados eram encardidos, com aspecto de abandono. Bravo, sensível, logo notou a mudança de ambiente; suas passadas tornaram-se cautelosas e as orelhas empinaram atentas. No trote apressado, acabaram chegando ao final do beco em poucos minutos.

Despiram as capas quando se sentiram seguros, ao avistarem uma estrada de terra cercada por um mato espesso e alto. Podiam ver mais à frente, aos pés das Montanhas Sem Cumes, um aglomerado escuro de pinheiros. Os trotes de Bravo foram abafados pela terra lamacenta. A estrada se tornou uma subida exaustiva; isso significava ter de vencer uma encosta íngreme e escorregadia. Para a sorte deles, alcançaram a orla em pouco tempo; a estrada seguia floresta adentro, porém mais estreita e totalmente escura.

A mata era densa e fria, a vereda estreita serpeava entre as árvores, com largura mínima para fazer a carroça transitar. Se algo desse errado no caminho, não teriam como dar a volta, por falta de espaço nas laterais ocupadas pelos galhos espessos. O brilho bruxuleante do lampião lançava sombras esquisitas

entre os pinheiros. Kiel, com frequência, olhava para trás, vendo a estrada alongar-se e constatando o quanto se afastavam da saída. Bravo seguia obediente, escutando atento, mas por enquanto não parecia sentir-se ameaçado a ponto de recuar.

Rheita ainda debatia com seus botões se contava ou não naquele momento sobre as propriedades mágicas do mapa e sobre as pistas que ele lhe dera. O amigo parecia muito nervoso e distante para escutá-la. Kiel não desgrudava os olhos dos pinheiros. Rheita, intrigada, resolveu imitá-lo; quando o fez distinguiu uma porção de olhos purpúreos cercando-os na mesma velocidade em que iam.

Bravo disparou numa corrida agitada; a carroça dava solavancos sobre os obstáculos. De repente, tudo ficou escuro: um galho tinha estourado o vidro do lampião. Agora somente a lua espantava sorradeira a escuridão por entre as raras frestas entre as árvores. Rheita, assim como Kiel, notou que os olhos vermelhos tornaram a aparecer, e dessa vez em maior número.

Numa fração de segundo, uma fera negra se lançou das sombras, agarrando-se ao pescoço de Bravo. Relinchando de dor, o cavalo ficou de pé nas patas traseiras e livrou-se do animal, que desembestou floresta adentro. Kiel e Rheita gritaram apavorados. Vendo os olhos escarlates multiplicarem-se ao redor, ela disparou um grito:

– O que era aquilo?

Kiel olhou para trás, o rosto possuído por um inominável horror. Rheita o acompanhou e ficou igualmente horrorizada.

– São lobos! – gritou ele.

Uma alcateia os perseguia, rosando e latindo ferozmente. Bravo tentava a todo custo safar-se; os dois meninos, aos berros, pediam socorro. Eles se agarraram ao apoio lateral da garupa da carroça, enquanto esta sofria solavancos violentos. Os lobos avançavam, tomados de fome. Se alcançassem Rheita e Kiel, fariam um estrago em poucos segundos. E, como se aquela aventura pudesse ficar ainda pior, a carroça bateu numa pedra e se desprendeu do cavalo, separando-os. Os lobos seguiram o pobre Bravo, que fugia desembestado; a carroça com os dois inclinou-se para o lado, numa curva abrupta, descendo desgovernada uma ladeira íngreme, até, enfim, se chocar contra o tronco caído de um velho pinheiro.

Não houve tempo de gritar, muito menos pensar. As duas crianças foram lançadas para longe, como se impulsionadas por uma catapulta, e caíram numa clareira, com as caras grudadas na poça de lama. Rheita limpou os olhos e desgrudou os cabelos do rosto, arrastando-se de gatinhas para um lugar seco; Kiel se juntou a ela, enopado, sem fôlego e assustado.

– Coitado do Bravo, tomara que tenha conseguido fugir! – lembrou Rheita, pesarosa. – Ai, será que perdi o mapa?

Olhando em torno, ela avistou um montinho escuro perto de onde estava; pensou que talvez fosse sua mochila ou a de Kiel, mas era a velha mochila do avô. Um alívio a percorreu ao achar o mapa, e ela o abriu para verificar se ainda estava inteiro.

– Meu Deus! Rheita, olhe para aquilo! – A tensão impedia Kiel de gaguejar.

Ela despregou os olhos do mapa. Seu queixo caiu, enquanto Kiel continuava

com a mão no ar. Ficaram uns instantes mudos, incrédulos, contemplando a enorme Árvore de Espinhos diante deles, no meio da clareira.

– É a Árvore de Espinhos! – exclamou ela, comparando-a com a figura no mapa.

– É o-o quê?

– A Árvore de Espinhos, que o mapa disse para eu procurar...

– O mapa di-disse?

– Na verdade, ele me mostrou, num sonho... Eu tinha de encontrar a Árvore de Espinhos, foi assim que ela surgiu no mapa. Kiel, o mapa é mágico – revelou Rheita, mostrando o rolo ao amigo, que o estudou com atenção.

– O mapa po-pode fa-falar? – perguntou, num tom descrente.

– Não, Kiel... ele só mostra as coisas, dá pistas, acho que é assim que funciona. Tive um sonho estranho na noite passada; caía sobre esta floresta e vi a Árvore de Espinhos. O mapa queria me mostrar como chegar até aqui.

Kiel ficou em silêncio. Os dois contemplaram mais uma vez a grande árvore, o tronco robusto e nodoso rompendo da terra, e os galhos emaranhados cravejados de espinhos.

– Ele só não me falou sobre os lobos – completou Rheita, tremendo.

– E a-agora, o que vamos fa-fazer, já que chegamos a-até aqui? – Kiel parecia abatido.

– Achei que o mapa poderia nos dizer. – Rheita encarou o desenho miúdo da Árvore de Espinhos. – Já achamos a árvore, por acidente, é claro... Mas era isso que ele queria; agora tem que nos mostrar como fazemos para chegar às terras do mapa.

– Vai ver, ele só fu-funciona quando vo-você está do-dormindo – sugeriu Kiel.

Rheita começou a pensar que talvez ele estivesse certo, mas logo, olhando melhor, viu que essa suposição era equivocada.

– Ei, veja, Kiel, palavras! Palavras surgindo no mapa!

Boquiaberto, o menino acompanhou o acontecimento: letrinhas velozes eram escritas, como se uma mão invisível as estivesse traçando, formando palavras e, depois, uma frase ao redor do desenho da Árvore de Espinhos. Rheita leu-as em voz alta:

*“De um ponto se faz um círculo, de dois ciclos vive o tempo, o relógio canta sem lamento os degraus que já galgou. Se você não for um cabeça de vento, pule dos segundos para as horas e, então, a porta se abrirá para onde apontou.”*

– Que coisa co-confusa! – disse Kiel, coçando a testa.

– Acho que é um enigma – retrucou Rheita, preocupada. – E temos de resolvê-lo.

– Círculo, ci-ciclos, re-relógio... – repetiu ele, tentando encontrar alguma razão para a charada.

– *Se não for um cabeça de vento, pule dos segundos para as horas...* – releu Rheita. – Isso é impossível de entender! Totalmente impossível! – disse aflita, olhando em redor, à procura de uma resposta que lhe parecia muito distante. Por fim, suspeitando que ela pudesse estar à sua frente, Rheita precipitou-se até a grande Árvore de Espinhos.

– Rheita, não faça isso! Po-pode ser perigoso! Afaste-se daí! – disse Kiel,

temeroso, reprovando a atitude da amiga.

Ela não lhe deu ouvidos e encarou a árvore de perto. Sentia-se minúscula diante dela. Lembrou-se do sonho que tivera na noite anterior, da dor ao cair sobre os afiados espinhos e do seu grito apavorado, mas não deixou o medo dominá-la. A sombra da Árvore de Espinhos tinha o dobro do seu tamanho e largura, e era tão ameaçadora quando o próprio vegetal gigante. Kiel pediu várias vezes que a amiga voltasse; tinha receio de que aquela árvore ganhasse vida e a chicoteasse com seus galhos espinhosos, porém Rheita continuou a ignorá-lo. Leu o enigma repetidas vezes para si mesma.

– Kiel, acho que eu sei a resposta! – exclamou ela, sem conter a animação. Kiel franziu as sobrancelhas. – Vou precisar de sua ajuda. Venha até aqui!

Diante de sua hesitação, insistiu:

– Vamos lá, Kiel! Não vou conseguir ir muito longe sem sua ajuda! Venha! A Árvore de Espinhos não morde! – Ela deu um chute numa das raízes; o amigo deu um pulo para trás e gritou:

– Não faça isso de novo! Não tem graça, Rheita!

A menina riu, e ele engoliu o susto, envergonhado, as bochechas ruborizadas. Aproximou-se ainda hesitante, olhando desconfiado para os galhos espinhosos.

– O que de-descobriu, Rheita? Achei que se-seria impossível e-entender!

– Eu também pensei assim, Kiel, mas o enigma parece um tanto óbvio quando a gente começa a entender o que diz... – Ela examinou as palavras no mapa. – Veja bem, vou repetir: “*De um ponto se faz um círculo, de dois ciclos vive o tempo*”, acho que isso quer dizer que é o percurso do ponteiro de um relógio, que faz um círculo, mas o dia tem vinte e quatro horas, dia e noite, e o ponteiro faz duas voltas; “*pule dos segundos para as horas*”, acho que aqui fica claro que esse ponteiro conta somente as horas, veja as raízes da árvore... – Ela apontou para as raízes que se fincavam na terra como quatro grandes dedos. – Repare na posição delas: cada uma parece indicar um quarto da hora, exatamente. Veja!

Kiel ficou impressionado com o raciocínio da amiga, aquilo realmente fazia sentido.

– E-então, te-teremos que dar duas vo-voltas ao redor da á-árvore? – perguntou ele, tirando suas conclusões.

– Isso, Kiel! Temos de tentar! Deve ser isso que o enigma quer dizer! Vamos ser o ponteiro das horas e contar os passos até completar os dois ciclos e, então... Esperamos... a tal porta se abrir...

Rheita arrumou a mochila nas costas e escondeu o mapa no bolso do vestido; não desejava correr novamente o risco de perdê-lo. Os dois, então, deram-se as mãos. Rheita ficou ao lado da Árvore de Espinhos, encostando a mão livre na superfície áspera; postaram-se sobre uma raiz, onde o ponteiro iniciaria a contagem das horas, e, juntos, contaram até três e deram o primeiro passo.

Capítulo 10  
Uma longa caminhada



Em passos cautelosos, Rheita e Kiel completaram os dois ciclos do tempo, duas voltas ao redor da grande Árvore de Espinhos. O ponteiro humano das horas concluiu seu curso exatamente no ponto de partida, e a promessa do enigma despertou – a resposta estava certa. Fulgurante, uma luz azulada aflorou do tronco da árvore.

Kiel e Rheita caíram, empurrados pela forte explosão, protegendo a visão contra a luz faiscante. Atordoados, levantaram-se e abriram os olhos devagar. Rheita viu uma porção de luzinhas piscando diante de si, e Kiel sentiu a cabeça doer. Enfim, conseguiram distinguir os pinheiros e a Árvore de Espinhos entre a fonte azulada de luz, até que a claridade foi se abrandando, permitindo ver um grande arco desenhado no tronco da árvore – uma porta.

– Rheita, olha só, você conseguiu! – disse Kiel, admirado. Era, como a amiga já havia notado, um gago às avessas: falava sem tropeçar nas palavras quando ficava tenso.

– Eu não, Kiel, nós... Nós conseguimos! – corrigiu ela, embaçada. Adiantou-se até a porta, seguida pelo amigo. – Agora, o que há além da árvore?

– Veja no-no mapa... – sugeriu Kiel.

– Não há nada aqui – disse Rheita, ao consultar o Mapa Mágico. – Nenhuma novidade, só o enigma anterior e... oh!

Kiel não teve tempo de dizer nada, o rosto rijo feito pedra. O portal encantado da Árvore de Espinhos se abriu sozinho. Os dois recuaram assustados. O arco se movia lento, produzindo um leve rangido. Naquele momento, o tempo arrastou-se, aumentando a ansiedade das crianças. Então, num brevíssimo e inesperado instante, a porta escancarou-se e o facho de uma luz muito branca surgiu, sugando-os com uma força enorme para dentro da ameaçadora Árvore de Espinhos.

E assim tudo parou de existir.

Rheita e Kiel caíram dentro do vácuo. Não havia vida ali, muito menos a morte; somente o Nada reinava entre eles, orgulhoso, escutando seus gritos desesperados. Tudo girava rapidamente, numa fúria enlouquecida, e eles continuavam a cair. Então, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: sentiram-se livres do espaço sufocante do Nada e levaram um tombo colossal, alcançando o fundo de um longo precipício.

Parecia que haviam saído de um buraco cavado na terra, duas grandes toupeiras encardidas. Rheita conseguiu ficar de pé com esforço, a cabeça girava, os olhos ardiam. Limpou os joelhos machucados enquanto Kiel cuspiu a terra que, por sorte, não tinha engolido. Eles não faziam a mínima ideia de onde estavam. Só perceberam de imediato que já era dia, uma manhã muito clara e de céu limpo. Repararam que uma vasta extensão verde os cercava, um campo vivo e brilhante, intocado pela ação do vento. Uma vereda estreita de terra batida corria pela paisagem, sumindo milhas à frente, a única estrada que cortava o campo, e Rheita e Kiel caíram precisamente sobre ela. Com um sobressalto, a menina pegou o Mapa Mágico e o consultou.

– Kiel, chegamos! Estamos no lugar certo!Veja! É o campo do mapa! – disse ela, mostrando ao amigo o desenho, que sugeria um extenso campo aberto com uma estradinha a cortá-lo.

– É u-um tanto grande, não-não acha?

– Sim, e muito quieto. – A imensidão verde parecia devorá-los. – Será que chegamos ao fim do mundo? Od, o mineiro, contou-me uma vez que se caíssemos num buraco muito profundo, alcançaríamos o fim...

– Po-pode ser que de-depois do fim, ha-haja outro mu-mundo – comentou o menino, pensativo. – Te-mos de de-descobrir que-que lugar é e-este.

– Tem razão, Kiel. Creio que, se andarmos logo, o mapa pode nos revelar o nome dessas terras – disse Rheita, mostrando o desenho do mapa. – Para qual lado você acha que deveremos ir: esquerdo ou direito?

Kiel percebeu a falta que fazia a bússola que perdera junto com a mochila, e respondeu:

– Di-direito. – Mas “tanto faz” seria mais adequado, pensou ele.

As crianças foram obrigadas a tirar as roupas mais pesadas para aguentar o calor crescente. Rheita não despiu a mão esquerda; Kiel a olhou desconfiado, mas não perguntou nada. Ele também amarrou o casaco na cintura. Fizeram a caminhada em fila indiana, pois a estradinha era estreita demais para que andassem lado a lado.

Seguiram em silêncio, escutando a mudez estranha do campo daquelas terras desconhecidas do mapa. O tempo ia passando e a paisagem continuava sempre a mesma. A estradinha se perdia em meio ao capim e os passos de Rheita e Kiel não os faziam avançar; a trilha só aumentava – inesgotável, absoluta, sem fim!

Os garotos foram tomados por um lento desespero; as horas corriam, e pareciam tê-las desperdiçado andando em círculos inúteis. No mapa, entretanto, a estrada ilustrada era reta e desembocava entre inúmeras colinas que talvez nem existissem. Seria o Mapa Mágico uma armadilha? Teriam eles sido vítimas de uma emboscada; ficariam presos ali para sempre? Rheita e Kiel não se aguentavam mais em pé.

– Va-vamos parar u-um pouco – pediu Kiel, ofegante e suado, apoiando-se nos joelhos.

– Ufa! – Rheita desabou no chão. – Nunca andei tanto assim em minha vida!

– Rheita... Se-será que nunca sairemos d-daqui? Será que-que esta estrada nu-nunca te-termina? – indagou Kiel, preocupado com a hipótese. – A-acho que estamos per-perdidos!

– Não pense no pior, temos o mapa! E, se continuarmos parados, é provável que a estrada nunca termine – disse ela, levantando-se com esforço. – Vamos, Kiel, a gente só precisa apressar o passo.

Retomaram a caminhada, servindo-se de duas maçãs que Rheita trouxera, para amenizar um pouco a sede e a fome. Ela desejou que o mapa despertasse e lhe mostrasse o exato ponto em que se localizavam. Exaustos e desesperançosos, acabaram desabando ali mesmo, meia hora depois da breve parada. Rheita se deitou e olhou para o céu de um azul-celeste profundo, um tom que nunca havia visto. Admirou-o por algum tempo, intrigada com o fato das nuances de azul não terem mudado com o tempo transcorrido. Ela se pôs de pé, e olhou por toda a extensão azul, completamente sem nuvens, a não ser pela presença constante do Sol... O Sol!

– Kiel, olhe para cima! – exclamou Rheita. O amigo se levantou num pulo e mirou o céu, protegendo os olhos com as mãos. – Veja o Sol! Ele não mudou de posição desde que chegamos aqui! Está sempre na mesma direção! O tempo não está passando...

– E nós nã-não saímos do lu-lugar! – completou o amigo.

– Será possível que o Mapa Mágico esteja fazendo isso tudo...?

Um estrondo rompeu muito distante; as crianças sobressaltaram-se e se entreolharam; a terra tremeu brandamente sob seus pés. Ouviu-se outra explosão, desta vez mais perto. Raios invisíveis pareciam estar desabando sobre o campo; o som reverberou por todos os cantos, chacoalhando a superfície. Seguiu-se uma avalanche de estampidos, golpeando a terra e fazendo-a tremer. Os estalos se misturavam com as explosões, como se a terra estivesse sendo partida ao meio.

Os dois conseguiram ficar de pé com dificuldade e, assustados, puseram-se a correr. De maneira ameaçadora, a terra começou a sugar o capim dos dois lados da estrada. Rheita corria atrás do amigo a toda velocidade, tentando salvar a vida; porém, quanto mais avançava, mais a terra sugadora de tufo de capim os seguia, precedida pelas explosões no ar. Subitamente, tudo parou, e o silêncio



voltou a reinar no Campo Sem Fim.

Kiel e Rheita estacaram, ofegantes, os corações ribombando descompassados. Em vez da terra engoli-los, abriu dois novos caminhos. As crianças encontravam-se exatamente no meio de uma encruzilhada. Rheita pegou o mapa no bolso do vestido.

– As estradas também estão no mapa, Kiel! – constatou ela. O Mapa Mágico agira sem se anunciar, pegando-os de surpresa. – Estamos no meio da encruzilhada, olhe!

– Ótimo! Te-temos um pro-problema. Co-como vamos sa-saber qual nos leva à frente?

– Todas as outras três estradas nos levam às colinas próximas, exceto pela que viemos – percebeu a menina.

Rheita estava certa: as duas estradas que surgiram e a outra que ainda seguiam tinham o mesmo destino; não sabiam qual delas fazia o percurso mais rápido. Isso o Mapa Mágico não revelava, e também não tinham certeza de qual caminho os levaria para o destino certo.

– O-outro enigma! – exclamou Kiel, ao ver novas palavras surgirem no mapa, na encruzilhada onde se encontravam todas as estradas na ilustração. Eles juntaram as cabeças para ler, e Rheita repetiu em voz alta:

*“Há três caminhos, três destinos e apenas uma escolha. O erro pode fazê-lo andar por cem anos até o destino alcançar; ou andar perdido e solitário sem a lugar algum chegar. Pense, reflita, tome uma decisão, antes que o tempo mude, e a escolha não seja dita. A resposta é superior a você.”*

Rheita soltou um profundo e lento suspiro. O novo enigma lhe pareceu mais complexo que o primeiro. Ela meditou por uns minutos, sem chegar a uma resposta. Indagou a si mesma em voz alta:

– O que é superior a mim?

Kiel a encarou, interrogativo, depois olhou para cima e disse:

– O-o céu?

– Ah... É só uma imensidão azul – disse ela, olhando para cima também, desesperançosa.

– Sem co-contar o Sol...

O rosto de Rheita se iluminou.

– Oh! Mas, é isso! É isso, Kiel! Está tudo tão claro, feito água pura! – exclamou a menina, dando pulinhos de alegria. – Você é um gênio, um gênio!

– Hã? O que e-eu disse? – perguntou surpreso.

– A resposta! Você respondeu o enigma! Agora poderemos seguir o caminho certo! – Ela lhe deu um abraço inesperado. – *“A resposta é superior a você.”* O Sol... o Sol acima de nós deve indicar o caminho a escolher. Ele não mudou de lugar até agora e isso significa algo: devemos tomar a estrada à nossa esquerda, onde ele continua na mesma posição.

– Cla-claro! É isso! De-deve ser o e-esquerdo – concordou Kiel, surpreso e orgulhoso consigo mesmo.

– Então, vamos! Não podemos demorar; o mapa pode mudar tudo de novo!

Ao seguirem o caminho da esquerda, em apenas cinco passos a paisagem à frente mudou. Uma encosta íngreme e pedregosa surgiu onde o campo findava.

O Sol vermelho punha-se entre o berço de pequenas colinas no fim de tarde, tingindo o céu de manchas rosadas e alaranjadas; tinha-se passado quase um dia, e os dois haviam ficado por horas presos no Campo Sem Fim, onde o tempo não fluía.

As árvores tomavam toda a extensão dos montes, com suas copas volumosas e escuras desfraldando uma imponência sombria. Os dois meninos correram para se abrigar e descansar sob o seu frescor. Somente quando Rheita e Kiel se aproximaram, repararam em seu tamanho. Os troncos escuros e esguios brotavam da terra, cobertos por heras e líquens que caíam dos galhos mais baixos como franjas. As raízes tomavam toda a superfície da floresta, disputando cada fresta de terra.

A noite rompeu os laços do crepúsculo, engolindo toda a floresta com seu manto negro. As árvores farfalhavam à sua presença, emanando um aroma perigoso que destilava velhas lembranças, vingança e horror. O ar encheu-se de um pesado sentimento; o ódio emanava tão suavemente das membranas ásperas das árvores que se confundia com um perfume doce. Rheita mal conseguia comandar os pensamentos; seus instintos só lhe diziam para não parar de andar, enquanto Kiel bocejava alto, esfregando os olhos, sob o perigoso efeito do encanto amaldiçoado das Árvores do Sono.

Uma sensação indolor dominou os corpos de Rheita e Kiel. Os olhos ficaram desfocados, a língua seca, a fome e a sede não os atormentavam mais. Rheita tentava resistir à sonolência incontrolável e, assim como Kiel, cambaleava, perdendo o equilíbrio e a consciência aos poucos. Segundos depois, o amigo acabou tombando no chão, esparramado, trancado num sono profundo. Em seguida, ela desabou ao seu lado, totalmente inconsciente.

A escuridão foi se adensando num negrume aveludado. Rheita e Kiel caíram em sono profundo, que roubava aos poucos suas almas numa morte muda, lenta, sem dor e prematura. Não conseguiam se livrar das garras de sonhos terríveis que os envolviam e os levavam para um lugar distante, mais longe ainda que o mundo em que o Mapa Mágico escondia seus segredos.

Rheita se viu no alto de uma montanha onde fazia muito frio; tinha as roupas rasgadas e imundas, os pés descalços e as mãos machucadas; a direita sangrava. Percebeu com horror uma enorme ferida na palma da mão, a pele arrancada. Para todo lugar que olhasse, havia um longo e escuro precipício abrindo-se numa bocarra infinita. Desesperada, chamou pelo amigo, as lágrimas escorrendo no escuro. Desabou no chão e chorou profusamente com o sentimento de abandono. A distância, uma voz conhecida chamou pelo seu nome, enquanto uma luz surgia no horizonte negro, ordenando: *“Rheita, acorde!”*.

O coração estourou no peito e, com o susto, ela acordou. Ofegou, tossindo em busca de ar, sentindo-o passar por entre seus pulmões – teria ficado sem respirar por quanto tempo? Adormecera e só acordara nas primeiras horas da manhã seguinte; as costas lhe doíam. Por fim, a lembrança da noite anterior lhe sobreveio, fazendo-a sentir um arrepio. Kiel, ao seu lado, dormia, a respiração ainda lhe animava o corpo. Ela entendeu isso como um bom sinal.

– Kiel, Kiel, acorde! – gritou ela, sem resultado. – Vamos, Kiel! Por favor, acorde! – insistiu, sacudindo o garoto, temendo o pior, pois ele continuava sem

reação. – Kiel, por favor... Não morra... Acorde, acorde! – Deu-lhe um beliscão.

– Ai, pare! I-isso dói! – reclamou Kiel, massageando o braço e amarrando a cara.

– Oh, Kiel! Você está vivo! – Rheita lhe deu um abraço.

– Claro que-que estou! – disse ele, esquivando-se. – E-eu estava do-dormindo, não mo-morto. – Ele fez uma careta estranha, como se tivesse acabado de falar uma mentira.

– Morto ou vivo, temos de sair logo daqui! – Ela olhou para as árvores e acrescentou num cochicho. – Acho que elas, as árvores, podem nos escutar, estamos correndo grande perigo!

– O que está di-dizendo?

– Ora, Kiel, não percebeu? Tem alguma coisa esquisita nessa floresta, caímos num sono pesado sem mais nem menos e...

– Claro, eu e-estava ca-cansado! – argumentou ele.

– Cansado ao ponto de perder os sentidos? – disse Rheita. – Isso não é nada bom. Na verdade, é muito estranho... – Ela olhou para as árvores de novo. – Temos de ir embora, agora!

Convencer Kiel de que teria de caminhar logo de manhã, tão cedo, não foi fácil. Ele se queixou o tempo todo. Porém Rheita sabia quão perigoso era se entregar a uma soneca. Talvez não tivessem a mesma sorte; a morte não perdoava duas vezes. A tristeza invadiu seu coração, ao lembrar a sensação do recente sonho, mas se sentia protegida com o Mapa Mágico em segurança. Lembrou-se da voz que a libertara do sono amaldiçoado; reconhecia o tom suave e feminino que rompera o laço para uma vida na eternidade. Nunca se esqueceria da voz da bela mulher que certa vez a visitara no sótão, sua casa.

Capítulo 11  
A prisão sob a Colina



Rheita não se deixaria abater pelo feitiço mortal dos Vales Adormecidos; mesmo com os pensamentos anuviados pelo efeito sonífero das árvores, insistia em caminhar para se manter desperta. A floresta não parecia menos estranha após a escuridão da noite. Kiel, contrafeito, reclamava ter de andar, bocejando sonoramente, sem esconder a indisposição. Rheita não sabia o que fazer para controlar o amigo, até que seu estômago roncou alto. Ela se lembrou da torta de avelã. Dividiu o desjejum com Kiel, que abocanhou rápido a sua parte, melhorando de humor.

Mais dispostos com o estômago cheio, puseram-se a caminho, numa marcha rápida. Rheita mantinha o olhar grudado nas árvores, como se elas pudessem mover os galhos e arrastá-la.

– Vamos, Kiel, só mais um pouco – encorajou Rheita. – Mais um pouquinho, e depois descansamos.

– Ainda fa-falta muito? – perguntou ele, sem ânimo. Estava sendo uma tortura resistir ao sono.

– Não... Estamos quase chegando – mentiu ela. Se dissesse a verdade, que nem ela mesma sabia como sair da floresta, seria desastroso. Kiel se animou com a

falsa notícia e pôs-se a caminhar com mais disposição.

– Acha que po-podemos e-encontrá-lo? O se-seu pai...? – disse ele, depois de um longo silêncio.

– Tomara que sim – respondeu Rheita, olhando ao redor e imaginando se o pai um dia alcançara aquele mundo estranho. – Ele conhecia o mapa, talvez soubesse que era mágico... De alguma forma, sinto que, se eu quiser saber onde encontrá-lo, tenho de primeiro resolver os enigmas do mapa – disse ela, contemplando o pergaminho em suas mãos.

– Vo-você e-está certa, Rheita – concordou Kiel, dando-lhe tapinhas gentis nas costas. – Se a ú-única pista é o ma-mapa, temos de se-segui-lo – bocejou.

– Sim... A única pista... E temos de ser rápidos, ainda precisamos caminhar!

Os dois continuaram a desbravar a floresta, sem rumo certo, esperando o Mapa Mágico despertar. O ritmo da caminhada foi se tornando lento; árvores e mais árvores surgiam em volta; subidas e descidas exaustivas sugavam toda a força de Rheita e Kiel.

De repente, durante o trajeto, Rheita e o amigo foram impedidos de dar mais que dois passos; encontraram-se presos da cabeça aos pés, pressionados por uma rede que apertou ainda mais quando, em vão, tentaram se mover, quase os sufocando. Desequilibrados, os dois desabaram numa posição desconfortável.

Duas criaturas saltaram do grupo de árvores, lá do alto. Rheita percebeu de esguelha dois homenzinhos miúdos se aproximarem vagarosamente; somente um deles teve coragem suficiente para chegar mais perto. Encarava-os com uma expressão de espanto e surpresa, e as crianças devolveram o mesmo olhar, pois nunca tinham visto um duende em toda a vida. Menor ainda que um anão, os olhos protuberantes e negros, a cabeça careca. Das orelhas pontudas saíam tufos brancos de cabelo; do queixo fino pendia uma barbicha rala; e os pés, calçados por sapatos afivelados, eram compridos. O duende, assim como seu companheiro, vestia cores terrosas, o que os ajudava a se camuflar na floresta.

– Estranho... Muito estranho... – comentou um duende para o outro, numa voz aguda, encarando desconfiado os dois invasores. – A floresta poupou a vida deles, quando se sabe que ela devora forasteiros... Tiveram sorte, humanos, uma rara sorte; do contrário essas árvores amaldiçoadas teriam sugado seus ossos até o tutano! – Ele soltou uma súbita gargalhada, e as duas crianças levaram um susto. – Jovir, traga a carroça, vamos levá-los.

– O-o quê? – disparou Kiel, engasgando.

– Para onde vão nos levar? O que vão fazer conosco? Por favor, solte-nos! – desesperou-se Rheita, tentando em vão livrar-se da rede.

– Quieta, humana! – esbravejou o duende, ameaçando-a com uma pequena adaga. – Não se mova nenhum milímetro... Caso não saiba, há muitas coisas terríveis escondidas neste mundo agarrando os calcanhares daqueles que são desatentos! Se vacilarmos, seremos mortos! Todos nós! – disse ele, num tom sombrio.

– Mas não fizemos nada. Somos inocentes! – insistiu a menina.

– Inocentes? – O duende escarneceu. – Foram pegos em flagrante! O crime que vocês cometeram é muito, muito grave: invasão de fronteira. Nada, nem ninguém deve transitar pelas florestas dos Vales Adormecidos. É uma lei bastante

antiga e conhecida em Lagoena...

– Lagoena? – repetiram juntos os dois garotos.

O duende os encarou confuso, franzindo o cenho, tufos de pelos brancos amontoados sobre os olhos grandes.

– Hum... Acho que as Árvores do Sono roubaram a memória deles, Jovir! – disse ele, meio zombeteiro.

– É provável, já que não conseguiram matar eles, Dofer – comentou o outro.

Dofer deu uma risadinha maliciosa e explicou:

– Lagoena é onde seus pés pisam ou acabaram de pisar! Do leste ao oeste, do norte ao sul, cada fração de terra, cada pedra, cada rio, cada monte, cada canto do horizonte, tudo é Lagoena! Terra abençoada pelas Lágrimas de Aura, e amaldiçoada pela Desonra dos Homens-Reis!

O duende trancou-se no silêncio enquanto vigiava as crianças para que o outro fosse buscar a carroça. Parecia desconfiado, enrolando entre os dedos longos sua barbicha fina e alva. Rheita achou desagradável ter de esperar sob os olhares esquisitos daquela pequena criatura, e Kiel tentou por vezes se mover, mas a situação só piorava; as cordas eram bem firmes e apertadas.

Quando o outro duende retornou pelo corredor, empoleirado numa carroça tosca guiada por um pônei malhado, e com uma pequena gaiola na garupa feita de gravetos secos, a rede que prendia as crianças começou a se afrouxar, embora ainda sem dar margem para escaparem. Dofer os obrigou a ficar de pé, o que eles conseguiram depois de várias tentativas; com muito custo ele e seu companheiro conseguiram trancá-los dentro da gaiola apertada. Uma vez dentro, subitamente a rede desfez seus nós, libertando as crianças.

Jovir trancou a gaiola com um cadeado e imprensou entre a grade de gravetos um odre. Kiel experimentou primeiro, um tanto desconfiado e hesitante. Com o grito do duende Dofer, assustou-se e engoliu de uma vez só boa dose do líquido, que desceu queimando sua garganta, fazendo-o engasgar

– Que coisa horrível! – ofegou ele, com os olhos lacrimosos.

Dofer resmungou algo e ordenou que Kiel passasse o odre a Rheita. Sem conseguir sentir o aroma da solução, ela criou coragem, prendeu a respiração – como se isso pudesse poupá-la de algo desagradável – e despejou o líquido dentro da boca, numa boa golada.

Uma chama se acendeu no seu estômago, tão quente quanto um vulcão, envolvendo-a por inteiro. Totalmente desperta e saciada, as forças revigoradas, notou que o amigo apreciava a mesma sensação, feliz. O duende Jovir pigarreou alto, esperando que a menina devolvesse seu frasco. Quando ele lhe deu as costas, Rheita tentou forçar os gravetos finos da gaiola, mas logo teve uma decepção: a grade vegetal, aparentemente frágil e seca, era rija como ferro.

Imprensados numa posição incômoda, eles chacoalhavam dentro da gaiola, ignorados pelos duendes. Rheita estava preocupada com seu destino e o do amigo; o que fariam agora, depois daquela azarenta emboscada? Como eles poderiam seguir viagem à procura das misteriosas Chaves, e ela encontrar o pai desaparecido, aquele que sabia, antes de todos, os segredos do mapa? Sentiu-se extremamente insegura e até desencorajada. Numa tentativa, arriscou perguntar aos duendes para onde estavam indo, tendo como resposta apenas o silêncio.

A viagem tornara-se monótona e demorada, resumindo-se num descer e subir entre as colinas. Ao entardecer, Rheita e Kiel puderam, finalmente, ver o céu abrir-se sobre suas cabeças, tingido de um belo tom arroxeadado e alaranjado, com pequenas estrelas brilhando aqui e acolá.

A estrada os levou a uma ponte sobre um rio escuro que corria apressado para o oeste daquelas terras. As águas borbulhavam, levantando um leve vapor ao caírem das alturas. Quatro gigantescas estátuas de rainhas esculpidas em pedra, com seus potes apoiados à cintura, jorravam toda a profusão de água que alimentava aquele rio vertiginoso.

Foi com rapidez que alcançaram a outra margem do rio e ganharam rumo entre as Árvores do Sono; ali, a noite se adensava sorrateira, esperando outra vítima.

A pequena carroça dos duendes rangeu enquanto subia outra elevação, uma colina relvada. Rheita e Kiel perceberam que, quanto mais avançavam, mais ganhavam altura. Rheita não conseguiu conter sua enorme vontade de verificar o Mapa Mágico; disfarçadamente, pegou o pergaminho no bolso do vestido e o abriu com toda a cautela possível, vigiando ao mesmo tempo os duendes. Kiel entendeu o que ela queria saber, e aguardou com expectativa. A menina sufocou um grito atônito: minúsculos pares de pegadas surgiram no mapa, descrevendo o percurso que ela e o amigo haviam feito até o presente momento. Temerosa, guardou-o na mochila, achando que estaria mais protegido dos olhos dos duendes.

A vereda deu mais algumas voltas ao redor da colina e, finalmente, atingiu seu topo. As duas crianças vislumbraram uma construção curiosa, três torres incomuns, grandes e espiraladas como parafusos, feitas de blocos irregulares de pedra cinzenta, alinhadas num triângulo. Eram encimadas por domos que lembravam a Rheita suspiros gigantes. Pequenas janelas espalhavam-se desordenadas pelas torres, exceto a principal, na qual havia somente uma porta estreita e alta, cravejada de pregos.

Adentraram um túnel entranhado na terra, atrás da Torre Central. Mais à frente, pequenos archotes surgiam para afugentar a escuridão. O túnel continuava a descer centenas de metros abaixo, cavando um caminho sinuoso, mais fundo. Por fim, a carroça estacionou diante uma porta arredondada de madeira. Outros dois duendes se postavam em cada lado da entrada. Vestiam gibões amarelos e rufos exagerados. Eram respeitáveis guardas do Portal de Entrada; cada um empunhava uma lança afiada com o dobro de suas alturas. Os duendes Jovir e Dofer saltaram da carroça, enquanto os outros continuaram na mesma posição obediente.

Rheita saiu primeiro, vacilando sobre as pernas dormentes; Kiel foi logo atrás. Jovir abriu a porta redonda que dava para um corredor tubular e iluminado. Rheita e Kiel foram obrigados a se curvar por causa do teto baixo e seguiram em frente, vigiados pelos duendes logo atrás. Alguns metros depois, desembocaram num grande recinto circular. O teto alto e abobadado permitia que as crianças ficassem na postura normal. Tudo era impecavelmente branco, de um mármore liso e frio. Rheita desanimou ao ver ao seu redor inúmeras celas tubulares, fechadas a grade. Jovir desprendeu do cinto um molho de chaves enferrujadas e destrancou uma delas. Kiel foi trancado ali, mudo pelo desespero, os olhos se

encheram d'água. Rheita ficou do lado de fora, abraçando a mochila, sem saber o que fazer.

– Devemos confiscar seus bens, humana – disse Dofer, numa voz esganiçada. – Entregue a bolsa.

– Hã? O quê? Eu... eu não posso! – disse Rheita recuando e apertando a mochila entre os braços ao pensar no que continha: a metade de um mapa mágico!

– Não seja atrevida! Me entregue seus pertences, agora! – gritou o duende.

– Não, não! – negou ela, fugindo das pequenas mãos ligeiras.

– Jovir, agarre a trouxa dela! Agarre! – berrou o duende, tentando alcançar Rheita com suas pernas curtas.

– Mas... Dofer... – ia dizendo o outro, assustado com a cena.

– MAS O QUÊ? SEU IDIOTA! NÃO FIQUE AÍ PARADO, ME AJUDE! – Ele agarrou o calcanhar de Rheita, que se estatelou no chão.

– Não! Minha mochila! Minha mochila, não! – gritou ela, lutando com Jovir, que a puxava pela alça. Confusão, gritos e pontapés que somente cessaram quando Rheita se viu entre duas lanças pontudas e afiadas, apontadas para o seu nariz.

– NÃÃÃOO! – gritou Kiel, desesperado. – Rheita, entregue a eles! Entregue, por favor!

Rheita cedeu; não havia mais nada a fazer. Tinha perdido.



## Capítulo 12

### O Concílio dos Magos



Rheita jogou a mochila no chão e levantou os braços, como se flagrada praticando algum crime. Os guardas abaixaram as lanças e retiraram-se sob a ordem de Dofer, que segurava triunfante a mochila. O duende Jovir ofegava, atordoado com a confusão. Mesmo assim, abriu a cela na qual o menino estava preso e, sem esconder o pesar, conduziu Rheita para dentro. Ela não ousou contrariá-lo quando ele trancou o cadeado e disse baixinho:

– Você teve sorte, humana, poderia ter sido pior...

Rheita, nesse momento, não sabia o que era pior: perder o Mapa Mágico ou ser trancafiada numa prisão, naquela terra estranha chamada Lagoena. Ela desabou no chão, escondendo o rosto para o amigo não a ver chorando. Kiel, porém, percebeu e sentou-se ao seu lado, envolvendo-lhe os ombros. Não havia o que falar, ele também se sentia mal; tinham perdido o guia que os trouxera até Lagoena, e a missão de procurar as Chaves tivera um final diferente do planejado. Rheita soluçou até as lágrimas secarem no rosto.

– E agora, o que faremos? – Era a questão que pairava sobre sua cabeça.

– Agora, vocês dois devem esperar pelo julgamento – disse uma voz vinda da cela ao lado.

Os dois se sobressaltaram.

– Julgamento? Que julgamento? – indagou Rheita, levantando-se e imprensando a cabeça entre as grades para tentar enxergar o vizinho de cela.

– O julgamento que acontecerá mais tarde, numa grande reunião – informou ele. – E, como sempre, os réus não têm direito de defesa. Vocês serão condenados, assim como eu fui... – Rheita e Kiel se entreolharam. – Ah, desculpem! Fui indelicado. Meu nome é Ornel, Ornel Ciorick – Ele estendeu uma mão enrugada, que atravessou o canto da cela pela grade.

– É um prazer conhecê-lo. Meu nome é Rheita – disse a menina, retribuindo o aperto de mão.

– Rheita; é um nome diferente... E seu amigo? Como se chama?

– Ki-Kiel, senhor. – O jovem apressou-se para cumprimentá-lo.

– É um garoto muito sensato, Kiel, muito sensato mesmo! Não se deve contrariar um duende. São criaturas irritadiças e imprevisíveis; sua amiga cometeu um grande erro – advertiu ele. – Os dias poderiam ser melhores se não tivesse reagido. Agora, é só esperar o pior...

Os dois estremeceram.

– O senhor também foi acusado de ter invadido a floresta? – perguntou Rheita.

– Bem, sim, fui – respondeu Ornel. – Mas não invadi a floresta, como me acusaram... Eu era apenas um menino, ainda mais novo que vocês, e me perdi do meu pai. Lembro-me de suas palavras alertando sobre o perigo, como se fosse ontem... *“Meu filho, nunca entre nessa floresta amaldiçoada, do contrário nunca voltará”*. Não desobedei meu querido pai. Cheguei apenas muito perto da margem da floresta, movido pela curiosidade, e pronto! Fui agarrado por alguma coisa e me trouxeram para cá. E vocês, o que aconteceu? – indagou curioso.

Rheita engoliu em seco, mas Kiel se apressou em responder:

– No-nos perdemos também... Há qu-quanto te-tempo o se-senhor está aqui?

– Oh! Faz tanto tempo! Acho que um pouco mais de setenta anos – disse o velho, conformado.

Os dois garotos arregalaram os olhos, com um misto de preocupação e surpresa.

– No começo – continuou Ornel –, eu senti muita falta da minha família. Minha querida mãe tinha acabado de dar à luz a minha irmã. Hília era apenas um bebê quando eu a vi pela última vez; saí para caçar com meu pai, numa bela manhã de primavera... E não retornei mais. – Ouviu-se um assoar de nariz.

– Que história triste – disse Rheita.

– É, menina, uma desgraça! Uma desgraça...! Agora não me resta nada, somente esperar que a morte me leve... Olhem só o pobre coitado ali à frente – Ornel apontou para uma cela logo em frente à sua. As crianças congelaram: havia uma caveira muito branca, sentada no fundo. – Está aí desde que cheguei, desse mesmo jeitinho... Vou pedir para que tenham mais respeito com meu corpo quando chegar minha hora. Foi uma infelicidade o que aconteceu com vocês, tão jovens, na flor da idade, uma pena! Presumo que o destino não será diferente do meu; uma prisão perpétua seria o mais aceitável, pois *eles* são capazes de fazer coisa pior...

– Eles? – perguntaram Rheita e Kiel.

– Sim, *eles*, os magos, homens velhos e cruéis, dotados de uma magia muito perigosa. Sei que foi um deles que enfeitiçou a floresta, tornando-a hostil... Até me dá calafrio ao falar nisso... Devo antecipar que todos vão se reunir esta noite, o Concílio dos Magos. Diria que vocês tiveram sorte, pois fiquei esperando por cem dias a minha condenação; então, para vocês vai ser tudo bem rápido, e quanto mais, melhor! É uma tortura esperar! – Ele limpou a garganta. – Acho que não seria bom ir para o julgamento com a barriga vazia... Estão com fome? Estou sem apetite hoje...

Ele ofereceu aos dois um prato com pão e frutas e um jarro de barro contendo a abençoada água. Rheita e Kiel agradeceram inúmeras vezes a bondade do vizinho e aproveitaram para saciar a sede, pois o efeito da estranha poção dos duendes tinha passado. Rheita pôde pensar melhor depois de ter-se banqueteados com a refeição. Sua cabeça formigava: mais tarde haveriam de ser julgados por magos e sem direito de defesa; como escapariam dessa sentença?

As horas se arrastavam. Após a refeição, eles se perguntavam quando teriam outra oportunidade de comer. Pensavam também nos duendes que não haviam voltado. Será que o julgamento fora cancelado? A cabeça de Rheita cambaleava sonolenta. Kiel, já entregue ao sono, dormia com a boca aberta, babando. Ela se encostou à parede para cochilar, e foi então que levou um grande susto: Dofer berrou alto, abriu a grade e puxou Kiel pelo cangote para fora da cela. Rheita o acompanhou, ainda tremendo da cabeça aos pés com o susto.

– Vamos! Vamos! Estão pensando que aqui é o quê? Uma hospedaria? – guinchou o duende.

Rheita levou as mãos os ouvidos. Jovir, o outro duende, parecia envergonhado com o comportamento exagerado do seu companheiro. Educado, ele pediu que as crianças subissem uma escada do outro lado da câmara. Rheita reparou em um senhor muito velho, apoiado na grade da cela ao lado da que acabara de deixar. Ornel tinha a face triste e abatida pela magreza, as vestes puidas; os cabelos esbranquiçados pendiam ralos da cabeça. Ele esboçou um sorriso entre os poucos dentes e acenou timidamente, dizendo:

– Boa sorte, crianças! Vou rezar para que os deixem vivos!

– Não se preocupe, Ornel – disse Dofer, num tom tomado de crueldade. – Eles ficarão bem... Melhor ainda, depois do Concílio – ironizou, dando uma risadinha abafada.

A escada estreita conduziu as crianças e os duendes para um corredor estreito que se alongava, rumando para cima, galgado por degraus de pedra lisa. Luminárias de latão projetavam uma luz bruxuleante sobre suas cabeças. Dofer ia à frente guiando o grupo e, irritado com a lerdeza das crianças, gritava, sua voz aguda ecoava pelo corredor.

Rheita sentiu faltar-lhe o ar; as paredes estreitas pareciam lhe prensar a cabeça. Kiel tinha as pernas doloridas. No entanto, a nenhum dos dois foi permitido parar. Tinham de subir e subir sem cessar. Os degraus subiam ora retos, para a esquerda ou para a direita, ora em espirais.

Enfim, a escadaria desembocou dentro de uma das Três Torres, num saguão circular, onde havia somente uma porta escura, estreita e longa, que tocava o teto alto do segundo patamar, muitos metros acima. Nas paredes, luminárias em

formato de mãos seguravam esferas de fogo. Uma escada os levou para o cômodo superior. Tapetes com gravuras pendiam das alturas: um deles retratava uma tragédia, na qual várias pessoas, inclusive crianças, eram atiradas numa longa fenda escura, aberta no chão por um raio. Rheita se prendeu a essa figura por um instante, boquiaberta.

Tornaram a subir, não havia nada de interessante no salão vazio. Dofer apressou-os, empurrando-os para uma escada que contornava toda a parede até chegar a um alçapão.

Murmúrios abafados soavam além. Dofer estalou os dedos, nervoso, e precipitou-se até a porta, abrindo uma fresta mínima e espiando por ela. Os murmúrios tornaram-se um coro de vozes, atropelando-se em inúmeras conversas entoadas ao mesmo tempo. Dofer fechou a porta, parecendo aliviado, e disse para seu companheiro:

– Ele ainda não chegou...

– Ufa! – respirou Jovir, enxugando a testa.

Rheita e Kiel foram orientados a se sentar num banco no meio do salão. Dado o aviso, escancararam a porta e empurraram Rheita e Kiel para dentro. As conversas cessaram imediatamente. Perto deles, duas fileiras de duendes, formando um corredor. Vestiam-se do mesmo modo que os guardas da entrada da prisão e seguravam reluzentes trombetas douradas. As vozes que se haviam calado voltavam a romper o silêncio aos poucos, em sussurros crescentes. Velhos senhores, acomodados atrás de longos balcões que circundavam todo o diâmetro do salão, encaravam as crianças, boquiabertos, com ar de incredulidade e reprovação.

Kiel preferiu mirar as botas até chegar ao banco no meio do Salão Redondo. Já Rheita, curiosa, examinou os velhos magos. Os rostos açoitados pela idade não escondiam o mistério e nem a sabedoria dos longos anos de travessia no tempo, mas havia algo ainda mais profundo e mascarado naquelas faces: segredos, talvez inúmeros, e um ódio camuflado, mas não imperceptível. Os olhares febris de vingança não cediam à inocência; o crime custara um preço, e as crianças tinham de pagar.

Capítulo 13  
O fim e o recomeço



Os joelhos da menina vacilaram sobre o banco; o amigo sentou-se junto dela, roendo as unhas, nervoso. Uma hostilidade doentia pairava no ar, como uma magia estranha crescendo entre as mentes que ferviam naquele salão. Encontravam-se dentro do domo da Torre Central. Sobre suas cabeças pendia um imenso lustre com braços e mãos esculpidos em ouro, segurando esferas de fogo. A superfície lisa do chão do Salão Redondo era cravejada de ladrilhos que desenhavam uma rosa dos ventos gigante.

Rheita sobressaltou-se quando trombetas soaram, ecoando pelo grande salão. Um homem, tão velho quanto os outros, vinha em direção ao púlpito, andando a passos lentos, apoiando-se sobre um cajado esculpido numa velha raiz. Ainda que seus ombros caíssem numa leve corcunda, podia-se ver que era alto. Os cabelos alvos pendiam desgrenhados sob o chapéu pontudo violeta; a barba prateada, presa numa trança eriçada, de tão longa, alcançava os joelhos. Cobria-se com uma capa verde-musgo. Ele chegou aos pés do púlpito assistido pelo silêncio total dos presentes e subiu a escadinha que se enroscava pela tribuna até o topo. O mago se apurou numa postura respeitável; antes de erguer a voz para todos ouvirem, lançou um olhar inquiridor à menina, que hesitou encará-lo, tamanha a

intensidade dos pequenos olhos escuros.

– Eu... – entou a voz grave, que retumbou pelo salão. – Diophantus Stevinus Clausius Aristilos Nicolai Vitruvius Furnérius Zucchius Zagut, Membro Superior da Ordem Maior e Menor dos Magos, Chefe do Concílio dos Magos e Senhor Supremo da Corte Honorária de Magia, nesta Quinta Era depois da Data do Início, declaro aberto o Concílio dos Magos.

Todos continuaram em silêncio, e ele prosseguiu:

– Meus caros senhores, diante deste tribunal, tomo partido como Juiz, para analisar e penalizar o desrespeito às nossas Leis. Levo este caso ao debate externo, obedecendo aos princípios da Ordem que defende o debate em comum para a resolução das causas. Hoje, a reunião tratará de um crime, de uma lei infringida dentro dos limites de nossas terras: a invasão de fronteira. Conforme consta no Tratado do Marco, as terras entre os Montes Encantados, também conhecidos como os Vales Adormecidos, são permanentemente propriedade da Sociedade dos Magos, estabelecida sobre os montes no ano 180 antes da Data do Início. No milésimo décimo quarto Concílio dos Magos, dentro do tratado que defende a segurança destas terras, foi aprovada a punição àqueles que atravessarem as fronteiras que delimitam os Vales Adormecidos e, de acordo com essa lei, levarei a causa cometida pelos réus como crime contra a segurança do mesmo.

O mago fez uma pausa e respirou profundamente, como se lhe faltasse ar; então prosseguiu:

– Ressalto que é de suma importância que a decisão tomada aqui entre os presentes seja impelida pelos chamados da sabedoria, e não por meros impulsos do instinto. Agora – ele pigarreou –, peço aos réus que se apresentem.

Os dois prisioneiros ficaram mudos, os olhos quase saltando da órbita. Rheita não entendeu praticamente nada do que o mago falara; tudo o que captou daquelas palavras era que estavam decididamente encrencados, ou melhor, incriminados.

– Peço aos réus que se pronunciem – impacientou-se o mago.

Rheia engoliu em seco, resgatou uma gota de coragem e colocou-se de pé, as pernas trêmulas, e disse num fio de voz:

– Meu... meu nome é Rheita.

– Kiel, senhor...

– Rá! – guinchou um mago da plateia, transtornado. – Esses homens estrangeiros invadem nossas terras como animais sorrateiros! Não é o bastante terem tomado toda Lagoena? Constroem seus reinos e se espalham como parasitas! – acusou ele, apontando de modo frenético para as crianças.

– Por favor, peço silêncio, silêncio! – disse o Mago Superior. – Acalme-se, Alfranus! Não interrompa, vamos prosseguir com o julgamento... Então, eis que as Leis que constroem nossa sociedade são claras e devem ser seguidas; o crime é irrevogável. Isso significa que uma decisão punirá os infratores que violaram a área fronteira. A solução será tomada em conjunto com todos os magos presentes neste Concílio, e eu serei o mediador. Os que estiverem a favor dos invasores irem para a prisão vigiada sob a custódia dos duendes, levantem as mãos, por favor... E aqueles que estiverem de acordo em mandá-los para a Gruta

da Tortura, permaneçam como estão, isso, obrigado.

A menina lembrou-se das palavras do velho prisioneiro Ornel “...os magos são homens muito velhos e cruéis...”. O estômago pesou; o que seria pior que viver para sempre na Prisão dos Duendes? A Gruta da Tortura parecia significar algo muito mais assombroso. Os velhos magos decidiam, discutindo entre si; então, um a um foram levantando o braço, até que a maioria concordou com a Prisão dos Duendes. Os magos vencidos entreolhavam-se, murmuravam, sentiam-se traídos. Sem aceitar a derrota, a minoria causou uma enorme confusão. Trocaram insultos e acusações intermináveis.

– Peço ordem! Ordem! Ordem no Concílio! – trovejou a voz severa do Mago Superior. As pancadas do seu cajado ribombaram feito uma avalanche de pedras pelo grande salão. A discussão cessou imediatamente. – Respeitem este Concílio, senhores! A decisão foi tomada e não será revogada...

– Isso é um grave erro, Zagut! – interrompeu outro mago, levantando-se da banca. Os cabelos grisalhos manchados de mechas muito negras, a expressão dura. – Está cometendo um grave erro – insistiu, sua voz ecoando fria, olhar vidrado. – Tudo isso é insano, está comprometendo estas terras, Zagut, destruindo Lagoena por causa da sua negligência! Condene-os à Gruta da Tortura, condene-os à morte!

– Nenhuma decisão particular se interporá a causa alguma, Pontanus... – respondeu o Mago Superior com frieza, devolvendo-lhe um olhar furioso. – Não cabe somente a mim decidir o que deve ou não deve ser feito. A decisão individual foi abolida há quatro mil e trezentos anos, e você estava presente quando foi adotada. Portanto, é irrevogável...

– É uma lei inútil! – continuou Pontanus, desafiador – Protege os inimigos! Sim, os proteje! A palavra de um Mago Superior deve ser respeitada por si só; o velho regime garantia as nossas fronteiras, e teria expulsado toda a horda de bárbaros se não tivesse sido esquecida!

– O antigo regime era muito cruel, Pontanus – argumentou Zagut. – Ia contra a Ordem de Aura, feria Lagoena acumulando ainda mais o mal sobre ela...

– Eu temeria muito mais a Ira de Aura se continuasse pleiteando a favor dos inimigos, Zagut... – seu tom de voz tornou-se acusador. – Eu sei, Zagut... Eu sei que você está sujo desde a raiz dos seus cabelos brancos até as botas! Carrega sob elas a poeira dos outros mundos amaldiçoados! Você, Zagut, é o próprio Entre-mundos!

*Oooh!* Todos os magos presentes, atônitos, exaltaram-se perante a grave acusação.

– Basta, Pontanus! – retrucou o mago, visivelmente ofendido. Ele pareceu ainda maior, como se expandisse em todas as direções. – Suas acusações são descabidas! Suas palavras não têm qualquer fundamento! Controle-se ou será retirado do Concílio à força pela guarda!

Pontanus gargalhou, olhando com escárnio na direção dos duendes, e sentou-se, agitado. O Mago Superior se refez e retomou o discurso:

– Eu, como Mago Superior da Ordem Maior e Menor dos Magos, Chefe do Concílio dos Magos e Senhor Supremo da Corte Honorária da Magia, declaro que...

Naquele momento de tensão, houve um pequeno tumulto à porta. Jovir vinha aos tropeços, constrangido pelos olhares irritados dos magos, nada felizes com a interrupção da sessão. O duende subiu o púlpito, apressado, e entregou ao Mago Superior um velho pergaminho. Ele o examinou atento, escutando os sussurros apressados e preocupados de Jovir. Apertou os olhos numa fina fresta, a expressão escondida num semblante enigmático; todavia, deixou escapar uma faísca de surpresa no olhar. Guardou o pergaminho num bolso interno das vestes e pediu educadamente que o duende se retirasse. Em seguida, o mago encarou Rheita mais uma vez; ela sustentou o olhar por um segundo apenas. Por fim, ele continuou:

– Declaro os réus culpados e passíveis de cumprimento de pena perpétua na Prisão dos Duendes...

– Graças aos céus! Vocês estão vivos! – exclamou Ornel, quando os dois foram devolvidos à cela na Prisão dos Duendes. Rheita sentia-se extremamente cansada, faminta e desolada, enquanto era abraçada por Kiel.

Toda a aventura até ali tinha tomado proporções avassaladoras, que cresciam à medida que os dois garotos avançavam pelo caminho secreto sob os enigmas traçados pelo mapa. Agora, porém, o fim chegara cedo e inesperado. Rheita, vencida pelo cansaço, deixou o torpor do sono invadi-la, na esperança de se perder num mundo mais longínquo que aquele e acordar depois, com a sensação de ter vivido somente um pesadelo.

*TRÁ!* Rheita acordou com o coração quase saltando pela boca. Dormira tão profundamente, que não fazia ideia de quanto. Ao seu lado, Kiel despertou assustado. Distinguiram a sombra de um homem que se aproximou da cela deles e abriu a porta da grade. Acenou para as crianças, pedindo que o seguissem, ao mesmo tempo que fazia sinal para que ficassem quietos. Rheita e Kiel o obedeceram, e somente quando se aproximaram bastante dele perceberam, estupefatos, quem era. O Mago Superior escondia-se sob o capuz de sua capa verde e, pelo que parecia, viera ajudá-los a fugir da prisão. Ele subiu apressado a escada do outro lado do recinto, escoltando os dois, porém Rheita deu meia-volta. Kiel desesperou-se e correu ao seu encaixo.

– Ornel! Não podemos deixá-lo aqui! – disse ela, forçando as grades da cela do velho prisioneiro.

– Vá, menina, vá! – disse Ornel, resignado. – Logo os duendes estarão aqui! Fuja, fuja! Obrigado por se importar comigo, mas já estou velho, não perca seu tempo, vá!

Rheita despediu-se de Ornel com o coração partido. Kiel agarrou-lhe o braço e juntos seguiram o mago pelos corredores subterrâneos. O velho ia à frente, a capa esvoaçando entre seus tornozelos, o golpe do cajado ecoando pelo corredor. Os dois o seguíam, acompanhando a sua velocidade, que não chegava à de um homem moço. O mago evitava as curvas, preferindo seguir os corredores retos, que davam sempre para cima. Fatalmente, aconteceu o que Rheita e Kiel mais temiam: escutaram vários passos galgando o corredor atrás deles. Os duendes



tinham descoberto a sua fuga.

O mago seguia sem dizer nada e sem olhar para trás; somente subia, acenando para as crianças o acompanharem depressa, até que, finalmente, chegaram a um grande saçuão circular de pedra que pertencia a uma das Três Torres. Desta vez, o Mago Superior deixou as crianças avançarem na sua frente por uma escada espiralada, que subia eternamente. Quando alçaram metade da longa escada, ouviram gritos ecoando pela torre.

– Vejam, eles estão lá em cima! – gritou um duende.

– E quem é aquele? – perguntaram outras vozes. Um bando de duendes vinha no encaicho dos fugitivos.

– Não importa, vamos alcançá-los! – gritou alguém, pertencente a outro bando que surgira de um corredor subterrâneos e avançava pela escada.

O mago e as crianças precipitaram-se numa corrida frenética. Temendo ser pega e presa novamente, Rheita subiu rápido as escadas, seguida por Zagut, visivelmente cansado, mas determinado a prosseguir. Kiel já tinha se adiantado. Giraram em espirais, até ficarem tontos e se depararem com um alçapão redondo no teto alto. O mago o abriu, saltando para dentro; em seguida, as crianças o imitaram.

Rheita nunca tinha visto uma parede tão alta, abarrotada de livros. Seus olhos se perderam nas centenas de volumes encarapitados em prateleiras que cobriam toda a parede da sala do mago. Entre as colunas de livros, as janelas se abriam discretas, quase despercebidas em meio à biblioteca que se estendia às alturas.

O mago corria apressado, para lá e para cá, procurando alguma coisa que devia ser muito importante. Sentou-se numa cadeira de espaldar alto e escarafunchou uma mesa coberta por rolos de pergaminhos. Ele o consultou apressadamente e guardou um pequeno pedaço de papel amarelado num bolso interno de suas vestes, sob a capa verde. Correu até a lareira, cheia de cinzas que ainda aqueciam o local, pegou outro objeto sobre a prateleira e escondeu sob a capa. Então, algo o fez parar abruptamente. Encarava, desconfiado, sua própria imagem num grande espelho oval que pendia acima da lareira; seus lábios ficaram pálidos e murchos.

O mago pareceu diminuir aos poucos. Os olhos ficaram desfocados. Balançou a cabeça de um lado para o outro, num diálogo interno, e seus braços fizeram um gesto no ar, como se estivesse espantando algum inseto; o espelho estourou em mil pedacinhos, que se espalharam como fagulhas prateadas.

A menina achou que o velho era maluco. Sussurrava baixinho para si mesmo, o olhar perdido no buraco onde ficara o espelho, alheando-se da presença das crianças.

– Sabemos que estão aí! Não há outra saída, nós pegamos vocês! – ouviram, de repente.

O velho mago olhou ao redor, despertando do seu súbito devaneio. Subitamente, ele cresceu, ficou alto e temível.

– Precisamos sair daqui! – implorou Rheita, nervosa. – Eles nos encontraram!

O mago assentiu com a cabeça, os olhinhos negros faiscando algum mistério profundo. Erguendo as mãos, segurou o seu cajado e murmurou palavras estranhas, desconhecidas pelas crianças; a voz grave espalhou-se quase inaudível,

como um murmúrio reboando pelo ar. Podia-se sentir o toque delas. No mesmo instante, chamas alaranjadas, vermelhas e azuis irromperam da ponta do seu instrumento mágico, engolindo a sala numa lambida flamejante, queimando tudo o que havia pela frente.

Kiel soltou um grito desesperado:

– Rheita, ele é louco, vai nos matar!

Capítulo 14  
A renúncia de Zagut



Os duendes arrombaram a porta e invadiram a sala. A chama se espalhava pelas estantes, destruía livros, móveis, tapetes, tudo. O mago agarrou as crianças e as abraçou junto ao seu corpo. Murmurando outra palavra desconhecida, fez o tapete chamuscado sob seus pés levitar no ar abrasador. Sentados sobre o tapete encantado, este os levou até a extremidade do teto da sala e, como uma flecha muito rápida, atravessou uma das janelas para o meio da noite escura de Lagoena.

O ar frio cortava o rosto de Rheita, os cabelos soltos esvoaçando ao vento. Ela percebia, agora, o quanto a liberdade era algo valioso. Ao seu lado, o amigo compartilhava daquele sentimento de alívio, e entre os dois pairava a mesma pergunta: por que o mago que os condenara à prisão perpétua os libertara?

Ele continuava em pleno silêncio, sentado à frente, comandando tranquilamente o tapete mágico em ordens mudas para que voasse mais alto. Distanciavam-se das Três Torres; de longe, podiam ver o incêndio numa delas.

A menina nunca tinha visto um céu como aquele, um relicário colossal. À sua esquerda, próximo ao horizonte, algumas estrelas brilhavam discretamente, formando um desenho distinto no céu. Rheita reparou bem na forma sinuosa,

familiar, que lembrava um “S”.

O tapete fez uma curva abrupta; seus passageiros se agarraram às beiradas para não cair, a milhas do chão. A viagem não durou mais que umas poucas horas; o céu no horizonte distante tingia-se numa linha muito fina de um tom rosado.

Aterrissaram sobre o tapete na pequena clareira de um bosque. O velho mago examinou o local em silêncio, na penumbra. Ao se convencer de que estavam em segurança, abaixou-se com dificuldade para colher gravetos. Assim que Rheita e Kiel notaram o esforço do velho homem, correram para ajudá-lo a aprontar a fogueira.

Do interior das vestes, ele tirou um cachimbo de cabo curto e erva e se juntou às crianças perto do fogo, para se aquecer. Depois, ofereceu a elas um pedaço de pão e um odre cheio de uma bebida doce e agradável, com aroma de mel. Aceitaram famintas, dividiram a refeição sem se preocupar com os bons modos. Enquanto comia, Rheita, curiosa, contemplava de esguelha o velho mago curvado, a fumaça espiralando do seu cachimbo aceso. Tinha o semblante pensativo e sério.

– Ah... eh... Senhor, por que nos... nos ajudou a fugir? – Rheita perguntou com a boca cheia.

O mago a encarou silencioso, estreitando os olhos perspicazes, como se quisesse ler seus pensamentos; depois observou por um segundo sua mão enluvada e tornou a contemplar o fogo. Então respondeu, a voz grave soando um tanto fraca:

– As respostas são muitas para essa simples questão, cara criança, mas posso dizer que a necessidade é uma delas, e a liberdade também.

As crianças se entreolharam. Rheita abocanhara mais um pedaço de pão e falou outra vez:

– Mas o senhor não vai poder voltar para lá... Agora, todos já sabem que foi o senhor quem nos libertou...

– Sim, e certamente não voltarei – respondeu o velho, tranquilo, virando-se para as crianças. – Não farei muita falta... Julgo que este era o momento certo para ir embora. Esperei por longos anos, mas a insegurança me tomou totalmente... Ah... Foi uma fase difícil, sabem... Estou muito, muito velho e cansado. – Ele ofegou, perdendo-se em algum pensamento. De repente, pareceu menor e ainda mais idoso. – Porém, estava sendo perigoso ficar, era arriscado e insensato; então, vi a oportunidade aparecer e agarrei-a no mesmo instante, por isso fugi e os libertei...

– Mas... Mas, se o senhor poderia ter ido sozinho e nos deixado lá, por que nos trouxe junto? – insistiu Rheita, vendo um mistério crescente encher os olhos do mago.

– Por favor, me chame somente de Zagut, minha jovem – disse ele, manso. – E eu já disse, os motivos são vários, mas há algo muito mais urgente que gostaria de saber neste momento, e creio que vocês dois poderão me responder.

Ele tirou um pergaminho dos bolsos de suas vestes e mostrou às crianças, que exclamaram ao mesmo tempo:

– O mapa!

Rheita fez menção de pegá-lo, mas o mago o devolveu rapidamente ao bolso.

– O senhor encontrou o mapa! Por favor, Zagut, nos devolva... Ele é muito importante para nós...

– Presumi isso horas atrás – disse o mago, ignorando o pedido de Rheita e perscrutando as crianças com seu olhar avaliativo, as sobancelhas contraindo-se numa linha preocupada. – Jovir entregou-me o mapa no Concílio e fez mais uma grave acusação contra vocês: chamou-os de ladrões. No entanto, naquele momento, não o levei em consideração. Eu tinha minhas próprias convicções bem formuladas; qualquer pequeno erro, mínimo que fosse, a teia do destino ter-se-ia rompido, e tudo poderia ser completamente diferente... E nós não estaríamos aqui. – Fez uma pausa, então continuou. – O Mapa Mágico é um tesouro de singular raridade, e foi perdido... Na verdade, roubado há trezentos anos.

As crianças o ouviam boquiabertas.

– Estava em poder dos duendes. No entanto, por um lamentável infortúnio do destino, ele sumiu sem deixar rastros... Os duendes são um povo leal, cumpririam a tarefa de proteger o Mapa Mágico até que restasse somente um que desse a vida por ele. Nunca, ninguém, nenhum estranho havia ousado se aproximar do mapa: se quisessem roubá-lo, o pergaminho desapareceria, ou, se tentassem destruí-lo, ele se deterioraria e nunca revelaria seu segredo, a não ser ao seu verdadeiro portador. No entanto, nesta noite, ele retornou a nós. E o que temos aqui é somente metade dele, totalmente íntegro, num estado que somente me leva a crer que O Mapa Mágico sumiu quando ousaram tirá-lo da proteção dos duendes e reapareceu em outro lugar. Foi rasgado por algum ser anônimo e bom, sem o desejo de destruí-lo, pois ele não se desfez. Mas isso nunca seria possível aqui, não nestas terras, não em Lagoena...

Rheita e Kiel engoliram em seco. Tudo o que Zagut havia dito sobre o Mapa Mágico fazia sentido, e ele suspeitava que eles haviam encontrado o mapa e seguido as suas pistas até ali.

– Foi muito perigoso o que fizeram, meus jovens – repreendeu Zagut com voz grave, num tom de trovão. Ele se tornou grande como horas antes no Concílio. – Viajar entre os mundos é tão arriscado quanto pular de um precipício sem fim; vários morreram de loucura tentando! E vocês se arriscaram diversas vezes em Lagoena; por sorte, o Mapa Mágico os livrou do pesadelo mortal das Árvores do Sono... Ele os trouxe até aqui, deixou-se ler e desvendar, e permitiu que a Grande Porta para esse mundo fosse aberta.

Ele diminuiu, tornando a parecer apenas um homem velho.

– Sinto que há algo para acontecer, vi em sonhos confusos uma luz.. Uma luz que crescia no horizonte e era apagada por uma ameaça que surgia sorrateira. Existe um mal crescendo nas sombras que não consigo desvendar... Digam-me, crianças, como encontraram o Mapa Mágico e onde está a outra metade dele? – perguntou, angustiado.

Rheita decidiu contar toda verdade a Zagut: tudo sobre o mapa e a outra parte perdida. Narrou com o maior número de detalhes possíveis os fatos estranhos que vinham acontecendo nos dias anteriores, ao encontrar a passagem secreta para Lagoena. Uma lágrima escorreu pelo rosto da menina ao confessar que talvez, se

conseguisse encontrar as Chaves, poderia enfim conhecer o pai, o responsável por ter rasgado o mapa ao meio e dado a outra metade aos criminosos.

Zagut escutara o relato de Rheita com paciência e atenção, pontuando com a cabeça.

– Minhas suspeitas se confirmaram – disse ele, quebrando o silêncio. – As Sete Chaves, o tesouro que o Mapa Mágico esconde, estão ameaçadas novamente... Sabem o que eu estou dizendo, crianças? – Elas balançaram a cabeça negativamente. – Oh! Era o que eu temia! Podem... Podem me descrever como era esse homem, o que era tratado como Majestade?

– Não gosto muito de falar sobre ele – confessou Rheita, invadida por um frio na espinha. – Quando eu o vi pela primeira vez, foi como se meu coração congelasse...

– Conte-me mais... Esse homem tinha alguma cicatriz?

– Oh! – exclamou Rheita surpresa. – Tinha, sim! Havia uma feia cicatriz no rosto!

– Então, é ele! É Zhetafar! – exclamou o mago, pasmado, levando as mãos brancas ao peito.

– Zhe-Zhetafar? – repetiu Kiel, incrédulo. – Co-como assim?

– Não estou entendendo... Você conhece esse nome, Kiel?

– Rheita, vo-você nunca o-ouviu a lenda? – disse ele, chocado, pois a história sobre Zhetafar, O Imperador do Caos, era tradicional em todo o Reino do Vinagre.

– Existe uma lenda sobre esse tal Zhetafar?

– Sim, menina, existe – respondeu Zagut, vendo a confusão no semblante de Rheita. – Seria muito mais sábio se o homem não cultivasse lembranças que se enraizaram no mal. Todavia, Zhetafar manteve seu famigerado renome, mesmo depois de seu império ter entrado em decadência e de ele próprio ter encontrado o resto dos seus dias em terrível agonia. A maldição que consome sua vida nunca o encontrará em descanso até que se cumpra...

– Então, o homem que queria o mapa era um imperador amaldiçoado? É por isso que ele tanto quer as Sete Chaves?

– É impossível, e-ele mo-morreu há séculos! – disse Kiel. – E ta-talvez nunca te-tenha existido... É só uma le-lenda...

– Zhetafar existiu e continua vivendo uma vida, meu jovem, uma semivida amaldiçoada – explicou Zagut, com paciência. – O passado dele é sombrio. Se você conhece bem a lenda, deve saber o que ele fez.. O corpo do imperador ainda perdura no tempo, mas a alma está doente, apodrecida, acorrentada pelo ódio. Zhetafar foi um homem poderoso, teve tudo o que desejou; no entanto, sua ambição crescia incontrolável, sem conseguir ser saciada. Assim, ele mesmo condenou a própria vida a um destino de sofrimento, consolado somente pela solidão, até que seus dias terminassem... Ele escapou do cárcere e, de alguma forma, localizou o Mapa Mágico, obstinando-se a recuperar as Sete Chaves...

– Zagut, por que Zhetafar quer tanto essas chaves? – indagou Rheita.

– Por um motivo bastante óbvio, menina: as Sete Chaves são mágicas. Elas abrem o Portal dos Desejos, que concede um pedido àquele que reuni-las. Zhetafar já as possuiu uma vez e fez coisas terríveis que não ousou repetir em

palavras, trazendo a desgraça para a vida de pessoas inocentes, tornando-as escravas de seus caprichos cruéis...

Diante da confusão estampada no rosto de Rheita, Zagut prosseguiu:

– É um mistério perdido, a história é antiga e rara, dos tempos de grandes reis que outrora habitaram estas terras. Peço que prestem atenção, crianças, pois só irei contá-la uma única vez..

## Capítulo 15

### Três tesouros perdidos



As Sete Chaves são um dos Três Tesouros Perdidos de Lagoena, tesouros preciosos dotados de uma magia antiga que nenhum outro ser foi capaz de desvendar. Nem mesmo o mais sábio dentre os sábios ousou esboçar uma arte semelhante, tamanha a complexidade dos poderes que os envolviam... Reza a lenda que os Três Tesouros foram presentes dados por três magos, vindos das bordas do Mundo Distante, ao primeiro herdeiro de Lagoena, no dia de seu nascimento, e neles concentraram seus melhores conhecimentos.

“Dizem que vieram de muito além, guiados por uma estrela cadente; atravessaram terras e mares por dias incansáveis. Quando encontraram o pequeno reizinho, já no começo do anoitecer do primeiro dia de sua vida, prestaram-lhe homenagens, cada qual com um presente mágico.

Snellus foi o primeiro mago a oferecer seu presente: o Desejo, que concedia um único pedido por vez no Portal dos Desejos. No entanto, para ter o pedido realizado era preciso possuir as Sete Chaves. Todas reunidas abriam um portal que atendia a qualquer pedido, do mais profundo segredo do coração até o desejo mais simplório, do mais honesto até o mais perverso... Cabia a quem fizesse o pedido julgar seus motivos e seu próprio destino, tendo a consciência de que,



depois, o destino viria cobrar pela escolha feita...

Em seguida, outro mago chamado Sinus ofereceu, todo vaidoso, a Sorte. Presente este no qual letras sedutoras corriam num livro vidente: instrumento raro, único, de magia notória, podia-se ler a sorte futura, porém o tesouro traiçoeiro acorrentou muitas almas entre suas próprias páginas...

O último presente dado pelo terceiro mago, Riccius, foi o Segredo. Creio ser este o mais importante dos Três Tesouros e o mais singelo... Ele revela o local em que todos os mundos se encontram, a verdadeira fonte dos mundos, onde tudo é único. Para minha grande tristeza, esse Segredo foi perdido e completamente esquecido há tempos, sumindo no rastro das eras, sem vestígios...

Kiel ficou boquiaberto, sem saber o que dizer. Então, Rheita perguntou, pensativa:

– O senhor tem certeza de que todos estão realmente perdidos?

– Sim, sim, não restou nada deles... Eu mesmo dediquei mais da metade da minha vida a essa tarefa: arrisquei-me em mundos estranhos, isolei-me na obsessão de encontrar os Três Tesouros Perdidos, até finalmente compreender que nada poderia fazer, a não ser esperar e confiar que os tesouros retornassem sozinhos pelas mãos do destino. Durante esse período estive totalmente cego pelo desejo de encontrá-los. Fui orgulhoso e egoísta quando não convinha, meus pés atolaram-se num charco cercado por inimigos... Hoje pago na mesma moeda que ofereci; mesmo assim, estou sendo bastante covarde. Vou embora, preciso me esconder por um bom tempo, apagar meus rastros... Lagoena se tornou uma terra traiçoeira, cheia de armadilhas; criaturas estranhas e vingativas espereitam nas sombras, esperando uma vítima.

Zagut continuou revelando que outrora, num passado longínquo, Lagoena fora uma terra herdada por reis de corações nobres e imaculados. Pura como todos os seres que a habitavam, era filha das Lágrimas de Aura, deusa que deu sua imortalidade para semear a vida no ventre das terras vindas das centelhas do Nada. O que outrora fora uma terra abençoada, agora era assolada pela discórdia desde a Guerra dos Quatro, durante a qual os reis guerreavam entre si, disputando a posse dos Três Tesouros, pois um deles, conhecido como Heuler, o Curioso, abriu a Fonte, o segredo que ligava os mundos. Lagoena foi invadida por demônios e seres inferiores de outros mundos. A Guerra durou quinhentos dias e quinhentas noites sem cessar, manchou os Campos Pálidos de sangue e desonra; a Ordem de Aura foi contrariada e expulsou todos os herdeiros e descendentes do trono de sua Terra Secreta.

Lagoena tornou-se perigosa; por eras foi totalmente inóspita. Os reis e seu povo ficaram somente na lembrança, restando algumas boas criaturas para contar o que viveram; estas, no entanto, aos poucos se isolaram, temendo o pior. O Mal entrou por essas terras por alguma fresta, carregando segredos malignos e seres estranhos. Lagoena tornou-se um grande imã, pois quando a Guerra dos Quatro feriu este mundo, os Três Tesouros sumiram, o Segredo foi perdido para sempre e a Fonte continuou aberta, sem nunca ter sido localizada.

– Então – disse Rheita, tentando tirar alguma conclusão –, Zhetafar só achou as chaves porque elas se perderam de Lagoena e apareceram em nosso mundo?

– Exatamente. É um fato incomum o que aconteceu, pois as Sete Chaves poderiam ter se espalhado por vários mundos afora no vasto universo. No entanto, elas apareceram no mesmo lugar, e somente uma pessoa as encontrou... Provavelmente Zhetafar, que veio a ser um temível imperador, não percebeu de imediato para que serviriam, mas seus instintos eram aguçados demais e ele logo descobriu o proveito que poderia tirar de um tesouro tão poderoso...

– E e-ele fez um pe-pedido – completou Kiel, acompanhando o raciocínio.

– Sim, ele fez... Reuniu as Sete Chaves, fez seu pedido, e o Portal dos Desejos o concedeu, tornando-o realidade.

– E o que ele pediu? – perguntou Rheita, curiosa.

– Zhetafar ansiava por algo que era e ainda é a grande fraqueza humana, pequena Rheita – disse o mago, pronunciando seu nome pela primeira vez. – Ele queria, desejava intimamente o Poder, mas seu coração não era honesto o suficiente para compartilhar seu desejo no Bem. Ele o usou para fazer mal às pessoas, perseguiu-las, matá-las, subjugá-las ao seu império construído sobre o sofrimento humano. As Sete Chaves lhe deram confiança para continuar, pois ele acreditava que era imbatível.

Explicou que nunca um dos Três Tesouros criados pelos Primeiros Magos fora usado de maneira contrária à qual se destinavam. Zhetafar, cego por sua ambição, achou que o tesouro tinha sido feito para ele e o transformara em um ser imortal. Entretanto, sua vida se estendia não porque as Sete Chaves tinham lhe conferido poderes para tal, mas porque se tornara amaldiçoada. A maldição o aprisionaria, roendo seus ossos aos poucos, torturando-o, até que ele mesmo desejasse a própria morte sem a obter, pois, em muitos casos, a morte é um alívio e consolo no desespero. Apesar do imperador ter usado as Chaves que foram perdidas de sua verdadeira terra, ele estava totalmente ligado pelas forças que unem Lagoena a outros mundos, e a Ordem de Aura influenciou todo o seu destino, tomando o Poder de suas mãos, condenando-o.

– Pois a Ordem diz o seguinte – o mago pigarreou e recitou: – *“Nunca deseje o que por destino não pode ter. Tal desejo infecta a alma e traz consequências que o futuro não pode prever.”* Tudo o que pertence a Lagoena, tudo que fez parte dela obedece a essa lei; nada escapa dela, nada. Zhetafar desejou o que não poderia ter e condenou a própria vida. E Aura, a Deusa das Lágrimas Abençoadas, mesmo adormecida em seu sono eterno, no castelo de cristal no fundo do Mar Imenso, governa o destino. A Ordem tem de ser obedecida, do contrário o caos reinará para sempre em Lagoena.

– Oh! Então, Zhetafar quer as Sete Chaves para desfazer a maldição, é isso, Zagut? – concluiu Rheita.

– E ele po-pode fazer outro pe-pedido? – perguntou Kiel.

– A maldição é um fardo que Zhetafar tenta tirar dos ombros e, sim, presumo que seja possível tal feito, meu caro Kiel... – respondeu o mago, encarando-o gravemente. – Já que o Portal dos Desejos realiza apenas um desejo por vez a quem o possuir, creio que, se as Chaves forem reunidas por ele novamente, poderão oferecer um pedido realizável. Zhetafar quer anular a maldição que o condenou a mil anos de espera antes que seu coração pare de bater e seque como pedra, e a morte finalmente o leve para suas cavernas escuras...

– Zagut, ele nunca vai conseguir anular a maldição. Zhetafar não sabe como chegar aqui – afirmou Rheita.

– E-ele só tem a o-outra parte do-do mapa! – lembrou Kiel, concordando.

– Não importa onde ele estiver, ele virá, encontrará um meio... – disse o mago, preocupado. – Lagoena o atrairá, a Fonte está aberta, Zhetafar não terá nenhuma barreira que o faça desistir. Há forças ocultas que o levarão ao seu encaixe, meus jovens, as pistas ficarão muito fáceis. Lagoena não é mais segura... A luta agora é contra o tempo: as Sete Chaves devem ser encontradas imediatamente e tiradas do alcance de Zhetafar, pois ele possui a metade do mapa e, mesmo não podendo lê-lo, seus instintos apurados o guiarão. O maior inimigo dele é a maldição que recaiu sobre sua vida. Não acredito que o Portal dos Desejos sobreviverá depois da carga amaldiçoada que lançou. Portanto, vocês dois só têm *sete dias* a partir de agora, antes do último pôr do sol, quando a maldição do imperador se cumprirá, para encontrar as Sete Chaves, reuni-las e fazer o último pedido. Do contrário, não restará nada a fazer, pois desse grande tesouro só restará o pó, e o Mal que consumiu o Portal dos Desejos se libertará, reduzindo esta terra em fogo. E há somente uma maneira de anulá-lo e evitar esse terrível fim: o segredo é fazer apenas um pedido verdadeiro, que venha de um coração puro...

– Então, é isso que temos realmente de fazer? Reunir as Sete Chaves para pedir um desejo? – inquiriu Rheita.

– Isso, minha cara, o pedido mais sincero que vier do coração.

A menina ficou pensativa.

– Agora, eu senti falta de uma pergunta... – continuou ele, mirando o céu, que começava a ganhar algumas manchas de um tom rosado mais claro. – Espere! que me perguntassem como foi que Zhetafar perdeu o poder... – Ele abasteceu seu cachimbo com mais erva.

– É co-cómo a lenda? – indagou Kiel. – Fo-foi um guardião... u-um guardião que de-derrotou Zhetafar...

– Seu povo tem uma boa memória, meu jovem... – elogiou o mago. – Conte-me mais, o Guardião tinha algo, alguma insígnia gravada na mão?

Rheita se perguntava o que Zagut estava tentando dizer...

– Ah... Sim, ti-tinha... Ouvi di-dizer que era u-um “S”, ma-mas ninguém sabe o que si-significa... – explicou o menino.

– Ah, pena não se lembrarem desse detalhe importante e tão belo, pois o “S” do Guardião está marcado além da carne. Sua verdade vem da alma, traz em tudo uma grande história de coragem, de tempos antigos... – disse Zagut, em tom de mistério. – É o dom que se transporta pelas eras, o único ser vivente que nos habita, nos guia! O Guardião, ser dotado de bravura, perseverança e bondade, era guiado pela tarefa de cuidar e proteger os Tesouros de Lagoena dos perigos mais inimagináveis... Todavia, depois da Guerra dos Quatro, eu pensei que todos tivessem sido extintos, perdidos para sempre. Então, mais tarde surgiram rumores de que um Guardião havia retornado e partido para muito longe, além das fronteiras deste mundo, e lá derrotou um cruel imperador. Trouxe consigo as Sete Chaves e as escondeu para que ninguém as encontrasse. Um grande mestre mágico o ajudou a construir o caminho das Chaves e o mapa encantado. Assim,

o primeiro tesouro retornou para sua verdadeira terra. O jovem Guardião ganhou uma bela homenagem: uma estrela nasceu para anunciar a todos os feitos que tinham sido cumpridos. Foi um dia de inteira comoção em Lagoena. Vejam, vejam o céu! – ele apontou para o alto. – Os mistérios estão todos escritos nas estrelas; a verdade se esconde em seu brilho. – O mago levantou-se com dificuldade. Ele encarou Rheita com ternura e apontou para uma pequena constelação. O olhar da menina o seguiu. – Aquela é a Constelação do Guardião!

Rheita deu um salto, o coração aos pulos. Kiel intrigou-se com sua reação. Ela viu, ainda no céu do início da manhã, o “S” ladrilhado de pequenos diamantes azuis, e, apesar de estar clareando, as estrelas brilhavam como se fosse uma noite demasiado escura.

– *Sapientia, Sensum e Sagacitas*, na língua-mãe de Aura – pontuou o mago, abrangendo o céu com as mãos. – Conhecidas por nós como *Sabedoria, Sensibilidade e Sagacidade*: as maiores qualidades que regem o destino de um Guardião; são os verdadeiros significados do “S” e julgo que você, pequena Rheita, se não as cultivasse no coração, nunca teria desvendado os segredos do Mapa Mágico e chegado até aqui, na Terra Secreta de Aura... O futuro lançou essa bela surpresa no firmamento... Você pertence a esse Legado, está no seu destino, foi guiada pelo seu coração... Você é uma Guardiã, menina... A Pequena Guardiã...

Todas as palavras escaparam da boca de Rheita. Sua mente foi bombardeada por cenas: a visita da mulher estrelada, o ajudante mentiroso, o mapa, a carta do pai desaparecido, o imperador amaldiçoado e o segredo... Seus olhos marejaram, ela segurou as lágrimas. Trancado em seu costumeiro silêncio, o mago a observava, algumas rugas espremendo-se numa linha preocupada, enquanto uma centelha de alegria faiscava no olhar. Kiel fez algo inusitado: pegou a mão enluvada de Rheita, observou-a por um instante, entre a dúvida e a surpresa; então, tirou a luva e a jogou no fogo, admirando a insígnia marcada na palma da mão alva da menina.

– Todos de-devem sa-saber quem vo-você é...! – disse ele, sorrindo. – Isso é incrédito-ditável! – exclamou.

– Seu amigo falou como um grande sábio, pequena Rheita... – disse Zagut, com brandura. – A verdade tem sempre de ser mostrada, para silenciar os tolos... Se o tempo ainda não revelou esse mistério era porque não era o momento propício, não estava pronta... Confesso que, por um instante, duvidei que fosse verdade... Que você talvez não fosse uma Guardiã, pois você é muito jovem. Enquanto todos os outros já tinham alcançado a maturidade para cumprir sua missão, você ainda está na tenra flor da idade... Contudo, a Senhora dos Presságios nunca faz uma visita por acaso e nem tão cedo. Creio que isso significa pressa... O tempo é curto em demasia, e o caminho é longo. É uma grande honra tê-la conhecido. – O mago tirou o chapéu e fez uma reverência. – Saberá guiar-se pelos caminhos certos; basta ouvir a voz mais profunda da alma e reconhecer a *Sabedoria* para entender as verdadeiras escolhas, a *Sensibilidade* para adestrar os instintos e a *Sagacidade* para saber agir em situações inesperadas. Tome, isto lhe pertence.

Ele lhe entregou um rolinho amarelado, o Mapa Mágico.

– Deixe o mapa guiá-los até quanto possa revelar seus segredos. Tome este

outro pergaminho também, feito das ramagens da antiga e extinta Floresta Dourada, fique com ele; saberá usá-lo no momento oportuno. – Zagut deu então a Rheita um pedaço de pergaminho virgem, que a intrigou.

– Guarde-o, não o perca. E você – virou-se para Kiel –, saiba que é muito corajoso, mais do que imagina ser. Fique com isso, é um presente, eu mesmo fiz – disse, orgulhoso, dando ao menino um saquinho de couro puido, com uma corda para pendurá-lo ao pescoço.

– E pa-para que se-serve? – inquiriu Kiel, examinando seu presente com certo desapontamento.

– É pouco sábio julgar as coisas pela aparência, meu jovem... – repreendeu o mago; a voz, mesmo branda, parecia um trovão ribombando a milhas de distância. – Este presente vai ser muito útil no futuro: é só tocar o saquinho e imaginar algo, que ele reproduzirá o objeto dentro dele, desde que caiba em seu interior, do contrário ele explode. Saiba usar a imaginação! – alertou o mago, apressando-se para partir.

– Zagut, para onde está indo? Não, Zagut, não vá embora! – pediu Rheita. – Venha conosco!

– Ah... Criança, entenda, essa tarefa terá de se cumprir sem mim. Além disso, não estará sozinha; seu amigo é verdadeiro e um fiel companheiro, sei que juntos conseguirão encontrar as Sete Chaves. Mas, cuidado com o pedido que escolher; o Portal dos Desejos pertence a Lagoena, e o destino nesta terra é regido pela Ordem de Aura. Lembre-se *“Nunca deseje o que por destino não pode ter. Tal desejo infecta a alma a traz consequências que o futuro não pode prever...”* Agora, sigam; os sete dias irão esvaír-se tão rápido quanto grãos de areia escorrendo apressados dentro de uma ampulheta. E você, pequena Rheita, saiba agora que sua vida está ligada ao mapa... Adeus!

Gratos, os dois garotos despediram-se do velho mago com um forte abraço; ele retribuiu sem parecer tão grande e temível. Rheita guardou a lembrança dos olhinhos negros e misteriosos de Zagut. Para ela, o Concílio dos Magos parecia ter sido há uma eternidade; quem diria que o medo que sentira ao vê-lo pela primeira vez se transformaria em tamanha gratidão?

Ela e Kiel acenaram, dizendo adeus, ao ver Zagut se equilibrar sobre o tapete mágico, traçando espirais no ar, até ganhar altura. Ele acenou de volta, até que se tornasse somente um pontinho no céu, e os dois logo começaram a se perguntar quando o veriam novamente.

Capítulo 16  
A prisioneira do lago



Rheita ficou um bom tempo esquadrinhando o céu, na esperança de que o mago retornasse. Passados vários minutos, compreendeu que deveriam seguir o caminho sem ele, e isso a envolveu como um luto, uma perda irreparável.

Kiel, distraído, examinava seu presente com curiosidade, procurando frustrado alguma coisa dentro dele. A menina sentiu o Mapa Mágico dentro do seu bolso e o pergaminho totalmente liso, sem letra ou desenho. Afinal, para que Zagut lhe entregara um pergaminho em branco? Isso martelaria na sua cabeça por bastante tempo, uma incógnita sem resposta.

O repentino sono os assaltou; a noite da fuga fora exaustiva, porém eles preferiram avançar um pouco mais entre aquelas árvores esguias e dispersas. O ar da manhã naquela planície soprava cálido. Após comerem morangos selvagens colhidos na vegetação rasteira próxima a um riacho, cederam ao descanso.

Entre divagações, Rheita voltou à realidade. Abrindo o pergaminho, viu os seus passos descritos em todo o trajeto feito até ali, desde o Campo Sem Fim, passando pelos vales das Árvores do Sono, e agora numa planície vasta. O queixo de Rheita caiu ao perceber que sobre a principal das Três Torres surgira uma

rosa dos ventos, igual à do Salão Redondo em que os magos se reuniram.

E de repente a seta, semelhante a uma flecha em miniatura, começou a girar, dando voltas rápidas até que parou. Indicava uma nova direção: o norte, enquanto um novo enigma florescia no mapa, como se gotas de tinta saíssem da superfície. Os dois garotos juntaram-se para ler.

*“O trajeto estreito chama ao norte, cuidado àqueles que querem pressa, senão o caminho que atravessa será aquele que já não é mais. Dentro do túnel sempre haverá o perigo; se for esperto ouvirá o que digo, e tomará a Primeira Chave de uma só vez!”*

Eles se entreolharam, e Rheita disse:

– Não é só um enigma... É uma pista. – Fez uma pausa e concluiu, pensativa: – Devemos seguir sempre para o norte, sem desviar da direção, seguindo a bússola, e rápidos! Acho que o mapa pode desistir de ter sido tão bom... E depois do túnel, encontraremos...

– A Pri-primeira Chave! – completou Kiel, animado.

Eles logo se puseram a seguir a pista do mapa. Rheita tomava cuidado para não tropeçar nas pedras que surgiam pontilhando a vereda; outras vezes teve de abaixar a cabeça para não bater em nenhum galho de árvore mais baixo. Foi assim que percebeu a floresta fechar o caminho vagarosamente. As árvores esguias e altas nasciam umas muito próximas das outras, entrelaçando os galhos num abraço. Com a dificuldade crescente, Rheita e Kiel forçaram a passagem, desfazendo a teia de galhos e quebrando os mais frágeis. A seta da bússola ainda apontava para o norte, sem nenhum vestígio de túnel à frente.

O céu aparecia em retalhos azul-turquesa; a vegetação engolia as crianças num labirinto. A mata adensou-se consideravelmente, cercando-os; o ar começava a lhes faltar; todas as árvores se movimentavam ao seu redor, confundindo-se, até tudo ficar escuro.

Eles se chocaram num grande trambolhão, cegos por um breu intenso. Devagar, suas vistas acostumaram-se, esquadrinhando o local. Rheita apertou várias vezes os olhos, mal descobrira que estava dentro de um túnel ladeado por árvores muito juntas, quando algo lhe agarrou os pés e a arrastou.

– Rheita, cuidado! – gritou Kiel, puxando a amiga pelos punhos. Galhos haviam avançado sorrateiros pelo túnel e a pegaram desprevenida. O garoto tentou rompê-los e soltá-los dos tornozelos de Rheita, em vão.

– Kiel, me ajude, me ajude! Socorro! – Ela se debatia, tentando se agarrar às mãos escorregadias do amigo. – Use o saquinho, o saquinho encantado de Zagut! – gritou desesperada.

Kiel, relutante, soltou uma de suas mãos e pegou o saquinho. Imediatamente, apertou os olhos, pensando, imaginando, desejando mais que tudo ajudar a amiga em apuros. Logo, alguma coisa se formou dentro do saco, do qual retirou um pequeno canivete afiado. Exclamou:

– Funciona de verdade! – Rápido, cortou os galhos que amarravam os tornozelos da amiga; eles recuaram, reproduzindo um estalido estranho como um gemido de dor, e sumiram na floresta.

– O-obrigada – ofegou Rheita, massageando as pernas doloridas e verificando os feios arranhões.

– Fo-foi por po-pouco! Escapamos ma-mais uma ve-vez! – Kiel voltou ao seu tom normal. Ele sorriu, aliviado, pendurou o saquinho ao pescoço e se virou, medindo o comprimento do túnel formado por enormes árvores de troncos grossos como pilares. Debruçadas, formavam um arco, o teto coberto pelas copas espessas, as heras em véus balançando suaves ao vento. No final do túnel podia-se ver um pequeno facho de luz, um pontinho branco e denso. O ar que vinha do outro lado era frio e trazia uma bruma baixa que se espalhava pela superfície.

Rheita consultou o Mapa Mágico assim que parou de tremer. Alegrou-se ao notar o túnel surgido no mapa: a Primeira Chave estava muito próxima. Ela voltou a guardar o mapa no bolso do vestido e avançou dois passos, parando no seguinte. Deteve o amigo, que olhou para ela intrigado.

– A luz... sumiu! – Rheita apontou para o fundo do túnel, franzindo o cenho, desconfiada.

Kiel recuou, hesitante, mas nada aconteceu durante os minutos seguintes. Continuaram, acreditando que o pior já havia passado. Cobriram uma grande distância, sem saber se estavam perto ou longe do outro lado, até que o ponto branco apareceu novamente, desta vez um pouco maior. Os dois estacaram, observando de longe a luz que, tão de repente como surgiu, desapareceu. Rheita e Kiel deram alguns passos hesitantes, e o ponto tornou a aparecer, com o dobro do tamanho, mas ainda mantendo distância deles. Rheita percebeu que não era um ponto de luz, mas algo tão branco que refulgia entre as sombras do túnel. Sumiu novamente entre uma brecha nas árvores, deixando um rastro alvo no ar. Eles esperaram por mais uns minutos para renovar a confiança e prosseguir. Então, o ponto retornou, ganhando alguns centímetros a mais.

– Será que é um pássaro? – sugeriu Rheita.

– Não fa-faço a mínima i-ideia... – Kiel roía as unhas com ferocidade.

Quase tiveram um ataque cardíaco quando o ponto reapareceu, muito mais próximo a eles, observando-os com os olhinhos vermelhos de felino. Um pequeno gato branco estava parado a uma boa distância. Rheita achou a criatura graciosa; no entanto, ela rosnou e desapareceu, para depois surgir com o dobro do tamanho. Os dois viajantes arregalaram os olhos: o animal, agora com o tamanho de um cão de caça, aproximou-se alguns metros, tornando a sumir entre as árvores do túnel. O felino reapareceu num salto, o corpo semelhante ao de um tigre robusto, a pelagem branca eriçada, rosnando entre os dentes afiados, os caninos longos como sabres, os olhos vermelhos vidrados nas crianças, que prenderam a respiração. Desapareceu mais uma vez e voltou, sem dar a oportunidade de Rheita e Kiel avançarem somente um passo.

Maior que as crianças, sua cabeça pairava sobre as delas, os bigodes compridos caíam em grossas cordas alvas, as unhas afiadas encravadas na terra. Rosnou, furioso, e eles não ousaram se mexer. Sentiram o bafó quente do bicho em suas nuças, enojados com o cheiro de carne podre impregnado entre seus dentes. O gato os rondava, como se quisesse se divertir com a comida. O tempo parecia alongar-se nessa tortura; ele examinava qual dos dois deveria abocanhar primeiro: a menina pálida ou o menino magricelo – ambos quase não tinham carne.



Mesmo apavorado e com as mãos trêmulas, Kiel pegou sorratamente seu saquinho e mentalizou. Um pequeno volume surgiu no interior do saco, dando finos guinchos assustados. Retirou de dentro dele um camundongo gorducho, que agarrou pela cauda e mostrou ao felino. Este ficou hipnotizado, sua língua lambeu os beijos finos. Era esse o momento certo – e o menino soltou o rato que, suficientemente desesperado, desembestou para fora do túnel. “Corre!”, berrou Kiel, quando o bichano saiu no encaço de sua nova e succulenta presa.

Exaustos, eles alcançaram o final do túnel, os corações batendo descompassados entre as costelas. Felizes, tiveram a certeza do quanto era útil o saquinho mágico. Rheita ofegou, cansada, enquanto via nascer no mapa o desenho do lago, uma manchinha negra rodeada por árvores. Ela e Kiel começaram a procurar, vasculhando com os pés as pedrinhas brancas do chão, na esperança de que a Primeira Chave tivesse sido enterrada sob elas.

Tomada de crescente expectativa, Rheita apalpou os troncos das árvores, puxou os galhos mais baixos, examinou as raízes, e nada. Por um momento, ela perdeu o amigo de vista. Estranhou o muro de neblina dançando sobre o lago sem se dispersar; não conseguia ver nada além da parede alva.

Rheita caminhou até a borda e tocou a água fria e escura; com um choque na espinha se afastou – nunca tinha experimentado água tão gelada. O céu ganhava um tom acinzentado de inverno, enquanto o ar ao seu redor tornava-se mais enregelado, forçando-a a se abraçar, tiritando de frio. Caminhou apressada, tomada de um sentimento de preocupação: afinal, onde o amigo havia se metido?

Rheita circulou todo o lago envolto pela névoa à procura de Kiel, porém não o viu em lugar algum. Retornou ao túnel, parando antes mesmo de transpor o corredor, perscrutando a distância a garganta escura. Imaginou se o gato gigante havia retornado; Kiel não se arriscaria tanto. Chamou pelo amigo, o desespero engolfando a esperança, pois não havia nenhum sinal de Kiel e o tempo estava mudando: começava a fazer calor. Rheita secou o rosto e subiu os punhos das mangas, enquanto observava a bruma sobre o lago se desfazer como fumaça.

Revelava-se um lago espelhado, de água muito escura. O coração de Rheita pulou quando descobriu a mulher sentada sobre uma pedra no meio do lago. Jovem e muito bonita, os cabelos, que oscilavam entre o tom negro e verde, caíam em uma longa cascata encaracolada; usava uma coroa feita com espinhas de peixe, e seu vestido longo era enfeitado por escamas prateadas. Os braços alvos dançavam em gestos suaves, num ritmo lento; os lábios vermelhos diziam algo que a menina não conseguia escutar. A moça balbuciava uma muda canção, chamando por alguém, seus olhos cor de ébano miravam fixamente a outra margem do lago. Rheita teve vontade de chorar com tamanha beleza, mas se engasgou quando viu, dentro do lago frio, o amigo Kiel com a água batendo em sua cintura.

– *Ai, não!* – O grito da menina reverberou alto. – *Kiel, saia da água, agora! É uma armadilha!* – Ela finalmente caiu em si. A jovem dama do lago estava enfeitando seu amigo. Queria afogá-lo. Ele não a ouvia, o olhar desfocado, distante, enquanto caminhava devagar para o fundo. Aos poucos, a mulher o seduzia com seu canto. Ao ver algo ameaçador surgir no sorriso dela, Rheita não teve alternativa. Tirou as botas e guardou o Mapa Mágico e o pergaminho dentro

delas; iria salvar a vida de Kiel, mesmo sem saber nadar.

Ela chapinhou na água extremamente fria, que já alcançava o peito do amigo; em instantes ele poderia se afogar. Tomou fôlego e afundou-se mais no lago, a água atravessando todos os seus poros, congelando suas veias.

*"Kiel, por favor, me escute! Essa mulher é uma feiticeira!"*, dizia ela, aproximando-se do amigo. Quase o alcançara quando ele submergiu. Rheita não pensou duas vezes: deu um impulso e mergulhou. Sua mão agarrou o que parecia ser a gola de uma camisa. Ela bateu as pernas e emergiu, cuspidando muita água, mas aplicando todas as forças para não deixar o amigo afundar novamente. Depois de um tremendo esforço, conseguiu retirá-lo da água fria, os dois encharcados, e ela castanholando os dentes sem controle. Kiel não reagia, continuava inerte, pálido e sem respirar, Rheita desesperou-se; começou a chorar sem controle, deu murros no peito de Kiel, tentando reanimá-lo, até que, por fim, ele respondeu. Deu um repentino soluço e cuspiu a água presa em seus pulmões.

– O-o que a-aconteceu? – perguntou, tossindo forte, apertando o peito dolorido.

Rheita teria respondido, não fosse por uma voz enraivecida interrompê-la.

– Como se atreve a interferir no meu feitiço, sua criatura ordinária? – guinchou a mulher, furiosa, planando no ar como uma águia em direção às crianças. – Você – ela apontou para Rheita – atrapalhou o mais poderoso dos meus encantos! Pagará muito caro, menina intrometida; quero sua vida, já que poupou a dele...!

– Mas... mas eu...

– Cale-se, fedelha! – Furiosa, avançou e deu um tapa no rosto de Rheita, que sentiu o gosto de sangue escorrer pelos lábios. – Poupe-me de sua insolência! Não ouse me interromper novamente, do contrário a morte será mais dolorosa. Você implorará por clemência, e ninguém irá escutá-la! – Ela gargalhou febrilmente, empurrou Kiel e encarou a menina, levantando uma das mãos num gesto ameaçador. – Nunca... Nunca mais verá a luz do sol; a morte vendará seus olhos para sempre!

Rheita viu o rosto da mulher se transformar, parecia derreter ou murchar. A pele caía flácida: toda sua juventude e beleza se esvaíam pouco a pouco.

– A sua vida alimentará meus poderes e... Ah! – a mulher deu um grito de horror. – Meu rosto, meu belo rosto!

A superfície lisa do lago refletia a sua imagem deformada por uma velhice milenar. A bela moça se tornara uma velha corcunda: no lugar do nariz pequeno e delicado nascera um outro, grande, arqueado, ponteados por verrugas. Os lábios vermelhos murcharam numa boca sem dentes. O rosto aveludado ganhara muitas rugas e manchas escuras; os cabelos negros e vistosos ficaram brancos e desgrenhados. A jovem mulher do lago, de beleza inigualável, agora não passava de uma velha horrenda. Enojada, Rheita não sentiu pena dela; percebeu que era o momento certo para fugir, pois o encanto da mulher enfraquecera. Porém, eis que um brilho dourado ofuscou os olhos da menina, e ela percebeu perfeitamente o que era: a Primeira Chave pendurada por uma fina corrente ao pescoço da anciã.

– Oh, o que aconteceu com meu belo rosto? – continuou a velha, lamentando-se, numa voz rouca. – Agora estou feia! Muito feia! Não posso admirar minha beleza no espelho do lago! Foi tudo culpa sua, menina. Se você não tivesse

protegido seu amigo, eu ainda estaria jovem e bela! Foi VOCÊ quem me aborreceu. VOCÊ fez isso! Oh, não... Não posso me irritar novamente... Não posso... Do contrário, vou continuar sempre assim!

Algo acendeu na mente de Rheita; tudo ficou tão óbvio. Repetiu uma parte do enigma para si mesma: *"Dentro do túnel sempre haverá o perigo, se for esperto ouvirá o que digo, e tomará a primeira chave de uma só vez!"*. Ela somente precisava usar a fragilidade daquela velha mulher para conseguir a Primeira Chave. Vaidosa ao extremo, deixara de atacar a menina para se preocupar com o rosto feio.

– Não... Não há como a feiura ofuscar sua inigualável beleza! – disse Rheita, procurando as palavras certas, acompanhada pelo olhar confuso do amigo. – O tempo nunca irá apagar a primavera pintada em seu belo rosto. Todas lhe invejam a beleza radiante e magnífica. – Satisfeita com os elogios da menina, a velha enchia-se de sorrisos. – Sei que é a mais bela de todas e, se alguém neste mundo ousar dizer o contrário, merece somente a morte. – Ela rejuvenescia a cada palavra de Rheita. – O seu vestido parece de uma rainha poderosa... O colar que a senhorita usa combina muito bem com seus olhos!

– Oh, muitíssimo obrigada! – disse a mulher, recuperando sua beleza e juventude por completo. – Ganhei há muito tempo, anos depois de eu ter sido condenada a viver aqui... Foi um jovem rapaz quem me deu; no começo achei que ele iria me libertar, o que acabou não fazendo. Fiquei furiosa, sabe... Acabou me dando este colar de presente, talvez com remorso de me abandonar. Era tão gentil, disse que ficava bem com meus cabelos. – Ela mostrou a Chave. – Depois prometeu que voltaria, até hoje o espero.

– Estou certa de que ele ainda voltará, deve estar à sua procura – disse Rheita, percebendo o tom falso e melodramático da moça.

– Ah, eu também acho, ele deve ter se apaixonado por mim, por isso me deu este pingente. É bonito, não acha?

– Sim, claro, com toda certeza é bellissimo – concordou a menina, enfatizando as palavras. – Mas você é ainda mais bela. – A moça ficava radiante cada vez que recebia um elogio. – Oh, senhorita de beleza encantadora, eu gostaria de lhe propor humildemente uma troca...

– Uma troca? Que tipo de troca? – indagou a jovem, recuando e guardando o pingente-chave no decote. – Por acaso, quer que me sirva com o sangue de seu amigo no seu lugar? A proposta vale alguma coisa... Posso matá-lo, e você poderia sempre me servir com seus bons elogios, menina, pois quando a névoa se concentra no lago eu não enxergo a minha beleza, mas você sim; e poderá me dizer todos os dias o quanto sou bonita. O contrário do que faria seu amigo. Ele não serve para nada! – disse ela com desprezo, cuspiendo no garoto. – É um inútil, nem ao menos disse uma palavra... Se assim quiser, *ele* poderá morrer no seu lugar.

Kiel engoliu em seco.

– Não, não é isso, minha bela senhorita de juventude eterna – apressou-se Rheita a dizer, controlando o nervosismo. Rápida, ela cochichou para o amigo lhe passar o saquinho encantado, o que ele fez sem a mulher perceber. – Tenho algo... Uma coisa que lhe agrada imensamente...

– Ora, então não faça rodeios, menina. – A mulher mal continha a curiosidade.  
– Diga-me o que é.

Rheita escondeu o saquinho atrás das costas e apertou-o com toda força, até os nós de seus dedos ficarem brancos. Pensou num objeto que salvaria sua vida e a ajudaria a obter a primeira chave. Logo, algo se solidificou dentro do saco e ela o retirou, mostrando à moça um pequeno espelho oval emoldurado por cristais. Os olhos da mulher faiscaram de encantamento, seu belo rosto se refletindo na superfície espelhada.

– Oh! – exclamou ela. – Um espelho d'água solidificado! Onde encontrou esse objeto precioso? – Levou as mãos disfarçadamente ao espelho.

– Eu ganhei – improvisou Rheita, metendo o espelho de volta no saco. – Mas não quero mais ficar com ele...

– Não vai jogá-lo fora, vai? – disse a mulher, receosa. – Dê-o para mim!

– Ah, não, não posso... É como eu já havia falado, quero fazer uma troca – disse Rheita, perspicaz.

– Então diga... Diga qual é a sua condição para eu obter minha imagem perpétua – respondeu ela, ansiosa.

– Bem... Eh... Quero que me dê o seu pingente e, em troca, lhe darei o espelho.

– Rheita poderia ter pedido sua liberdade, mas julgou que, depois de ter mostrado o espelho para a prisioneira do lago, ela acabaria por se esquecer do seu objetivo inicial.

– É uma condição injusta! Não posso me desfazer da minha joia.

– Então, acho que vou dar o espelho para outra pessoa – disse Rheita, dando ombros.

– Espere! Não faça isso! Quem merece mais ser eternizada pela beleza do que eu? Eu aceito, lhe dou o meu colar – concordou a moça, retirando a fina corrente do seu pescoço branco e passando a Primeira Chave para a menina, em troca do espelho. – Agora, poderei ver todas as vezes que quiser o meu belo rosto. Obrigada!

Ela se mirou no espelho, admirando os contornos adornados pelos cristais, e, sem dizer mais nada, adiantou-se até a margem do lago.

O ar tornou a esfriar, cobrindo tudo com o véu branco, que se recolheu vagarosamente sobre o lago, rodopiando em espiral. A cortina de neblina foi se adensando e engoliu a moça para nunca mais ser vista pelos garotos.

Capítulo 17  
O gigante solitário



Rheita e Kiel estavam de posse da Primeira Chave do Portal dos Desejos. Era de ouro, com haste longa, o que a tornava um pouco pesada. Mesmo assim, a menina a pendurou no pescoço, como fazia sua antiga dona, escondendo-a dentro do decote do vestido. Sentia-se extremamente feliz, assim como o amigo, ainda admirado com a esperteza com que Rheita arrebatará a Chave para si.

Eles estavam com as roupas ensopadas; o ar enregelou novamente, mal dava para ver o céu coberto pela neblina. Sem que o mapa revelasse nada depois da primeira conquista, as crianças temiam voltar pelo mesmo caminho, o túnel – morada do gato selvagem. Antes que pudessem se decidir por qualquer coisa, porém, trovões ribombaram ensurdecedores, riscando o céu com faíscas. O vento furioso contornou a margem do lago, lambendo com sua língua fria as copas das árvores. A neblina do lago rodopiou em espiral, transformando-se num pequeno tornado. Rheita, a tempo, agarrou-se às raízes de uma árvore, mas o amigo não teve tanta sorte.

Ela escutou o grito dele quando foi sugado pelo ciclone. A ventania lutava contra suas forças, insistia em devorá-la; o vento girava e girava; Rheita via suas mãos escorregando...

Ela rodopiou sem parar, sua voz ecoando desesperada por socorro dentro do tornado, uma bocarra negra e vaporosa. Tentou proteger o mapa, o pergaminho e a Chave. E, em segundos, acabou desabando sobre um montinho escuro.

Kiel. Ele havia chegado pouco antes dela num lugar tão inóspito que congelava o coração. A vastidão de um deserto escuro assomava por todos os lados. Dunas ondulavam, emergindo num grande mar cor de poeira. Rheita percebeu que pisava em cinzas. Um manto negro vedava a luz do sol; ali era eternamente noite, com um céu vazio de estrelas. O vento frio soprava agourento; as crianças mal viam seus pés encobertos pelo pó.

– Que lu-lugar é este? – perguntou Kiel, esfregando as costas, que doíam por causa da queda.

– O mapa pode ter a resposta – disse Rheita, consultando-o. – Estamos num deserto que se chama Deserto Morto, está escrito no mapa, olhe! – Ela mostrou ao amigo as palavras que surgiram na imensa área em branco na parte superior do pergaminho.

– Te-tem razão de ser cha-chamado assim, é tu-tudo tão... ci-cinza.

– Parece que tudo que existiu aqui foi queimado – disse a menina com pesar. – Acho que o fogo matou a floresta desse lugar...

– Se-será que há uma chave e-escondida ne-nesse mo-montão de areia? – indagou o garoto, sem entusiasmo.

– Se o mapa nos trouxe até aqui... é porque há algo para procurar...

A areia, tão fina quanto pó, não os ajudava a avançar; seus pés afundavam a cada passo, impedindo-os de prosseguir com ligeireza, e, sob aquele céu negro, era impossível medir o tempo. O vento se encarregava de desmanchar as pedadas que os dois deixavam. Rheita e Kiel avançavam a esmo, sabendo apenas que se dirigiam ao leste do Deserto Morto, segundo as orientações da bússola do mapa. Foram tomados pela exaustão, os pulmões apertados por causa do ar empoeirado. Rheita dividiu a bebida adocicada que restara no odre deixado por Zagut.

Totalmente sem forças, eles desabariam ali mesmo se não tivessem avistado a uma distância razoável um arvoredor seco, morto como todo aquele deserto. Consumiram as últimas gotas de fôlego para alcançar o bosque. Rheita tentou descansar, acomodando-se entre as raízes carbonizadas. Mal tinha fechado os olhos quando Kiel a cutucou, preocupado.

– Rheita, você o-ouviu isso?

– O que...

Algo passou zunindo próximo à cabeça da menina. Ela olhou para cima, sufocando um grito: a árvore morta retorcia-se como se estivesse despertando, estalava seus galhos. Um deles quase a atingiu. Todas as árvores ganharam vida. Esticavam seus ramos encolhidos, erguiam-se em posturas eretas; uma delas desprende as raízes do chão, tomou impulso e rodopiou no ar. Rheita e Kiel ficaram encurralados. Corriam atarantados, desviando-se das chicotadas e de ser pisoteados. As árvores zumbis guinchavam num som estranho, pulavam, arrancando-se do solo junto com as raízes, e, muitas vezes, atingiam suas companheiras, voltando a ser um tronco queimado.

Confundindo-se com a força do choque das árvores, escutaram o urro

indecifrável do homem mais alto que já tinham visto. Ele corria em passos largos, brandindo um machado. As crianças se viram numa situação ainda pior: como lutar contra um gigante?

O grande homem os alcançou em minutos e golpeou uma árvore ao meio. Com facilidade, agarrou outra que tentava esmagar seu pé e a atirou para longe, como a uma erva daninha. Berrando alto, bateu no peito e esmagou outra com os punhos. Rheita e Kiel fugiam agora dos pés do gigante, que lutava bravamente com o machado, golpeando as árvores, arrancando seus galhos. Em pouco tempo, ele as dizimou; havia tocos espalhados por todos os lados onde estivera o bosque amaldiçoado.

O gigante se apurou, ofegando, limpando as mãos cobertas por fuligem; do alto da cabeça careca um único olho encarou as crianças.

– Hum-hum, o que fazem perdidos nestas paragens, pequenos mestres anões? – disse ele, a voz grave ecoando pelo deserto.

– Desculpe, mas não somos anões – corrigiu Rheita educadamente. – E... obrigada por ter nos salvado...

– Hum-hum. Não precisa agradecer... Essas árvores dão trabalho de vez em quando... E se vocês não são anões, o que são?

– So-somos gente... Quero dizer, hu-humanos – apressou-se Kiel em explicar.

– Hum... Humanos – repetiu o gigante, abaixando-se e avaliando os dois mais de perto com seu grande olho. – Hum... Pensei que fossem mais altos.

– É que ainda somos crianças – disse a menina.

– Hum-hum... Crianças – disse ele, pensativo. – É a primeira vez que conheço crianças humanas...

– É me-mesmo? – indagou Kiel, interessado.

– Hum... sim... Conheci poucos homens, é claro, mas nunca tinha visto um filhote... Há alguns anos uma caravana passou por aqui, mas todos eram grandes, não havia nenhum pequeno como vocês...

– E como co-conseguiram atravessar o de-de-deserto?

– Hum... É uma viagem longa, dura meses, e perigosa – alertou o gigante.

– Sr. Gigante, o senhor vive sozinho aqui? – quis saber Rheita.

– Bo, meu nome é Bo, apenas Bo – disse ele, ao que Rheita e Kiel se apresentaram também. Então o gigante prosseguiu, em tom desolado:

– Sim, moro sozinho neste deserto, pequena humana. É um pouco solitário, mas já me acostumei. Meus pais me abandonaram quando eu ainda era um bebê gigante; então conheci um mago que me trouxe para morar aqui. Faço a guarda das fronteiras, por causa dos Tortos.

– Tortos? – perguntaram os dois.

– Hum-hum... Sim, Tortos... – disse o gigante, apreensivo. – São seres condenados, almas que nunca encontram o caminho da eternidade. É o exército maligno dos homens que lutaram na grande Guerra dos Quatro. Suas almas ficaram presas na terra em que seus corpos padeceram. Por causa da Discórdia que tinham no coração, foram condenados a nunca deixá-la... Hum... São Tortos porque são desviados, infringiram a Ordem de Aura.

– Foi por causa da guerra que tudo aqui virou cinza? – perguntou Rheita, chocada.

– Hum-hum... Depois da guerra, os herdeiros de Lagoena foram expulsos, e uma chama intensa devorou todos os Campos Pálidos, como me contou Zagut, que já vivia naquelas épocas...

– Zagut... Você conhece Zagut? – Rheita foi tomada de surpresa.

– Hum... Não... – disse o gigante, orgulhoso. – Hum... É um grande amigo, faz um bom tempo que não o vejo, anos... Vocês vieram trazer notícias dele?

– Não... Mas ele está bem – garantiu Rheita, ao ver o semblante do gigante se contorcer numa preocupação. – Ele foi... Ele fugiu...

– Hum... Fugiu? Como assim? – inquiriu o gigante, agitado.

Rheita contaria toda sua fuga para o gigante, mas foi cegada momentaneamente por uma rajada de areia. De longe se podia ver uma enorme nuvem negra que se aproximava, engolindo como uma sombra os morros de cinza.

– Hum-hum! É uma tempestade de areia! – disse Bo. – Vamos, subam! Segurem-se!

O gigante abaixou sua mãozorra para as crianças e as ajudou a subir em seus ombros. Rheita e Kiel se viram a metros do chão e se seguraram com firmeza ao fio grosso de algodão que emendava a roupa de couro do gigante. Em poucos minutos a tempestade os alcançaria. Bo se pôs a correr, dando passadas enormes e respirando profundamente. Os dois tinham a impressão de ter montado num touro bravo, agarravam-se a muito custo. Rheita olhou para trás, a nuvem densa se espalhava, fumacenta. O gigante seguia pelo topo das dunas, evitando os vales. Kiel gritou para irem mais rápido, ao que Bo respondeu dobrando a velocidade, a tempestade no encaço deles.

Logo à frente, depois de uma duna, surgiu uma cabana remendada por tábuas irregulares com uma porta enorme e uma janela encardida. Eles tiveram tempo de entrar, segundos antes do bafo de areia surrar a porta da cabana. Bo desceu os dois com cuidado e correu para a porta reforçando-a com uma pesada barra de madeira. A menina viu que a casa do gigante rangia e balançava perigosamente sob a tempestade de areia que assoviava furiosa. Temeu que o vento arrastasse a cabana com todos dentro; porém, para seu alívio, ela resistiu.

As painelas de ferro chocalhavam acima da lareira de pedra. Embora o gigante vivesse só, na sua mesa de pernas altas havia lugar para dois. Talvez ele esperasse sempre uma visita amiga. No canto, um monte de palha coberto por uma colcha de retalhos puída e um travesseiro faziam as vezes da cama. Perto da lareira acesa com um fogo muito vivo, uma cadeira de espaldar alto talhada em tronco de árvore, na qual o gigante se acomodou sem se preocupar com a tempestade que soprava deserto a fora.

– Hum... Não se preocupe – tranquilizou Bo, sentando as crianças no braço de sua poltrona.. – Minha casa é bastante resistente; só tive problema um ano atrás, quando o telhado saiu voando. Hum-hum... Eu mesmo a construí. Aproveitei a madeira velha do deserto e fiz a lareira com as pedras do fundo de um lago próximo à fronteira sul.. Zagut me ajudou com a decoração... – Sua voz embargou de emoção. – Pobre Zagut... – Ele caiu em lágrimas.

– Oh, Bo, não fique triste – consolou Rheita, penalizada, dando palmadinhas no dorso da imensa mão do gigante. – Zagut está bem, acabou nos livrando de um



problemão, sem ele estaríamos encrencados...

– Zagut é uma boa pessoa – disse o gigante, secando as lágrimas com um lenço encardido. – Hum... Sempre ajuda aqueles que estão sós... Vou ficar esperando por ele, estou guardando o conhaque de que tanto gosta... Ah! Está quase na hora do jantar. Estão com fome?

O gigante colocou uma caçarola no fogo para esquentar a água. Cobriu a mesa com uma toalha roida e pôs pratos, talheres e taças de latão. Da despensa tirou uma bisnaga de pão e uma cesta com maçãs. Serviu numa travessa um belo pernil de porco selvagem e peixe seco.

– Hum-hum... Não é todo dia que recebo visitas – comentou, finalizando o preparo do jantar. – Ainda mais amigos do meu amigo...

Rheita e Kiel foram colocados em cima da mesa, perto de seus pratos. Os talheres, pratos e copos oferecidos a eles, feitos sob medida para um humano, deviam ser a louça que o mago usava quando visitava a cabana. Rheita desistiu de tomar a sopa que o gigante acabara de despejar no seu prato; parecia que ele tinha lavado meias velhas em água quente. O pão por pouco não quebrou seus dentes, mas o pernil e o peixe estavam bons. A menina comeu as maçãs, intercalando com a carne salgada. Kiel também havia desistido de tomar sua sopa e seguiu a dieta da amiga. Sem se ofender com a escolha das crianças, Bo devorou sozinho todo o panelão de sopa, repetindo a ceia.

Satisfeita, os olhos da menina pesaram de tanto sono. Kiel bocejou alto, bem alimentado. O gigante, hospitaleiro, ofereceu a cama aos dois: dormiria na sua poltrona. Depois de muita insistência, aceitaram.

Rheita logo se deixou levar pelo sono, pois a viagem à procura das Chaves havia encurtado suas noites de descanso. Dormir naquela terra chamada Lagoena se tornara algo demasiado perigoso, mas na presença do gigante ela se sentia mais segura. O amigo já roncava alto ao seu lado.

Embora Rheita houvesse adormecido profundamente, sentiu alguém fazer cócegas em seu ouvido. Incomodada, acordou.

– Kiel, o que está fazendo? – perguntou ela, coçando os olhos, açoitados pela clareza.

– Acordando você, ora! – O menino riu, mostrando-lhe uma pena. – Vamos! – Ele a puxou pelas mãos.

– Vamos para onde? E que lugar é este? – estranhou a menina, olhando ao redor. Estava ladeada por árvores e era dia. – Cadê o Bo?

– Ah, Rheita, você não se lembra? – disse Kiel, muito seguro e sem gaguejar. – Ele nos deixou hoje cedo! Acho que você ainda estava dormindo – ele riu, zombeteiro. – Anda, vamos brincar!

– Brincar? Brincar de quê? – indagou ela, curiosa.

– De caça ao tesouro! Você me dá a chave e o mapa, então eu escondo, e você procura! – respondeu ele, os olhos faiscando de alegria.

– Por que não pode ser o contrário? – propôs a menina. – Eu escondo e você procura.

– Não, não... – disse Kiel, balançando a cabeça, veemente. – Essa brincadeira só funciona assim: a Guardiã, que é você, tem de procurar o tesouro, então... Eu escondo, e você procura, daí eu digo se você está perto ou longe...

Rheita pensou, avaliando as condições, e respondeu:

– Está bem!

– Então, vamos mais para o fundo da floresta; aqui não tem muito lugar para esconder...

Ela acompanhou Kiel, que saltitava de felicidade. Nunca tinha visto o amigo assim.

– Agora você me dá o tesouro – disse ele, estendendo as mãos. – Depois, você fechará os olhos e só abrirá quando eu contar até dez – Os olhos do menino brilhavam de cobiça, sombreados por algo oculto.

Rheita recuou desconfiada, percebendo que a mata se adensava na escuridão atrás de Kiel.

– Dê-me o tesouro! – insistiu o menino, irritado.

– Não – Rheita sabia que havia algo de errado.

– DÊ-ME O TESOURO, AGORA! – berrou ele.

– Afaste-se dela! – gritou alguém.

Rheita viu tudo escurecer, a visão vedada por uma noite coberta de poeira, os pés entranhados numa areia cinzenta. Um grito de horror saiu de seus pulmões, ecoando pelo Deserto Morto quando viu Kiel se transformar numa criatura fantasmagórica. À sua frente surgiu um cavalo robusto e hostil; no lugar da cabeça, uma labareda negra queimava, estalando num relincho sobrenatural. Seu cavaleiro se escondia sob uma capa escura em trapos, o rosto perdido no vazio dentro do capuz, as mãos podres segurando as rédeas. O espectro abriu suas asas de corvo atrofiadas e disse numa voz cortante:

– Dê-me o tesouro, menina, agora! Ou morrerá!

– Nunca! – Rheita desatou a correr o mais rápido que suas pernas podiam. Atemorizada, fugiu das mãos mortas do Cavaleiro Torto, que se esticavam para se apossar da única Chave que ela carregava. O gigante Bo corria em sua direção, brandindo seu machado e uma tocha. O Torto, ao ver a chama, freou bruscamente, levantando uma grossa camada de areia. Nesse intervalo de tempo, Rheita se distanciou dele.

– Hum-hum, Tortos malditos! – esbravejou Bo, ateando fogo na capa do espectro, que fugiu desembestado, guinchando pela escuridão do deserto.

Quando viu a amiga, Kiel, que a esperava em lágrimas na cabana do gigante, deu-lhe um forte abraço. O menino acordara o gigante no meio da noite quando percebera que Rheita não estava na cama e tivera um mau pressentimento ao ver a porta entreaberta. Bo saíra à sua procura.

– Hum-hum! Vocês não podem mais ficar aqui! – disse o gigante, trancando a porta da cabana com correntes e cadeados. – Os Tortos vão matá-los... Eles viram algo na sua mente, menina... Eles são capazes de manipular os sonhos e encontrar suas vítimas através deles... Não sei o que um deles queria essa noite, eles não costumam se aproximar muito da fronteira...

– Eu sei o que ele queria – disse Rheita, limpando as lágrimas. – Me pediu para lhe dar o tesouro, a Primeira Chave do Portal dos Desejos.

Ela mostrou a chave presa à corrente.

– Hum-hum, a Chave? O Tesouro Perdido de Lagoena? – perguntou o gigante, incrédulo.

– Sim, esta é uma Chave verdadeira... Estou à procura das outras; se eu não encontrá-las a tempo, o Portal dos Desejos destruirá Lagoena... Tenho que saber onde estão todas as Chaves o quanto antes, Bo. É uma tarefa que tenho de cumprir – disse Rheita.

– Hum-hum! Isso é tarefa para um Guardiã! – exclamou ele, surpreso.

– Bo, precisamos de sua ajuda... Temos de sair do deserto...

– Estou ao seu inteiro dispor, nobre Guardiã... – o gigante fez uma reverência.

– Não po-podemos e-esperar – apressou Kiel.

– Hum, você tem razão, menino – concordou Bo. – Todos os Tortos já devem saber que o tesouro deles está muito perto. Logo, o exército inteiro virá aqui; precisamos ir o quanto antes!

O gigante e as crianças deixaram a cabana, apressados. Bo fez uma trouxa com provisões; passaria muito tempo fora. Não retornaria para o seu lar tão cedo, pois os Tortos o perseguiriam. Mesmo assim, não deixaria de vigiá-los a distância.

Rheita e Kiel viajaram nos ombros do amigo gigante, que corria em direção ao sul. Segundo ele, era o lugar mais seguro por aquelas terras. A viagem foi longa, o gigante correu milhas sem parar, até que, de manhãzinha, vislumbraram o horizonte surgir verde e vivo.

O sol já havia percorrido um bom caminho no céu quando os viajantes alcançaram as bordas de um capinzal salpicado de árvores, rastros de uma floresta que se adensava ao longe. Ali Bo deixaria as crianças e seguiria seu caminho.

– Hum, agora estão seguros – disse ele descendo os meninos dos seus ombros. – Se caminharem rápido poderão alcançar a floresta antes do anoitecer, hum-hum. Adeus!

– Adeus! – disseram Rheita e Kiel, vendo o gigante sumir na distância escura do deserto, até se tornar um homem muito pequeno.

Capítulo 18  
O raro homocapillis



A paisagem se abriu. O sol incidia em clareiras que se espalhavam entre as árvores de ramos que quase tocavam o chão. Rheita verificou o mapa: os pontinhos atravessavam a fronteira sul do Deserto Morto e o norte de uma floresta, a qual, no desenho, se adensava até se encontrar com um rio nascido entre os Vales Adormecidos. Depois se perdia no leste.

Com mais uma hora de caminhada, eles já enveredavam entre as árvores de troncos altos e copas espessas, que se abriam repentinamente numa grande clareira. O céu parecia ter brotado da superfície lisa de um lago: as nuvens coalhadas se refletiam na água; cogumelos se aglomeravam por toda a margem. As crianças aproveitaram para se refrescar, beberam muita água e se lavaram. Só então, depois de algum tempo discutindo como seria bom ter um almoço, perceberam próximo a elas um montinho abandonado de cogumelos pequeninos com suas raízes recém-retiradas da terra e uma cesta de palha parcialmente cheia.

– Acho que tem alguém por aqui – cochichou a menina para o amigo, receosa.

Kiel olhou ao redor, cauteloso, e Rheita deu um gritinho atônito: “Ali!”. Apontava para uma árvore. O amigo cerrou os olhos e distinguiu uma cabeleira

ruiva mal escondida.

– Quem se-será?

– Vamos descobrir isso agora, talvez possa nos ajudar – disse Rheita. – Sabemos que há alguém escondido atrás da árvore! – gritou ela, erguendo-se nas pontas dos pés para ver melhor.

Ficaram esperando por um longo tempo, ansiosos; entretanto, o estranho escondido não falou nada em resposta. Rheita se impacientou.

– Se você não aparecer... nós vamos até aí! – ameaçou a menina, sabendo que não tinha coragem para tanto.

– Oh, por favor! – exclamou o estranho. – Podem levar os cogumelos! Fiquem com todos! Mas não me machuquem, por favor!

Rheita e Kiel se entreolharam.

– Nós não queremos roubar seus cogumelos... – respondeu ela, chocada.

– Nem que-queremos ma-machucá-lo – completou o amigo.

– Verdade? – disse o estranho, depois de um minuto. – Pro-prometem que não vão fazer nada... Prometem?

– Sim – responderam as crianças, já curiosas.

De trás das árvores saiu uma criatura que elas nunca imaginaram existir: um homem, ou pelo menos parecia ser, o corpo magro, as pernas e braços compridos, desproporcionais ao tronco curto. Mesmo a certa distância, notavam-se os seus mais de dois metros e meio de altura. Dono de uma vasta cabeleira ruiva e crespa, usava um chapéu preto, as abas largas quase encobrindo seus olhinhos negros – só pupilas, sem parte branca visível -, a barba tampando metade do seu rosto adulto. Vestia somente um colete bordado; o corpo inteiro era revestido por pelinhos encaracolados, exceto na área do quadril, onde os pelos se aglomeravam, lembrando o pelame denso de uma ovelha. Além dos sapatos usava grossas meias vermelhas.

O homem se aproximou inseguro, evitando encarar as crianças, os olhos pregados no chão; abaixou-se e terminou de encher, apressado, sua cesta, esquecendo-se de que as crianças o observavam boquiabertas. Rheita deu um passo em sua direção; a criatura deu um berro e recuou com um salto. Ele tremia dos pés à cabeça, e acabou deixando sua cesta cair.

– Oh! Desculpe... Não quis assustá-lo! – disse Rheita, correndo para juntar os cogumelos e pô-los de volta na cesta.

O homem ficou estático, observando a menina. Parecia aterrorizado com o seu gesto. Depois de uns minutos, balbuciou:

– Não, não... Não se incomode... – Ainda hesitante, abaixou-se para ajudá-la. Kiel continuava a encará-lo, os olhos arregalados, o queixo pendido.

– O que... O que é você? – perguntou Rheita, curiosa, ao devolver duas mãos cheias para a cesta.

– Sou um homocapillis – respondeu ele brevemente. – E vocês... Vocês são crianças humanas, não são?

– Sim – confirmou Rheita.

– Garotos humanos! – disse ele, num rompante, como se aquilo fosse uma grande surpresa. – Eu... eu nunca...

Calou-se de repente, balançando a cabeça em sinal de reprovação. Ergueu a

cesta finalmente cheia e, de maneira abrupta, deu as costas para os dois, revelando que tinha um rabo pequenino, uma bolinha de pelos.

– Espere! – disse a menina, seguindo-o. – Não vá embora, por favor...

– Rheita, é me-melhor deixar e-ele ir – aconselhou Kiel, correndo atrás da amiga. Esta, porém, não lhe deu ouvidos.

– Senhor, senhor... Por favor, espere!

O homocapillis estacou, quase derrubando seus cogumelos, e virou-se para eles, ainda indeciso.

– Para onde está indo? – quis saber Rheita.

– Para... para casa – respondeu ele, depois de uns segundos pensando. Os dois garotos à sua frente, sujos, esqueléticos e desorientados, davam pena de se ver. – Vocês... Vocês estão perdidos?

– E-estamos – confessou Kiel, a barriga roncando sonoramente.

Rheita olhou suplicante para o homocapillis.

– Não podemos ir com o senhor? – Ela sabia que não era certo conversar com estranhos, mas não lhe parecia nada inteligente ficarem perdidos num lugar aparentemente inóspito.

– Ah... eh... – disse o homocapillis, considerando com seus botões. – Está bem... Minha casa fica logo ali – Apontou entre as árvores. – Vão ter de andar um pouco.

Então, puseram-se a caminhar ao lado do homocapillis, que se equilibrava nas longas pernas magras e tomava cuidado para não tropeçar com a cesta abarrotada de cogumelos. Rheita preferiu ficar quieta e deixar as perguntas de lado, para não assustar e nem irritar o novo conhecido. Kiel seguia junto, quase colado na amiga, olhando para o homocapillis, admirado e ao mesmo tempo assustado. Acharam que ele não diria mais nada até chegar à sua casa misteriosa escondida naquela floresta. No entanto, a própria criatura quebrou o silêncio.

– Eu... Eu nunca tinha pensado que conheceria um humano antes... Muito menos mocinhos humanos – disse ele, como se tivesse revelado algo sobrenatural. – Faz muito... muito tempo que meu falecido pai me contou histórias sobre os homens, e ele também nunca havia visto um, sempre duvidou que ainda existissem em nossos tempos, achou que todos tinham acabado depois que Aura os expulsou de Lagoena...

– E o que ele contou sobre os homens? – perguntaram as crianças.

– Ah... Muitas coisas – respondeu ele, depois de um minuto pensando. – Mas as histórias são sempre tristes, horríveis para ser contadas... Dizem que dá até azar pronunciar-las, porém meu pai foi prova do contrário, sabia de vários mitos, e teve longos anos de vida e sorte – contou o homocapillis, recomeçando a caminhar. – Sua memória era inigualável, guardava centenas de histórias. Certa noite de outono, ele me contou sobre o Tempo Escuro em Lagoena, um tempo terrível, atormentado por guerras, conflitos entre reis, enfim, o grande fim anunciado pelos mais antigos. A Terra Secreta de Aura padecia sob o ódio, e nós, os seres da terra, assim como os nossos irmãos humanos, também estávamos fadados à extinção. Mas houve uma grande reviravolta, os homens receberam A Clemência e, para terem as vidas poupadas, foram expulsos de Lagoena. Nós ficamos aqui; porém, depois de tudo isso, quase nada restou do nosso povo...

– E o que aconteceu com as pessoas que ficaram? – indagou a menina, entristecida.

– A maioria não sobreviveu – disse ele, a voz quase embargada. – O meu povo vivia ao norte, nos Campos Pálidos. Nossa terra natal, da qual tirávamos nosso sustento, tinha um solo fértil e era tranquila para se morar; não havia outro lugar melhor, como dizia meu pai... Mas, por causa da Guerra dos Quatro, tudo acabou... Nossos antepassados foram expulsos de lá, muitos morreram tentando defender suas casas, e os que desistiram fugiram para o sul e nunca mais apareceram... Desde então, evitamos ser achados, vivemos dentro das florestas, cuidando de nossas vidas, e nunca mais fizemos contatos com outros povos...

– Oh, foi realmente terrível o que aconteceu! Mas, se todos os povos tivessem se unido, talvez os seus antepassados não tivessem de sair da sua terra natal – disse Rheita, segura. – Deveriam ter persistido e lutado por Lagoena, e não se escondido...

– Éramos em pouco número, contra uma multidão de soldados dos reis que imperavam naquela época – explicou o homocapillis. – Não podíamos ir sozinhos e vingar a injustiça que fizeram com nosso povo; morreríamos antes mesmo de levantar a primeira lança... Naquele momento, não havia mais esperança para Lagoena: as matas estavam minguando a cada dia, segundo meu pai; o mal invadia todos os cantos remotos desta terra... – De repente, o homocapillis desatou a chorar em lágrimas profusas, emocionado.

– Ah, não chore! – consolou Rheita, tentando apurar a cesta que quase caiu das mãos trêmulas dele. – Acredite, tudo ficará bem.

Ela deu tapinhas na cintura do homocapillis, onde seus braços puderam alcançar.

– Acha mesmo que isso poderá acontecer? – disse ele, com a voz entrecortada. – Acha que Lagoena poderá ser como antes?

Rheita pensou na longa estrada que tinha de percorrer, nos mistérios daquela terra que ainda haveria de descobrir e nas esperanças maltratadas daquele povo. Então, respondeu, hesitante:

– Acho que sim... Temos de acreditar... Eu, pelo menos, tentaria acreditar que tudo que foi perdido poderia retornar para Lagoena... Ai! – Rheita recebeu um beliscão de Kiel.

– Cu-cuidado! – cochichou o garoto. Temia que a amiga falasse demais ao estranho homocapillis e denunciasse o que procuravam naquela terra.

– O-obrigado – soluçou ele, assoando o nariz num lenço. – E me-me desculpem, talvez você esteja certa, tudo pode mudar; não reparem neste homocapillis chorão... A propósito, não me apresentei, meu nome é Biful; qual o seu nome, menininha?

– Meu nome é Rheita – disse ela, estendendo a mão. O homocapillis ficou olhando para ela, sem entender o gesto. – Aperte! – acrescentou Rheita.

– Para quê? – perguntou Biful.

– Ah... É assim que as pessoas fazem quando se conhecem – explicou ela.

– Ah! Muito bem, muito bem! – disse ele, apertando a mão da menina, um tanto nervoso. – E você, qual é o seu nome?

– Ki-Kiel – respondeu o garoto, enquanto o homocapillis lhe balançava

freneticamente a mão, numa saudação animada.

– Vocês são muito parecidos – disse ele, estudando as crianças com atenção, como se fosse a primeira vez que as visse. Em seguida, apontou para um lugar entre as árvores.

– Ah, lá está minha casa!

A poucos metros dali, numa pequena clareira, Rheita avistou a casa graciosa, que lembrava um grande e gordo bule de chá, com suas paredes côncavas. O teto, feito de palha fina, caía como uma franja loira. No topo havia uma chaminé, um tubo de ferro emendado equilibrando-se meio torto para o lado. As duas janelas, bem como a porta, eram engastadas por ligas de ferro trabalhadas em arabescos. O homocapillis cultivava também uma farta horta, muito mais colorida que um jardim.

– Vamos, entrem, entrem...! – convidou ele, dando uma última olhadela na horta, com ar preocupado. – Não reparem a bagunça, não esperava visitas. – Ele pôs o chapéu num chapeleiro atrás da porta e descansou a cesta em cima de uma mesa de pernas compridas.

A casa de Biful comportava somente um cômodo circular. Na sala acomodavam-se duas cadeiras de balanço cobertas por mantas e almofadas. Na cozinha havia uma pia com despensa, e, ao lado, uma prateleira reservada para os pratos e as canecas penduradas pelas alças; também havia uma mesa de pernas compridas com quatro cadeiras igualmente altas. Um guarda-roupa com espelho ocupava um lado do único cômodo. A lareira ficava no centro da casa, um compartimento redondo, com a base feita de tijolos e telhado de ferro; um tubo que canalizava a fumaça se lançava para fora do teto. Biful dormia numa rede que não ocupava espaço na casa antes da hora do sono.

Apressado em preparar o jantar, ele correu de um lado para o outro, escolhendo panelas, batatas gordas e cogumelos, e depois pôs para ferver um grande panelão com água.

– Espero que estejam com bastante fome... Os cogumelos estão novinhos e frescos – disse ele, colocando uma boa quantidade de cogumelos limpos no panelão, enquanto Rheita e Kiel esperavam acomodados nas cadeiras de balanço, as pernas penduradas no ar.

– Os primeiros quinze dias do verão são a melhor época para se colher cogumelos; depois disso, eles ficam velhos e borrachudos. Grudam nos dentes quando cozidos. Os melhores são os que estão pouco enraizados e nascem na sombra – explicou o homocapillis, correndo para descascar algumas batatas. – E eu gosto de aproveitar a água fervente dos cogumelos para fazer chá. – Ele apontou para um maço de folhas secas pendurado na parede, ao lado da pia.

Biful terminou a tarefa, depositando pratos, canecas e talheres sobre a mesa, além de uma travessa com cogumelos e batatas fumegantes, manteiga, uma forma de pão, um pote de barro contendo doce de abóbora, favos de mel, um jarro de leite espumante e chá. As crianças tomaram seus lugares à mesa, a fome lhes corroendo as entranhas. Kiel encheu seu prato sem cerimônia. De fato, a ceia estava excelente, nunca tinham experimentado nada igual; as folhas secas se desfaziam em contato com a água quente, e um aroma adocicado enchia o ar. Rheita tomou seu chá com leite e mel e abocanhou uma boa



quantidade de doce de abóbora na sobremesa. Biful insistia para que comessem mais, enchendo seus pratos quando os via vazios, até as crianças ficarem com os estômagos enjoados.

– Acho melhor vocês passarem a noite aqui, por precaução – disse Biful, após a ceia, balançando-se na cadeira. – Amanhã, se quiserem, posso levá-los até uma estradinha antiga que fica a sudeste daqui. Sabem, a floresta fica muito perigosa quando a noite desce; e não só a floresta. Qualquer lugar em Lagoena fica ainda mais estranho. É a hora em que os seres mais malignos despertam e perambulam por aí, matando – Ele estremeceu, num calafrio. – Nunca passei por perigo, sou muito cuidadoso, uso sempre minhas meias da sorte. – Apontou para suas meias vermelhas. – Um homocapillis não pode ser desprevenido!

– E o que acha que tem por aí na floresta, Biful? – inquiriu Rheita, assombrada.

– Oh! Criaturas más... Almas penadas... Cavaleiros negros... Serpentes em brasa, coisas horrendas, sabem... E hoje é noite de lua cheia, os lobisomens vagam pela floresta procurando alguém desprevenido.

– Não po-podemos ficar aqui! – Kiel saltou da cadeira, o temor congelando suas veias. – Os lo-lobisomens po-podem ce-cercar sua casa!

– Estamos mais seguros aqui dentro, Kiel – alertou Rheita, os pelinhos dos braços se arrepiando.

– Há dezenas dessas feras correndo pela noite afora, eles atacam até vilarejos distantes, escolhem sempre vítimas indefesas – disse Biful, amedrontado, levantando-se para trancar todas as janelas.

Ouviu-se, em seguida, um uivo de congelar o sangue. Todos se entreolharam, com o frio a percorrer a espinha.

– Escutaram?! Eles estão próximos! – exclamou o homocapillis, os olhos arregalados. – Todo tipo de coisa ruim está à solta esta noite! Mas nós não temos o que temer... Meu pai já dizia: “*Meias vermelhas estendidas no varal são sinal de proteção para todo o mal.*”; nunca é demais ter vários pares no armário. – Ele foi até o seu e mostrou a sua coleção de meias, todas vermelhas, dobradas e organizadas, e ofereceu dois pares para as crianças. – Calcem!

– Meias ve-vermelhas, pa-para quê? – disse Kiel, incrédulo, contendo uma súbita vontade de rir, ao receber seu par.

– Shii! Calados! – sussurrou Rheita, apreensiva, calçando suas meias. – Escutei alguma coisa vindo lá de fora. – Ela apurou os ouvidos. – Tem alguém chorando... Oh! Deve ser alguma pessoa em apuros! Vamos ajudá-la!

– Não, menina! Não faça isso! – gritou Biful, impedindo-a de sair porta afora. – É uma armadilha! Nunca siga um choro numa noite de lua cheia, é a morte disfarçada chamando sua vítima! Sempre que a lua amarela se põe no céu, coisas estranhas acontecem em Lagoena: bruxas conjuram magias obscuras, escondidas dentro de suas cavernas, e lançam pragas contra aqueles que um dia atravessaram seu caminho...!

– Mas... Quem está lá fora chorando desse jeito? – perguntou Rheita, penalizada, ouvindo o choramingo trazido pelo vento. – Tem certeza de que não podemos fazer nada?

– Há lo-lobisomens lá fora! – lembrou Kiel, nervoso.

– E criaturas ainda mais perversas! – acrescentou o homocapillis. – Não

adianta fazer nada, menina, muitos tentaram salvar esta alma perdida, e acabaram encontrando a morte no caminho. Jamais sigam a voz que chora numa noite de lua como esta...

## Capítulo 19

### O choro na lua cheia



“Lembro-me muito bem da lenda que papai me contou. Aconteceu num vilarejo distante. O fato chocou toda aquela região, e chegou até nós, homocapillis, que ainda morávamos nos Campos Pálidos, através dos ventos. Uma menininha foi sequestrada por uma bruxa ameaçadora e nunca mais vista... Diziam que o pai era lenhador e viúvo, morava com a única filha numa pequena casa que ele mesmo construiu com esforço.

“Num dia de festa, o jovem viúvo tomou algumas canecas de bebida fermentada a mais. Pouco lúcido e bastante eufórico, pediu em casamento uma moça muito bela, recém-chegada à região. No dia seguinte, todos sabiam do novo casório, comemoraram com mais dança, comida e bebida. Depois, entretanto, o rapaz recobrou a consciência e, percebendo que cometera um terrível equívoco, desfez imediatamente o noivado com a moça. Porém, isso foi a pior coisa que poderia lhe acontecer na vida, pois havia pedido a mão de uma bruxa conhecedora das artes mais obscuras. Furiosa, ela prometeu que arrancaria a coisa que ele mais amava na vida.

“Então, numa noite de lua cheia como esta, a bruxa sequestrou a filha do jovem lenhador e atirou-a num poço profundo, o Túmulo Amaldiçoado, cercado

por um jardim de plantas enfeitiçadas. O pai da menina ficou desesperado e saiu dias e noites seguidas à sua procura, sem nunca encontrá-la. O pobre lenhador morreu de tristeza e saudade, e, mesmo passado tanto tempo, ainda é possível escutar Aquela Que Chora nas noites de lua cheia, esperando ser encontrada e libertada. Seu pequeno corpo já não existe mais, porém sua alma continua presa dentro das paredes escuras do poço que foi sua morada até seus últimos dias...” – contou Biful, os olhos marejados.

– Que coisa cruel e triste! – lamentou Rheita.

– É ho-horrível! – concordou Kiel, calçando rápido suas meias, como se elas pudessem protegê-lo de um terrível feitiço.

– É uma história realmente muito triste... – concordou Biful, aparando uma lágrima. – Mas a bruxa pagou um preço muito caro pelo crime: os moradores, revoltados, atearam fogo na sua casa enquanto dormia e não houve feitiço que poupasse sua vida...

– Talvez.. talvez – disse Rheita, compadecida – possamos libertar a menina...

– O QUÊ? – perguntaram Kiel e o homocapillis, incrédulos.

– Isso mesmo – reafirmou Rheita, pensativa. – Algo me diz.. Temos de encontrar esse lugar... onde fica o poço. – Ela remexeu no bolsinho do vestido e tirou o Mapa Mágico de dentro dele.

– Não po-pode estar fa-falando sério, Rheita! – interpôs o garoto.

– Oh! – gemeu Biful, atemorizado. – Não façam isso, crianças! Ou querem que alguma bruxa prenda vocês dois em outro poço?

– Ele tem toda ra-razão! – concordou Kiel, enfático.

– Não temos escolha – objetou a menina, apontando o mapa para o amigo, que murchou no mesmo instante. – *“Siga o canto do choro perdido, não se demore, o tempo já está se esvaindo. Corra antes que a lua se esconda, adentre pelos jardins de execrável perigo e liberte o coração que chorou mais que o inimigo – sob o pó estará o tesouro que nunca morreu.”* – recitou a menina, encontrando os olhares intrigados de Kiel e Biful.

– O que significa isso que você acabou de ler? – indagou o homocapillis, olhando desconfiado para o mapa. – Não é nenhum tipo de feitiçaria, é?

– Não é feitiçaria, é uma pista! – respondeu ela. – Uma pista para encontrar um tesouro... uma... uma Chave; *“sob o pó estará o tesouro que nunca morreu.”*!

– Chave? Que tipo de chave? Eu tenho um monte aqui em casa... Posso lhe dar uma, se quiser – disse Biful, levantando-se para pegar o chaveiro pendurado ao lado da porta.

– Não – explicou Rheita, paciente. – Não é uma chave comum. Ela tem poderes... Poderes mágicos. É uma chave como esta.

Mesmo contra a vontade de Kiel, Rheita tirou a corrente do pescoço e mostrou a Primeira Chave ao homocapillis. Este a examinou com cautela, tomando cuidado para tocá-la somente com as pontas dos dedos, como se possuísse algum feitiço maligno, e a devolveu à sua portadora.

– O que uma chave como essa pode fazer de tão poderoso? – perguntou, entre a curiosidade e o receio.

– Concede um desejo àquele que conseguir reunir Sete Chaves como esta...

– No Po-Portal dos Desejos – completou Kiel, hesitante.

– O Portal... o Portal dos Desejos? – repetiu Biful, incrédulo. – Mas... mas os Três Tesouros de Lagoena foram perdidos para sempre! Não existem mais... Isso é impossível!

– As Sete Chaves estão em Lagoena, Biful, há muito tempo – explicou Rheita, lembrando as palavras de um velho mago. – E o Mapa Mágico quer que sejam encontradas... o mais rápido possível. Todas correm perigo, elas podem ser usadas para fazer algum mal à sua terra. – Rheita engoliu em seco e continuou: – Precisamos de sua ajuda, Biful.

– Mi-minha ajuda? Pa-para quê? – gaguejou ele, recuando ao adivinhar o que a menina queria.

– A Segunda... A Segunda Chave está dentro do poço. Precisamos tirá-la de lá!

O homocapillis explodiu aos prantos.

– NÃO! NUNCA! Isso é loucura! A morte... A morte é a única coisa que encontrarão lá...! O mapa pode ter cometido um engano... Aquela região não é um lugar seguro. Muitos morreram tentando salvar a menina... Eu não quero morrer... Vocês querem? – choramingou ele, feito uma criança, deixando Rheita e Kiel chocados.

– Acalme-se, Biful – disse Rheita. – Olhe, não vamos embora...

– E-e a Chave? – cochichou Kiel, percebendo a urgência de ir procurá-la.

– Eu sei... Daremos um jeito – sussurrou a menina de volta. – Agora precisamos acalmá-lo, senão colocará tudo a perder, precisamos dele...

O homocapillis ainda chorava em lágrimas e soluços grandes, sentado no chão e abraçado às longas pernas, tal criança indefesa. Rheita pegou uma caneca e a encheu de água.

– Tome, vai se sentir melhor...

Biful aceitou, as mãos trêmulas.

– O-obrigado – disse ele, limpando os olhos inchados com as costas das mãos e tomando a água num gole só. – Nós... homocapillis... somos os seres mais medrosos em Lagoena. Por isso, sempre fugimos. Por isso, não defendemos nossa terra quando foi preciso. Vocês ficarão à noite aqui comigo, não?

Rheita e Kiel se entreolharam.

– Precisamos encontrar a Segunda Chave – disse Rheita, brevemente. – E não conseguiremos fazer isso sem a sua ajuda.

O homocapillis engoliu em seco e encarou os dois com uma mistura de lástima e decepção. A cabeleira encrespada e ruiva pendia murcha, emoldurando seu rosto magro e barbudo.

– Não posso fazer isso, vou pôr a vida de todos nós em risco se sairmos pela floresta esta noite... Teríamos de andar muitas horas até alcançar o Ermo do Soluço. – Calou-se, percebendo que falara mais do que desejava.

– Não está ve-vendo, Rheita, e-ele não quer no-nos ajudar, é um grande covarde – disse Kiel irritado. – Se-se ele soubesse que-você é, ta-talvez mu-mudasse de ideia.

Biful olhou para as crianças, intrigado.

– Ele precisa saber que você é uma Guardiã! – disse Kiel, quase gritando, e muito seguro. – Ele pre-precisa sa-saber...

– Ah, isso é uma farsa! – disse o homocapillis, levantando-se. – Não tentem me

convencer com mentiras; só o Guardião pode ter...

– Esta insígnia – Rheita mostrou a cicatriz desenhada na palma de sua mão direita.

– Pelas Lágrimas de Aura! Então é verdade! – Ele levou as mãos para o alto, embasbacado. – É uma providência do destino! Lagoena ainda está viva!

Dizendo isso, Biful se pôs a dançar alegremente, num ritmo esquisito.

– Então... Vai nos ajudar? – perguntou a menina, esperançosa.

O homocapillis estacou com uma perna ainda no ar.

– Ah... não... Quer dizer... Sim... Podemos ir amanhã bem cedo, é mais seguro...

– Não podemos esperar, Biful! Só seremos guiados pelo mapa enquanto a lua cheia estiver no céu!

– Ah, está bem... Eu... Eu vou – respondeu ele sem ânimo, depois de muita insistência. Rheita deu vivas, embora Kiel ainda duvidasse da súbita coragem do homocapillis.

– Mas temos de caminhar o mais rápido que pudermos – acrescentou Biful. – A estrada até o poço é um pouco demorada, e não temos o tempo a nosso favor. Precisamos estar prevenidos, temos de levar mais meias vermelhas, uns pares extras nunca são demais, deixe-me ver...

Biful foi até seu armário e deu uma espiada

– Amarrem na cintura – disse, e entregou os pares para Rheita e Kiel. Os dois obedeceram imediatamente, para não contrariá-lo antes que desistisse. Biful acendeu um lampião, pegou um rolo de corda e o pendurou atravessado nos ombros. Por último encaixou o chapéu sobre a cabeleira ruiva.

– Vamos, estamos prontos!

Deixaram a confortável casa do homocapillis para adentrar a noite escura e fria. Para alívio - mas não total sossego - de Biful, nada encontraram de ameaçador nos arredores de sua residência, a não ser o silêncio e a escuridão que engolia a floresta num imenso buraco negro. Seus ouvidos apurados ainda distinguiam, além do farfalhar suave das folhas, o choro distante da alma enfeitada. A lua cheia espiava tímida de quando em quando, entre os ramos folhosos e negros das árvores. Tomaram uma vereda irregular durante meia hora pela floresta, até encontrarem uma estradinha estreita de terra batida, quase escondida sob as folhas secas.

Biful estudou a lua com preocupação e apertou o passo, obrigando as crianças a triplicar a velocidade para alcançá-lo. Elas tropeçaram em seus calcanhares várias vezes e rezavam para que as meias vermelhas fizessem efeito contra lobisomens.

De repente, o homocapillis estacou. Olhava fixamente para um pequeno morro coberto por uma vegetação baixa e densa. A Lua, próxima da linha do horizonte, voltava sua grande cara amarela para um poço de pedra construído no topo do morro, por onde um choro infantil ecoava além de suas entranhas. O som chegou aos ouvidos de Rheita, fazendo-a estremecer.

– É aqui – disse Biful, olhando agora para os dois. – O jardim amaldiçoado nunca nos deixará passar...

– Temos de encontrar alguma forma de atravessá-lo – disse a menina,

aproximando-se da cerca vegetal.

Alguma coisa entre as plantas de folhas espessas se moveu depressa, mostrando uma flor enorme de pétalas amarelas. Instintivamente, Rheita deu um salto para trás; a flor abriu uma bocarra horrenda com muitos dentes afiados e cuspiu um líquido vermelho, pegajoso, que por pouco não a atingiu em cheio. Sua roupa ganhou vários furinhos onde o veneno respingara.

– Não faça isso! – apavorou-se Biful, puxando Rheita a tempo de evitar um desastre maior. – Nunca se aproxime dessa forma; eu disse que a bruxa tinha encantado o jardim com alguma maldição... Todas as plantas aqui um dia foram belas e delicadas, mas com o feitiço se tornaram selvagens, por isso ninguém conseguiu salvar a menina...

– Precisamos fazer algo, antes que a Lua suma! – disse Rheita, aflita, olhando para o astro.

– Ta-talvez o sa-saquinho mágico po-possa ajudar – sugeriu Kiel, preocupado.

– Que saquinho mágico? – inquiriu Biful, intrigado.

– Isso mesmo! Como a gente pôde esquecer? Pense em alguma coisa, Kiel, rápido!

– Ah... nã-não sei, não tive nenhuma i-ideia até agora...

– E como funciona esse saquinho? – interessou-se o homocapillis.

– É só pe-pensar em algo, e ele su-surge de-dentro do saco – explicou Kiel, entregando-lhe o objeto.

– Mas só pode ser algo que caiba dentro dele – apressou-se em acrescentar Rheita.

– Bem... Então... Vou tentar. – Biful começou a massagear o saquinho mágico entre os dedos compridos. – Sim, sim... Nenhum homem foi capaz de ultrapassar os muros do jardim, nunca conseguiram destruí-lo. Acho que não pensaram na forma certa... Só existe uma forma de tornar um solo infértil. – Seu rosto se iluminou num grande sorriso.

– Qual? – perguntaram os dois aventureiros, ansiosos.

– Jogando sal! – O saquinho mágico estufou-se entre as mãos de Biful, e ele imediatamente despejou nas mãos de Rheita uma boa quantidade de sal branco. – Temos de ser rápidos – disse ele, adicionando um punhado às mãos de Kiel também. – Acho que as plantas vão evitar nos atacar se jogarmos sal no solo, à medida que avançarmos. Elas vão recuar. Todos juntos!

Aproximaram-se da cerca vegetal. Os galhos ganharam vida, agitando-se no ar como uma multidão de braços, e muitas flores venenosas ergueram suas cabeças feias preparando-se para cuspir seu veneno. Rápida, Rheita despejou uma pequena quantidade de sal no solo, o suficiente para fazer a planta recuar, provando que Biful estava certo. Os arbustos iam se afastando murchos, quando o sal tocava o chão. Não demorou para que alcançassem o topo do morro. Biful fez um grande círculo de sal ao redor do poço de pedra; as plantas não se atreveriam a se aproximar daquele perímetro.

E foi ali que escutaram com maior clareza o choro de alguém preso nas profundezas do poço fundo – um soluço infantil e doce, mas desesperado, um eco solitário. Com aperto no coração, Rheita examinou o mapa: estava no lugar certo. As pegadas tinham percorrido o caminho por um trecho da floresta, atravessando

o Ermo do Solução até ali, no topo do morro, e agora se encontravam no poço ilustrado no mapa.

O homocapillis estudou as profundezas escuras do buraco, engolindo em seco.

– Tenho medo de altura – disse, estalando os dedos nervosamente. – Eu posso segurar a corda, enquanto alguém desce...

Rheita e Kiel se entreolharam; ninguém queria descer primeiro. Então, resolveram disputar no par ou ímpar: o menino perdeu.

– Confie nas meias vermelhas – aconselhou Biful a Kiel, que amarrou a cara por ter perdido e tentou convencer a menina a jogar de novo, sem sucesso.

Ele subiu no muro do poço e esperou o homocapillis lançar a corda com a lamparina presa na ponta, baixando-a pouco a pouco, até se perder lá no fundo. Kiel enxergava somente um pontinho de luz. Sem escolha, agarrou-se à corda e desceu cauteloso. Metros e mais metros se alongavam abaixo, pelas paredes limosas do poço. O menino descia trançando a corda entre as pernas, olhando ora para cima, ora para baixo. Depois de muitos calafrios e mãos arranhadas, alcançou o fundo de pedra do poço, desatou a lamparina da corda e examinou o local. Havia somente um corredor; a garganta escura bafou um ar gélido trazendo um murmúrio lastimoso. Kiel estremeceu.

– Kiel, você está bem? – gritou Rheita lá de cima, a voz ecoando pelas paredes do poço.

– Ah... Sim, estou! Pode descer! – gritou ele de volta, apavorado o suficiente para não gaguejar, rezando para que a amiga não demorasse na descida.

Rheita escorregou pela corda e, num instante, estava ao lado do amigo. Ele, de olhos arregalados e pálido, apontava para o corredor baixo que desembocava em algum lugar entre os labirintos subterrâneos daquela construção. Um choro distante vinha de sua cavidade; ela e o menino seguiram o eco infantil que aumentava a cada passo dado. Continuaram pelo mesmo corredor, seguindo seus sussurros lamentosos, até desembocar em uma grande câmara abobadada, iluminada por archotes enfeitizados. No centro, sobre um pedestal, estremecendo ao choro da menina aprisionada, havia uma pequena tumba de pedra coberta por camadas de teias alvas.

Kiel quase largou o lampião. Ia sair correndo, mas Rheita o agarrou pelo braço. Um pavor imenso revirava suas entranhas; não sabia que tipo de magia ruim havia dentro daquela tumba de pedra, e temia encontrar o pior ao abri-la.

Com passos hesitantes, ela se aproximou, tendo Kiel no seu encaicho. A tumba tremia de maneira assustadora à medida que se aproximavam, como se quem estivesse trancado lá sentisse a presença deles. Rheita estendeu a mão trêmula e tocou a superfície empoeirada. Imediatamente o túmulo parou de tremer; então, tentando não pensar muito para não alimentar o medo, ela forçou a tampa pesada. Só conseguiu movê-la quando o amigo resolveu ajudá-la e, tomando fôlego, empurraram com força a porta da tumba. Esta se chocou contra o chão, partindo-se.

Eles se depararam com o corpo intacto de uma menina, aparentando seus cinco anos de idade. Poder-se-ia dizer que estava dormindo, não fosse pelo choro contido que parecia animar seu pequeno corpo aprisionado durante séculos e mais séculos. No seu rostinho não escorria nenhuma lágrima; os cabelos lisos e



loiros ainda tinham um tênue brilho; a pele era branca, frágil como papiro; as pequeninas mãos se cruzavam segurando uma chave dourada.

Rheita ficou paralisada, chocada por encontrar uma vítima tão jovem; sacudiu a cabeça para escapar do rápido devaneio e levou as mãos até a Segunda Chave. Antes de alcançá-la, uma baforada forte de poeira subiu no ar, rodopiando, empurrando-os para longe. Ainda atordoados, levantaram-se rápido, a tempo de ver a imagem da menina tomando uma forma translúcida.

– Por longo tempo chorei, na ânsia de ser encontrada. Meu corpo foi enterrado, mas minha alma permaneceu enfeitiçada. Feliz estou agora que encontro a luz da eternidade. Minha alma será para sempre grata por vossa coragem, pois livre encontrarei minha verdadeira morada no Paraíso Distante, junto daqueles que me amavam... – ela disse, e deu um sorriso antes de sumir em meio a um grande clarão.

Na tumba não restava nenhum vestígio do seu inocente corpo, nem o eco do seu lamento: tudo acabado. Ali, único e solitário, jazia somente um objeto: a Chave dourada.

Capítulo 20  
A voz dos astros



A Segunda Chave brilhava num belo tom de dourado, um tesouro que nunca perderia sua verdadeira magia. Tomada por uma alegria frenética, a menina pendurou a chave na fina corrente de prata, o metal frio contra o peito. O peso da responsabilidade crescendo.

Oviu-se um estalo. Kiel, em tempo, puxou Rheita pelo braço, evitando que uma parte do teto desabasse sobre ela. Naquele instante, os dois entenderam o que acontecia: o encanto da bruxa fora quebrado, e sua prisão estava ruindo, assim como sua magia. Os dois puseram-se a correr desembestados enquanto o teto trincava sobre suas cabeças e desabava logo atrás deles, a poeira impedindo-os de enxergar poucos metros à frente. Procuraram a saída às cegas, tentando distinguir o mais tênue facho de luz. Logo, uma voz ecoou entre os corredores subterrâneos: era o homocapillis, chamando em desespero os nomes das crianças.

– *Biful, socorro!* – gritou Rheita de volta, ao transpor as pedras que impediam o caminho.

Com dificuldade, encontraram o corredor principal que desembocava no fundo do poço, buscando com esperança a voz do homocapillis. Kiel foi atingido de

raspão por um bloco de pedra, adquirindo um feio corte na perna esquerda. Manquejando, ele agarrou uma corda, com Rheita grudada em seus calcanhares; tinham finalmente encontrado a saída.

Rápido, Biful içou os dois de uma vez só, com uma força surpreendente. Ao olhar para baixo, Rheita viu as pedras avançando no portal do fundo do poço, obstruindo para sempre a passagem daquela prisão maligna.

– Pelas lágrimas de Aura! Que bom que estão vivos! – exclamou aliviado Biful, ao ajudar as duas crianças, completamente cobertas de poeira, a escalar o restante do muro do poço. – O que... o que aconteceu lá embaixo?

– Nós que-quebramos o encanto... E... E o poço desmoronou inteiro... sobre nossas cabeças... – disse Kiel, fraco, tomando longos fôlegos.

– Então... Conseguiram libertá-la... e...e... – Biful emudeceu de emoção.

– Sim... Também conseguimos a Segunda Chave – anunciou Rheita, mostrando-lhe a Chave que reluzia sobre o peito ofegante.

– Isso... Isso é maravilhoso! – disse o homocapillis, sem conter a alegria. – Agora poderão seguir viagem e encontrar todas as outras...

– Ai! – gemeu Kiel.

Rheita arregalou os olhos, chocada.

– Biful, Kiel está ferido, precisamos tirá-lo daqui!

– É melhor estancar esse corte, antes que perca mais sangue! – Biful tirou um lenço do colete e envolveu o local lesionado. – Vai precisar de ervas-hospedeiras, param o sangramento num instante. Vamos voltar para minha casa, é melhor que fiquem por lá até que ele se cure!

O homocapillis pegou Kiel, cada vez mais enfraquecido, nos braços. Mal dera uns poucos passos, porém, estacou, o rosto lívido, a boca entreaberta. Ele apurou os ouvidos, atento. Depois, farejou o ar, o semblante contorcido de temor e preocupação. Kiel, pálido, o acompanhava intrigado, embora a dor se espalhasse gradativamente pelo seu corpo. Rheita também olhou ao redor procurando enxergar alguma coisa para além do negrume noturno. Foi quando percebeu que Biful recuava, os olhos quase saltando das órbitas.

Relinchos espectrais ecoaram pela noite como um pesadelo terrível, precedendo um bando de cavalos negros sem cabeça que cuspiam de seus pescoços ocos chamas escuras. Reunidos em bom número, escalarão o morro a galope. O homocapillis e as duas crianças se viram encurralados por dez espectros encapuzados, os rostos encobertos pela sombra dos capuzes negros e esfarrapados. Três deles abriram suas asas atrofiadas, parecendo maiores e mais ameaçadores; outro se destacou do grupo e se aproximou, estendendo sua mão putrefata para Rheita.

– *Dê-me o tesouro, menina...* – sibilara numa voz gutural.

Biful, ao seu lado, tremia visivelmente, perguntando-se que tipo de criaturas abomináveis seriam aquelas. Rheita não respondeu, apenas engoliu um grito apavorado e apertou as Chaves contra o peito. Perscrutou o rosto vazio do Torto. Era como cair num precipício sem fim, suas pernas ficaram pesadas e tudo ao seu redor começou a girar.

– *Dê-me o tesouro!* – insistiu ele, aproximando-se ainda mais.

Nisso, ouviu-se um grito, e uma voz muito mais forte rompeu o chiado cortante

do espectro. Uma flecha em chamas atingiu o Torto; ele silvou de dor e ira, tentando apagar a chama que consumia suas vestes podres, até sumir na escuridão, desistindo de sua presa. Agora restavam nove Tortos. O bando inteiro se alarmou, abrindo suas asas aleijadas, e empunhou suas adagas disposto a lutar.

Então, sem aviso, uma saraivada de flechas incandescentes encheu o céu como cometas e caiu sobre eles, ateando fogo em suas capas rasgadas. Os cavalos sem cabeça relincharam e recuaram nas patas traseiras; os espectros guinchavam atordoados e em chamas. Quatro desistiram, mas os demais ainda resistiam e insistiam em atacar – não iriam embora sem as Chaves.

Ouviu-se o som de cascos que batiam em retirada, confundindo-se com o som de outros que se aproximavam. Comprimidos juntos à parede do poço, diante da confusão, as crianças e o homocapillis temiam o pior: um exército de Tortos poderia aparecer a qualquer instante. Porém, entre o negrume da noite, empunhando flechas em chamas, o que surgiu foram cinco centauros, bradando palavras estranhas e enraivecidas.

Os espectros responderam em tom desafiador; um deles avançou sobre um centauro de cabelos lisos e semblante jovem. Este armou velozmente seu arco em posição de tiro e o atingiu no rosto. Outro centauro, o maior e mais velho do grupo, atirou com destreza várias flechas em direção aos espectros, que fugiram guinchando através da noite escura.

– Malditos Tortos! Que a chaga deles seja eterna! – esbravejou com voz grave o centauro mais velho, perscrutando o horizonte negro por onde os espectros sumiram. – Eles estão cada vez mais ousados... Não costumam avançar as fronteiras do Deserto Morto!

– Há um número significativo rondando a região, Raurus – disse outro, que tinha uma vasta cabeleira longa e encaracolada. – Eles estão *procurando*... – Ele se virou, olhando desconfiado para o grupo de estranhos pálidos de susto, e deu uma atenção especial a Rheita, que ainda arquejava, as mãos sobre o peito onde escondera as Duas Chaves.

– A ruína do homem! – acrescentou Raurus, cerrando os punhos, com raiva.

– Acalme-se, Raurus – disse um centauro mais moço. – Eles não têm culpa.

– Culpa?! – repetiu Raurus, num tom irônico. – Este foi o sentimento que o homem se esqueceu de ter quando amaldiçoou esta terra para sempre. Vamos embora, todos, já fizemos muito por esta noite...

– Não podemos deixá-los aqui! – insistiu o jovem centauro. – Estão correndo grande perigo.

– O está pensando? Carregaremos todos nas costas como mulas?! Você sabe o que nosso clã pensa sobre isso, não sabe, Sendalus? – indagou Raurus, a voz grave ecoando ameaçadora.

– Só o homem pode consertar a linha quebrada do destino – argumentou o outro.

– Não nos metemos mais nos assuntos deles! – vociferou Raurus, veemente. – Decida de que lado você está, Sendalus: do lado dos traidores ou do nosso?

– Estou do lado de Lagoena – respondeu concisamente o jovem centauro. Depois se calou, pensativo, estudando algumas estrelas da madrugada. – Garda se aproxima cada vez mais do horizonte, você sabe o que isso significa...

– O destino é tão incerto em Lagoena quanto há infinitas estrelas nos mundos e não se pode contá-las. Não confie inteiramente na voz dos astros, eles podem se enganar por acreditar demais nos homens, como já aconteceu uma vez – retrucou Raurus com *secura*. – Deixe que estes resolvam o mal que provocaram; já fizemos muito por eles, e não nos pagaram com boa moeda... Vamos embora...

– Não! – disse Sendalus, decepcionado com a atitude do companheiro. – Não podemos abandoná-los esta noite... Eu vou ficar!

– Isso será considerado traição – ameaçou Raurus. – Será banido do clã, terá de viver com os selvagens...

– Prefiro viver com selvagens a estar com covardes! – rebateu Sendalus. – Todos nós deveríamos lutar por Lagoena!

– Lagoena já não existe mais, está perdida há muito tempo – respondeu Raurus, friamente. – Aura abandonou a todos quando permitiu que os homens governassem esta terra.

Dando-lhes as costas, ele partiu com os demais companheiros. As crianças e o homocapillis não tinham dito nada até aquele momento. Não fora nada agradável ouvir uma discussão entre criaturas tão misteriosas como os centauros; tudo o que diziam era enigmático demais para se entender.

Sendalus, o centauro mais jovem do grupo, permanecera ali, em silêncio, estudando o céu negro salpicado com raras estrelas. Depois, voltou-se para os demais, que esperavam com uma mistura de curiosidade e medo.

– Quando Garda descer do céu e tocar a terra lá no horizonte, o destino será feito – disse ele, num tom misterioso. – Aura, no seu eterno sono, cobriu esta noite de negro; a morte estava mais uma vez presente entre os inocentes... Eu e meus companheiros sentimos o perigo e seguimos os rastros dos Tortos. Algo despertou o instinto de cobiça deles, algo que ainda impregna suas almas condenadas: *o poder*. – Fez uma pausa e encarou Rheita, mansamente. – Sei que fardo carrega, menina, há muito meu povo fala sobre o tesouro adormecido de Lagoena e o grande poder que possui. Só um Guardião poderá evitar o mal que ameaça cair sobre a Terra Secreta; ele escolherá muitos caminhos, mas não evitará se encontrar com a morte.

Rheita sentiu um arrepio na espinha. Criou coragem para se aproximar de Sendalus e perguntou:

– O que quer dizer com isso?

O centauro olhou para o céu e respondeu:

– Garda está descendo até o horizonte... O fim estará devagar, mas o começo está próximo...

A menina olhou abismada para o centauro. Mesmo não entendendo nada do que dizia, sentia-se extremamente grata por ele e seus companheiros terem salvado sua vida e a de seus amigos. Nisso, Kiel deu um sonoro gemido de dor. Sendalus, até então, não o tinha visto ali, lívido, seguro nos braços compridos do homocapillis.

– O que há com este menino, amigo homocapillis? – indagou, ele, franzindo o cenho ao se aproximar de Kiel.

– Está muito machucado – respondeu Biful, os olhos marejados de

preocupação.

Ao examinar o feio corte na perna do menino e sentir-lhe o odor, a expressão de Sendalus se tornou grave.

– Este lugar está doente de ódio, a terra é venenosa! Se não andarmos imediatamente, este jovem pode morrer, pois o veneno agora corre em suas veias.

Capítulo 21  
Inocência e amizade



Sendalus estendeu os braços e pegou Kiel quase desfalecido no colo.

– Mas... Mas, para onde irá levá-lo? – protestou o homocapillis.

– Vou levá-lo a um velho sábio do meu povo; ele saberá fazer o antídoto certo para o veneno não se espalhar pelo corpo. Temos somente algumas horas.

– Ora, ele não irá a lugar algum sem mim! – disse Biful, pondo-se à frente do centauro.

– E nem sem mim. Ele é meu amigo! – concordou Rheita, juntando-se ao homocapillis.

O jovem centauro olhou impaciente para os dois.

– O tempo é curto, cavalgarei muito rápido. Não posso levar mais que duas pessoas – retrucou ele, olhando diretamente para Biful.

– Ah... Está bem... Reconheço que não conseguirei acompanhar a marcha – confessou Biful, tristonho. – Vá com ele, menina Guardiã, cuide de seu amigo, ele precisará muito de você.

Pegando Rheita pela cintura, ele a colocou no dorso do centauro.

– Foi uma honra conhecê-la – disse, tirando o chapéu e fazendo uma longa reverência. – Adeus. Que Aura os proteja!

Eles partiram, com Rheita bem segura na garupa. O centauro desceu o morro com cautela e adentrou novamente a floresta. Sendalus trotava rápido, as passadas fortes pisoteando a terra. Desviava com agilidade dos galhos baixos e dos arbustos que apareciam no caminho. Kiel gemia de maneira quase inaudível. Rheita temeu pelo amigo; copiosas lágrimas quentes escorreram pelo seu rosto. Sendalus erguia a cabeça para o céu de quando em quando, falava baixinho numa língua estranha – parecia uma oração, um pedido urgente – e empenhava suas forças, galopando mais rápido. Ao longe, podia-se ouvir o murmurinho apressado de algum rio que logo surgiu, esguio – uma fina linha prateada –, braço de outro que ia mais distante, subindo para o norte, até se perder em algum lugar de Lagoena.

Sendalus seguiu o leito de outro afluente. Chapinhou na margem rasa forrada de pedregulhos. As águas mais adiante desabavam em cascata, dentro de uma bocarra na terra. O centauro chegou até a margem do despenhadeiro, encontrou uma estreita passagem construída na própria rocha. Não demorou para alcançarem o último patamar da descida. Sendalus deu um grande salto e passou a galopar. Embrenhou-se entre árvores baixas, de troncos robustos. Quando finalmente se deparou com o lago formado ao redor da queda d'água, ele estacou de forma brusca. Rheita se desequilibrou e até cairia, não fosse o jovem centauro ter-se apuramado a tempo.

Diante deles, erguendo grandes arcos, surgiram outros centauros. Estes eram fortes, embora a parte humana de seus corpos fosse esguia. Os cabelos eram ruivos, a pele demasiadamente branca, os semblantes mais suaves e menos equinos, os olhares bondosos, porém astutos. Um deles se destacou do grupo, uma flecha retesada no arco, pronto para atirar.

– O que o inimigo veio fazer em nossa casa? – indagou, encarando severamente o recém-chegado.

– Vim em paz, meu caro parente! – disse Sendalus, num tom quase suplicante.

– Quero falar com o Rei Sábio do seu povo. Esta criança está muito ferida, foi envenenada...

Todos os centauros olharam para Kiel, pálido, delirando de febre. Rheita esticou a cabeça para encará-los, depois se escondeu novamente atrás de Sendalus.

– Ele está muito ferido! – insistiu Sendalus. – O tempo está acabando, somente os conhecimentos do seu rei podem ajudá-lo!

– E quem é essa que traz com você? – inquiriu outro centauro ruivo.

– Ela é amiga, veio ajudar...

– Abaixem suas armas – ordenou, calmo, o primeiro centauro, depois de uns minutos em silêncio. – Levem-nos até o rei.

Eles foram guiados até uma entrada secreta escondida atrás do véu de águas da cascata. Seguiram por um longo túnel moldado na rocha até desembocarem numa caverna de muitos metros de altura. Uma enorme fogueira crepitava no centro. Túneis se abriam em todas as margens para lugares mais secretos dentro da rocha, e de um deles saiu um centauro grande, porém de aparência cansada. Sua cabeleira era cheia e branca; a barba prateada quase tocava o chão, os pelos do dorso também eram muito alvos. Era um centauro albino. Usava uma grinalda de folhas secas e um manto verde de algodão cru pendurado sobre um



ombro, preso à cintura. Seu andar era pouco ágil; apoiava-se em um cajado feito de osso. Devagar, chegou até os visitantes.

– Esperei que viessem até mim esta noite – disse ele, com a voz rouca. – Uma voz gentil e amiga soprou esse segredo pelos ventos, quando o mistério vendou com negrume todas as estrelas. É preciso estar atento, o perigo anda à espreita novamente...

– Majestade – disse Sendalus, desamparado. – O menino... O menino está gravemente ferido; pode fazer alguma coisa para ajudá-lo?

– Ajudá-lo? Eu? Creio que sim – respondeu o outro, de maneira breve. A urgência do momento não lhe tirava a calma. – Deite-o no chão, perto da fogueira, para que eu possa vê-lo melhor.

O centauro abaixou-se e pôs um Kiel quase sem vida no chão – era o que denunciavam os lábios pálidos e as olheiras acentuadas. Rheita desceu do dorso do centauro e sentou-se ao lado do amigo, pegando suas mãos frias. Sendalus se distanciou para as sombras.

– Cure-o, por favor – suplicou a menina, sem conter as lágrimas.

– Você tem um coração bom, criança Guardiã. Seu amigo vai precisar muito de sua força – disse o velho centauro, com uma estranha tranquilidade. Em seguida, dirigiu-se ao subalterno.

– Fartasus!

– Sim, majestade! – prontificou-se o centauro que permitira a entrada na Fenda Profunda.

– Traga as ervas mágicas...

Fartasus sumiu na escuridão de um dos corredores e reapareceu em seguida, carregando uma grande cesta de palha, abarrotada de plantas estranhas, e uma vasilha rasa de barro. Ele as depositou ao lado do velho e sábio centauro, que tinha se abaixado para sentir a temperatura do garoto e lhe examinar o ferimento.

– É uma maldição muito antiga essa que impregnou o veneno que agora percorre o corpo desta criatura inocente – disse ele, lastimoso, escolhendo algumas folhas e as amassando entre as mãos enrugadas, para depois colocá-las sobre o ferimento. – Isto irá parar o sangramento e fechará o corte. Se demorassem mais algumas horas, teria sido tarde demais...

Na vasilha de barro, amassou uma folha que soltou um líquido pastoso, esverdeado, e acrescentou um pó branco, de aspecto cintilante.

– Isso é pólen de margaridas celestes, cultivadas nos bosques secretos das fadas. Agora, preciso da prova de um sentimento sincero... – Ele olhou para Rheita, os olhos dela vermelhos de tanto chorar. – As lágrimas que caem dos seus olhos, menina destinada, são preciosas: têm inocência pura e amizade verdadeira; esta é a melhor prova que pode existir de um sentimento sincero. Apenas uma gota bastará, e o antídoto estará pronto.

O velho centauro aparou uma lágrima de Rheita com a ponta do dedo e a acrescentou em sua poção. Imediatamente, a gosma verde se transformou num líquido transparente como água pura.

– Para cessar o veneno, aquele que deu a prova sincera deve oferecer o antídoto a quem deseja curar. Pegue, pequena criança Guardiã, faça com que o

beba.

Dizendo isso, ele entregou a vasilha de barro a Rheita, que a segurou com cuidado. Ela apoiou a cabeça de Kiel sobre as pernas e lhe deu a bebida com cautela, até a última gota. Feliz, percebeu o amigo recobrando a cor e a consciência aos poucos, ainda que com aspecto fraco. Sendalus se mantinha em silêncio, respeitando o valor da milagrosa cura.

– A força tem a verdadeira razão na amizade, lealdade e confiança que carrega no coração, criança Guardiã. Enquanto preservar todas elas, saberá quem estará ao seu lado durante esta jornada, pois Garda se aproxima do horizonte, e o céu e a terra serão um só! – disse ele, levantando-se com dificuldade, apoiando-se com o cajado. – É melhor que fiquem todos aqui até o raiar do sol. Fico honrado com sua visita a nossa humilde casa... Fartasus, providencie comida, roupas limpas e uma câmara de asseio para nossos hóspedes. A nova manhã esclarecerá os segredos do caminho. Que Aura proteja seus dias, criança Guardiã!

Ele fez uma longa reverência a Rheita, para depois sumir pelo mesmo corredor de onde surgiu, tão velho e sábio em seu mistério.

– Ele vai ficar bem – disse Fartasus à menina, confiante. – Amanhã estará melhor; precisamos deixá-lo descansar. Vou pedir para prepararem uma cama, assim seu amigo se recuperará mais rápido.

O centauro pegou Kiel mais uma vez nos braços e sumiu num dos corredores. Quando retornou, pediu que Rheita o seguisse por uma rede de corredores subterrâneos, que os levaram até a uma gruta onde pendiam várias estalactites entre pequenos lagos azuis.

Fartasus fez uma reverência e a deixou só. Rheita viu uma trouxa de roupa sobre uma pedra chata e entendeu que finalmente poderia tomar um banho e trocar suas vestes sujas por limpas. A água estava numa temperatura agradável. Rheita se aseou rápido, sem se separar das Duas Chaves douradas. Queria logo estar ao lado do amigo para cuidar dele. Colocou as vestes limpas - um vestido rústico de algodão cru, sob o qual ela guardou o Mapa Mágico - e, por fim, calçou as botinas.

Fartasus surgiu para buscá-la. Na grande caverna central, sobre uma tábua comprida de madeira, havia uma farta ceia, composta por carne vermelha, frutas e vinho. Nem Sendalus, nem Kiel estavam presentes. Embora Rheita preferisse ter recusado o banquete, estava faminta e acabou por aceitá-lo. Quando terminou de comer, pediu para ser levada até o amigo; não se sentia à vontade sozinha entre aqueles centauros sérios.

Kiel adormecera sobre uma cama de palha dentro de uma pequena gruta. Sua aparência indicava melhora. Vestia roupas limpas, tinha o corpo aseado e o ferimento coberto por uma atadura. Rheita se aproximou devagar, mas não conseguiu fazê-lo sem acordar o amigo.

– Ce-centauros, Rheita! U-um monte deles! – ele balbuciou, tentando sentar-se, mas acabou desistindo quando o ferimento protestou.

– É melhor ficar quieto – advertiu a menina. – Ou então vão me expulsar daqui! E como está se sentindo?

– Estou bem me-melhor... O que vo-você acha que vai a-acontecer com o Se-

Sendalus? – Kiel estava preocupado com o jovem centauro que salvara sua vida duas vezes naquela noite.

– Não sei. Talvez o deixem ficar, acho que todos aqui pensam como ele: querem que Lagoena seja livre de novo...

– Até pa-parece que os outros que-queriam o co-contrário – comentou Kiel, pensativo, lembrando-se da discussão entre os centauros morenos.

– Acho que Sendalus fez a escolha certa; ele quer lutar pela Terra Secreta, por isso nos ajudou – disse a menina, pestanejando de sono. Sem controlar as pálpebras, ela adormeceu rapidamente ao lado do amigo, que já ia a sono solto. Os dois adentraram sonhos distantes, onde coração e mente se encontravam e desvendavam os segredos mais profundos de uma terra estranha e, ao mesmo tempo, fantástica.

## Capítulo 22

### Filhos do vento



Os dois peregrinos acordaram assustados, imaginando ter dormido muitas noites ininterruptas. Na grande caverna, um bom desjejum oferecido pelos donos da casa os esperava. Kiel, faminto, abocanhou boa parte da comida, sem se importar com os bons modos. Sua aparência estava bem melhor. Rheita tomou uma grande taça de leite de cabra enquanto revolvia o desejo inquieto de ver o Rei Sábio novamente, antes de partir para sua caçada às outras Cinco Chaves escondidas em Lagoena. Mal notou o velho centauro aparecer repentinamente, sem ser anunciado. Os que montavam guarda no salão fizeram uma longa reverência ao perceber sua presença. Ela os imitou, saudando a figura branca, parte homem, parte animal. Kiel também fez seu gesto de respeito, mostrando sua boa saúde, ao que o centauro albino aprovou com a cabeça.

– Levantem-se, pequeninos perseguidores de tesouros mágicos! Estejam felizes, pois nosso povo festejará hoje à noite, em homenagem à passagem da Guardiã por estas paragens ermas, e beberá à saúde de seu leal companheiro de jornada! – disse ele, a voz rouca, retribuindo a reverência. Depois encarou Rheita com tanta firmeza que ela desviou o olhar para os pés, encabulada.

– Você deve seguir seu caminho, criança Guardiã, o destino já aponta o sentido

certo – tornou ele a dizer. – Vi Harval, a Estrela Guia do Amanhecer, sumir na alvorada do dia; ela desceu percorrendo em seu rastro de luz os passos distantes das terras do sul, indo em direção à Floresta Pálida, onde fui gerado pelo ventre da Mãe Branca, a grande Senhora das Matas Alvas... É para lá que o destino sopra, é para lá que deverão ir...!

A menina escutou atenta, para não perder nenhuma das misteriosas palavras do velho centauro. Desenrolou o fino pergaminho com ansiedade, como se desembrulhasse um presente de aniversário muito desejado, e descobriu que um novo caminho aflorava no mapa, guiando-os para o sul daquela região: para uma grande extensão de árvores chamada Floresta Pálida. O velho centauro percebeu o novo feito do Mapa Mágico e, aproximando-se de Rheita, disse:

– Há tempos que não vejo esta terra serena ao luar... Minha idade já percorreu muitas distâncias, e já não me resta mais forças para uma longa caminhada. A Mãe Branca os protegerá em seu seio de luz, e lá nunca encontrarão o perigo, nem mesmo os condenados Tortos ousarão atravessar aquelas terras. O tempo está correndo como a fluidez de um rio apressado! Vamos, pequenos andarilhos, os inimigos há muito estão acordados e não podemos deixá-los descobrir o caminho que espera por vocês!

Rheita e Kiel já estavam preparados para partir mais uma vez quando Sendalus apareceu esbaforido, como se tivesse corrido uma grande distância.

– Avistei Tortos indo para o leste... Estavam subindo o Rio do Meio em direção às Montanhas Incultas, não sei se pretendem ir para a Floresta Escura ou subir para o norte.

– Fez muito bem, Sendalus – disse o centauro albino, com o semblante preocupado e tenso. – Não podemos deixar de vigiar o caminho dessas bestas. Fartasus, reúna os soldados e preparem as armas, não tire os olhos do leste; os Tortos são criaturas imprevisíveis... Enquanto isso, você, Sendalus, levará em segurança os pequeninos para minha Mãe Branca!

Fartasus reuniu rapidamente um grande número de centauros armados com flechas, adagas e escudos, e partiram a trote rápido, bradando palavras estranhas e hinos de guerra, até sumirem além da cascata de água. Sendalus, antes de partir, pediu a bênção de proteção do sábio, fazendo uma respeitosa reverência. Depois de ser atendido, ajudou as crianças a subirem em seu dorso.

– Vão agora, pequeninos perseguidores de tesouros secretos! Aura velará seus caminhos em seu eterno sono! Vão!

Sendalus partiu, levando os dois garotos para continuar a jornada nas terras encantadas de Lagoena. O centauro cortou a pequena floresta aninhada na superfície daquela profunda cratera, onde a luz ganhava um tom esverdeado ao atravessar os ramos das árvores baixas. Rheita e Kiel seguraram firme enquanto Sendalus galopava com todo seu fôlego e juventude. Agora a menina percebia a vastidão daquele campo relvado, salpicado de pedras lisas por todas as partes. O centauro acompanhou a distância o percurso oposto do rio: para o oeste e depois descendo para o sul.

Depois de algumas horas de intensa cavalgada, avistaram ao longe uma enorme nuvem branca surgindo, muito baixa, tocando a borda do horizonte. Rheita nunca vira nada parecido, talvez tivesse quilômetros de extensão de uma

ponta à outra. À medida que se aproximavam, o aglomerado nebuloso ia crescendo, formando um paredão alvo como algodão. As crianças também repararam no rio que corria aos pés da nuvem, refletindo o azul do céu e o branco das grandes copas das árvores da Floresta Pálida. Sendalus fez uma curva acentuada, procurando uma passagem na parte mais rasa do Rio do Meio. Antes que imaginassem, já estavam na outra margem, aliviados, molhados e agradecidos por terem conseguido atravessar em segurança.

– Aqui eu os deixo, para seguirem a sua nobre viagem – disse Sendalus, fazendo uma reverência. – Que Aura os proteja enquanto esta jornada durar! Adeus!

– Adeus, Sendalus! – disseram os dois garotos vendo o centauro partir, atravessando o rio, e correr para além, de volta aos seus.

Quanto mais se aproximavam da orla da floresta, mais altas as árvores lhes pareciam. Seus troncos compridos brotavam altivos da terra como colunas de mármore. Delas emanava o aroma inebriante de um perfume doce que lembrava os sonhos mais delicados e esquecidos. Seus galhos farfalhavam ao ritmo da música do vento, numa dança contínua, sossegada, serena. Rheita achou que já tinha escutado essas vozes gentis do vento sussurrando belas e desconhecidas palavras, mas não conseguia lembrar-se de onde.

– Será que é ela? – indagou uma das vozes, em tom gentil e alegre, ecoando num tilintar de guizos.

– É tão branca... Tão pálida... Será que está viva? – perguntou outra, preocupada, suave quanto a primeira.

– Não, não, está morta! – afirmou uma voz com espanto, quase num sussurro.

– Como pode estar morta, se anda? – disse outra, intrigada, assoprando notas melódicas.

Os ecos e sinos emitidos pelas várias vozes deixavam Rheita confusa. Kiel procurava em vão a quem pertencia a conversa misteriosa.

– Ela é tão linda! – disse uma voz suspirando, quase sumindo.

– E tão morta também! – disse outra no mesmo tom.

Ouviram-se muitas risadinhas, muitos sininhos tocando.

– Olá, quem está aí? – perguntou Rheita, olhando em redor.

– Olá, quem está aí?! – repetiram as vozes alegremente, em uníssono.

– Não consigo vê-los! – disse a menina.

– Não consigo vê-los! Não consigo vê-los! – repetiram mais uma vez, às gargalhadas, numa avalanche de ecos.

– Ora! I-isso não é engraçado! – disse Kiel, irritado.

– Oh, como ele fala difícil! – disse uma voz, surpresa, tilintando.

– E bonito! – acrescentou outra.

– Esse não está morto, definitivamente não está! – declarou uma última.

Todos desataram a rir, num ecoar contínuo.

– Por que não aparecem? – desafiou Rheita, já um tanto aborrecida.

– Ah, a Morta quer saber por que não aparecemos, pessoa! – disse alguém, rindo tanto que se engasgou. Os outros riram também, muito alegres.

– Eu não sou a Morta – corrigiu a menina. – Meu nome é Rheita!

De repente, um silêncio reinou. Tudo parou, até o vento.

– Rheita! Rheita! Ela não é a Morta, pessoal! É a Viva!

Todos aplaudiram. No mesmo instante, torvelinhos surgiram em todas as direções.

– Não estou entendendo o que querem dizer com isso – disse Rheita, intrigada, olhando para onde julgava ouvir as vozes. – O que... O que são vocês?

– O que são vocês? – repetiu uma voz para as outras.

– Somos os Filhos do Vento! – respondeu uma voz branda.

– Somos feitos de ar! – disse outra, suspirando emocionada.

– Somos silfos! – gritaram todos juntos.

O vento agitou-se ao redor das crianças, envolvendo-as com seus inúmeros braços invisíveis. As folhas rodopiavam em pequenos redemoinhos, os galhos das árvores balançavam agitados. Os fios dos cabelos compridos de Rheita dançaram no ar, como se alguém brincasse com algumas mechas. A menina não sentiu medo. Lembrou-se de já ter ouvido aquelas gargalhadas e sorrisos em um sonho, enquanto voava muito alto e depois caía repentinamente sobre a grande Árvore de Espinhos...

Os silfos acharam que ela tinha morrido naquele sonho, por isso chamaram-na de *A Morta!* Ao entender isso, Rheita desatou a rir junto com eles. Riu até lhe doer a barriga. Depois, ainda lutando para conter o riso, perguntou:

– Como sabiam que viríamos para cá?

– Nossa Mãe Branca sabe de tudo e nos contou! – respondeu uma voz.

– Então viemos todos para saber se era realmente verdade! – confirmou outra, quase inaudível.

– Se estava Viva ou Morta – acrescentou uma voz gentil.

– Bem... Eu estou viva... Como vocês podem ver – disse Rheita. – E meu amigo também. Estamos bem vivos. E viemos procurar uma coisa aqui na floresta...

– Procurar uma coisa?

– Que coisa?

– É uma brincadeira?!

– Adoramos brincar!

– Não... Não é uma brincadeira – apressou-se Rheita a explicar. Os silfos soltaram exclamações desapontadas, uma lufada de vento frio soprou sob as sombras das árvores. A menina pensou e logo teve uma ideia.

– Mas pode ser a partir de agora, se quiseram nos ajudar. – Ouviram-se muitos vivos animados. – Vamos brincar de caça ao tesouro, estamos procurando uma Chave como estas aqui, olhem...! – disse Rheita, mostrando-lhes as Duas Chaves Mágicas penduradas na fina corrente de prata. – Vocês já viram alguma Chave assim por aqui?

Os silfos todos responderam de uma vez só:

– Oh, nunca vimos!

– São tão belas, tão douradas!

– Não há nada parecido!

– Uma pena! Uma lástima!

Rheita sentiu uma pontada de frustração. Abriu o mapa, sem esperar encontrar nada nele, enquanto ouvia as exclamações excitadas dos silfos:

– Vejam, é um desenho mágico!

Algo de diferente acontecia no Mapa Mágico: em meio à floresta ilustrada, no pergaminho nascia um torvelinho nebuloso que se transformou em palavras. Rheita prontamente as leu em voz alta.



Capítulo 23  
O Espírito da Nogueira



*“Entre as folhas de delicada brancura, procure o pomo que nasceu dourado na penumbra, aqueça-o no fogo do pássaro encantado, e terá aquilo que por destino lhe foi confiado.”*

- Mas que palavras lindas!
- Recite-as outra vez! – disseram os silfos, eriçando as folhas no chão.
- Caros amigos invisíveis – disse Rheita, procurando os silfos ao redor. – Agora podemos brincar de procurar outra coisa... Temos de encontrar um pomo... Um pomo dourado...
- Oh, há muitos deles aqui! – revelou uma voz muito mansa.
- Feitos de ouro puro!
- Mas são intocáveis! – responderam as vozes.
- Intocáveis? – inquiriu Rheita.
- Sim, não se pode tocá-los!
- Muitos já pereceram ao tentar tal façanha!
- O pomo dourado seduz rapidamente...
- E quer sempre algo em troca – acrescentou uma voz suave, seu eco perdendo-se vagarosamente.

– O Espírito da Nogueira não perdoa quem tenta possuir suas nozes de ouro...

– O fruto dourado! – disseram os silfos, de uma só vez.

As crianças se entreolharam, e cada uma sabia o que a outra estava pensando; não tinham escolha, era a única forma de obter a Terceira Chave encantada.

– Levem-nos, então, até o Espírito da Nogueira – disse Rheita, disfarçando o receio.

– Eles querem ir até a Nogueira! – disse uma voz aflita.

– Eles querem possuir o pomo dourado! – disse outra, pasma.

– Pobre menina! Pobre menino! – exclamaram muitas, incrédulas.

– Por favor, mostrem-nos o caminho – insistiu Rheita. – Vocês são os únicos que nos podem ajudar.

– O caminho é sempre o mesmo...

– Fica aos nossos pés!

– Sigam nossos passos!

O vento se movimentou mais uma vez, ganhando velocidade aos poucos. As árvores se balançavam levemente, as folhas caindo em todas as direções, como suaves plumas brancas. Rheita guardou bem o mapa dentro do vestido. O vento cada vez mais ruidoso, mas não ameaçador, a empurrou: seus pés descolaram da terra, a menina levitou como um pássaro. Kiel a observava do chão, perplexo, quando ele também, num susto, foi empurrado para a frente, ganhando subitamente altura. Várias mãos feitas de ar o carregavam, enquanto as risadas espocavam ao seu redor.

Os silfos corriam pelo ar sem pressa, brincando com as ramagens, soprando palavras melodiosas na canção mansa de suas vozes. Voaram baixo, contornando um caminho desconhecido pelo meio da floresta. Os pés de Rheita quase tocavam o chão quando ela, de súbito, deu um salto no ar com a maestria de um acrobata e aterrissou com equilíbrio, sobre aplausos animados. Já Kiel não teve a mesma sorte: tropeçou e caiu de mau jeito, indo de encontro a uma árvore de tronco robusto, duro e frio como mármore branco.

Subitamente, os silfos se aquietaram, escondidos em sua invisibilidade. Rheita percebeu que algo os assustara enquanto corria para ajudar o amigo a se levantar. Meio zozno, Kiel logo se recuperou; quando teve fôlego suficiente, soltou uma exclamação ao reparar na árvore branca à sua frente, abarrotada de pequenos frutos dourados. Os ramos da Nogueira estavam cheios, as folhas alvas quase sumiam sob o esplendor daquelas pequenas nozes douradas. Rheita se sentiu tentada a apanhar uma noz para si; Kiel evitou bem a tempo que a amiga puxasse uma de um galho baixo.

– Le-lembr-se! As nozes são e-encantadas! – alertou.

Rheita acordou de sua súbita distração; que estranho, não se lembrava do que fizera segundos antes.

– Por que rejeita meu belo tesouro, criança? – disse um rapaz surgido não se sabe de onde. Apenas um pouco mais velho que Kiel, dono de rara beleza que encantava e de juventude eterna, era o Espírito da Nogueira. Um manto branco cobria-lhe até os pés o corpo de estatura mediana, os cabelos castanhos caíam lisos, os lábios esboçavam um belo sorriso.

– Não quer uma de minhas raras nozes para levar com você? – perguntou ele,

os olhos brilhantes escondendo alguma sedução ardilosa.

– Ah... Não... Obrigada – disse Rheita, e se afastou do rapaz, embora estivesse atraída por sua encantadora beleza.

– E você, meu jovem? Não quer se tornar um homem muito rico? Um homem poderoso que pode ter tudo o que quiser, *tudo*...? – indagou ele, abaixando um galho forrado de nozes douradas. – Você pode levar todas se quiser, e voltar amanhã, pois todos os dias o fruto da riqueza brota desta árvore, e todos os dias eu fico a vagar por esta floresta procurando aquele que irá possuí-lo... Agora a sorte apareceu no seu caminho. Vamos, leve todo esse tesouro, pois quando se tem uma, se tem todas!

Ele apanhou uma de suas nozes e ofereceu a Kiel.

– Vamos, pegue – insistiu, dando um belo sorriso.

– Não-não posso... – disse Kiel, recuando e contendo a forte tentação de aceitar.

– Ora, não tenha medo! – sorriu o Espírito da Nogueira. – Vou lhe contar um segredo: ninguém, nunca, recusou o meu presente...

– O-o que quer e-em troca disso? – perguntou Kiel, breve, lembrando-se do aviso dos silfos.

O sorriso do rapaz logo sumiu da face, suas sobrancelhas juntaram-se numa linha reta, tensa. Ele dirigiu o olhar para Rheita, e não foi preciso mais nada para que Kiel entendesse.

– Isso não será possível! – respondeu ele, seguro, dando de ombros.

– Pense um pouco... É só mais uma vida, meu caro jovem... Só mais uma vida... – insistiu o Espírito da Nogueira, insatisfeito com a resposta do garoto. – Nada se consegue sem sacrificar algumas coisas às quais somos apegados...

– Kiel, temos de encontrar algum modo de conseguir uma noz! – cochichou Rheita, com urgência.

– É, e-eu sei! – respondeu ele num sussurro, um tanto nervoso. – Ma-mas não posso propor u-uma tro-troca...!

– O que fazer, então? Roubá-la?

– E-ele quer uma vi-vida, Rheita... Uma alma – disse Kiel, arrepiando-se por inteiro.

– Então, meu rapaz – continuou o jovem Espírito da Nogueira. – O que decidi? Entregue a alma de sua amiga para mim... Uma gota de seu sangue basta para que eu continue a existir, habitando e dando vida à Nogueira, e você se tornará um homem rico, mais rico do que muitos reis de Lagoena puderam ser...

Kiel trancou-se num silêncio, os pensamentos ardendo na mente. Não poderia contrariar o desejo do jovem espírito encantado; caso o fizesse, nunca obteriam a Terceira Chave, e tudo estaria perdido.

– E-eu fico no lugar dela! – decidiu Kiel, por fim.

O Espírito da Nogueira o encarou horrorizado. Levou as mãos à boca.

– Kiel, você não pode fazer isso! – protestou Rheita. – Não pode! É loucura!

– CO-COMO? – esbravejou o rapaz, colérico. – COMO OUSA SACRIFICAR-SE NO LUGAR DE OUTRA PESSOA?!

– Não quero o seu ouro – retrucou o menino, encarando o moço com severidade. – Leve-me no lugar de Rheita! Deixe-a livre! Você não pode recusar minha proposta!

O Espírito da Nogueira o encarou-o por um longo tempo. Então, disse:

– Ofereça-me seu sangue, e sua alma será minha para sempre. – Mostrou a face de lâmina fina e prateada que surgira em suas mãos.

– Kiel, não dê ouvidos a ele! – protestou Rheita, mas era tarde: o garoto estendia uma de suas mãos, já aceitara sua condenação.

Kiel foi inundado por uma onda desconhecida de confiança; algo lhe dizia que era certo entregar-se, acreditava que não corria perigo, naquele instante raro não sentia medo. O rapaz se aproximou; o menino percebeu que ele não era de carne e osso, sua imagem vinha somente de um reflexo de luz.

O Espírito da Nogueira segurou a mão de Kiel. Um frio enregelante envolveu o menino: então, era possível tocá-lo. O jovem o encarou mais uma vez, cobiçando algo que o menino guardava dentro de si. A lâmina escorregou sólida e afiada na palma da mão de Kiel, que deu um grito de dor; o sangue escarlate aflorou, e os olhos do rapaz vidraram de prazer.

– Uma gota basta! – disse ele, arrastando Kiel consigo, para junto da Nogueira. – Apenas uma gota, e eu ganharei mais uma vez a eternidade!

O espírito pegou a mão machucada do menino e deixou que uma gota de seu sangue tocasse o tronco alvo da árvore. Em seguida, saltou uma gargalhada doentia, ao ver o fio escarlate escorrer na superfície pálida. Kiel sentiu a mão latejar; Rheita correu para ajudá-lo, estancando o corte com um retalho do vestido.

O Espírito da Nogueira ria com prazer insano. No entanto, seu rosto contornado de pura loucura não era mais tão belo; ganhava traços que o deformavam, tornando sua imagem embaçada, distorcida – estava sumindo.

– NÃO, NÃO! EU TENHO O SANGUE DELE! EU DEVO VIVER! – Ele encarou Kiel, seu semblante tomado de perplexidade. – Fui enganado! Traído! O sangue que renegou meu tesouro trouxe o fim para a minha existência! O ciclo da Nogueira foi rompido; nada mais existirá de suas folhas, nem seus preciosos frutos! Tudo acabou; minha sina se encerra aqui...!

Com essas últimas palavras, o rapaz desapareceu num forte raio de luz. Rheita percebeu o leve ruflar do vento enquanto os silfos comemoravam a partida do Espírito. A Nogueira, grande e alva, abarrotada de seus frutos de ouro, estremeceu violentamente. Suas nozes todas caíram no chão, como frutas já muito maduras, e foram sumindo, num último fulgor dourado, até restar somente uma única noz – aquela que o jovem e belo Espírito da Nogueira havia apanhado – aos pés da noqueira velha, seca e sem vida.

Kiel, sem demora, a apanhou. Era incrivelmente pesada para um pequeno caroço que lhe cabia na palma da mão; seu rosto se refletia minúsculo na pequena superfície do pomo enrugado e dourado. Por um breve momento, julgou ter visto a face do belo rapaz da Nogueira sorrindo para ele.

– Vamos, Kiel – disse Rheita em tom de urgência. O amigo acordou de supetão do seu devaneio. – Os silfos vão nos levar onde moram os pássaros de fogo!

As crianças logo sentiram os corpos ganhando leveza, subindo e subindo. Os silfos gargalhavam tilintando por todos os lados, se divertindo, soprando, flutuando, levitando com grande audácia. Entretanto, não demorou para que aquela viagem no ar chegasse ao fim.

Os silfos desenroscaram suas mãos invisíveis dos corpos das duas crianças, conduzindo-as para as bordas de uma clareira. Do alto, viam-se pequenos focos de fogo; no primeiro momento Rheita ficou preocupada, porém logo se esqueceu dos seus receios ao ouvir uma melodia tão bela como jamais entoada em vida – tratava-se do coro de várias vozes não humanas, mas tão vivas, tão doces e plácidas que qualquer um que as ouvisse não teria palavras para descrevê-las.

A menina aterrissou sentada e, sem fazer nenhum movimento, pôs-se a escutar o canto. Kiel rastejou de gatinhas até a orla da clareira, sorrateiro; para sua surpresa, vislumbrou algo tão belo que não esqueceria para o resto da vida. Grandes asas fulgurantes abriam-se ao sol daquele entardecer, tingindo a floresta de um vermelho-afogueado. As aves raras entoavam seu canto em notas melodiosas, lúgubres, no entanto magníficas: era o canto de morte das fênicas. As mais velhas reuniam-se ali, naquele raro momento de suas vidas, quando seus corpos já fragilizados pelo tempo ardiavam em fogo para depois ressurgir em vida, sob o pó dos restos mortais.

Rheita escorregou para o lado do amigo e maravilhou-se ao ver as fênicas renascerem miudinhas e frágeis. As crianças riram satisfeitas quando uma fênix passou em voo rasante sobre suas cabeças, soprando uma voz aguda que soou como a nota mais delicada de uma harpa, as asas macias e da cor de ouro puro a tocar-lhe as faces. Kiel entendeu rapidamente o que a fênix desejava; tirou do fundo do bolso a noz dourada e lhe ofereceu, segurando-a com a mão enfaixada.

A ave fabulosa deu uma grande volta no firmamento e retornou, pegando com delicadeza entre suas garras o fruto de ouro. Os dois a viram sobrevoar muito alto, sumindo quando passou em frente ao Sol que mergulhava no horizonte. Após inúmeras espirais, ela se aproximou de uma de suas irmãs que jazia em chamas pela idade avançada. A jovem fênix atirou sobre ela o pomo dourado, que refulgiu num grande clarão ao ser tocado pelo fogo mágico. Assim, ela alçou voo mais uma vez, sobrevoando, esperando o encanto ser finalizado, e depois desceu novamente; entre as cinzas descobriu sua semelhante no início de uma nova idade, o corpo franzino, miúdo, sem penas, segurando no bico um objeto com quase o seu tamanho.

Adquirindo todo seu esplendor, a fênix se elevou para o seu voo de glória, adejando entre as outras de mesma rara idade e beleza, mostrando-lhes a pequena Chave que trazia no bico. Todas as jovens fênicas se reuniram no ar numa espécie de dança, inflando notas suaves em seus cantos.

Com mais um motivo para estarem felizes e aliviados, Rheita e Kiel poderiam permanecer a vida inteira assistindo àquele magnífico espetáculo.

Capítulo 24  
A ceia na clareira



Antes de sua partida, a jovem fênix pousou delicadamente diante das crianças, estudando-as com atenção, e depois lhes entregou a Chave que trazia no bico.

“*Obrigada*”, disse Rheita, encantada com o fulgor de suas penas. Fazendo uma mesura, a ave alçou um belo voo de partida, sempre seguindo o horizonte. A menina prendeu a Terceira Chave mágica na corrente de prata, junto das outras. Ela e Kiel acompanharam a distância o voo das fênixes, que levavam consigo aquelas que acabavam de renascer.

Então, ao longe, escutaram um trote apressado. Rheita apertou os olhos, vislumbrando uma luz muito tênue surgir entre as árvores e depois sumir. A luz ressurgia, aumentando, a cada metro que avançava. Kiel levou as mãos à boca quando percebeu uma crina alva esvoaçando a cada trote que pisoteava a terra. Rheita não conseguia expressar sua emoção ao ver o belo unicórnio vindo em sua direção.

Os músculos alvos eram delineados; as crinas ondulavam lisas e imaculadas. No meio da testa um chifre prateado reluzia, e, quando os dois garotos se deram conta, perceberam que esse raro animal inundava sutilmente de luz tudo ao seu redor. O unicórnio, ao vê-los, aproximou-se devagar, e Rheita foi sem receio ao

seu encontro.

O animal parou diante deles e, com uma das patas dianteiras flexionada, fez uma reverência à menina. Ela retribuiu, compreendendo que ele viera até ela e o amigo por algum motivo. Acarinhou o focinho do unicórnio, avaliando seus olhos negros e profundos, sem mais dúvidas: ele viera buscá-los.

– Kiel – disse Rheita, tomada de uma alegria mansa. – Ele quer que a gente vá com ele...

– Pa-para onde? – perguntou o menino, sem esconder uma pontada de desconfiança.

– Para algum lugar – respondeu ela, sonhadora.

O unicórnio deu um relincho e flexionou as quatro patas, deitando-se no chão para as crianças subirem.

– Vamos, Kiel! Ele tem pressa! – disse ela, subindo no dorso do animal. Kiel parou, pensou por um minuto, depois saiu às carreiras para montar na garupa, junto da amiga.

Saíram em grande velocidade para o desconhecido, mais uma vez. Se o unicórnio tivesse asas, as crianças poderiam perfeitamente achar que estavam voando, pois mal se distinguiam as sombras das árvores sumindo como manchas escuras à sua passagem veloz. O vento cortava o ar feito lâmina gelada, enquanto a noite caía na sua profundidade aveludada e silenciosa.

Mais adiante, numa pequena clareira, Rheita percebeu estar acontecendo alguma festa. Lâmpioes adornavam os galhos das árvores ao redor, refletindo uma luz cristalizada. Viram uma mesa comprida, coberta por uma toalha branca e abarrotada pelo que outrora fora uma farta ceia. Vários animais estavam presentes ao que parecia ser uma comemoração. Todos os convidados eram albinos: lebres, cabras, bodes, esquilos, gambás, ursos, leões, panteras, guaxinins, castores, corujas, ratos, veados, lobos, raposas e gatos-do-mato, além de outros animais. Acomodados em seus lugares, entabulavam uma intensa e alegre conversa; quando perceberam os novos convidados, emudeceram no mesmo instante. Uma lebre que tagarelava sem parar engasgou com o chá, quase deixando sua xícara cair.

Rheita e Kiel escorregaram do dorso do unicórnio e permaneceram boquiabertos e paralisados. Os animais tinham parado de dar atenção à comida e olhavam agora para eles, com os olhos arregalados.

– Eu falei para você não pôr seu focinho no bolo antes da hora! – gritou a lebre, indignada, depois de um intenso silêncio, atirando sua colher na cabeça de um bode branco que usava monóculo, sentado à sua frente.

– Ora essa! – disse o bode, extremamente ofendido. – Você foi o primeiro a pôr suas patinhas sujas de terra nas cerejas do bolo, Passovelo!

– Mas você, Orton, comeu todo o recheio! – acusou um gambá alvo, eriçando-se ameaçadoramente.

– De jeito nenhum! Nada disso! – negou Orton. – Gordofredo comeu a metade do recheio e ainda por cima acabou com todo o mel!

Todos olharam para Gordofredo, um urso branco e roliço, acomodado numa das pontas da mesa. Demorou a perceber que todos o olhavam e, quando se deu conta, escondeu debaixo da mesa a grande pote de mel que acabara de esvaziar.

Rheita teve a impressão de um leve rubor corando suas bochechas peludas.

– Oh! Acabaram as torradas! – disse o castor, preocupado, contemplando a bandeja de prata vazia.

– E a geleia de framboesa também! – disse o pequeno esquilo, mostrando um pote completamente vazio.

– O chá esfriou! – lamentou a raposa, fazendo careta para a chaleira.

– Está tudo acabado! – disse um grupo de ratinhos, num coro tristonho.

– A culpa foi toda sua, dentuço palerma! – disse a coruja branca, empoleirando-se na alça de uma cesta de vime, que uma hora atrás estivera abarrotada de maçãs suculentas.

– Pare de cacarejar, sua galinha branca! – Passovelo, a lebre, atirou no ar o caroço de um pêssego, quase acertando em cheio a coruja e dando início a uma grande confusão.

Toda aquela discussão começara num repente. Não tinham se passado três minutos depois de sua chegada, e agora Rheita via pratos e talheres voando para todos os lados. O unicórnio, ao seu lado, bufou inquieto diante da desordem, demonstrando sua reprovação ao resmungar alguma coisa que as crianças não entenderam. Mas não adiantou nada: os outros animais não o escutaram, ou não lhe deram importância. Nem notaram uma luz se acender no meio da floresta, não tão distante dali. Ela veio mansa em direção à clareira, sem tocar o chão, vagarosa e solitária, ganhando os contornos de uma figura humana.

Uma anciã saiu da escuridão da floresta contemplava com imperturbável paciência a grande confusão à sua frente. Rheita e Kiel se emocionaram ao vê-la. A senhora tinha grinalda de flores brancas silvestres sobre os cabelos que caíam como uma cascata grisalha e encaracolada até os pés descalços. Sua veste longa era de um branco imaculado, bordado por fios de prata que resplandeciam ao luar. Ela permaneceu por alguns minutos parada, esperando, e então, numa voz suave e branda, ordenou:

– Quietos, agora!

Todos pararam no mesmo instante; desconcertados, voltaram para seus lugares. A senhora se aproximou da mesa e deixou escapar um murmúrio de decepção ao ver a ceia transformada em restos de louças quebradas. Nenhum dos convidados ousou encará-la, mesmo tendo a certeza de que do semblante sereno da anciã não sairia nenhuma faísca de raiva – pelo contrário, seu olhar era plácido, condoído e até misericordioso. Ainda em silêncio, sentou-se à cabeceira da mesa; pela primeira vez olhou para Rheita e Kiel, pedindo com um gesto que se sentassem ao seu lado. As crianças assim o fizeram e se acomodaram ao lado da senhora, que sorria para eles. E antes que piscassem, uma nova ceia se materializou. Todos os pratos, talheres e taças inteiros e limpos. Havia potes cheios de geleias e mel, bolos caramelizados, pudins, biscoitos, cestas de frutas, chá, leite fresco, tijolos de queijo, batatas gratinadas, pão fresco, dentre outras muitas delícias. Kiel olhou cobiçoso para toda aquela comida; nunca tinha visto uma mesa tão bonita e sortida como aquela. A senhora deu uma gargalhada de felicidade e disse:

– Esperei que viessem ao meu encontro, andarilhos de outros mundos... Meu filho leu minha mensagem ao nascer desta manhã, e o destino os mandou para



cá...

– A senhora é a Mãe Branca! – exclamou Rheita, surpresa.

– Sim, cara criança, eu sou a mãe de todas as criaturas que nascem sob as sombras pálidas desta velha floresta... Meu coração desejava muito conhecê-la, pequena criança Guardiã das Sete Chaves, pois há muito tempo falava-se secretamente em seu retorno. – Ela sorriu.

– Então, é mesmo ela, minha senhora? – indagou um ratinho branco, admirado.

– Sim, pequenino, é Rheita, a nossa Guardiã – explicou ela, com brandura e voltou-se para Kiel, com seus olhinhos maternais escondidos sob as pálpebras enrugadas. Ela contemplou por um instante a mão enfaixada do menino e disse – Ah, o sacrifício! São raros os seres que renegam o próprio direito de viver por uma causa maior... Esses seres, meu menino, são lembrados nas lendas como grandes heróis.

Mãe Branca encheu de água uma bacia de prata e desfez os nós da faixa que envolvia a mão do menino. Viu uma fina linha ensanguentada atravessar a palma da mão esquerda de Kiel; então, com o cuidado de uma mãe que trata do filho recém-nascido, ela lavou o seu ferimento até que se curasse por completo.

– Mu-muito obrigado! – agradeceu ele, examinando a cicatriz.

– Minha senhora – pigarreou Passovelo, a lebre, interrompendo-a. – Eu... eu peço humildemente seu perdão por aquela indesejável bagunça. – Ele fez uma mesura, encostando suas longas orelhas no chão.

– Bagunça, Passovelo, que bagunça? – disse Mãe Branca, fazendo-se de desentendida. – Veja a bela ceia que nos espera, vamos todos hoje comer e beber à saúde da criança Guardiã.

Todos levantaram suas taças cheias e disseram em coro:

– À criança Guardiã!

– À criança Guardiã! – repetiu Gordofredo, atrasado.

A ceia foi servida novamente: aqueles que comeram muito na última vez se contentaram em beliscar alguma coisa aqui e acolá, e aqueles que não tinham desfrutado da boa comida puderam enfim saborear a ceia. Rheita nunca tinha experimentado nada igual; quis comer um pouco de cada coisa e logo se sentiu satisfeita. Interessada, participou da conversa animada entre um gambá chamado Rastro e um porco-espinho chamado Espinhento, que lhe deram vários conselhos sobre o pedido que ela deveria fazer ao reunir todas as chaves.

– Peça que nasça uma rosa vermelha nos Montes Alvos – sugeriu Rastro, sonhador. – Eu nunca vi uma rosa vermelha!

– Não, não! – discordou o porco-espinho. – Ela pode pedir coisa melhor que um jardim, Rastro! Pode pedir uma ponte!

– Uma ponte? – indagou Rheita, surpresa e intrigada. – Para que serviria uma ponte?

– Para muita coisa, minha jovem senhora – disse Espinhento, respeitoso. – Pode ligar a terra ao céu; assim, todos nós chegaremos perto das estrelas...!

As estrelas salpicavam o céu negro como pequenas joias, enquanto a noite avançava devagar. A mesa agora estava limpa, pois a ceia havia terminado, e uma música encheu de melodia toda a clareira. Passovelo e outras lebres regiam uma orquestra de rabecas, flautas e tambores. Uma grande roda se

formava ao redor dos músicos. Rheita e Kiel foram presenteados com novas roupas pela Mãe Branca, antes de se juntarem ao grupo, vestes semelhantes às dos aldeões locais, como explicou a senhora. A garota gostou tanto de suas novas roupas que agradeceu inúmeras vezes, e logo ela e o menino estavam na roda, dançando, pulando e cantando junto com seus novos amigos, até a noite findar.

Capítulo 25  
Anel das Colinas



Rheita dormiu pesadamente, sonhando que dançava numa clareira com muitos animais falantes. Ao acordar, sentia frio, e percebeu que alguém os trouxera até a orla da Floresta Pálida. Ela suspeitou que os silfos tinham-nos carregado até ali, ainda adormecidos. Por aquelas bandas começava outra terra – a bruma densa se prolongava por quilômetros, cobrindo aquela região erma que se abria à frente. O Mapa Mágico pouco lhe revelara; assim, Rheita guardou-o de volta no bolso do avental, esperando que o amigo acordasse e a neblina se dispersasse.

Kiel despertou alguns minutos depois, surpreso.

– Co-como viemos pa-parar aqui?

– Acho que os silfos nos trouxeram enquanto dormíamos.

– Hum... E-estou com fome. – Seu estômago roncou alto. – Na-na floresta devem estar servindo um bom de-desjejum!

Camuflado entre as folhas no chão, descobriram um cesto de vime, abarrotado de comida, presente da Mãe Branca. Rheita, por prudência, achou melhor reservar uma parte para o almoço mais tarde.

Os dois garotos se sentiram mais dispostos. Recomeçar outro trajeto que desconheciam por inteiro não era uma novidade. Rheita decidiu consultar o

mapa, antes de saírem andando sem um destino certo. Para sua surpresa, o enigmático guia de papel parecia tão apressado quanto ela e o amigo. O Mapa Mágico mostrava outra pista sobre sua superfície enrugada e antiga: palavras surgiram sobre pequenas colinas que formavam um círculo. Na extremidade inferior direita do mapa, a menina, tropeçando nas frases, rapidamente leu:

*“Ainda arde sob o fogo o diamante sangrado. Ainda se esconde sob as chamas o tesouro dourado. Sigam às pressas o caminho que lhes será mostrado, e o segredo se revelará àquele que primeiro tocar o coração do dragão que não pereceu congelado.”*

Rheita e Kiel se entreolharam e juntaram as cabeças para observar, no Mapa Mágico, o ponteiro maior da rosa dos ventos se mover com tal velocidade que mal conseguiam distingui-lo. Por fim, parou, apontando para o leste. Uma estradinha se abria no mapa, indo para as colinas mais além. Levantaram os olhos e visualizaram uma estrada até então ignorada por eles, serpeando até desaparecer numa curva logo adiante. Rheita enrolou o mapa e guardou-o, dizendo ansiosa:

– Parece fácil, só temos de seguir até aquelas colinas. Então lá, dentro de alguma coisa parecida com um coração, encontraremos a Quarta Chave.

– Ah... não sei, Rheita – considerou Kiel, pensando nas palavras do mapa. – O co-coração fo-foi de um dragão. Imagina se há o-outras por lá, cuspidor fogo e fu-fumaça!

Rheita engoliu em seco. Não tinha pensado nessa possibilidade.

Tentando bloquear qualquer pensamento que lhes metesse medo, eles seguiram sob um céu coalhado de nuvens cinzentas. A paisagem não se alterou em quase nada; o ermo era um lugar solitário, sem sombra de animais ou pessoas por ali. Bosques escuros se distanciavam da estrada, e entre suas sombras nada se via.

Longas milhas depois, Rheita e Kiel perceberam que a região ficava cada vez mais habitada. Casas surgiam aos poucos. Também extensas plantações e criação de vacas que pastavam tranquilas. Distraídos com a paisagem, quase foram atropelados por uma carroça que corria às pressas, puxada por um burro maltratado. Um velho esquelético, que guiava a carroça, freou bruscamente.

– Olhem por onde andam, seus moleques! – gritou, cuspidor a cada palavra. – Eu estou passando... E estou com muita pressa! Cuidado, senão outro pode não ter a atenção que eu tive! – Fez menção de seguir em frente, levantando seu chicote. O burro relinchou na iminência de ser açoitado, o que não aconteceu. O homem olhou para as crianças e depois para as colinas, que se tornavam mais nítidas.

– Estão indo para a cidade? – perguntou, interessado.

Antes que Kiel pudesse dizer “Não diga nada”, Rheita respondeu:

– Estamos sim!

– Hum... – disse o velho, coçando o queixo. – Vamos, subam aí atrás, estou indo para lá também. Vou entregar uma mercadoria. – Ele mostrou uma pilha de lenha empilhada no carro. – Se forem andando nesse ritmo até o Anel das Colinas, só passarão por suas portas depois do anoitecer!

Rheita subiu no carro, Kiel foi a contragosto, mas o velho carroceiro tinha razão: nunca chegariam cedo ao destino naquela caminhada lenta, e havia ainda muitas milhas para vencer pela frente.

Quando o Sol mudou-se para o oeste, eles se encontravam a pouco menos de quinhentos metros do seu destino. Rheita e Kiel repararam na grande muralha cinzenta que circulava a cidade, acompanhando o sobe-e-desce das colinas. A estrada terminou diante de um portão coberto de pregos e vigas de ferro. Um guarda surgiu com o rosto desconfiado numa portinhola; mesmo por trás dela, percebia-se que usava malha metálica. Numa voz pouco paciente, inquiriu:

– Trouxe a ordem que pertence à sua classe, carroceiro?

– Oh, sim! – disse o velho, tateando com as mãos trêmulas os bolsos de seu casaco roto. – Está... está aqui! – Ele desenrolou um pequeno pergaminho, desceu da carroça e mostrou ao guarda do reino. – A encomenda é para Fonek Koppiler, como diz aí...

– O Batente do Coxo? – perguntou mais uma vez o guarda, checando as informações.

– Sim, Fonek está à espera, e a mercadoria precisa ser guardada rapidamente, para não pegar a friagem do anoitecer... – respondeu o outro, preocupado.

– E as crianças? – disse o guarda, batendo os olhos nelas.

O velho carroceiro se engasgou ao dizer:

– São meus netos... Vieram me ajudar. Sabem que minha saúde anda frágil...

Kiel revirou os olhos, e agora Rheita entendia por que o carroceiro havia mudado de ideia tão de repente lá atrás: as duas crianças sozinhas no meio da estrada seriam para ele de grande utilidade.

Quando o portão desceu pesadamente atrás deles, enfim descobriram a cidade guardada pela grande muralha. O Anel das Colinas, um amontoado de casas e de pessoas. Naquela parte da cidade infestada pela pobreza, as residências não pareciam bem cuidadas e asseadas: pequenas, feitas de emenda de madeira encardida, curiosamente se equilibravam em longos pés de pau, como palafitas.

A rua principal, lamacenta, cortava caminho entre as casas, e era por ali que os carros descarregavam seus produtos. Transeuntes ocupados equilibravam pesadas cestas apinhadas de coisas diversas, e entre seus calcanhares perambulavam animais domésticos, como um enorme chiqueiro desorganizado. Rheita nunca vira tanta confusão e bagunça; demorou a perceber que estava no meio de uma grande feira, a qual abarrotava a rua de barracas.

A carroça dobrou uma esquina. O velho carroceiro estacionou diante de um sobrado ao nível do chão. A casa era estreita, com janelas encardidas de caixilhos. Sobre o arco da porta lia-se numa placa *O Batente do Coxo*. Rheita percebeu pela sombra na janela que alguém se aproximava da porta, e esta se encancarou no instante seguinte, com violência.

– O que aconteceu, Barmel? Gerandio foi esperar as árvores crescerem para depois cortá-las?! – disse o homem num tom enfurecido. Usava um avental sujo. Parecia um gorila, com os ombros largos e as mangas erguidas de sua veste mostrando antebraços muito cabeludos.

O velho carroceiro estremeceu e encolheu-se todo, tal um ratinho acuado. Desmontando da carroça, balbuciou:

– A-acalme-se, Fonek... Ge-Gerandio mandou dizer...

– *Calma?* – urrou Fonek Koppiler, dono da estalagem. – Estou sem lenha há três dias! TRÊS DIAS! Já perdi muitos hóspedes por causa desse atraso, e o senhor

me pede CALMA?

O carroceiro se apequenou ainda mais. Sobressaltados, Rheita e Kiel, sem que o velho pedisse, começaram a juntar um punhado de lenha nos braços para descarregar. Fonel se retirou, resmungando alguma coisa entre os dentes, deixando a porta aberta.

– Gerandio vai me matar, me matar... – dizia o carroceiro, desesperado, enquanto descarregava lenhas na calçada. – Eu não devia ter aceitado aquelas canecas de cerveja, não devia... Estou perdido...

Os dois garotos ajudaram o velho a descarregar toda a lenha em frente à hospedaria. Então, tendo terminado, sentaram-se exaustos na traseira da carroça. O ancião os encarou, esbravejando:

– Ora, o que estão fazendo? Ainda não acabou! Temos de levar tudo para dentro!

Rheita e Kiel foram dominados pela raiva daquele velho explorador; no entanto, obedeceram à sua ordem, pois ainda deviam pagar a carona até o Anel das Colinas. Depois de um tempo que lhes pareceu eterno, finalmente acabaram.

Ela e o amigo já não viam a hora de sair pela cidade à procura da Quarta Chave e se livrar daquele velho. Rheita nem teve coragem de consultar o mapa nesse meio-tempo, o medo de perdê-lo era maior; imaginou que o estalajadeiro poderia atrá-lo à lareira para avivar o fogo.

Finalmente Fonel conferiu se a lenha estava seca e bem armazenada num local protegido da umidade. Ansioso pelo pagamento, o velho carroceiro arregalou seus olhos encovados. Rheita achou muito bem feito, quando Fonel Koppiler lhe deu apenas duas moedas de cobre. O ancião olhou para elas com tremendo desgosto, como se tivesse recebido dois carochos de feijão, os olhos se enchendo d'água.

– Mas... Mas... Esse não... Esse não foi o combinado! – protestou, estendendo a mão para receber o restante.

– Diga a Gerandio que o trabalho dele não vale mais que dois dobros, Barmel! – disse o estalajadeiro com rispidez, e acrescentou. – E avise que vou passar a comprar lenha em Villafora.

– Villafora? – indagou o carroceiro, como se recebesse o anúncio da morte de um ente querido (se é que tinha um). – Não, não, Fonel, você é um dos clientes mais antigos de Gerandio! O que direi a ele?!

– A verdade... Não vou esperar que Gerandio descubra que você é um velho beberão! Vai acabar destruindo meus negócios! Vamos, ponha-se para fora da minha estalagem! Leve esses dois fedelhos e nunca mais apareça aqui!

Fonel encarou Rheita e Kiel, o rosto voltando ao tom púrpuro de antes. As crianças não pensaram duas vezes e bateram em retirada nos calcanhares do carroceiro. Ouviram a porta bater logo atrás deles, estremecendo nas dobradiças enferrujadas. Barmel, ofegante, apoiou-se na carroça, passou um minuto praguejando palavras de baixo calão, o rosto contorcido de raiva.

– O que foi? – esbravejou ele, para as crianças. – Nunca me viram?! Vão embora, xô, xô! Vão para casa!

Capítulo 26  
Quem rouba quer trocar



A menina pegou sua cesta de comida e saiu às carreiras com o amigo, até desembocarem novamente na mesma avenida onde horas atrás era quase impossível passar. Naquele final de tarde precisavam procurar um abrigo e, já que não tinham dinheiro, teriam de encontrar refúgio sob aquelas casas de pés compridos.

Continuaram a caminhar. De repente, surgiram (não souberam dizer como) três garotos, maltrapilhos e com sorrisos largos escondendo certa destreza mal-intencionada. Kiel sugeriu dar meia-volta, mas já era tarde: eles os cercaram de todos os lados.

– Estão perdidos, amigos? – indagou o maior do trio, um tanto zombeteiro. Na cabeça usava um chapéu enfeitado com plumas encardidas

– Ah... não – respondeu Rheita, antevendo algo desagradável.

– Ei, o que você tem aí? – Outro menino, de nariz torto, meteu a mão na cesta que Rheita trazia.

– A-afaste-se! – Kiel o empurrou antes que ele pagasse alguma coisa.

– Ora, rapazes! – disse o mais velho, segurando seu companheiro. – Não é honrado brigar na frente de uma jovem dama...

– Solte-me, Trapaça! Deixe-me meter uns socos na cara desse gago por ser tão atrevido! – gritou o garoto, se debatendo.

– Fique quieto, Furo! Assim você vai assustar nossos novos amigos! Desculpem... – disse o chamado Trapaça, num sorriso falsamente amarelo. – Ele tem algum tipo de doença que chacoalha o cérebro, deixando-o assim, muito agitado...

O terceiro menino, de dentes que mal se encaixavam na boca, desatou a rir.

– Então, amigos! Estão mesmo perdidos? Conheço toda *Anel das Colinas* como a palma da minha mão. – Ele lhes mostrou a mão suja. – E posso levá-los a qualquer lugar...

– Não estamos perdidos, obrigada – disse Rheita, séria.

– Sa-sabemos de-de onde viemos e aonde que-queremos chegar! – acrescentou Kiel, nada simpático.

– Perdoe-me, amigo gago, não quis ofender! – disse Trapaça, irônico. – De onde vocês vieram deve ser um pouco diferente daqui, pois, afinal, como conseguiram arrumar isto?!

Tudo se passou no segundo mais rápido que Rheita já havia tido na vida. Trapaça levou a mão ao seu pescoço e arrancou com facilidade a corrente que carregava as Três Chaves encantadas. O menino a ergueu diante dos olhos, radiante e satisfeito, as Chaves tilintando como um móbile.

– De-devolva isso agora! – gritou Kiel.

– Cale a boca, gagueiro idiota! – disse Furo, acertando-lhe um soco no estômago.

Kiel dobrou-se e caiu no chão sem fôlego. Rheita foi empurrada quando o menino dentuço lhe puxou a cesta. Desnorteada, ela socorreu o amigo que, ofegante, se contorcia de dor.

– Fale comigo! Você está bem? – disse Rheita, desesperada.

– E-estou... – respondeu ele, num fio de voz.

– Ainda bem...! Aqueles meninos roubaram as Chaves! Todas! E agora?

Rheita nem reparou no homem que se aproximara. Sem dizer nada, ele levantou Kiel e espanou suas roupas com as mãos.

– Não deveriam estar andando sozinhos pela rua uma hora dessas – advertiu ele, sem severidade. – Esses malandrinhos... Sempre conseguem fazer uma vítima! Mas não são tão inteligentes... Olhem... Parecem ratos... – Apontou para uma trilha de farelos de torrada. – Espalham a bagunça por onde aparecem e nunca são pegos! Vão para casa, crianças, seus pais devem estar preocupados...

– Obrigada, senhor... – agradeceu Rheita

– Ainda está doendo, garoto? – perguntou o homem, preocupado.

– Não... – disse Kiel, massageando a barriga.

– Então, vão depressa... Esses vagabundos ainda estão por perto e podem voltar. O homem acenou para eles e continuou seu caminho.

– Foi tu-tudo culpa minha, e-eu de-deveria ter feito algo!

– Não tinha muito o que fazer, Kiel... Eles eram em maior número!

– E a-agora não temos ma-mais nada – continuou o menino, com profunda tristeza. – Na-nada de Chaves, nem pe-pedido...

– Espere um pouco – disse Rheita, o rosto se iluminando com uma ideia. –



Veja, podemos segui-los!

Kiel olhou para o chão que o homem apontara momentos antes. A poucos metros dali havia uma trilha pouco perceptível de farelos da comida que seriam parte de seu jantar. Ele não pensou duas vezes, concordou com a amiga, e foram seguindo o caminho daqueles pequenos ladrões.

Rheita e Kiel entraram num conjunto de casas, seguindo com cautela o rastro de comida deixado pelos garotos. Passados alguns minutos, Rheita viu que era a vez dos biscoitos pontilharem o caminho. Ao fazerem uma curva para a direita, viram o local na penumbra, o que os deixou frustrados: as casas naquela ruela estreita não pareciam abrigar nenhuma família; todas eram escuras e silenciosas.

Mais adiante, no final do beco, encontraram um amontoado de lixo com metros de altura: havia principalmente móveis velhos, caixotes de feira, garrafas e restos do que um dia fora uma casa. Kiel cutucou a amiga e apontou para o lixo, em direção a uma janela quebrada.

– Vo-você viu aquilo? – perguntou ele.

– Vi o quê? – retrucou a menina, procurando onde o amigo olhava.

– Ali – apontou. – U-uma luz...

Rheita franziu o cenho, como se pudesse enxergar alguma coisa naquele escuro, e então ela também viu.

– Sim... Tem alguma coisa lá!

Ela se aproximou devagar e, sem perceber, chutou alguma coisa leve que saiu deslizando pelo chão. Então, Rheita percebeu sua cesta de vime totalmente vazia, sem nenhum vestígio da comida. De qualquer forma, aquilo revelava que haviam encontrado o caminho certo.

– Acha mesmo que eles podem ter se escondido aí, Kiel? – disse Rheita, insegura, olhando para a janela de onde saía uma luz muito tênue.

– A ge-gente po-pode tentar ver – respondeu ele, chegando ainda mais perto. – Venha!

Eles escalaram o monte de sujeira e Kiel abriu cautelosamente as portinholas da janela. Espantaram-se quando viram uma escada muito estreita descer para um corredor sinuoso de teto baixo, iluminado por alguma luz lá no fim que não viam daquela altura. Rheita deixou o amigo ir à frente. Em alguns minutos, alcançaram o último degrau.

O corredor desembocou num enorme recinto mobiliado. A desordem era tamanha que embaralhava até a mente. Em uma estante, uns poucos livros disputavam lugar com sapatos velhos. Por todo lado via-se uma porção de roupas espalhadas e móveis velhos improvisados para outras utilidades.

Rheita e Kiel não encontraram os donos de todas aquelas coisas. Talvez tivessem dado outra saída para fazer mais uma vítima. Então, eles aproveitaram a sorte para escarafunchar o local de ponta a ponta. Rheita sacudiu todas as peças de roupas que via pela frente. Kiel procurou debaixo dos tapetes, sob os estofados.

De repente, a menina e viu de esguelha num espelho rachado o reflexo de outras pessoas. Deu um grito de susto. Kiel se virou apressado, fazendo desabar uma pilha de sapatos que pretendia examinar.

Tinham sido pegos em flagrante.

Um senhor, alto e magro, de aproximadamente setenta anos, os encarava. Tinha a postura ereta e se apoiava numa bengala de mogno muito bem polida. Trajava uma sobretúnica elegante, mas desgastada; os cabelos alvos mantidos sobre os ombros. O olhar vivo continha a destreza peculiar dos espertos. Atrás dele, um grupo de quinze garotos; a maioria, notava-se, não se preocupava em tomar banho.

Rheita e o amigo se aproximaram um do outro, tensos e aos tropeços, recuando devagar. O bando estivera ali o tempo todo, escondido, esperando o momento certo para fazer a tocaia. Rheita e Kiel, inocentes, haviam caído na armadilha. Ela percebeu de soslaio a proximidade do corredor que saía daquele grande buraco cavado na terra e disse, com um sorriso amarelo:

– Olá...!

Então, os dois correram desembestados para a saída. Mas a tentativa de fuga foi em vão, pois um dos garotos os alcançou com rapidez, bloqueando o caminho. Ele os encarou, com um sorriso vitorioso.

– Por que estão indo embora tão cedo? – perguntou o velho, em tom polido. – Queiram ficar para a sobremesa, acabamos de jantar. – Ele olhou em direção à mesa. – Quais são seus nomes, meus queridos?

Os dois garotos se entreolharam e, tensos, se apresentaram, sem outra escolha.

– Rheita! Kiel! São nomes diferentes! Podem me chamar de Pai Velho – disse ele, fazendo uma reverência. – Façam-nos companhia à mesa, será uma grande honra...

– Eles não são convidados, são grandes bisbilhoteiros! – acusou um menino gordo e rosado, apontando para as duas crianças. – Devem ser do bando do Tonto, estão todos doidos para descobrir nosso esconderijo!

– Ora, não fale assim, Bacorinho! – ralhou o velho. – Isso é muito feio, não é de bom tom ser descortês com uma visita... Vão! Todos circulando... Isso, circulando... Preparem a mesa...!

Protestando sonoramente, a contragosto os garotos foram retirar a mesa do jantar. Rheita sentiu o sangue ferver, mas controlou-se; sabia que aquela gente era perigosa, não devia fazer nada que pusesse tudo a perder. Dirigiu-se ao velho e o encarou com seriedade, para não deixar transparecer sua total insegurança.

– Quero que ordene, por favor, que ele, aquele menino, me devolva o que não lhe pertence! – Rheita apontou para Trapaça, que fez ar de desentendido.

O senhor retribuiu um olhar intrigado, considerando o que a menina pedira. Os garotos em algazarra pararam no mesmo instante para escutar.

– Vocês ouviram o que ela disse, rapazes? Ela quer que devolvam aquilo que lhe foi roubado!

Todos desataram a rir. Rheita ficou constrangida; parecia ter falado a pior bobagem do mundo. Passaram-se vários minutos até que se aquietassem.

– Minha cara criança – disse o velho, num tom compreensivo, endireitando a postura. – Um ladrão nunca devolve aquilo que roubou. É uma questão de honra...

– Ro-roubar não é honrado! – retrucou Kiel, inconformado. Isso arrancou gargalhadas maldosas dos outros garotos, mas ele não se intimidou. – Nos devolva a-as Chaves!

– Ora, que menino insolente! Chaves? Que chaves? – respondeu o senhor com frieza e total desconhecimento.

– Você não entregou as chaves ao Pai Velho? – cochichou um menino para outro, ao seu lado.

– Cale esse seu bico! – disse o outro, dando-lhe um pontapé que não passou despercebido aos olhos do velho senhor.

– TRAPAÇA! – gritou o Pai, enraivecido. – Venha já aqui!

Trapaça era um dos mais velhos, e um dos que odiavam água e sabão. O menino dirigiu-se até ele com má vontade, arrastando os pés.

– Que chaves são essas, Trapaça? – inquiriu o velho, encarando o garoto com severidade.

Ele nada respondeu.

– FALE LOGO, MOLEQUE! ESTOU MANDANDO! – O Pai açoitou o garoto com força usando a bengala.

– Ai, ai! São só umas chaves... Nada demais! – disse ele, tentando evitar as bengaladas.

– Mentiroso! – acusou outro menino, que Rheita reconheceu ser quem agredira seu amigo. – Diga ao Papai Velho do que elas são feitas, diga!

Rheita sentiu o estômago afundar. Kiel levou a mão à boca, totalmente alarmado.

– Do que elas são feitas, Trapaça? – perguntou o senhor, com calma controlada. – Será que pode me dizer, por obséquio?

O menino tornou a ficar calado, e o outro respondeu no seu lugar:

– São de ouro! Três chaves de ouro puro!

Ouviu-se um “oh!” de surpresa.

– FURO, SEU IDIOTA! EU VOU QUEBRAR SUA CARA EM MIL PEDACINHOS, VOCÊ VAI VER! – berrou o menino, partindo para cima do outro.

– Epa, segure ele, Buraco, segure ele, rápido! – bradou o Pai.

Buraco, o mais velho do bando, agarrou Trapaça e, junto com outros dois, amarrou-o a uma cadeira com uma corda. O menino debatia-se tentando se soltar e bradava palavras de toda sorte, até que o Pai Velho perdeu a paciência e viu-se obrigado a calá-lo com uma meia velha.

– Furo, meu filho, onde esse demoniozinho escondeu o ouro? – perguntou o chefe, com autoridade.

– Dentro do fundo oco da última gaveta. – O menino apontou para um criado-mudo sem pernas.

– Obrigado, filho, você é um menino muito bom. – O Pai Velho lhe deu um tapinha de aprovação.

Trapaça se debatia furioso, quase derrubando a cadeira à qual estava amarrado; gritava alguma coisa que ninguém entendia. O Pai Velho foi até o móvel e puxou a última gaveta sem maçaneta. Tateou o fundo por uns segundos e seu rosto se iluminou ao encontrar algo: uma fina corrente que segurava três Chaves douradas. O velho as admirou com os olhos brilhando, ergueu-as para todos verem, dizendo subitamente severo:

– Vejam! É desse jeito que o Pai Velho deve ser recompensado depois de tudo

que tem feito por vocês? É justo que escondam o lucro que conseguiram no dia?

Os meninos olharam para o chão, constrangidos, negando com a cabeça.

– Eu, que me sacrifiquei tanto, sou pago de maneira ingrata! – gritou o velho, fazendo drama. – Deveriam agradecer todos os dias por ter casa e pão! Nunca repitam o comportamento de Trapaça.

Ele olhou furioso para o menino; depois, seus olhos brilharam, emocionados, quando as Chaves tilintaram em suas mãos.

– Cuidarei muito bem desse pequeno tesouro – disse, guardando as Chaves no bolso da sobrecasaca. – E agora, vamos todos para a mesa. Trapaça não terá sua sobremesa esta noite, como castigo. Ou melhor, não terá durante uma semana. E vocês dois, o que fazem aí parados? – Rheita e Kiel não ousavam a tirar os pés do lugar. – Vamos, sentem-se conosco. Aposto que estão famintos, não se preocupem em se demorar, agora que perderam as chaves de casa!

O Pai Velho deu um risinho zombeteiro e conduziu Rheita e Kiel até um lugar à mesa. A sobremesa era farta o suficiente para todos. O ancião elogiou muito seus “filhos” por conseguirem toda a comida naquele dia de feira. Rheita sabia muito bem que os pães açucarados, os bolos, conservas de frutas e as garrafas de leite fresco, assim como as de hidromel, tinham sido todos roubados. Logo os pratos foram esvaziados, e os garotos arrotaram satisfeitos.

Também muito bem alimentada, Rheita sentiu-se sonolenta. Entretanto, não se esquecia do motivo de estar ali. Esboçou um pequeno plano na mente para recuperar as Chaves. Esperaria a menor distração do Pai Velho, mas esse momento milagroso poderia demorar horas ou até dias, e o tempo era escasso.

Os garotos tiraram a mesa, brigando uns com os outros. O Pai Velho resolveu logo a questão, mandando Trapaça lavar toda a louça suja. Os outros, com os olhos pesados de sono, pegaram os colchões e espalharam-se por todo lado. O velho pediu que deixassem um para os novos hóspedes. Um garotinho ruivo de sete anos ofereceu o seu e ficou vermelho como uma pimenta quando a menina agradeceu. O Pai Velho arrumou alguns cobertores furados. De sob a trouxa, elas o viram tirar duas correntes com cadeado.

– O se-senhor não vai me-me prender! – disse Kiel dando um salto para trás.

– Claro que não, menino – disse o velho com paciência. – Primeiro as damas...

Num segundo, ele atirou uma das correntes no tornozelo de Rheita e fechou com cadeado; a outra ponta ele prendeu à argola de aço presa na parede. Kiel continuou relutante, mas desistiu quando Furo cerrou os punhos. Agora, com ele também acorrentado, perdiam todas as chances de fugir.

– Me desculpem, senhores, mas um ladrão é sempre precavido. Regra número um: um bom ladrão nunca é apanhado de surpresa... – Ele deu uma palmadinha no bolso onde tinha colocado as Chaves. – Regra número dois: não se descansa sob a sombra do inimigo. Não sei como vocês dois encontraram nosso esconderijo, foram muito espertos, até demais... Vamos precisar mudar de endereço, isso vai me dar uma grande dor de cabeça – acrescentou, irritado. – Agora vão dormir, amanhã decidirei o que fazer com vocês...

– Por favor, não nos faça nenhum mal – implorou Rheita. – Se o senhor nos devolver as Chaves e nos libertar, prometemos que não diremos nada a ninguém sobre seu esconderijo.

– Rá! – riu o velho com escárnio. – Regra número três: um ladrão faz trocas, não devoluções! Se a senhorita tiver algo mais valioso para me oferecer, eu lhe darei as chaves e a liberdade sem mais delongas!

Rheita olhou para a corrente que a prendia, impotente. Kiel, entretanto, aproveitou a brecha oferecida por Pai Velho e propôs:

– Nós temos a-algo – disse o menino. O velho voltou-se com atenção para ele.

– Po-possa encontrar o que qui-quiser e tra-trazê-lo para o senhor...

– O que, por exemplo? – perguntou o Pai Velho, duvidando.

– O co-coração... do dragão – revelou Kiel, temendo ter falado uma grande besteira.

– O quê? – exclamou o velho, incrédulo. – O Diamante de Fogo?!

– I-isso – confirmou o garoto, sem saber ao certo o que o velho queria dizer.

– Tem coragem o suficiente para roubá-lo para mim? – indagou ele, encarando o menino com firmeza.

– Sim – respondeu Kiel, devolvendo o mesmo olhar.

– Formidável! Formidável! Finalmente alguém irá realizar meu sonho! Meninos, prestem atenção! – gritou o Pai Velho, batendo com a bengala num balde de madeira. – Ouçam bem! Amanhã, ao meio-dia, seremos todos ricos!

Os meninos olharam para ele, sem reação.

– Kiel vai roubar o Coração de Murdak!

Então, se ouviu um romper de vivas, todos gritaram e pularam em grande polvorosa.

– Está bem, agora já chega... JÁ CHEGA! CALEM A BOCA! Vão todos dormir, não quero ninguém acordado durante a noite. Amanhã será um grande dia, vamos todos ao Torneio da Ordenança!

## Capítulo 27

### O plano



Kiel não fazia ideia do que tinha prometido ao Pai Velho. Sabia apenas que poderia estar cometendo um erro inominável, implicando no risco de antecipar o fim de sua aventura em Lagoena. O menino passou a noite em claro, pensando no que viria a ser o tal Torneio da Ordenança. Rheita comentou aos sussurros com o amigo:

– Não se preocupe, Kiel, você é muito corajoso... Talvez o Mapa Mágico nos ajude...

O menino devolveu um sorriso murcho sob a coberta em trapos e perguntou a si mesmo como iria encontrar o Coração de Murdak Também lembrou que a Quarta Chave encantada do Portal dos Desejos fora escondida dentro dele, o que só piorava as coisas, deixando-o desconfortável diante daquele enorme desafio.

A manhã logo veio, tão rápido que Rheita imaginou ter dormido somente umas poucas horas. De fato isso aconteceu, pois o Pai Velho acordou todos exatamente às cinco da manhã, sob sonoros protestos de seus protegidos. Liberados para se juntar à mesa posta para o café, Rheita e Kiel se sentiram aliviados, os tornozelos livres do peso das correntes.

– Você precisa se alimentar bem, filho – disse o velho, servindo o menino com

café quente. – Coma o que quiser, hoje é um dia muito importante, precisa estar forte, pois é um grande desafio participar do Torneio da Ordenança...

– O que-que é o To-Torneio da Orde-denança? – perguntou Kiel, abocanhando o pão ainda sonolento.

O velho quase derramou café quente em suas vestes.

– Você não sabe o que é o Torneio da Ordenança? – disse incrédulo.

– Não – apressou-se Rheita em corrigir. – Ele quis dizer *como será* o torneio... Talvez haja alguma novidade.

– Ora, será como todos os anos, senhorita – explicou o velho, deixando de lado a suspeita e empurrando uma pilha de espigas de milho cozidas para Kiel. – Não há nada de excepcional; acho o torneio tão monótono que até perdi o gosto em assisti-lo. É sempre a mesma coisa, há aproximadamente trezentos anos ou um pouco mais que isso. Os principais nobres do reino de Lagoena se desafiavam anualmente no Torneio da Ordenança, patrocinando cavaleiros para disputarem uma justa; aquele que obtiver êxito com o maior número de vitórias leva o grande prêmio: o Coração de Murdak! Ou seja, é só um jogo para os ricos se divertirem – concluiu, em tom de descaso e com uma pitada de inveja.

– Papai Velho, o senhor não pode esquecer que o Diamante de Fogo é a pedra preciosa mais desejada por todos os ladrões de Lagoena – pontuou Buraco, o rapaz mais velho do bando.

– Exatamente – confirmou ele, suspirando com o olhar sonhador. – Nunca esqueci, sei que todos o querem, só que nunca conseguiram chegar perto dele.

– Mas como conseguiriam? – perguntou o menininho ruivo, um tanto descrente.

– Há um monte de guardas perambulando noite e dia na sala de tesouros do rei!

– Esse é o grande problema! – observou o velho, aborrecido. – Ninguém em toda a história do torneio conseguiu vencer um cavaleiro representante da Casa Real! Então, o Diamante de Fogo nunca saiu daquele castelo poeirento, a não ser nas datas do Torneio da Ordenança. – Ele se virou para Kiel com os olhos fiscantes; o menino não precisou de mais nada para entender.

– Epa!... Mas e-eu nã-não sou um ca-ca-cavaleiro! – protestou ele, desencorajado e aflito.

– Não fale uma besteira dessas! Claro que você não é, filho, não pense pequeno – disse o velho, bondosamente, e acrescentou: – Você é um ladrão! Não se esqueça disso!

Kiel engoliu em seco. Rheita torceu os dedos, apreensiva. Trapaça olhou para ele com inveja.

– E hoje sua grande habilidade vai ser testada – continuou o Pai Velho, falando para todos ouvirem. – Murdak não foi morto por Amaz I, O Valente, em vão. Dizem que seu coração incandescente ainda arde em chamas por causa do grande tesouro que ele guardava e ainda existe, mas nunca foi retirado do Palácio das Sombras, nas pedras frias das Montanhas do Viramar... Eu aposto quinhentos dobros que o pobre rei Amaz de valente não tinha nada! Pois a verdade – sua família tratou de esconder por vergonha –, é que Amaz se escafedeu após o golpe de sorte que teve ao ver um velho dragão morrer de velhice na sua frente. Não pensou duas vezes em arrancar o coração do dragão já morto para provar sua coragem. O tesouro de Murdak continua abandonado

por causa de grandes covardes como Amaz!

Os garotos desataram a rir, dando sonoras gargalhadas e fazendo piadas sobre um rei chamado Amaz, O Mela-Calças. Em meio à algazarra, Kiel pensou preocupado no que deveria roubar para o Pai: somente o coração de Murdak ou todo seu tesouro? Bem que ele queria que as coisas fossem mais fáceis, e que pudesse somente com a força do pensamento resolver aquela enorme enrascada na qual havia se envolvido.

Quando terminaram o desjejum, o velho senhor pediu que retirassem a mesa. Depois de limpá-la, ele desenrolou sobre ela um comprido pergaminho, sobre o qual todos se debruçaram. O Pai Velho terminou de retocar o desenho com um toco de carvão e explicou:

– Passei a madrugada desenvolvendo um mapa geral da arena onde mais tarde acontecerá o torneio.

Rheita e Kiel perceberam o grande Anel das Colinas amuralhado, envolvendo um espaço em branco no centro; na margem direita do mapa havia um castelo representado por quatro torres. O Pai apontou para elas e disse.

– Aqui é o Palácio Opulente, a residência real. Todos já devem saber que o desafio inaugural do torneio começará ao meio-dia e, como manda a tradição, uma casa foi sorteada para desafiar a casa dos reis. Ouvi rumores de que os infelizes Doracortez de Porto Alto terão a honra de ser vergonhosamente derrotados diante de todo o povo do Anel das Colinas.

Ele riu e desenhou na margem esquerda da arena um escudo dentro da coroa de oliveira representando a família. Do lado esquerdo, em frente ao castelo, fez uma águia (pelo menos tentou) segurando a cópia rasurada de uma rosa.

– E aqui – acrescentou um grande “xis” sobre a ala dos reis – estará exposto o grande prêmio, o Coração de Murdak, protegido, como muitos já sabem, dentro de uma urna de vidro, por uma guarda bem equipada. Só no fim do dia, depois que acabar o torneio, sairá o vencedor, que certamente pertencerá à Casa Real; o rei não terá o trabalho de se levantar do seu trono para premiar o cavaleiro adversário.

– Grande novidade! – ironizou Bacorinho, amarrando a cara.

– Que chatice, sempre o mesmo teatro! – disse Furo, sem emoção.

– E você, filho – o Pai Velho apontou para Kiel sem dar ouvidos aos comentários –, sua desafiadora tarefa foi muito bem planejada: você passará por baixo das arquibancadas sem ser visto; terá muita facilidade, sei disso. Deixaremos você aqui, ao sul da arena, próximo ao pavilhão dos cavaleiros. Buraco cuidará para que chegue até lá em segurança; depois você pegará o caminho da esquerda e subirá ao norte, sempre escondido sob as arquibancadas, não se esqueça disso, até chegar ao pavilhão real, onde estará o prêmio, bem aqui! – Ele apontou para o grande “xis”.

– E de-depois? O-o que eu faço? – indagou Kiel, escondendo o desespero, as mãos começando a suar.

– Essa parte fica a seu critério – respondeu o Pai Velho, dando palmadinhas no ombro do menino. – Depois do grande roubo, você se tornará uma lenda, será conhecido como Kiel, O Ladrão! Seu nome se perpetuará como sinônimo de ousadia e coragem! Imagine, todos vão querer ser como você, e desejar ter suas



habilidades! Não faltará abrigo depois desse notável feito; pode ficar conosco para sempre, e talvez consigamos iniciar sua amiga no ramo também.

– Não – respondeu Kiel, livrando os ombros das mãos do velho. – O senhor prometeu que nos de-deixaria livres!

– E que nos devolveria as Chaves – lembrou Rheita, cruzando os braços.

– Ah, sim, sim – disse o velho, um tanto constrangido. – É claro que manterei minha palavra, um ladrão de verdade nunca volta atrás. Agora, precisamos planejar a nossa fuga.

– Não podemos ficar na cidade depois que Kiel realizar o roubo, Pai Velho – disse Buraco. – Precisamos abandonar o esconderijo por um tempo.

– Você está totalmente correto, filho – concordou o chefe. – O que sugere?

– Fugir pela passagem leste. – Ele apontou para o muro no lado esquerdo do mapa. – O fosso subterrâneo tem largura suficiente, nós o atravessaríamos com facilidade. Passaremos um tempo escondidos na Floresta Escura.

– Você ficou maluco, Buraco? – disse Furo, receoso. – Você não sabe que tipo de bestas vivem por lá?

– Buraco deve estar pensando que construíram o muro ao redor da cidade para enfeitar a paisagem! – zombou um menino vesgo.

– Furo tem razão – disse Trapaça, emitindo sua opinião pela primeira vez. – Ir para a Floresta Escura seria pior do que ficar aqui na cidade.

– Podemos ir para o sul – sugeriu Bacorinho. – Talvez Porto Alto; dizem que fazem uma lagosta deliciosa por lá.

– O sul é uma boa solução – concordou o Pai, pensativo. – Mas não podemos ir a Porto Alto. A família Doracortez reside na cidade; não seria nada esperto dividir um lugar com conhecidos do rei.

– Podemos ir para Vagoverde – disse o menininho ruivo. – Foi para lá que minha mãe me mandou ir antes de morrer. Nunca descobri o caminho, mas sei que fica ao sul também.

– Muito bem, Foguinho! – elogiou o Pai Velho, afagando os cabelos ruivos do moleque. – Então está decidido, vamos todos a Vagoverde. Arrumem suas trouxas, levem comida suficiente, vamos viajar!

Todos os garotos saíram catando roupas e embrulhando o resto do desjejum. Foi uma bagunça geral, houve até quem brigasse por um pé de meia furada. O Pai ficou furioso ao ver um menino de ar abobalhado tentar enfiar no saco uma pesada caçarola.

– Levem só o necessário! – gritou, arrancando-lhe a caçarola das mãos. – Deixem para trás tudo que pese mais que seus sapatos!

Meia hora depois, todos estavam prontos, cada um segurando sua trouxa. O Pai Velho também fez a sua, enchendo um saquinho com várias moedas de ouro. Ele pediu que todos fizessem uma fila, inclusive Rheita e Kiel.

– Prestem muita atenção – alteou a voz para que todos escutassem. – Não vou repetir mais de uma vez: aquele que me interromper fazendo gracinhas vai passar os próximos dias trancado aqui, até que eu e os outros voltemos da viagem! – Ele olhou ameaçadoramente para Trapaça. – Buraco vai organizá-los de três em três para que saiam daqui sem levantar nenhuma suspeita. Todos deverão dirigir-se para a Travessa do Carço e se esconder no velho galpão

abandonado até que eu apareça por lá, entenderam?

– Ahãh! – Todos confirmaram com a cabeça.

– Trapaça – ia dizendo o Pai Velho.

– Eu não fiz nada! – protestou o garoto.

– Trapaça – repetiu o ancião, sem paciência –, quero que arrume um carro que seja daqueles grandes, de carregar mercadoria. – O menino escutou com atenção. – É melhor você ir com Furo, para ajudá-lo no roubo; depois vocês saem da cidade e nos esperam na saída da passagem leste, entendido?

– Claro, isso vai ser moleza!

Os dois meninos fizeram uma longa mesura e saíram às carreiras pelo corredor.

– Buraco, pode levar os três primeiros para a porta, mas espere até que os outros já estejam numa distância razoável.

O rapazinho assim fez, guiando os outros em pequenos grupos, até que a fila foi diminuindo. Restaram somente Rheita e Kiel.

– Você vem comigo, senhorita – disse o Pai Velho.

A menina olhou para Kiel assustada, sem querer se separar do amigo.

– Mas eu pensei que iria com Kiel! – protestou.

– Não posso permitir isso. É uma tarefa muito perigosa para uma donzela! Kiel terá de se cuidar sozinho até que me traga o Coração de Murdak; é um trato. Buraco, você vai acompanhá-lo até o torneio e irá esperá-lo num local próximo ao pavilhão da realeza. Aja da maneira mais natural possível, pois haverá muitos guardas por lá.

– Sim, Pai, farei exatamente como o senhor mandou – disse o rapaz.

– E você, garoto – disse ele, dirigindo-se a Kiel. – Nunca tema o desconhecido; eu na sua idade já tinha vivido grandes aventuras, sei que pode fazer o mesmo ou ainda melhor. Tem coragem, eu vejo isso em você, esta é a principal arma para ser um bom ladrão. Mais tarde voltaremos a nos encontrar, e espero que um novo ganhador vença o Torneio da Ordenança! – O velho deu uma gargalhada de satisfação, mas Kiel se sentia mal, duvidando de suas palavras.

– Boa sorte, filho! – Ele lhe deu um abraço demorado.

Capítulo 28  
O Torneio da Ordenança



Com a impressão de que se despedia do amigo para sempre, Rheita conteve as lágrimas para não deixar Kiel ainda mais nervoso.

– Tome muito cuidado – ela também lhe deu um abraço, passando discretamente o Mapa Mágico ao menino, que o escondeu por debaixo da blusa sem que os outros percebessem. – Se tiver medo, lembre-se de que já fez mais do que achou que poderia fazer.

O Pai Velho saiu apressado, quase se esquecendo de sua trouxa, e partiu junto com a menina. Buraco e Kiel agora se encontravam sozinhos naquele imenso subterrâneo. O rapaz parecia despreocupado, mas o menino roía as unhas, tenso.

– A primeira vez não é tão ruim assim, Kiel. Depois que a gente pega o jeito da coisa não quer parar mais, você vai ver, é divertido.

– Ma-mas eu não so-sou um ladrão e nem que-quo tornar-me um!

– É... eu sei – admitiu Buraco. – Você não seria capaz de ir tão a fundo, mas o Pai Velho tem razão ao dizer que você seria um dos nossos, ele nunca erra.

Kiel deu um suspiro descrente.

– Vamos, anime-se! Hoje é um grande dia, mal posso esperar a hora de ver o Diamante de Fogo bem de perto! Espere um pouco, tem algo de errado... Ah! Já

sei! Você está muito bem vestido!

Buraco correu até um baú e de lá tirou uma sobretúnica puída, com evidentes rasgos. Kiel a experimentou, deixando Buraco satisfeito: agora sim, o menino parecia-se com um deles. Os dois subiram a estreita escada de saída do esconderijo e desembocaram no gueto imundo.

O céu estava da cor de chumbo, prenunciando chuva para um dia de festa na cidade. Kiel seguiu Buraco, que se esgueirava ágil pelas ruas estreitas, evitando os guardas reais. Pegaram a rua principal, seguindo a multidão que se dirigia ao Torneio da Ordenança.

Os dois avançaram por um grande trecho da avenida, até que Buraco resolveu pegar um atalho. Depois de uma alameda, surgiu a extensa área cercada por uma arquivancada praticamente lotada. Ao vislumbrar pela primeira vez o Palácio Opulente, Kiel tentou não demonstrar surpresa, embora sem conseguir deixar de se admirar com as torres circulares que perfuravam o céu com o brasão vermelho e dourado da monarquia.

– Vamos por aqui!

O rapaz o guiou por uma passagem, e logo chegaram à entrada da arena, um portão aberto num grande cercado de tábuas. Diante deles uma maré de pessoas, a qual os guardas reais tentavam controlar. Buraco apontou para uma longa fila de carruagens e disse:

– Está vendo? Muitos nobres vieram assistir ao torneio, pena que terão uma grande decepção! – Ele riu, satisfeito. Kiel não achou graça. – Você está tenso, amigo! Relaxe um pouco, aprecie o momento... Logo fecharão as portas e não deixarão ninguém entrar...

– Fi-ficaremos do-do lado de fora!

– Espere um pouco, Kiel, acalme-se... Vamos entrar por outra porta... Mais à frente fica a entrada para as pessoas da realeza.

– Co-como va-vamos conseguir entrar? Lá de-deve ter mu-muitos guardas – disse Kiel.

– Bem observado. Mas eu tenho meus truques. – O rapaz retirou do bolso interno de sua veste uma pequena bola que cabia na palma da mão, forrada de tecido grosso e com um barbante na ponta. Kiel logo entendeu o que era.

– Ma-mas isso vai a-acabar cha-chamando muita atenção, Buraco!

– Mas este é o propósito! Essa bombinha não vai causar nenhum dano, a não ser fagulhas e fumaça... Vamos para o outro lado, atrás das carruagens; quando estivermos perto o suficiente... *Cabum!!*, será o momento do meu espetáculo. Na confusão de gritos e fumaça, entraremos sem chamar a atenção! – Ele se empertigou orgulhoso.

Kiel até que não achou o plano ruim. Só esperava na hora não sufocar com a fumaça e perder os sentidos; seria vergonhoso demais desmaiar sem ao menos ter começado sua missão. Seguiu Buraco, que parecia um gato, tão ágeis e sorrateiros eram os seus passos. Atravessaram a fila das carruagens sem ser vistos; em poucos minutos os dois garotos alcançaram a porta principal dos nobres. Havia um dossel diante do portal, um tapete bordado esperava os convidados, enquanto dois guardas conversavam distraídos.

– São todos uns burros! – comentou Buraco, pegando o explosivo e uma

pederneira para acendê-lo. – Para que vigiar a porta de entrada, se a dos fundos fica aberta? – Ele sorriu matreiro e acendeu a bomba, que logo faiscou.

Kiel fechou os olhos e tampou bem os ouvidos com as mãos, mas não pôde deixar de escutar o estouro que se seguiu. Buraco imediatamente o agarrou pelo cangote e o arrastou entre a confusão de gritos e fumaça. Kiel não conseguiu pensar em mais nada a não ser correr. E, para alívio dos dois, atravessaram com sucesso a ala nobre, desembocando em um corredor que terminava num lugar inesperado.

Kiel sentiu o estômago pesar como uma pedra: a enorme arena se abria à sua frente. Nas arquibancadas apinhadas, o público se virava para olhar os dois garotos ali parados. Percebendo a grande besteira que fizera, Buraco puxou o menino para o lado oposto. Encontraram uma porta e entraram num celeiro. Corações ribombando ao ponto de sair pela boca, os garotos se esconderam atrás de um monte de feno seco empilhado.

– Sou um idiota! Um grande idiota! – resmungou Buraco, baixinho, vermelho como um pimentão. – Todos nos viram! Todos!

– Shiii! Ca-cale a boca! – disse Kiel, notando que outras pessoas entravam no local.

– Vossa senhoria está confiante, Dom Eridano? – perguntou uma voz pastosa.

– Claro que estou, Ófilo – retrucou uma voz grave. – Não esqueça a casa que estou representando...

– Ouvi dizer que sua alteza real, a princesa Azarckel, lhe dará sua benção – comentou o outro, em tom emocionado.

– Depois de vencer o torneio, vou pedi-la em casamento.

Kiel, com a visão mais privilegiada, levantou-se para espiar melhor. À sua frente viu um imponente cavalo cor de canela. Uma proteção de metal envolvia todo o seu corpo até a cabeça; um homem de porte altivo verificava a segurança da sela. Era jovem, mas a barba bem aparada atribuía-lhe um ar mais maduro. Trajava uma pesada armadura prateada. O homem que o acompanhava era mais velho e baixo; o cinto apertado na cintura gorda segurava precariamente uma espada.

– Com certeza ela vai dizer sim! – disse ele, animado. – O rei Amaz aprovaria essa união!

O cavaleiro sorriu com disposição oposta à do companheiro.

– Tenho achado Azarckel distante nesses últimos meses – confessou. – Há algo de errado acontecendo a ela, mas, por mais que eu insista, ela se afasta de uma explicação...

– Ah, Eridano, as jovens são assim mesmo, cheias de delicado mistério! – sorriu o tutor, compreensivo. – Deixe-a, tenha paciência; o amor desabrocha devagar como uma rosa preguiçosa após o inverno.

– Não, você não está entendendo, Ófilo. – O cavaleiro o encarou. – Azarckel se distanciou de mim, seu comportamento mudou desde que achou aquele espelho, carregando-o para todo lugar a que vai.

– As mulheres são cheias de manias – interrompeu Ófilo. – Não há nada de errado em uma moça ser vaidosa.

– Ófilo, Azarckel está obcecada por aquele objeto! – contrapôs Eridano,

preocupado. – Isola-se na companhia dele, não sei o que pretende com isso, mas eu mesmo vou tomar uma atitude; assim que nos casarmos, vou ordenar que o destrua.

– Não pode fazer isso, é um tesouro real, pertence à família há séculos!

– Se ela não o fizer, eu mesmo o farei. Nem o próprio rei me impedirá! – disse o outro, decidido.

– Não fale assim, meu filho – repreendeu o senhor, nervoso. – Não diga essas palavras, Amaz poderia...

– Me matar? – completou Dom Eridano, a veia de seu pescoço saltando. – Me matar como o pai dele, o rei, fez com meu pai, seu único irmão?!

– Não, não foi isso que eu quis dizer, por favor, Eridano, tranquilize-se – pediu Ófilo, preocupado. – Aquilo foi um acidente, um acidente! Amaz é seu primo de sangue; vocês cresceram como irmãos. Ele tem grande respeito por você, lembre-se da honra que lhe concedeu tornando-o cavaleiro.

– Honra... – repetiu o jovem nobre, tomando novamente sua postura. – Não foi a honra que levou Amaz a me conceder o título, mas sua sede de controlar todos ao seu redor. Hoje provarei a ele que não sou igual ao seu pai; com ou sem aprovação casarei com Azarckel, que é mais uma vítima do irmão manipulador! – disse Dom Eridano, vestindo seu elmo e subindo no alazão.

– Não faça nenhuma besteira, Eridano, por favor! – implorou o senhor.

– Não se preocupe, Ófilo, só mostrarei a Amaz quem deveria ter o trono de Lagoena – respondeu o cavaleiro friamente ao subir na sela.

Boquiaberto, Kiel observava o cavaleiro, que lhe lembrava uma das figuras lendárias que colecionava na imaginação. Buraco puxou o menino para baixo, reprovarando sua atitude.

– Você ficou maluco? Quer que nos vejam?

Eles ficaram atentos aos trotes, às vozes se distanciando. Depois de terem a certeza de que não havia mais alguém ali a não ser eles dois, Buraco disse, sem cochichar:

– O torneio já vai começar. Esse que você acabou de ver é Dom Eridano II, o quarto na fila do trono real, o único primo em primeiro grau de Amaz. Se ele soubesse que havia mais alguém aqui, mandaria cortar nossas cabeças! Você precisa ir agora, Kiel.

– Ma-mas... Buraco...

– Não há mais tempo! Vá por aquela porta, a do outro lado – Ele apontou para uma porta no canto direito. – Siga as instruções do Pai, não se esqueça disso – disse, dando de costas para o menino.

– E você, pa-para onde vai? – perguntou Kiel, nervoso.

– Ué, vou assistir ao pronunciamento do rei; quem trabalha aqui hoje é você! Mas, assim que terminar, irei correndo para o lugar combinado. Estarei perto do palanque da realeza esperando você agarrar o grande prêmio. Dom Eridano vai ficar decepcionado; hoje não será um bom dia para pedir sua amada em casamento!

Dizendo isso, ele saiu às gargalhadas. Kiel ficou sozinho. Já era possível perceber o início do Torneio da Ordenança; ouviam-se pessoas aclamando a entrada dos cavaleiros na arena. Sem hesitar, o menino disparou pela outra porta.

Encontrou pela frente um corredor longo que se perdia numa curva mais adiante, em que o teto era o inverso dos assentos das arquibancadas, como uma escada vista de cabeça para baixo. Kiel correu com todo o fôlego que tinha; mais à frente o corredor finalmente parecia ter chegado ao fim. A plateia se aquietou com as trombetas anunciando a entrada dos reis e o menino quase deu de cara com a parede de um palanque de madeira entre as arquibancadas. Rápido, as mãos trêmulas, tateou e encontrou uma fresta; forçou-a, conseguiu alguns palmos de abertura. Kiel se espremeu por ela com agilidade, escondendo-se debaixo do palanque, e ali esperou, muito quieto.

Capítulo 29  
Kiel, o ladrão



Lá fora, no meio da arena, o arauto gritou numa voz esganiçada:

– Com a graça divina, neste dia de grande felicidade para o povo de Lagoena, anuncio a presença real de sua majestade, o rei Amaz VIII; sua majestade, a rainha Fênola; e sua alteza real, a princesa Azarckel.

Todos deram muitos vivas. Kiel percebeu a movimentação pelo assoalho do palanque. Por uma fresta viu pessoas muito bem trajadas se dirigirem a três tronos. Ele distinguiu um homem, mas não conseguiu ver o seu rosto. Deduziu que era o rei Amaz. Ao lado dele sentou-se uma mulher. Divisou a metade de seu rosto bonito, mas não feliz. Acariciava o ventre; logo percebeu que a jovem rainha carregava um filho do rei. De repente, uma mão alva pousou sobre sua barriga. Kiel sentiu o coração disparar ao vislumbrar tamanha beleza. Nunca tinha visto uma moça como aquela; seu semblante ainda mostrava os tempos primaveris de menina, porém a face de ângulos delicados adquiria traços de mulher. Os cabelos cor de fogo e encaracolados caíam soltos como cascatas. O menino ouviu algo como um canto de belos pássaros, mas fora o riso da princesa.

– Eu acho que se mexeu – disse ela, sorridente.

– O bebê anda muito agitado nestes últimos dias – disse a rainha, num tom



ligeiramente preocupado.

– Vai ser igual ao pai, tenho certeza – comentou o rei. – Ele está louco para ver o mundo!

– Ele...? – suspirou a rainha.

– Não se esqueça, Amaz, que o bebê pode ser uma linda mocinha – disse sua irmã, um pouco irritada.

– Não vamos discutir isso agora, Azarckel! Calar-se é a melhor coisa que faz!

Disfarçando seu tom autoritário, o rei se levantou para receber as honras do povo. A princesa ficou em silêncio, o rosto rubro de constrangimento. Kiel a viu acenar, enquanto um pajem bem trajado surgiu ao seu lado. De suas mãos Azarckel pegou um espelho oval no qual faltava um pedaço da moldura trabalhada. Mirou-se nele e, por um breve segundo, Kiel pensou ter visto algo estranho na superfície do espelho: a imagem parecia ter se transformado em outra, mas ele não soube dizer exatamente no quê. Com a mente repentinamente anuviada, o garoto imaginou que não enxergava muito bem dali de baixo.

Kiel procurou desesperado por uma fresta, não queria perder Azarckel de vista; bateu todos os lugares possíveis até achar uma tábuia solta. O coração pulou descontrolado. Ali, sobre um pedestal de mármore e uma almofada de veludo, descansava o Diamante de Fogo, protegido por uma urna de vidro. O Coração de Murdak ainda ardia em vida, emanando uma tênue aura incendiária. O menino arrumou a tábuia, pois alguém vestindo cota de malha e com uma espada desembainhada moveu-se muito perto dele. Escutou a voz sonora do rei:

– Meu caro povo desta grande terra abençoada! Eu, Amaz VIII, filho de Amaz VII, e grande rei de Lagoena, soberano dos Quatro Mares Adjacentes e Imperador das Terras Marcadas, com imensa satisfação declaro aberto o tricentésimo décimo quarto Torneio da Ordenança!

Lá fora o povo rompeu em vivas e aplausos. Kiel percebeu o palanque balançar sobre ele, mas logo tudo se aquietou, fazendo-o espiar pelo vão para ver o que acontecia. A arena de trezentos metros de comprimento fora dividida por uma cerca ao meio; distinguiu um homenzinho pouco maior que um anão empoleirado num pedestal disposto no meio da arena. Ele desenrolou um pergaminho e preparou-se para falar. Era o arauto, dando continuidade à abertura do torneio.

– O rei Amaz VIII, que sua vida seja longa, dará a honra de iniciar o Torneio da Ordenança representado por um cavaleiro de inominável e destemida bravura: Dom Eridano II, fielmente comprometido a defender a heráldica real até a morte. Que a graça divina o proteja e o encaminhe para a vitória!

A plateia aplaudiu com fervor. Dom Eridano galopou de maneira elegante ao redor da arena. Mais adiante, fez uma breve pausa em frente ao palanque da família adversária, os Doracortez. O patriarca arrogante fingiu não tê-lo visto; as jovens damas se precipitaram para o beiral do palanque, atirando-lhe rosas e lenços.

O cavaleiro galopou sem pressa até o palanque real, endireitou-se na sela e fez uma reverência. O rei Amaz saudou-o com um pequeno gesto de cabeça, e continuou recostado em seu trono. Eridano cumprimentou rapidamente a rainha, que sorriu melancólica, e no final deixou que seu olhar se demorasse em uma

única pessoa.

Azarckel levantou-se, para reprovação do seu irmão. Eridano sorriu encantado para a donzela, atirando-lhe a rosa que lhe ofereceram. Sua amada aceitou, agradecendo com um sorriso tímido. O cavaleiro se apurou satisfeito sobre a sela e retirou-se até o lado oposto da arena, sob aplausos.

O arauto ajeitou o pergaminho e pigarreou, para continuar:

– Para somar neste aguardado combate, apresento o representante da Casa dos Doracortez, Dom Joel, um cavaleiro conhecido na região de Porto Alto por sua virilidade e força. Que a graça divina lhe dê a luz para aceitar a derrota!

O povo vaiou sem piedade a entrada do outro cavaleiro. Vinha montado num cavalo negro e pomposo. A armadura do adversário, de tão polida, refulgia como se tivesse luz própria. Ele deu uma rápida volta na arena. Fez uma pausa rápida um cumprimento frio à realeza.

Os dois cavaleiros se posicionaram, cada qual de um lado da arena. O juiz lhes pediu que erguessem as lanças, baixassem as viseiras e se protegessem atrás de seus escudos. Quando a bandeira branca foi elevada, eles se precipitaram um em direção ao outro. Os cavalos golpeavam o chão, levantando grossos pedaços de terra. Kiel acompanhou o momento crucial em que os cavaleiros se aproximaram, a velocidade dobrando, até abaixarem suas lanças, os corpos seguindo o mesmo movimento.

E, num instante de extrema tensão, um deles foi atingido.

As mulheres soltaram gritos apavorados; as crianças se empurraram para ver; os homens praguejaram sem se convencer da terrível sorte do cavaleiro. Este quase perdera o equilíbrio, mas por uma fração de segundo conseguiu se recompor, mantendo-se sobre a sela. A plateia vaiou o opositor e aplaudiu o cavaleiro atingido, pois Eridano se defendera sob o escudo e continuava na justa sem maiores danos. Mesmo assim, o seu adversário saltou cinquenta pontos à sua frente na tabela, por ter quebrado metade da lança com o golpe.

Kiel assistia ao cavaleiro real começar uma justa da pior maneira possível: perdendo, fato inédito na história do Torneio da Ordenança. Foi tomado pela incômoda preocupação de que as coisas piorariam se não agisse rápido: ninguém podia vencer aquele torneio. Tinha de fazer algo para evitar que a situação ficasse mais complicada. Pressionado pela ansiedade e tensão do momento, porém, não lhe veio nada à mente. O tempo passava, e logo o torneio recomençaria. Tinha de encontrar uma solução antes disso.

Kiel apelou para o Mapa Mágico, rezando para que lhe mostrasse algum caminho. Ficou ainda mais nervoso quando uma abelha teimosa surgiu, embaralhando seu raciocínio. *Pensa, Kiel, pensa, vamos!*, impunha-se, enquanto, sem uma gota de paciência, tentava esmagar o inseto contra a parede. Entretanto, ela era mais rápida e esperta que ele, sumindo e aparecendo.

Foi aí que a ideia começou a surgir...

*Isso!* O rapazinho quase deu um grito de alegria, e poderia ter pulado para o alto se o teto permitisse. Sob as vestes encontrou o saquinho que Zagut lhe dera de presente; ainda se lembrava das palavras do mago: *“Saiba usar a imaginação”*.

Aquele era o momento certo para pôr em prática a ideia de gênio que lhe surgira. Alisou o saquinho bastante amassado – por um tempo tinha-se esquecido

completamente de sua existência –, dirigiu-se até a passagem e abriu o vão, deixando espaço suficiente para passar suas mãos.

Fechou os olhos e concentrou-se. Sentindo o saquinho mágico em suas mãos, teve maior noção de sua textura – um pequeno pedaço de pano áspero e puido ao qual ninguém daria valor. Concentrou-se ainda mais, indo fundo em seus pensamentos, e imaginou.

Uma a uma, foram surgindo com suas asinhas, adejando a uma velocidade inigualável. Kiel conseguira projetar com exatidão em sua mente um enxame de abelhas bravas. De repente, o saquinho estufou-se em sua mão quase ao ponto de estourar. Naquele instante ele abriu os olhos e temeu ter feito uma grande besteira, mas o saco foi murchando como balão furado, e, segundos depois, ouviram-se vários gritos lá fora. Por instinto, o menino guardou o saquinho no bolso.

Aconteceu muito rápido. Nem Kiel soube contar mais tarde como fizera aquilo: na confusão que se criou, esgueirou-se pela passagem e viu o palanque real inteiramente vazio, exceto pelos guardas que pulavam e praguejavam ao tentar se livrar das abelhas que entravam nas armaduras. O menino correu e se escondeu atrás de um dos tronos sem que ninguém o percebesse. Os guardas bateram em retirada, afugentados pelo enxame que avançou sobre o público; aí a confusão ganhou escala maior ainda. Foi desastroso, um momento intenso de pânico. Nem os cavaleiros esperaram para ver o que iria acontecer. A arena ficou completamente vazia.

Quando Kiel saiu detrás do esconderijo, o silêncio imperava: não havia ninguém que pudesse impedi-lo de roubar o Coração de Murdak. Cauteloso, desceu para o primeiro pavimento do palanque. A pedra ardia dentro de urna de vidro; estava quente, mas não o suficiente para queimar as mãos. Tinha de ser rápido, pois, antes de levar consigo o prêmio do torneio, devia fazer uma última e importante coisa.

*“...O segredo se revelará àquele que primeiro tocar o coração do dragão que não pereceu congelado”*, repetiu baixinho para si. Aquele era o momento de encontrar a Quarta Chave do Portal dos Desejos. Com o coração ribombando dentro do peito, ele tomou fôlego e enfiou as mãos dentro da urna. Ali o ar era abrasador, mas aguentou firme; não era o momento de recuar, tinha de ser forte. Mordeu a boca com tanta força que a fez sangrar, esforçou-se para não gritar, as mãos ardendo como se tocassem em pura brasa.

Prendendo a respiração, ele agarrou o diamante. Por instantes acreditou que ficaria preso para sempre àquela pedra incandescente, mas conseguiu largá-la no chão com cuidado. Ele assoprou e abanou as mãos tentando se livrar da sensação de queimadura; desejou com desespero enfiá-las numa bacia de água gelada. Enxugou a testa; uma gota de suor caiu sobre o Coração de Murdak, logo se evaporando. O menino sentiu a queimadura aliviar um pouco. Em seguida, algo estranho aconteceu diante de seus olhos: o diamante estremeceu, ou melhor, palpitou como se fosse de verdade. Surpreso, Kiel até chegou a escutar as batidas do coração em brasa; parecia respirar, como que tomando grandes fôlegos. O diamante estava esfriando, libertando as últimas fagulhas de Murdak, até dar o seu último suspiro e parar, frio como uma pedra.

O garoto aparou nas mãos o Coração de Murdak – pouco maior que um ovo de galinha –, questionando-se como o coração de um dragão podia ser tão pequeno em relação à dimensão de seu corpo. Porém, mesmo sem resplandecer em intenso fulgor, o raro diamante vermelho escondia uma Chave presa no interior. Kiel procurou um modo de abri-lo, sem sucesso. Frustrado, lamentou não ter como tirá-lo de lá, seus esforços pareciam ter sido totalmente em vão. Ele guardou o diamante dentro do bolso interno da sobretúnica, e foi quando algo caiu no chão, aos seus pés. Ao se abaixar para pegar, descobriu se tratar de uma Chave dourada, como as outras que o Mapa Mágico escondia em Lagoena.

Capítulo 30  
O Coração de Murdak



Kiel levou um terrível susto quando alguém gritou perto dele:

– Pelas calças furadas do meu velho pai! Você é o melhor ladrão que eu já vi em toda a minha vida!

O menino empurrou a Chave para dentro do bolso e virou-se, aliviado, ao ver que era Buraco.

– Você quase me matou de susto! O que está fazendo aqui?

– Ora, esqueceu o que combinamos? Estive esperando por você, ali do outro lado, mas aquelas abelhas me obrigaram a me esconder. Nunca tinha visto nada igual; você perdeu, foi hilário ver os guardas dançando daquele jeito, mas, quando percebi a coisa piorando, me arrastei para baixo das arquibancadas...

– E acho que é a hora da gente desaparecer mais uma vez – acrescentou Kiel, alerta. – Precisamos fugir!

– Não tenha tanta pressa – disse o rapaz, sorridente e despreocupado, olhando ao redor. – Aprecie o momento... Olhe... Não há ninguém aqui! O rei se enfurnou rapidamente em seu castelo, nem mesmo esperou sua esposa e muito menos a irmã; é tão covarde quanto os outros Amaz. E as abelhas... Que abelhas! Um furacão delas!

– Buraco! – berrou Kiel. – Se não formos agora, seremos pegos pelos guardas e vamos ter de devolver o prêmio!

– Credo, nunca repita isso! Vamos, sei exatamente para onde devemos ir.

Esgueirando-se sob as arquibancadas para não serem vistos, Buraco foi na frente, pois conhecia o trajeto como a palma de sua mão. Após descobrir uma tábua solta que dava acesso para o lado de fora da arena, os dois deram de cara com várias pessoas.

– Não se preocupe, Kiel – aconselhou o rapaz, dando palmadinhas em seus ombros. – Aja com naturalidade...

Kiel respirou fundo e o acompanhou. Eles serpream pela multidão. Dois guardas gritaram pedindo passagem: levavam um companheiro numa maca, empelotado da cabeça aos pés. Um terceiro veio correndo ao encontro deles.

– Comandante – começou o homem tomando longos fôlegos. – Aconteceu uma coisa terrível... O prê...o prê...o prêmio foi roubado!

– O quê?! – esbravejou o outro, incrédulo. – Como permitiram?

– O tumulto... As abelhas, senhor! – respondeu o subalterno. – Ninguém viu quem foi o ladrão!

– Acione toda a guarda, ninguém sai da cidade!

Buraco e Kiel se entreolharam e saíram às pressas, atropelando as pessoas. Logo, eles já se embrenhavam pelas casas, deixando a região do torneio para trás. O Anel das Colinas entrou em alerta; as trompas soaram para fechar todos os portões; as sentinelas da guarda real tomaram conta das ruas. Os garotos cortaram caminho até entrarem em uma região pouco habitável da cidade. Casas abandonadas, o silêncio planando distante do alvoroço que o alerta causava. Buraco guiava Kiel para a extremidade da cidade. No final da ruela, avistaram um velho galpão para o qual correram.

No local a luz rala escorria das frestas do telhado esburacado. O galpão era dividido em dois pavimentos, onde ainda podiam se ver barris velhos e vazios empilhados nos cantos. Buraco olhou ao redor tentando identificar alguém conhecido entre as sombras, mas acabou desistindo. Kiel resolveu dar uma ajuda.

– Olá? – sua voz ecoou repetidas vezes até sumir.

Ninguém respondeu.

– Será que todos foram presos? – suspeitou o rapaz, num tom preocupado.

– Nunca repita uma coisa dessas, Buraco! – disse o Pai Velho, saindo das sombras.

– Oh, Pai Velho! Finalmente! – Buraco correu e lhe deu um grande abraço. – Só pensei que...

– Pensou errado, filho! – disse ele, abrindo um largo sorriso. – Demoraram mais do que eu esperava, fiquei preocupado... Podem sair, crianças, eles voltaram! Mas nada de algazarras!

Os garotos saíram das sombras, pareciam felizes, mas não ousaram desobedecer à ordem do chefe. Entre eles, encontrava-se Rheita.

– Kiel, você voltou! – Ela foi ao seu encontro e lhe deu um efusivo abraço.

– O senhor tinha razão, Kiel foi incrível! – disse Buraco. – Um enorme enxame de abelhas invadiu a arena a voou para cima das pessoas. Eu consegui me

esconder e me livrar a tempo, mas nem a realeza escapou! Os guardas saíram gritando como moças. – Os meninos desataram a ir. – Depois, os cavaleiros deram no pé, e Kiel se aproveitou de toda a confusão afanando o grande prêmio!

A narrativa foi aplaudida pelos colegas.

– É verdade, filho? Você conseguiu? – indagou o velho, emocionado.

Kiel tirou do bolso um diamante vermelho que mal cabia na palma de sua mão. Os olhos do velho arderam de cobiça.

– Quero primeiro as Chaves – anunciou ele.

– Vejo que você mudou, filho – respondeu o velho encarando o menino. – Mudou sim, tem algo a mais além de sua língua ter sido solta da sola da boca...

Kiel engasgou-se e tossiu. Não tinha percebido: parara de gaguejar e não se tremia todo de medo.

– Se havia dúvidas, agora elas não existirão mais – Ele tirou do bolso interno de sua sobrecasaca uma corrente e puxou-a vagarosamente enquanto falava. – Reconheço a centelha da ousadia, por mais fraca que se mostre em qualquer um que a possua de verdade, essa é uma qualidade que eu admiro no homem. Sem ousadia, afinal, que destino nós teríamos? Seríamos condenados à miséria e à solidão... Nada mais... – Ele estendeu as Chaves para todos verem. – Regra número quatro: o verdadeiro ladrão sempre honra sua palavra.

O velho senhor pousou as três Chaves nas mãos de Rheita, e Kiel lhe entregou o Coração de Murdağ, o tesouro mais desejado entre todos os ladrões de Lagoena. A menina olhou esperançosa para o amigo; sabia que Kiel conseguiria trazer a Quarta Chave do Portal dos Desejos. Ele lhe retribuiu o olhar e disfarçadamente indicou que estava muito bem guardada em seu bolso. Enquanto isso, os outros meninos olhavam admirados para o diamante vermelho que o Pai tinha nas mãos. Este o contemplou por uns instantes, aproveitando um rastro de luz, e disse:

– Todos os meus anos de luta foram recompensados... Filhos, estamos ricos!

Os garotos gritaram muitos vivas, dando pulos de alegria. O menininho ruivo desistiu de comemorar entre os seus; aproximou-se de Kiel um tanto sem jeito e confessou:

– Quando eu crescer vou ser como você! – E lhe deu um abraço inesperado.

Um trovão ribombou no céu, seguido pelo relâmpago que chicoteou a terra, fazendo todo o reino estremecer. Os garotos interromperam a comemoração, gritando assustados; alguns até se esconderam atrás dos barris empilhados nos cantos. Rheita ficou surda por alguns segundos.

– Acalmam-se, meninos, não foi nada! – pediu o Pai Velho, depois de um minuto, ele mesmo tentando se recobrar do pavor. – Acho que vai cair uma forte chuva... Não podemos mais esperar, temos de ir embora imediatamente; Furo e Trapaça já devem estar nos esperando do outro lado do muro... Precisamos ser rápidos... E vocês – ele se dirigiu a Rheita e Kiel – podem voltar para casa agora, nosso negócio já foi fechado, estão livres.

Rheita e Kiel tinham de agir rápido, do contrário ficariam para trás.

– Precisamos fazer alguma coisa, Kiel – cochichou Rheita com urgência para o amigo. Este pensou um pouco, depois disse:

– Ah, esperem, nós queremos ir com vocês.

Rheita ficou surpresa, mas entendeu a deixa.

– Que ótima decisão... E então, mudaram de ideia? Vão se juntar a nós? Serão muito bem-vindos – disse o velho, satisfeito.

– Não, não queremos isso. Só não podemos ficar no reino; e se descobrirem que Kiel roubou o prêmio? – Rheita levantou a hipótese preocupante.

– A garota tem razão, Pai Velho – disse Buraco.

– Oh, como fui cego até agora! – lamentou-se o Pai Velho, com falso drama. – Fui ganancioso: só pensei em ganhar o Diamante de Fogo, jamais na possibilidade de perdê-lo... Venham conosco, então, crianças, posso deixá-las no caminho que desejarem seguir. Mas que seja bem longe daqui...

Organizados em fila, com suas trouxas a tiracolo, eles ganharam a rua deserta. Escutaram à distância os sons da tropa real se reunindo. Os guardas no alto das torres empunhavam suas armas, em alerta. O grupo de pequenos ladrões seguiu até alcançar o fosso do muro do lado leste, antiga passagem aberta para saqueadores, tentando escapar do numeroso exército de Amaz.

A tempestade que se anunciava desabou sobre o reino de repente. Logo, as ruas viraram poças de água lamacentas. Os meninos reclamaram quando suas trouxas, em instantes, ficaram ensopadas.

Rheita, assim como Kiel, temia que o velho Mapa Mágico, desprotegido em seu bolso, não fosse durar muito. Entretanto, sob aquela tempestade, o melhor a fazer era não pensar. Perceberam o terreno ganhar um leve declive. O grande muro crescia à frente à medida que se aproximavam.

Buraco gritou para que todos o seguissem. Ele virou para a esquerda, adentrando um túnel baixo que atravessava a base do muro, por onde passava grande quantidade de água. A força da correnteza tornava a passagem perigosa. Realizaram a travessia com o coração na mão.

Após minutos de agonia, conseguiram sair do túnel, ilesos e aliviados. Uma escada lateral de pedra descia ao nível do solo. Chegaram a um amplo pomar que margeava todo o lado leste da muralha do reino. Naquele momento a chuva parou bruscamente. Conforme combinado, Furo e Trapaça esperavam por eles; tinham arranjado uma carroça na qual couberam todos, apertados. Tomando a rédea, o Pai Velho os guiou para o mais longe possível do reino.

Distanciaram-se mais de uma milha da cidade; o perigo de serem descobertos ficara finalmente para trás. A tarde já ia alta, e Rheita ficou preocupada, pois ela nem o amigo sabiam para onde exatamente deveriam seguir; não podiam sequer consultar o Mapa Mágico diante daqueles pequenos aprendizes de ladrão. Então, a menina tomou uma decisão:

– Eh... O senhor poderia nos deixar aqui mesmo?

O velho deteve a carroça e interrompeu Buraco, que não parava de falar das abelhas invasoras.

– Desejam mesmo ficar aqui, crianças?

Rheita e Kiel se entreolharam, então o amigo respondeu:

– Claro... É aqui que queremos ficar. – Ele olhou para uma massa escura se adensando no horizonte leste, sem fazer a mínima ideia de que terras seriam aquelas. – Obrigado pela carona, e espero que aproveitem bem o prêmio. – Ele pulou da carroça e ajudou Rheita a descer.

– Esperem um instante, vocês dois – disse o Pai Velho, virando-se para eles. –



Esta região aqui é pouco habitada; peguem o caminho de volta para casa antes do anoitecer, é o certo a ser feito, mas nunca, escutem bem, *nunca*, entrem na Floresta Escura – advertiu em um tom sombrio. – Senão, a única coisa que encontrarão é a pior morte... Não se esqueçam disso: a *pior* morte! Vão para casa!

Os demais garotos acenaram em adeus. O velho foi embora, levando seus protegidos rumo a algum lugar ao sul de Lagoena chamado Vagoverde. Rheita e Kiel acompanharam a distância, até a carroça descer um monte pouco escarpado para nunca mais aparecer.

– Não sei – disse Kiel, depois de um longo silêncio.

– O quê? – insistiu Rheita.

– Não estou com uma boa intuição; sempre que há algo muito perigoso, o mapa nos manda para lá, já percebeu?

– Está falando da Floresta Escura? – indagou Rheita.

– Ahã. – Mas Kiel tinha um assunto mais urgente. – Pegue, isto pertence a você.

Entregou-lhe a Quarta Chave, que roubara do coração de um dragão.

Capítulo 31  
A magia adormecida



Como suas mãos não queimaram? – quis saber a menina, intrigada, ao ouvir toda a história de Kiel.

– Acho que foi magia. Então, a Chave escorregou, e a apanhei em tempo, antes de Buraco descobrir o que eu realmente estava fazendo – contou ele, estufando o peito, orgulhoso.

– E o mapa? – perguntou Rheita, ansiosa. – Será que ainda está intacto com a chuva que pegou? Vamos, abra logo, talvez desta vez tenhamos alguma sorte!

Kiel pegou o pergaminho com cuidado do fundo de suas vestes. Por milagre ou encantamento, estava seco e em perfeito estado. Ao desenrolá-lo, os passos deles surgiram, pontinhos de tinta refazendo o trajeto percorrido até ali, no Oriente daquelas terras, na extremidade rasgada do mapa.

– Ah, não! – lamentou Kiel. – Logo agora que precisamos mais do que nunca saber onde estão as outras Chaves, o mapa termina!

– Voltar é o que não podemos fazer – disse Rheita, depois de ter se acalmado. - Lembra-se do velho pergaminho que Zagut me deu de presente?

– Lembro... Ah, já entendi!

– “*Saberá usá-lo no momento oportuno*” – repetiu Rheita, lembrando-se das

palavras do mago ao lhe entregar o pergaminho. – Será que vai dar certo?

– Não custa nada tentar! – disse Kiel, esfregando as mãos.

Rheita pegou o velho pergaminho escondido nas vestes. Estava intacto, portanto devia conter a mais poderosa magia. Kiel lhe entregou a metade do mapa, ansioso. As mãos trêmulas desenrolaram os pergaminhos, que, depois de uma segunda tentativa, encaixaram perfeitamente, completando-se como a última peça de um quebra-cabeça. Os dois garotos ficaram extasiados: na outra metade em branco, a tinta brotava, desenhando com mãos invisíveis montanhas pontiagudas, uma vasta floresta e um mar revoltado para o leste. Em questão de segundos a outra metade perdida do Mapa Mágico surgiu, descrevendo uma floresta que nascia entre duas cordilheiras.

– Você tinha razão, Kiel – concluiu Rheita. – O mapa quer que a gente siga para a Floresta Escura.

– Queria tanto que fosse o contrário... – suspirou ele, desanimado.

– O que é uma floresta diante de um corajoso ladrão que roubou a joia mais preciosa do rei de Lagoena? – disse Rheita, tentando animá-lo, embora nem ela estivesse convencida. – Não temos escolha, não é mesmo?

– Verdade... O mapa nos levou para tantos lugares diferentes, e aconteceram tantas coisas aqui comigo que eu não sei explicar. E foram as melhores possíveis. Talvez... Talvez eu nem queira voltar.

– Por que faria uma coisa dessas? – perguntou Rheita, com os olhos arregalados.

– Porque aqui sou corajoso.

Rheita sorriu aliviada.

– Mas, Kiel, você sempre foi corajoso! – disse com simplicidade.

Ele ficou vermelho como um pimentão.

Pouco mais de meia milha adiante, depois de uma boa caminhada, sentiram uma brisa úmida e sombria soprar daquelas matas; o sol descia para as bandas do oeste, e as sombras de árvores se alongavam. As duas crianças se apressaram; a tarde daquele quinto dia de busca se esvaía, rápida. Passada meia hora, os dois já estavam muito próximos da Floresta Escura; dali percebiam sua impetuosa escurelão engolindo toda aquela região como uma nuvem negra.

Ao chegarem aos seus domínios, o ar se tornou tão silencioso quanto denso. Brotavam naquela terra árvores muito velhas, os galhos parecendo braços cansados tombados ao chão. Com o tempo, ganharam véus de heras, que balançavam como um tecido translúcido e fantasmagórico.

Rheita agora entendia por que o Pai Velho os aconselhara a não entrar naquela mata. O perigo morava ali, mudo, espreitando entre as sombras, maquinando coisas cruéis. Insetos rasteiros corriam velozes entre seus pés; ao longe escutavam o pio sinistro de aves noturnas e o cantar dos grilos. Por vezes pareciam divisar a sombra de uma pessoa entre as árvores, para depois constatarem que era somente um arbusto mais adiante. A menina tomou um enorme susto ao pisar numa coisa ainda mais escorregadia que o limo da floresta. Era um sapo horrendo, quase do tamanho de um cachorro pequinês, que saiu saltitando em busca de um lugar mais escuro. Kiel só teve tempo de ver as

pernas fininhas e úmidas do bicho se escondendo entre um arbusto baixo.

– O que foi aquilo? – perguntou, assustado.

– Um... sapo... enorme... – arquejou Rheita, apontando para onde o bicho sumira.

– Argh! Esse lugar é nojento! – disse o menino, sentindo um calafrio.

Para Rheita, a nova parte do mapa parecia bastante diferente da antiga: nada de enigmas, rastros, pistas, nem mágica. Parou ao escutar um assobio muito próximo.

– Você escutou isso? – perguntou Kiel, atento e apreensivo.

– Escutei – confirmou Rheita, num cochicho.

O assobio voltou mais uma vez, bem mais perto deles.

– O que será? Rheita, consegui ver alguém?

– Não vi nada – disse ela, esquadrinhando ao redor.

O assobio cantou atrás deles.

Rheita e Kiel se viraram alarmados. Depois de acostumarem os olhos, descobriram uma sombra, ou melhor, uma pessoa, um menino. Nunca haviam visto um menino como aquele: seu cabelo cor de fogo se destacava sob a sombra da floresta, embora tivesse a pele macilenta e o tamanho de uma criança de dez anos. Suas vestes eram forradas precariamente de folhas verdes. Arisco, olhava com ferocidade para eles, mostrando dentes afiados, enquanto apontava uma lança pontiaguda a poucos centímetros do nariz de Rheita. Ela colou os olhos no chão e percebeu que o menino não calçava sapatos, os pés estranhamente voltados para trás. Mas foi Kiel quem indagou rápido:

– O que aconteceu com seus pés?

– São assim para desssspistar oss inimigosss! – O menino avançou de novo, fazendo-os recuarem. – E minha lança serviu para derrubar aqueless que atacam meu amigo! Vocçê pisou no meu cachorro e pagará caro por isso! – gritou ele, os cabelos mais purpúreos, apontando sua arma para Rheita.

Ela não entendeu o que o menino quis dizer, mas Kiel se adiantou:

– Nós não vimos nenhum cachorro por aqui, deve ter-se enganado.

– É melhor ficar calado – disse o menino, ameaçador. – Maiss uma palavra, eu cortarei sssua língua!

Kiel comprimiu os lábios.

– Não, por favor, não nos machuque – pediu Rheita. – É verdade, não vimos nenhum cachorro...

– Outra mentirosa! Oss homensss são ssempre mentirosossss! – esbravejou o menino. – Vocçê pisou ssim no meu cachorro; agora, o pobre coitado não quer sssair daquele buraco – disse ele, choramingando e apontando com a lança para o arbusto aonde o sapo tinha sumido.

– Ah! Seu cachorro é um sapo! – exclamou Rheita, caindo em si.

– Um sapo? – disse Kiel, intrigado.

– Verruga não é um ssapo, é um cão de caçça! – corrigiu o menino, extremamente ofendido. – Ele é um cão muito companheiro e corajoso!

– Estou vendo sua coragem – ironizou Kiel.

– O que você disse? – Ameaçou com a lança. – Verruga é meu único amigo e você quase o matou!

– Desculpe, desculpe, eu não tinha visto o seu *cachorro!* – disse Rheita, quase gritando.

– Agora vou passar diass para tentar tirá-lo de lá! – continuou ele, como se não a tivesse escutado. – Verruga, já esstou indo, primeiro sseus inimigoss vão pagar muito caro pelo que fizeram!

– Espere um pouco... Não podemos ser amigos? – sugeriu Kiel, recuando da lança pontiaguda.

– Amigoss? Não faço laçoss com humanossss – Ele cuspiu no chão e farejou alguma coisa no ar. – Os homenss são perverssoss, e nós, da floressta, nunca deixamos sssair aqueless que uma vezz entraram, é nosssa lei!

– Ei, pare com isso! – esquivou-se Kiel, trancando o nariz com a proximidade do menino, que não cheirava nada bem.

– Vocês doiss parecem sser diferentes – disse o menino, num assobio. – Não têm o cheiro dessse mundo... Carregam o aroma de um lugar desssconhecido, muito disstante e maísss novo desste que Aura chamou de Lagoena... Alguma coisa me alertou, foi por isso que não matei vocês logo que entraram na floressta, sssim. Eu sseguí vocês!

– Você ia nos matar? – indagou Rheita, incrédula.

– Ia. Resolvi esssperar para ver o que vocês doiss iam fazer. Mass quando pisotearam Verruga, aquilo foi o fim para mim.

– Mas eu já me desculpei! – disse Rheita, aflita. – Já disse que não vi o seu cachorro!

– Sse você consseguir tirá-lo daquele buraco, eu digo o que aconteceu com sseu mapa – disse o menino, surpreendendo-os.

– Como você sabe do mapa? – perguntou Kiel, desconfiado.

– Ele estava nos seguindo o tempo todo – lembrou Rheita. – Você pode nos ajudar?

– Ssim... e não... – respondeu o menino, amolando sua lança numa pedra lisa, descontraído. – Às vezess, o não é melhor que o ssim; então, na verdade, é melhor não prometer nenhum doss doísss.

Rheita e Kiel ficaram confusos com a resposta.

– Então, se não vai prometer nada, pode pelo menos nos dizer seu nome? – inquiriu a menina, já zangada e impaciente.

– Meu nome? Ah, eu não tenho nome... Ou, talvez um dia tenha tido, não ssei. Ssou tão velho que não me lembro. Mass os homens costumam contar hisstóriass sobre nós, e os castigoss que pregamos naqueless que invadem a floressta quando costumamos sser *bondososs*. Eles nos chamam de Guardiõess da Floressta, ou simplesmente de Guri, mass na verdade nunca nos importamos com issso, podemos ter muitoss nomess ou nenhum. E vocês, têm nomess?

Depois de se apresentarem, Rheita insistiu, desenrolando o pergaminho:

– Vai nos contar o que aconteceu com o mapa, Guri?

– Este pergaminho que tem nass mãosss é repleto de um encanto antigo e raro; não há outra magia igual em Lagoena. Porém, a metade de sseu poder mágico esstá completamente adormecida.

– *Adormecida?* – repetiu Rheita.

O Guri se aproximou dela, e seus dedos de unhas sujas esquadrinharam o mapa, até onde ele fora partido.

– Sssim, adormeccida por causa do longo tempo em que ass duasss metadesss ficaram separadasss. Mass eu conheçço alguêm que pode ajudar a dessspertar a magia do mapa.

– Quem?! – perguntaram os dois garotos, ansiosos.

– Eu sssó vou dizzer com uma condição – revelou o Guri, cruzando os braços e torcendo o nariz.

– Está bem! – disse Rheita, vencida. – Vou pegar seu cachorro!

Foi uma tarefa árdua e torturante para a menina. O sapo continuava escondido dentro de um buraco entre os arbustos, dificultando as buscas, além da floresta ficar cada vez mais escura. Rheita chamou várias vezes por Verruga, mas o cachorro, ou melhor, o sapo, continuava entocado lá dentro.

– Desisto – disse ela, irritada. – Ele não quer sair de lá!

– Vocçê tem que pedir com carinho – retrucou o Guri, acomodado no galho de uma árvore.

– Então é melhor que você faça – disse Kiel, começando a achar que o menino do mato estava pregando uma peça neles dois. – Quem pode conhecer um cachorro melhor que o próprio dono?

– Mariposass – respondeu ele, tranquilamente, balançando as pernas. – Verruga adora mariposass; dê uma para ele, e num ssegundo ele ssai dessse buraco.

Kiel, depois de algum custo, conseguiu agarrar uma mariposa. Rheita pegou a isca, aproximou-se ainda mais do arbusto, esperando que alguma coisa saísse de lá. Vários minutos se passaram sem que nada acontecesse; quando pensava em desistir de vez, algo viscoso laçou sua mão e puxou a metade da mariposa. Rheita desequilibrou-se e pulou para trás quando a língua do sapo voltou para sua enorme boca.

– Verruga! Vocçê apareccceu, meu amigo! – gritou o Guri, pulando do galho para o chão.

Rheita achou o sapo bem maior do que ao vê-lo pela primeira vez. Seus olhos vermelhos saltavam das órbitas, a pele oleosa coberta de verrugas, a papada branca inflando e murchando como um balão. O menino acariciou o sapo, que parecia se agradar bastante do cafuné.

– Obrigado por ter sssalvo o meu Verruga.

– De nada – respondeu Rheita, sentindo o estômago revirar.

– Agora você pode nos dizer quem poderá ajudar a despertar a magia do mapa – cobrou Kiel, mantendo a maior distância do Guri e seu sapo.

– Ah, quase ia me esssquecendo disssso – disse o menino, jogando uma vareta para o sapo ir pegar. – Vocêss têm de procurar por – de repente, ele passou a cochichar –, por Elefha...

– Quem é Elefha? – perguntou Rheita, curiosa.

– Fale maiss baixo! Vocêsss sssó pediram para eu *contar* quem poderia ajudar, e eu já *revelei*...

– Por que está fazendo isso com a gente? – disse a menina, voltando a se irritar.

– Só precisamos saber quem ela é e onde mora! – insistiu Kiel, impaciente.

O Guri ficou muito tempo calado, pensativo; esperou até que seu sapo voltasse

com a vareta na boca para responder.

– Esstá bem – disse finalmente. – Vou ajudar vocêsss pela *ssegunda vezz*. Só há uma maneira de encontrar Élefha. Venham comigo!

Capítulo 32  
O Lar de Élefha



O garoto e o sapo se embrenharam na floresta; Rheita e Kiel correram atrás deles. Não era fácil segui-los. O Guri corria com agilidade sobre aquele solo escorregadio, e seus pés voltados para trás deixavam pegadas ao contrário no caminho. Rheita apenas conseguia distinguir seu cabelo cor de fogo apagando-se a distância. Por mais alguns metros caminharam completamente cegos dentro de uma penumbra densa; temiam estar perdidos no meio da Floresta Escura, um caminho quase sempre sem volta.

No entanto, algo lá na frente deixou-os aliviados. Viram uma luz tênue envolver aquela parte da floresta. Pouco depois, perceberam que era a luz do crepúsculo, pois ali a Floresta Escura se abria numa rara clareira. Os meninos ficaram boquiabertos: diante deles surgia um jardim imenso e incomum. As flores tinham pétalas gigantescas em tons de vermelho intenso, laranja berrante e amarelo-ovo; de seus miolos saíam bolhas de ar. O jardim, cada vez que expirava, soltava bolhas cheias de ar que subiam até ser levadas pelo vento. De repente, o Guri surgiu em meio a um agrupado de flores amarelas, as vestes completamente sujas de grão de pólen.

– O que vocêss andaram fazzendo? – perguntou ele, impaciente.



– Estávamos atrás de você, Guri, e nem ao menos nos esperou – queixou-se Rheita.

– Esstrangeirosss...! – resmungou, irritado. – Querem ou não querem sse encontrar com Élefha? Deccidam logo, esstá quase esscurecendo, isso pode atrapalhar a viagem.

– Claro que ainda queremos – retrucou Kiel. – Mas eu pensei que já havíamos chegado.

O Guri riu, e Rheita perguntou:

– Que viagem é essa?

– Aquele que procura Élefha por terra nunca conseguirá encontrá-la – disse o menino, num tom misterioso. – Temoss de ir pelo ar.

– Como? – desafiou Kiel, incrédulo.

– Vamoss dentro dass bolhasss – respondeu o Guri, sem rodeios.

Kiel engoliu em seco.

– Esstá com medo, menino Kiel? – indagou o outro, meio zombeteiro.

– Não, nem um pouco – retrucou ele, estufando o peito.

– É melhor vocês dois pararem com isso – disse Rheita. – Está ficando cada vez mais escuro. Guri, como vamos viajar nessas bolhas?

Ela observou uma bolha nascendo numa flor próxima. Crescia devagar, inflando como um balão, até se soltar do miolo da flor, subir alguns metros e estourar no ar – pareciam tão frágeis.

– Isso é muito fáccil! – disse o menino da floresta, no seu costumeiro assobio.

– Já viajei muitass vezzess nelasss, ssempre vou ssozzinho, poiss Verruga não sse sssente bem em grandesss alturass... – O sapo coaxou alto, confirmando. – Vejam bem, vou lhess ensinar como ssse fazz!

O menino escolheu uma flor amarela; demorou um pouco para escalar a pétala que estava bastante escorregadia. Depois de uns minutos, ele chegou ao miolo da flor, os pés afundando nos finos ramos cobertos pelo grão de pólen. O Guri se abaixou, sentou-se bem no centro e esperou; logo uma membrana transparente cresceu ao seu redor, envolvendo-o vagarosamente. Rheita e Kiel perceberam que uma nova bolha estava nascendo, e o Guri ficou preso dentro dela. De súbito, a bolha se desprendeu da superfície e subiu ao ar, levando o menino para o alto.

As duas crianças escolheram cada uma a sua flor. O vestido de Rheita rapidamente se tingiu de amarelo quando ela pulou no miolo de uma flor laranja. Ela se sentou e aguardou. Alguma coisa começou a crescer debaixo dela, fazendo-a sentir cócegas. De repente, uma camada finíssima e translúcida floresceu, envolvendo-lhe as pernas, os braços, os ombros, a cabeça, até que ela estivesse completamente envolvida por uma esfera que flutuou no ar, meio vacilante. Kiel também tinha conseguido subir, mas sua primeira bolha estourou antes de terminar de envolvê-lo. Agora, dentro de por outra, ele subia alto, evitando se mexer para que não tivesse uma má sorte nas alturas.

Eles alcançaram o Guri momentos depois. Suas bolhas foram impelidas pelo vento que soprava do norte. Dali de cima, Rheita vislumbrou a vastidão da Floresta Escura, um mar negro atapetando toda aquela região de Lagoena. Para o ocidente, ela viu As Montanhas Incultas atingirem seus limites ao serem

cortadas pelo Rio do Meio. Este escorria entre as árvores daquela mata e se encontrava com o Mar Imenso, que não podia ser visto dali.

O sol já tinha se escondido no horizonte tingido por tons de roxo. A viagem seguia tranquila. O Guri ia à frente, mostrando o caminho; de vez em quando ele fazia sinais para Rheita e Kiel de que estavam chegando. E foi lá pelo começo da noite, quando a maioria das estrelas faiscava no céu, que as bolhas viajantes começaram a descer.

Rheita olhou para baixo e viu algumas luzes piscarem entre as árvores na superfície. Elas tinham um brilho diferente. Não pareciam archotes, lembravam pequenos astros. Ao descer ainda mais, a menina descobriu um lago tranquilo, rodeado por um gramado. Em questão de minutos sua bolha aterrissou, ou melhor, estourou quando chegou perto da terra.

Seus olhos percorreram o local ao redor, muito diferente do restante da Floresta Escura: as árvores eram esguias e jovens. Seus longos troncos eram lisos como se polidos diariamente; os galhos cresciam tal qual dedos finos; no chão não se via nenhuma folha caída. Entre seus ramos, pequenas estrelas tremeluziam. Quando Rheita olhou bem, notou que eram casulos brilhando com luz própria. Porém uma, mais intensa, chamou tanto sua atenção quanto a dos outros dois meninos. Ela refulgia solitária no meio do lago.

Tomada por intensa curiosidade, Rheita ficou na ponta dos pés e tentou vislumbrar para além daquela luz, cujo fulgor incomodava os olhos. Esta se moveu vagarosamente em sua direção. O Guri recuou, apreensivo. Também curioso, Kiel se manteve na expectativa, enquanto Rheita avançava.

A luz se tornou mais tênue, até murchar e revelar que o fulgor emanava de uma jovem e bela mulher. Ela se dirigiu à menina com um sorriso brando nos lábios. A lua se refletia em seus compridos cabelos prateados; a sua pele lembrava porcelana fria; vestia um manto nacarado que esvoaçava ao leve toque do vento, cingido na cintura por um adorno de pérolas e fios de prata. Entretanto, Rheita ficou impressionada com suas grandes asas azuladas de borboleta movendo-se mansamente. Soube finalmente quem era Élefha: uma fada.

– Estive esperando por sua visita há muito tempo, criança Guardiã – disse ela, a voz suave como o canto de uma ave rara. – Foi numa noite como esta, cheia de estrelas e rastros de sonhos, que o Vento veio me trazer a notícia de que um Guardiã havia retornado a Lagoena para salvá-la mais uma vez.. Meu coração sabia que nossos caminhos se cruzariam num futuro próximo e meu auxílio seria solicitado. E confiei num amigo para guiá-los até mim quando chegassem à Floresta Escura, pois este lugar há muito deixou de ter paz. Só não esperava que o guia fosse abusar de sua inocência, mandando-a tirar um sapo de um buraco.

Pela primeira vez, ela encarou o Guri, o semblante mostrando certa reprovação. O menino baixou os olhos, envergonhado.

– Perdão, senhora, eu ssó esstava brincando um pouco – disse ele, quase inaudível.

– Menino, é errado pregar peças em seres amigos – repreendeu a fada, sem altear a voz. – Eu confiei que fosse um bom guia, e não que os usasse para suas brincadeiras. – Ela suspirou. – Mas o destino se mostrou certo mais uma vez: vieram até mim duas nobres criaturas fatigadas por uma árdua jornada. Conheço

Rheita, seu fardo e o desejo mais secreto que carrega no coração. Somente a esperança pode salvar esta Terra Secreta; não deixe que essa luz se apague, pois aquele que confia sempre há de alcançar algum caminho. Digam-me agora, meus pequeninos – disse ela, olhando de Rheita para Kiel. – Digam o que seus corações mais anseiam neste instante, e eu, Élefha, farei o que for necessário para que fiquem em paz.

Rheita se sentia extremamente tranquila na presença daquele ser alado de tanta beleza e bondade; como se tivesse sido abençoada com toda a graça do mundo, o medo não fazia mais parte de sua jornada. Então, ela disse:

– Viemos até aqui, eu e meu amigo, porque sabemos que a senhora é a única que pode nos ajudar. O mapa... O Mapa Mágico está adormecido...

Ela entregou o rolo a Élefha, que o acolheu em suas mãos delicadas.

– Hoje é uma noite muito especial – disse, abrindo o mapa e percorrendo o contorno das figuras com seus dedos finos. – Cantarei para a lua em seu altar, e ela há de nos abençoar com o milagre, revelando um novo futuro; outro caminho sairá das sombras ocultas à luz da sabedoria e, então, mais uma vez o destino se deixará encontrar.

Élefha abriu um belo sorriso e, segurando o Mapa Mágico, voltou para o lago. Seu brilho próprio foi se intensificando, e ela andou sobre a água sem tocar a superfície. Uma grande lua sombreou o lago com sua luz pálida, e Élefha fulgurou feito uma estrela. Rheita não se lembrava de jamais ter visto algo tão belo em Lagoena.

Élefha cantou em sua língua cheia de significados misteriosos, despertando todas as forças da Floresta Escura. As que eram más se esconderam muito longe dali, em lugares ainda mais sombrios, pois a doce voz da fada as agredia como um trovão. As boas ficaram atentas, desfrutando cada palavra daquela cantiga mágica.

Foi um momento em que a felicidade pareceu eterna, tão infinita quanto a profundidade do vasto horizonte. Élefha terminou seu canto fazendo uma reverência à lua e, leve como uma pluma, adejou até a companhia das três crianças. Sem dizer nada, ela devolveu o mapa a Rheita, que se encheu de expectativa. Descobriu extasiada que o mapa finalmente despertara, completamente restaurado. Seus passos surgiram em minúsculos pontos na outra metade antes adormecida do mapa. Kiel agradeceu à fada muitas vezes, e o Guri, por fim, achou que tinha cumprido sua palavra. Desejou-lhes muita sorte e partiu correndo, preocupado com seu cachorro, que o esperava sozinho na floresta.

– A noite já tomou o lugar no seu reino. E a floresta é uma grande armadilha para aqueles que andam sob sua sombra sem conhecê-la. Venham comigo até minha casa, lá terão descanso e pão – a fada convidou.

Rheita e Kiel a seguiram até uma árvore, a mais alta de todas. Entre as raízes espalhadas pelo gramado havia uma escada que subia para uma porta. Lá dentro vislumbraram um amplo salão circular em cujo teto pendia um lustre cravejado de diamantes. Embaixo havia uma cama com dossel, cheia de almofadas de seda em tons claros, rodeada de pequenos divãs. Élefha ofereceu-lhes um banho e preparou a água com aromas adocicados numa banheira. Rheita se sentiu mais

confortável depois de asseada. Ganhara vestes novas: um vestido bordado com motivos florais; sapatos também. Kiel, depois de limpo, ficou muito contente, pois nunca tiveras roupas tão bonitas: ganhara de presente calças e uma túnica verde.

Satisfeita, Élefha elogiou as crianças, como uma mãe faz com o filho quando está bem arrumado. Depois serviu-lhes serviu bandejas de frutas e leite espumante, além de água pura, e os levou para a cama. Quando ficaram saciadas, as barrigas ao ponto de estourar, sentiram o sono e o cansaço chegarem depois de mais um dia de grandes aventuras. A fada os cobriu com cobertores quentes, permanecendo ao lado deles até adormecerem, contando histórias de mundos ainda mais distantes e antigos, repletos de segredos que até ela mesma desconhecia.

## Capítulo 33

### Armiel



Depois de navegar entre os sonhos longínquos e secretos daquela noite, Rheita acordou com a estranha sensação de ter sido arrebatada novamente para dentro do próprio corpo. Kiel também não demorou a despertar.

Élefha recebeu-os com um sorriso iluminado de bom-dia. Velara a noite inteira pelo sono das crianças e não demonstrava sentir cansaço.

– Mais um dia vem chegando sem demora – disse no seu tom brando. – É hora de prosseguirem a jornada; há muito ainda o que ver e descobrir...

A fada deu uma piscadela para Rheita e olhou para o Mapa Mágico, que a menina não largara nem durante o sono. Demorou alguns segundos para ela compreender a mensagem de Élefha; quando caiu em si, desenrolou rápido o pergaminho e viu um novo enigma brotar na sua superfície enrugada.

*“O fogo sempre arde em puro ouro, mas nunca derreteu o perigoso tesouro esquecido de épocas tardias, entre ele ainda vive o temível monstro em eterna chama guardando aquilo que nunca lhe cabia. Lavado seja com seu sangue o metal dourado, e o genuíno tesouro será então revelado.”*

Rheita leu a frase assim que o montinho de letras a formou no local em que a floresta era cortada pelo Rio do Meio, um pouco ao norte, para além do Bosque

de Élefha. Naquele momento, as palavras não faziam muito sentido. Emprestou o mapa ao amigo, que releu várias vezes aquele novo enigma e, convencido de seu insucesso, devolveu-o. Élefha, pela primeira vez, tinha uma expressão preocupada no rosto. Ela não disse nada, até que Rheita perguntou, sem esconder seu receio:

– Senhora, não entendo: o que o mapa quis dizer com “monstro em eterna chama”? Temos de vencê-lo para obter a Quinta Chave?

– Não se pode evitar o destino, Rheita. O caminho agora caberá ao ser escolhido, e você, Pequena Guardiã, terá de seguir em frente mais uma vez – disse a fada, sentando-se ao seu lado. Sua voz soprava como vento cálido e acalmava os ânimos. – Não é sábio temer o inimigo antes de conhecê-lo, confie no que carrega em seu coração; toda a sabedoria, a sagacidade e sensibilidade a guiarão, e no momento certo você saberá o que fazer... O Mapa Mágico foi muito claro em suas palavras e você soube interpretá-lo corretamente. A Quinta Chave só poderá ser encontrada depois que a Serpente de Fogo for derrotada...

– *Uma serpente de fogo?* – indagou Kiel, apreensivo. – Então, quer dizer que uma enorme serpente esconde a Quinta Chave do Portal dos Desejos?

– Não só A Chave, mas também um precioso e rico tesouro – respondeu Élefha, com paciência. – A serpente está adormecida num sono contínuo, sob os restos de uma cidade em ruínas de antigos homens de Lagoena, há muito tempo abandonada; agora é apenas um lugar escuro no qual até as criaturas mais malévolas da floresta evitam se esconder. A Serpente de Fogo dorme sobre seu tesouro, e ninguém, em todo esse tempo em que ela permaneceu guardando seu ouro, ousou roubá-la. Ela tem o sono muito leve e sensível a qualquer ruído...

– Como vamos matar um monstro desses?! – Rheita se desesperou.

– Do mesmo modo que se abate um cordeiro – disse Élefha com simplicidade.

A menina não ficou satisfeita com a resposta. A fada percebeu e continuou:

– Pense primeiro em encontrar A Chave, Pequena Guardiã, esta é sua tarefa; e logo a solução para o futuro aparecerá. Não tenha medo: você tem um amigo e ele terá seu papel nesta história. – Ela olhou para Kiel, sorrindo. – Bem, meus pequeninos, sei que devem ter acordado com muita fome; vou preparar o desjejum!

Ela serviu as crianças em taças de prata. Kiel comeu duas vezes e ainda perguntou se poderia levar o resto para a viagem. Rheita ficou constrangida, mas a fada, compreensiva, preparou mais comida para as crianças levarem. E quando, finalmente, acabaram de saborear o desjejum, Élefha disse:

– O trajeto até a antiga cidade é muito longo e arriscado, não posso deixá-los seguir sozinhos. Durante a noite, chamei pelo Vento e ele ouviu meu recado, pedi para que avisasse Armiel de que eu estava precisando de sua ajuda.

– E quem é Armiel, senhora? – perguntou Rheita, curiosa.

– Armiel é um grande amigo, o Senhor das Brisas. É um cavalo alado...

– Montaremos nele até a cidade? – disse Kiel, extasiado.

– Armiel os guiará e os protegerá enquanto estiverem por lá, naquela cidade cheia de segredos cruéis... Não há o que temer sob suas asas. Escondam o medo onde a mente nunca possa alcançar. Somente o coração dirá a verdade que ninguém será capaz de destruir – disse Élefha, sublime e iluminada. – Agora, é

chegada a hora de partir.

Ela se levantou e, sem os pés no chão, foi até um divã, onde pegou o que pareciam ser duas capas com capuz num tom verde apagado.

– É um presente de minhas irmãs – explicou ela, entregando as capas às duas crianças. – Elas sabiam desde o princípio que viriam e, antes que adormecessem por cem dias e cem noites em seus casulos, teceram e tramaram cada fio, revezando de mão em mão, para que fossem abençoados por todas...

Rheita e Kiel pularam da cama e vestiram suas capas, que serviram perfeitamente.

– A vereda que os levará ao fim não será fácil, mas há sempre um motivo para acreditar num futuro feliz; pois quando tudo estiver realizado, não haverá mais lágrimas para chorar e nem sombras a temer; somente existirá a Luz... – Calouse ao ouvir um relincho do lado de fora, e seu semblante se encheu de alegria. – É meu grande amigo, é Armiel!

Ruflando as asas delicadamente, a fada desceu as escadas, seguida por Rheita e Kiel, em direção a um belo cavalo de um branco mais puro que nuvens no céu claro. Era um animal de porte forte e alto, com a majestade própria de sua raça. As crinas lisas balouçavam ao leve toque da brisa, e as grandes asas estavam fechadas em cada lado do seu corpo musculoso. Armiel, percebendo os três, endireitou-se numa postura que inspirava respeito. Nesse gesto ficou claro que ele era o rei do seu povo. Então, dobrou uma pata dianteira e fez uma profunda reverência, quase encostando a testa no chão. Élfha devolveu o gesto cordial, e as crianças fizeram o mesmo. Os olhos negros de Armiel estudaram todos com atenção, até pousarem em Rheita, encarando-a.

– Sei que veio de lonjuras que meus passos ainda não conheceram, caro Armiel – disse a fada, aproximando-se e acariciando sua testa. – Fico grata por atender meu pedido. Você viajou durante toda a noite à minha procura, e me encontrou pelo amanhecer, a hora mais bem-vinda... Nossos pequenos amigos precisam de sua ajuda; eles precisam encontrar a velha cidade dos homens antigos, e o caminho por terra será uma grande armadilha, pois vi seres malignos rondando a noite perto do meu Lar. Não atacaram por causa da magia branca que nos protege...

Armiel bufou e bateu as patas no chão, parecendo furioso.

– Não podemos desviar nosso verdadeiro papel na trama do destino que se desenrola para um novo final. A Pequena Guardiã precisa seguir e honrar sua missão. Já foi escrita nas estrelas a grande hora, e para a frente a estrada continua, mas o fim ninguém ainda pode prever. Cuide, Armiel, para que nossos amigos deem um passo crucial...

O cavalo alado escutou com calma; ao final, acenou com a cabeça, aquiescendo.

– Meu grande amigo – Élfha lhe deu um abraço emocionado. – Obrigada!

Em seguida, virou-se para Rheita e Kiel, ansiosos e apreensivos, e beijou a face de cada um.

– Não esqueci o seu pedido, Kiel – disse, enquanto de suas mãos surgia uma pequena saca com uma alça longa, cheia de gostosuras.

– O-obrigado – gaguejou ele, encabulado.

Élefha sorriu e olhou para Rheita:

– Quando conheci seus sonhos, desvendei o mais secreto deles e vi o verdadeiro desejo que a impele a seguir em frente... Só ele poderá salvar Lagoena de sua condição aprisionada e, enquanto você mantiver essa chama acesa, a luz nunca irá se extinguir em sua existência, nem da Terra Secreta. Vá, corra para longe, até onde Os Ventos mandarem você ir, mas nunca se esqueça do segredo sincero que guarda em seu coração...

Os olhos de Rheita se encheram d'água. Ela tentou evitar que alguma lágrima caísse, mas não conseguiu. Élefha, emocionada, ajoelhou-se, acolheu-a entre os braços e lhe afagou os cabelos macios e negros. Quando elas se separaram, a menina percebeu um pontinho de luz na face de porcelana da fada – seria uma lágrima? Rheita enxugou os olhos vermelhos com as mangas do vestido e anunciou:

– Eu estou pronta...

Armiel acenou com a cabeça, aprovando, e dobrou as patas. Kiel foi o primeiro a subir, suas pernas se esconderam sob as asas do cavalo. Rheita montou logo atrás. Esse foi o sinal para Armiel se levantar com cautela. As crianças oscilaram para frente, depois retomaram o equilíbrio, Rheita se agarrou bem forte na cintura do amigo, que segurava as crinas do animal como se fossem rédeas. Por último, Kiel perguntou:

– Como saberemos onde encontrar o tesouro da Serpente de Fogo?

Élefha fez um floreio com as mãos e assoprou no ar. Um pontinho de luz foi crescendo, crescendo, transformando-se numa pequena esfera que fulgurou, parecendo um pequeno sol. Embora com o corpo diminuto, sua luz intensa poderia ser avistada a uma longa distância.

– Esse pequeno raio de luz representará meus olhos, e ele só perdurará até o pôr do sol. Depois disso se extinguirá, e meus olhos se tornarão cegos na sombra da noite... Sigam-no, e eu os guiarei para o caminho que o destino mais uma vez ordenou.

Armiel deu um relincho e abriu as asas. Como um leque gigante, mediam mais de dois metros de comprimento. Correu por alguns metros até alçar finalmente voo, seguindo a resplandecente Luz Guia. Então, subiu em grandes espirais, batendo as asas para pegar mais impulso, enquanto as crianças se seguravam com força às crinas. Logo ganhavam mais altura. Rheita viu lá embaixo o lago diminuindo e virando um minúsculo espelho, refletindo um retalho do céu matinal. Eles foram ganhando distância, e a clareira – o Lar de Élefha – logo se tornou um borrão acinzentado e disforme no meio da negra floresta. A pequena esfera encantada pela fada seguia em frente, guiando-os para o norte. Armiel cortava o vento, fazendo pequenos mergulhos, momentos em que Rheita sentia o estômago pesar e Kiel puxava as crinas do animal com uma força despropositada.

A viagem parecia já ter durado muitas horas, pois o sol ia ficando mais quente e mais alto. Rheita e Kiel mal conseguiam abrir os olhos por causa da intensa claridade. Armiel planou aproveitando uma corrente de ar e depois, com mais ímpeto, bateu as asas; o vento veloz cortava o rosto das duas crianças, que evitavam olhar com frequência para baixo.



– Acha que já estamos chegando, Kiel? – gritou a menina, uma hora depois.

– Não consigo ver nada! – gritou ele de volta, apertando os olhos para o horizonte, onde só via mata e mais mata.

Rheita se preocupava: o tempo de vida da Luz Guia era curto, e eles deviam se apressar. Quando começou a ter certeza de que estavam terrivelmente atrasados, Kiel alertou:

– Olhe, acho que vi alguma coisa lá embaixo, Rheita! – Ele apontou para a massa negra e cinzenta, a floresta.

A menina olhou para onde o amigo apontara. Ela apertou bem os olhos e, quando já pensava que Kiel tinha se enganado, avistou o pequeno reflexo espelhado entre as árvores. Armiel já vinha baixando gradativamente, mas Rheita demorou a entender que era um rio que corria escondido sob a floresta. Kiel, porém apontava para outra coisa.

O queixo de Rheita caiu num exato “oh”. Ela não entendeu como demorara tanto a notar um monumento daquela magnitude: uma torre que se alteava como uma seta para o céu. Pelo que se via era a única que ainda restava de pé, equilibrando-se perigosamente, pois havia grandes buracos em sua construção. Então, a velha cidade estava escondida ali embaixo, às margens do rio que escorria silencioso em direção às Montanhas do Viramar!

À sua direita, Rheita acompanhou com o olhar o paredão de rochas azuis que se erguia para o norte; à esquerda ela distinguiu as Montanhas Incultas; aninhada entre elas estava mais da metade do território de Floresta Escura, abraçando o Lago da Aflição. Ao leste, o rio Anter’douro corria indomável.

Rheita e Kiel também descobriram várias outras construções em ruínas. Escadas de pedra; corredores que lembravam ruas; pontes partidas; arcos que um dia tiveram portas ou janelas e outras coisas que não conseguiam distinguir – a floresta havia avançado durante todo aquele tempo em que a cidade permanecera abandonada e a engolira com sua sombra, tornando-a mais inóspita do que já era, exceto por um único morador.

Armiel diminuiu a velocidade à procura de um local para pousar; a Luz Guia da fada descia vagarosamente, esperando que a acompanhasse. Logo sumiu de vista entre as árvores. O cavalo apurou-se no ar e fez grandes espirais, perdendo altitude. Suas patas quase tocavam as copas das árvores quando ele encontrou uma brecha providencial. Rheita e Kiel sentiram os galhos das árvores roçarem em suas copas e, em segundos, estavam no chão.

A Luz Guia estava parada não muito distante deles. Com seu brilho próprio, ela não se misturava à luz esverdeada que as copas das velhas árvores filtravam entre elas. Ali o ar era bem mais frio, mesmo durante o dia. Haviam pousado num local que outrora fora o pátio de uma casa de grandes senhores. Pouco restava das colunas, a maioria engolida por trepadeiras e raízes. Algumas não resistiram e tombaram ao chão, duas seguravam um enorme arco que levava a um corredor escuro; a Luz Guia o iluminava. Rheita logo entendeu o que isso significava.

– Kiel, a Luz! – Ela apontou, assombrada, pensando no que haveria lá adiante.

– Será? – disse ele, duvidando. A Luz Guia tremeu no ar.

– Está vendo? Ela quer que sigamos pelo túnel...

Rheita olhou para Armiel, que os observava, compreendendo a conversa.

– Você não precisa ir conosco – disse ela, correndo para ele e afagando-lhe as crinas. – Mas, se algo der algo errado...

O cavalo relinchou, reprovando o comentário.

– Quero dizer, se achar mesmo necessário, acho que vai saber onde nos encontrar. – Rheita olhou para o corredor escuro e deu um longo suspiro. – Até logo, Armiel...

Capítulo 34  
O sangue da serpente



Rheita se juntou ao amigo e os dois seguiram a Luz Guia, que avançou pelo corredor. Uma escada larga conduzia a um patamar inferior. Seus passos ecoavam pelas paredes cobertas por musgo, num ritmo lento, enquanto a esfera iluminada continuava seguindo o curso para dentro de um túnel mais fechado.

A luz encantada de Élefha estacou; no fim do túnel as crianças vislumbraram uma enorme quantidade de ouro, uma quantidade que jamais seriam capazes de imaginar na vida. Eles haviam desembocado numa câmara enorme. O teto alto e frágil ganhara rachaduras; uma parte tinha despencado recentemente; da abertura vinha a luz do dia que lhes permitia enxergar a infinidade de peças e joias em ouro empilhadas em um pequeno monte feito por seu dono.

Boquiabertos, Rheita e Kiel, momentaneamente se esqueceram de sua missão e do que buscavam ali. Impelidos pela curiosidade, deixaram para trás toda a precaução que precisavam ter, como se todo aquele tesouro fosse uma grande irmã. Kiel apanhou uma coroa incrustada com grandes rubis e a encarapitou na cabeça.

– O que está fazendo? Quer ser o novo rei de Lagoena? – brincou Rheita, achando graça.

– Não seria uma má ideia! – concordou ele, sonhador. – Mas estive pensando, o Pai Velho morreria de inveja desse monstro com todo esse tesouro guardado...

– Ah, Kiel, os bolsos dele não são fundos o bastante para tanto!

O menino riu, lembrando-se do pequeno diamante que roubara para ele, em troca das Chaves que o velho não fazia ideia de serem encantadas. E se o Pai soubesse que Kiel, seu aprendiz, encontraria no dia seguinte um tesouro que nem em sonhos ele imaginaria ter?

Rheita e o amigo riram até as barrigas doerem. Ao mesmo tempo, chamulhes a atenção o fato da Luz Guia subir até o cume da pequena montanha de ouro e revelar um baú dourado. O monte parecia sólido, composto por inúmeras peças de ouro, entre moedas, armaduras e louças. Tudo o que um dia pertencera a gente muito rica e nobre e tudo o que continha o mínimo detalhe em ouro estava ali, empilhado no ninho da serpente.

Rheita achou que poderia escalar a pequena montanha, e estava certa: o ouro era uma massa rija. Kiel foi atrás, a coroa de rubis equilibrada precariamente sobre a cabeça. No topo, tiveram maior dimensão daquela ilhota dourada. Estavam a metros do chão, o que significava que a descida teria de ser feita com cautela.

A Luz Guia planava sobre o pequeno baú de madeira escura, indicando algo às crianças, e de repente ela se apagou, pois ali completava a sua missão. Kiel ajudou Rheita a abrir o baú. Não precisaram quebrar nenhuma corrente, nem cadeados; o dono daquela caixa de madeira não esperava que ninguém descobrisse o seu segredo. Assim, foi com enorme incredulidade e excitação que os dois viram o que havia guardado ali dentro.

– São tantas delas! – exclamou Rheita, mirando as inúmeras Chaves douradas que abarrotavam o baú, todas aparentemente idênticas. – Mas qual será a verdadeira?

Ela apanhou o Mapa Mágico no fundo das vestes. O mapa mostrava exatamente o local em que estavam, e nele havia surgido um grande “x”. O enigma ainda estava lá, e Rheita repetiu para si mesma, sublinhando a última frase: “*Lavado seja com seu sangue o metal dourado, e o genuíno tesouro será então revelado*”.

– *Lavado seja com seu sangue o metal dourado...* – disse mais uma vez, com mais concentração – Élfha tinha razão: só com o sangue da Serpente de Fogo saberemos qual dessas Chaves é a verdadeira, mas para isso, antes, precisamos matá-la...

Kiel estremeceu, ao escutar a sentença. Nunca tinha ousado matar nada, a não ser baratas e lagartixas com estilingue. Temeroso, recuou um passo e, por um segundo, se desequilibrou. Se Rheita não o puxasse a tempo, ele teria despencado das alturas. A coroa, entretanto, escapulira de sua cabeça, e agora descia monte abaixo, quicando em cada barreira que encontrava à frente. O barulho ecoou pela câmara, reboando em tons gradativamente mais altos. Chocado, Kiel percebeu a besteira que fizera, mas já era tarde demais: ouviu-se um silvo gutural e medonho. A serpente acordara.

Na margem da ilhota de ouro algo começou a se mover; todo o monte ondulava num movimento serpentino, num sobe e desce contínuo. O tesouro se

revolvia lá embaixo, o corpanzil da serpente mergulhado no mar dourado. Rheita, com o coração palpitando entre as costelas, divisou uma massa escamosa surgir no meio do ouro. Só então ela e o amigo entenderam por que não o tinham percebido: sua grossa pele imitava o brilho do seu precioso tesouro e se camuflava sob ele, vigiando-o e esperando para dar o bote em quem se aproximasse.

Rheita e Kiel observaram aquela parte do monstro mergulhar mais uma vez. A largura poderia ser a mesma de um grande barril de vinho; isso os deixou impressionados. Os dois procuraram pela serpente, gratos por terem subido no monte momentos antes; lá embaixo não havia sinal dela, tudo ficara perigosamente quieto. Puderam até escutar a própria respiração tensa e profunda. Alertas e vigilantes, nenhum movimento poderia passar despercebido.

Kiel pegou um escudo próximo ao baú e se preparou, os ouvidos apurados, até que se incomodou com um estranho calor: o ar da câmara se aqueceu subitamente. Rheita percebeu a mudança brusca de temperatura, sentindo-se dentro de uma fornalha. Passados alguns segundos, ela estremeceu; virou-se devagar, sem conter o grito de pavor que saiu de sua boca.

A Serpente de Fogo tirou sua cabeça do mar de ouro, abriu a boca mostrando os dentes, cada um do tamanho de um sabre, e os encarou, os olhos vermelhos ardendo em brasa. Kiel ficou imóvel. À sua frente, a serpente ergueu todo o seu corpo do chão. Media mais de trinta metros da cabeça à ponta da cauda. De repente, como se pudesse ficar ainda mais temível, cada centímetro do seu corpo ardeu em chamas.

Rheita deu outro grito quando o monstro avançou para o bote, mas Kiel, despertando em tempo do pavor letárgico, puxou a amiga pelo braço. Em segundos, deslizavam morro abaixo, acomodados sobre o escudo. Furiosa com a ousadia, a serpente deu outro silvo ameaçador e abriu a bocarra medonha. A língua fina e bifurcada parecia um chicote em brasa estalando no ar. Ao alcançarem o chão, tropeçaram em tudo o que havia pela frente. O animal deslizou vertiginoso no encaço das duas crianças.

Rheita e Kiel fugiam desembastados, derrubando os objetos mais pesados para atrasar a serpente. Mas isso pouco adiantou, uma vez que ela mergulhava e tornava a aparecer em lugares improváveis. Kiel escapou por um triz, com a capa chamuscada na bainha. A Serpente de Fogo voltou a sumir sob o tesouro. Rheita já corria para escalar o morro novamente, quando Kiel a impediu.

– Não podemos fugir dela! – gritou ele, o rosto coberto pela fuligem. – Temos de matá-la!

Mas Rheita não teve tempo de responder. A serpente reapareceu, o corpo ardendo em chamas vivas. Ela abriu a boca e deu um silvo tão terrível que fez a câmara estremeecer; outra parte do teto desabou. Entretanto, ela deu o bote mais uma vez; Kiel caiu para um lado e Rheita para o outro. Tendo errado o alvo, a Serpente de Fogo cuspiu um monte de moedas. A menina, aproveitando esse breve segundo, subiu o morro de tesouro; quando alcançava metade dele, o animal avançou no seu encaço, deslizando o corpo longo e afogueado para outro bote.

– Rheita, ela está atrás de você! – gritou Kiel, desesperado, tentando pensar em

algo. A menina deu um grito ao perceber a proximidade do monstro, e o garoto, não vendo outra solução, empunhou uma longa espada e correu para salvá-la. Antes que alcançasse o sopé do monte, um vulto branco surgiu num voo rasante, derrubando-o. Aturdido, Kiel se levantou.

– *Armiel!* – gritou, estupefato.

O cavalo desceu, e o garoto pegou uma pesada taça antes de subir nele com agilidade. Lá de cima, o menino escutou outro grito da amiga. Rápido, Armiel alçou voo novamente. Eles seguiram o curso da serpente, que subia o morro, abrindo sua bocarra e pondo a língua bifurcada para fora. Rheita estava quase alcançando o topo quando o animal percebeu que ao seu lado voava o que lhe parecia um pombo branco.

– Aqui, sua serpente desençonçada! Estou aqui! – Kiel mirou no cocuruto do monstro, que, enfurecido, deu um guincho horroroso ao ser atingido pela taça. Ao se recuperar, esqueceu-se momentaneamente de sua primeira vítima e investiu contra Kiel e seu cavalo. O menino brandiu a espada no ar.

– Venha me pegar! – provocou ele.

A Serpente de Fogo desenrolou uma volta de seu corpanzil, preparando o bote mais uma vez, mas Kiel já estava lá no alto, escapando por um triz de seus dentes pontiagudos. O monstro se preparava para outro ataque, mirando sua presa que adejava para lá e para cá, provocando-o, até que se desequilibrou e fez o morro ceder e vir abaixo.

Kiel assistiu à avalanche de ouro despencando em uma grande e única onda; ele só teve tempo de gritar pelo nome da amiga, lançada num mergulho involuntário. Por instinto, Rheita apenas procurou algo a que se agarrar, enquanto era invadida pelo terror ao se ver engolida pelo mar de ouro. O baú com as Chaves douradas imergia no que parecia ser um gigantesco terreno de areia movediça.

Armiel disparou em direção à menina. Quando apenas se viam seus braços, Kiel estendeu uma mão e a içou para fora. Rheita agarrou-se com força ao amigo, que a ajudou a subir na garupa. Lá embaixo se via o resto do morro despencar, e a serpente sumir debaixo dele. A menina recobrou o fôlego e gritou, apontando para baixo:

– Kiel, o baú!

Viram o caixote de madeira começando a ser engolido; não podiam perdê-lo de vista, do contrário nunca mais o encontrariam.

– Armiel, para baixo! Rápido! – bradou o menino, em meio ao tilintar reboante do tesouro.

O cavalo deu uma ampla volta e enxergou o baú – mais da metade da pequena caixa de madeira tinha afundado –, bateu as asas e mergulhou. Kiel se debruçou sobre seu dorso enquanto Rheita se equilibrava de lado, estendendo uma das mãos. Armiel quase raspou o chão. A menina, em tempo, enxergando somente a alça do baú que ainda se sobressaía, puxou-o com toda a força que tinha. Porém, com o peso, ela se desequilibrou e escorregou para o lado, caindo a poucos metros do solo.

– Rheita! – berrou Kiel, quando viu a amiga estatelada no chão.

– Estou bem, estou bem! – disse ela, levantando-se e puxando o baú para si,

sem, entretanto, perceber o mesmo que o amigo via.

A serpente surgiu logo atrás dela, preparando-se para o bote. Dessa vez não erraria. A Serpente de Fogo se empinou com triunfo, abateria sua presa pelas costas. Não lhe daria chance de lutar e nem fugir novamente. E então atacou.

– NAAAAOOOOO! – Kiel obrigou Armiel a dar um de seus mergulhos, e o cavalo alado, enchendo-se de coragem e determinação, avançou tão veloz quanto o Vento. O menino brandiu sua espada no ar, e a lâmina acertou em cheio a cabeça do monstro incandescente, arrancando-a do corpo.

Rheita só teve tempo de perceber o vulto imenso se aproximar e, depois, o grito. Quando ela se virou, viu o corpo gigante da serpente se contorcendo, o sangue grosso e escarlate jorrando do lugar onde fora decapitada. A cabeça havia saltado a muitos metros de distância. A língua pendia mole para fora. Rheita piscou várias vezes, sem acreditar no que enxergava: o monstro finalmente derrotado.

Armiel deu uma volta no ar, todo pomposo, e pousou. Kiel apeou; tinha os cabelos bagunçados, o rosto encardido, a capa chamuscada, mas nada ofuscava o sorriso que trazia plantado na face. Ofegante, ele estendeu sua espada para Rheita, que não encontrou palavras para lhe agradecer. Então, foi ele quem falou: – Agora é sua vez, Rheita!

A menina empunhou a espada. A lâmina, mesmo há longos anos sem uso, não havia perdido o fio; a prova disso era o sangue que agora tingia de vermelho o metal, honrando seu antigo guerreiro. Rheita abriu o baú com um pontapé e a tampa se escancarou, revelando o seu mais precioso tesouro. Ela ergueu a espada acima das Chaves, todas douradas e iguais, de um brilho singular. O sangue da Serpente de Fogo escorreu para a ponta da lança lentamente, até se concentrar na extremidade e formar uma gota pesada que pendeu por um segundo e caiu.

As crianças recuaram. O sangue espesso se espalhou rapidamente, em seguida se adensou, mergulhando no dourado do tesouro. Rheita tentou salvar as Chaves, mas Kiel a impediu. Como um ácido, o sangue da serpente parecia corroer o tesouro; após instantes, sobrara apenas um líquido vermelho e grosso.

Rheita quase desatou em choro, mas, antes que o fixesse, um ronco forte ecoou no fundo do baú. Ela, Kiel e até mesmo Armiel se aproximaram mais para ver o que acontecia. O sangue estava sendo esvaziado, como se alguém tivesse feito uma abertura mínima no fundo da caixa de madeira, que secou até a última gota. Restava apenas uma pequena Chave dourada.

Rheita hesitou por um instante, mas Kiel a encorajou. A serpente estava bem morta atrás deles. Então, a menina não viu problema: pegou a Quinta Chave no fundo do baú. Agora, ela se perguntava como a caixa resistira a toda aquela avalanche, pois sua madeira era carcomida e úmida. A resposta não poderia ser outra: magia.

– Logo teremos todas as Sete Chaves em mãos – disse ela, pendurando A Chave junto das outras e mal se contendo de alegria. – Falta pouco, Kiel! Muito pouco!

– É... Mas temos somente um dia até que a maldição de Zhetafar se cumpra – lembrou ele, montando em Armiel e se endireitando sobre seu dorso. – Ué, você não vem?

– É claro que vou! – disse Rheita, despertando de sua súbita distração. Tinha entrado num devaneio repentino. Lembrou-se das palavras de Élefha: *“Quando conheci seus sonhos, desvendei o mais secreto deles e vi o verdadeiro desejo que a impele a seguir em frente... Só ele pode salvar Lagoena de sua condição aprisionada...”*

O amigo ajudou Rheita a subir na garupa e Armiel, feliz por todos estarem reunidos novamente, abriu suas longas asas e trotou, ganhando velocidade; logo, seus cascos deixaram de tocar a superfície de ouro. Ele foi subindo em grandes espirais, circundando toda a câmara. Rheita viu lá embaixo o corpo do monstro tornar-se um tronco queimado, e todo seu ouro brilhou fulgurante e eterno...

– É um desperdício ter tanto ouro e no final não ter nada – comentou a menina, contemplando o tesouro.

– Talvez não seja desperdício, agora que não tem mais dono – respondeu Kiel.

Armiel deu uma forte guinada, atravessando a passagem do teto da câmara. Então, eles puderam mais uma vez respirar o ar frio da Floresta Escura.



## Capítulo 35

### O besouro da má sorte



Armiel voou baixo, contornando as árvores, e desceu, trotando até um espaço aberto, que outrora teria sido uma praça de mercadores. Ficava à margem do rio. Ainda se podiam ver as escadas de pedra erguidas no curso do leito; em alguns pontos não era mais do que uma fenda escura onde a terra cedera. As duas crianças apearam do cavalo. Sentiam-se felizes por terem encontrado mais uma Chave. Os estômagos protestaram por uma refeição, e eles dividiram o que tinham trazido com Armiel, que ficou com as frutas desidratadas.

A penumbra da Floresta Escura foi crescendo entre as árvores, vagarosa e ameaçadora. O ar se tornava cada vez mais frio e se condensava na respiração. A tarde daquele sexto dia à procura das Sete Chaves avançara rapidamente sem as crianças se darem conta disso. Rheita se sobressaltou diante da constatação de que ainda faltavam duas Chaves para conseguir realizar sua tarefa. Ela desenrolou o mapa: suas pegadas e as do amigo haviam feito o percurso até ali, podiam-se ver minúsculos pontinhos descrevendo o trajeto e, logo acima, próximo ao enigma anterior, surgiram outras palavras:

*“Traz pelo tempo sentimentos roubados. Tira o sossego e leva o desespero por onde tem passado. Os que o temeram tiveram seus lares destruídos; sua carapaça*

*é dura, mas desprovida de espírito. A sorte maldita tem forma de besouro e esconde sob suas asas uma chave mágica de puro ouro.”*

Uma casa ou pequeno palacete surgiu, feito com nanquim pela mão invisível que desenhava no mapa. Situava-se na margem norte do Rio do Meio, e as crianças perceberam que suas pegadas tinham alcançado até a margem sul – estavam perto. Rheita olhou para o outro lado do rio, mal distinguindo as ruínas entre as árvores. Kiel não tinha dúvidas: todas as casas e palácios que houvera naquela região se resumiam a blocos de pedra ou a pó.

– Olhe ao redor, tudo está destruído – argumentou o garoto, lamentando.

Rheita não se deu por convencida, apesar de ser quase impossível uma daquelas construções ter resistido por tanto tempo. Leu o enigma outra vez, em silêncio; havia mais uma Chave escondida ali por perto, num lugar improvável.

– Armiel – apressou-se a menina a perguntar –, sabe aonde podemos encontrar este lugar?

Seu dedo apontava para o desenho, no mapa. O animal o estudou atentamente, apertando os olhos, e depois fez um gesto que indicava um sim.

– Pode levar-nos até lá? – pediu Rheita, ansiosa. Armiel aceitou.

Ela e o amigo montaram no cavalo alado com agilidade; Armiel deu grandes trotes até ganhar velocidade e alçar voo. Atravessou rápido o teto da floresta e rumou na direção norte. Viram o sol tingir a floresta de um vermelho acinzentado. Logo Armiel diminuiu a velocidade, quase tocando o topo da torre em ruínas que viram naquela manhã, e começou a descer em espirais. Suas asas quebraram galhos de árvores ao ganhar a terra, e as crianças foram engolidas novamente pelo denso frio da superfície oculta.

Novamente Rheita demorou um pouco para se acostumar outra vez com a fraca luminosidade da floresta; Kiel piscava rápido, enxergando dezenas de bolinhas que iam sumindo gradativamente. E quando tudo ficou nítido diante deles, perderam a conta da infinidade de árvores que cresciam ao redor, quase num abraço coletivo.

Kiel cutucou a amiga para lhe mostrar tijolos soltos aqui e acolá, o que indicava que ali houvera um grande pátio. Eles atravessaram cegamente entre os ramos das árvores; Armiel ia à frente, guiando-os. Só ouviam o trote dos seus cascos e o farfalhar das folhas.

De repente, todos pararam. Kiel esperou e Armiel bufou, apreensivo. Rheita avançou e tocou em algo. Abrindo outra cortina de folhas, ela descobriu uma porta. A ferrugem escorria dos pregos cravados em cada tábu. Não tinham encontrado de imediato o palacete, engolido pela floresta: as árvores haviam crescido tão próximas dele que não se viam suas paredes, janelas, nem portas. A mata avançara sobre ele, mas, por algum motivo, não conseguira destruí-lo. Rheita consultou o pergaminho, notando que estavam no lugar certo: seus passos avançaram uns dois centímetros no Mapa Mágico.

– Bom, acho que chegou a hora da gente se despedir, Armiel – disse a menina, tristonha.

Kiel se surpreendeu por aquele momento ter chegado tão cedo. Não queria dizer adeus ao seu novo amigo; haviam-se tornado uma dupla forte e imbatível. Era como se fossem um cavaleiro e sua montaria indo para uma importante

batalha. Chorou ao se despedir de Armiel; o cavalo pareceu comovido e aceitou o abraço de Kiel. Rheita, de olhos marejados, também o abraçou e acariciou seu focinho. Quando eles se separaram, Armiel baixou a cabeça numa reverência; as crianças retribuíram e ele finalmente partiu, sumindo entre as árvores para depois alcançar mais uma vez seu lar, o céu.

Empenhando toda a força que tinham, Rheita e Kiel empurraram a porta. O que viram além dela foi uma profunda escuridão, nada convidativa. Um hálito gelado soprou lá de dentro; as crianças estremeceram ao sentir um calafrio lhes percorrendo a espinha. Receosos, os dois avançaram um passo, depois mais um, e outro; quando atravessaram o batente da porta, esta se fechou num baque violento atrás deles, sobressaltando-os. Ficaram completamente quietos, escutando a própria respiração lenta e compassada, apertando os olhos no breu que os engolia. Um pouco adiante, uma luz se acendeu à direita deles. Parecia um pequeno archote, a metros do chão, flutuando solitário no ar. Ao seu lado, de súbito, outro se acendeu, seguindo-se uma fileira inteira que iluminou um saguão de entrada.

Rheita e Kiel ficaram boquiabertos. Esperavam encontrar o interior do palacete num estado deteriorado, porém o que encontravam era o oposto. As paredes eram cobertas por tapeçarias com os tons de cores das paisagens e figuras muito vivas. No chão de pedra, havia símbolos de estrelas e meias-luas em baixo relevo por todo o perímetro. Do outro lado do saguão havia um corredor comprido com portas dos dois lados, que se alongava para outro cômodo. Lá, viram um espelho emoldurado com detalhes em ouro, apoiado na prateleira de uma lareira acesa que, a distância, iluminava uma comprida mesa na qual se encontravam pessoas sentadas.

– Será que nos viram entrar? – perguntou Kiel, num sussurro.

– Acho que não – disse ela, no mesmo tom. – Ninguém se mexeu.

De fato, a menina estava certa. As pessoas sentadas à mesa não se moveram. Então, ela arriscou aproximar-se de fininho. Kiel foi em seu encaço, receoso, torcendo com força o saquinho que Zagut lhe dera, sem pensar em nada. Rheita se aproximou, observando as portas do corredor, todas de uma madeira escura e lustrosa. Havia seis em cada lado. A menina conferiu uma por uma, lendo os nomes escritos nelas, até chegar à última. Cada porta representava um mês do ano, a primeira começando em Janeiro e a última terminando em Dezembro, na extremidade do corredor, de onde se avistava um grande salão.

Rheita e Kiel ficaram parados olhando a cena; ali a mesa fora posta para um rico banquete. A comida sugeria frescor: as maçãs estavam vermelhas, as uvas orvalhadas, as ameixas macias, os faisões suculentos, pernis fumegando ainda quentes, as caldas dos bolos derretendo, entre outras suculentas iguarias. Kiel, não resistindo à diversidade de aromas que lhe enchiam a boca d'água, avançou para atacar o banquete, mas Rheita se meteu na sua frente. O menino reclamou:

– Ora, quantas vezes na vida você encontra um banquete desses? Não tem vontade de dar nem uma mordidinha?!

– Kiel, não pode! Será que você não percebeu que tem alguma coisa errada?

O menino se calou, e Rheita continuou.

– Olhe para essas pessoas – disse ela. Sua voz transformou-se num cochicho. –

Elas não parecem vivas.

Kiel olhou para o rosto de cada uma. Havia três mulheres sentadas de um lado da mesa e três homens do outro. As mulheres eram belas e altas, a postura ereta traduzia um orgulho destemido. Todas jovens – cada semblante fazendo supor uma ascendência nobre –, trajavam vestidos de festa adornados com ricas pedras. Notava-se que aquela devia ser uma ocasião especial. Seus rostos estavam fixos, mirando o nada, impassíveis diante do banquete à sua frente. Os homens, num silêncio inquebrável, repetiam o mesmo gesto, os olhos desfocados, a face rija, sem expressar contentamento ou horror. Belos como suas convidadas, tinham certa semelhança, carregavam todos a nobreza no sangue.

– O que aconteceu com eles? – perguntou Kiel, intrigado, aproximando-se com cautela para vê-los melhor.

– Não faço a mínima ideia. – Rheita cutucou a pele fria da mão de um dos nobres. – Parecem mortos, mas ao mesmo tempo vivos, deu para entender?

– Hum... não – disse o menino, coçando a cabeça, confuso. – Olhe, Rheita, eles não estão respirando.

– Me lembram estátuas – comentou ela, contemplando uma das três moças. – Todos estão duros como pedra!

– Isso é realmente muito estranho – disse Kiel. – Mas a comida parece saída há poucos minutos do fogo, quem teria feito?

– Não parece ter mais alguém aqui – respondeu Rheita, olhando ao redor e depois para o corredor. – A porta bateu com tanta força, o suficiente para chamar atenção de quem estivesse realmente acordado. Esses não sentem nem um beliscão.

Ela experimentou dar um no braço da moça ao seu lado. Kiel comprimiu os lábios.

– Viu? Nem sentem dor...

– Rheita – disse o menino, baixinho –, e se o besouro agourento fez isso tudo? Lembre-se do enigma: “*Tira o sossego e leva o desespero por onde tem passado.*” E se ele amaldiçoou essas pessoas para que ficassem petrificadas para sempre? Olhe para elas. Não se parecem com as pessoas que vimos no Anel das Colinas. São diferentes...

– São descendentes do antigo povo de Lagoena – concluiu Rheita, perplexa. – Mas, Kiel, está faltando alguma coisa no meio disso tudo: Zagut disse que todos os descendentes da Terra Secreta foram expulsos por Aura depois da guerra...

– Acho que ela se esqueceu desses aí – disse ele, apontando para os seis nobres.

– E se isso tudo não passar de uma lembrança? Pode ser que seja apenas uma cena do passado. Você reparou que cada porta tem um mês do ano escrito nela?

– Quer dizer que voltamos no tempo? – interrompeu o menino, incrédulo.

– Não, não... Só acho que estamos vivendo um momento em que algo deu errado. Veja como estão todos bem arrumados, era uma ocasião importante...

– Não estou entendendo aonde quer chegar, Rheita.

– É simples, Kiel. Você falou ainda há pouco sobre o besouro agourento. Ele deve ter estado aqui, escondido durante muito tempo, e acabou com um momento feliz. Talvez viva até hoje nesta casa, sugando toda a infelicidade que trouxe. Essas seis pessoas morreram há muito tempo, e talvez nunca tenham

conseguido ter paz lá do outro lado.

– Cruz-credo! – exclamou Kiel, benzendo-se. – Então, um besouro debaixo do armário dá um tremendo azar!

– Shii! Fale mais baixo – disse a menina, num tom quase inaudível. – Ele pode estar nos escutando. Já deve saber de nossa presença aqui.

– Rheita, como iremos matá-lo? Esse bicho deve estar planejando uma coisa terrível contra nós!

– Não podemos dar chance a ele! – Rheita parecia determinada. – Quanto mais tempo ficarmos aqui parados, pior. Acho melhor a gente se separar e procurá-lo pela casa; deve estar escondido em qualquer lugar. Besouros não são tão grandes; quem achar primeiro ganha uma Chave!

Capítulo 36  
Três noivos e três noivas



Rheita procurou debaixo da mesa; Kiel esquadrinhou a lareira, desistindo ao concluir que o besouro nunca se esconderia perto do fogo. No imenso salão do banquete, as janelas eram fechadas com vidraças, através das quais só se enxergava a escuridão da noite lá fora. As paredes estavam vazias, não havia quadros nem tapetes para servir como esconderijo. Por fim, acharam que deveriam procurar em outros cômodos.

No corredor, tentaram abrir a primeira porta mais próxima, Dezembro, mas estava trancada. Depois a segunda à frente, Novembro; então, Outubro; todas trancadas. Fizeram inúmeras tentativas sem resultado até que, ao chegar à última porta, na qual se lia Janeiro – quando esperaram encontrá-la fechada –, esta finalmente se abriu.

Boquiabertos, os dois se depararam com um cômodo tão amplo quanto a própria casa. Estranhamente, pelas longas janelas entrava a luz fria de uma manhã cinzenta. Rheita teve a sensação de voltar a uma época esquecida. Num salão, um comprido tapete vermelho corria até uma pequena escadaria e tocava os pés de dois tronos esculpidos em ouro. Guardando o tesouro antigo que era a rara lembrança de Lagoena, armaduras reluzentes de cavaleiros perfilavam-se

nos cantos. Havia alguma coisa naquela lembrança que lhes trazia tristeza e pesar; o coração se apertava com um sentimento de desalento. Quando eles chegaram mais próximos dos tronos reais, vislumbraram alguma coisa dourada cintilar sobre um dos assentos.

– Uma maçã? – disse Kiel, intrigado, vendo a amiga apanhar o fruto.

– *À mais bela* – leu Rheita, pois na maçã havia letrinhas miúdas e finas com essa pequena frase. – Deve ter sido um presente.

– Quem teria dado? – perguntou o garoto, curioso.

– Não sei – disse Rheita, olhando ao redor. Parecia estar dentro de um sonho do qual se esqueceria quando acordasse. Seus olhos se depararam com outro objeto, deixado no assento do trono ao lado: um pequeno arco dourado com apenas uma flecha. Ela se sobressaltou.

– Oh! Agora entendo!

– O que foi? – perguntou ele, ainda mais curioso.

– Kiel, agora tudo está claro como água!

– Então, diga logo! Não faça mistério! – insistiu ele.

– Aquelas pessoas no salão de banquete eram três noivos e três noivas...

– Noivos e noivas? Como soube disso?

– Fácil: todos estavam bem vestidos, e a ceia era de comemoração! – explicou Rheita.

– Estavam festejando um noivado?

– Ahã... Deviam pertencer à alta realeza de Lagoena, talvez fossem príncipes, por isso estamos aqui, no passado deles, mas não tenho certeza disso...

– Mas o que aconteceu de tão terrível que os impediu de casar? – indagou Kiel, assombrado.

Rheita fez um gesto indicando a maçã.

– Houve uma disputa por causa dela. A maçã dourada deve ter sido dada de presente por um dos noivos à sua pretendente; nela está escrito *À mais bela*. Isso acabou causando uma forte inveja às outras moças nobres. Talvez, com aquele gesto, acreditaram que eram menos amadas, pois nunca tinham ganhado algo tão belo e valioso. Então, no dia da celebração do noivado, serviram uma ceia envenenada.

A menina se calou, espantada consigo mesma; ao tocar o fruto, logo lhe fora desvendado todo o seu passado.

– Oh! – exclamou, Kiel, pasmado. – Foram assassinados!

– E não há outro culpado a não ser o besouro da má sorte – concluiu Rheita, vendo as cenas em sua mente. – Ele fez isso tudo, plantou a discórdia dentro de um lar e condenou a alma de pessoas inocentes... Temos de conseguir mais do que uma Chave, Kiel, temos de libertá-las de um sofrimento!

Rheita apanhou o arco e encaixou a flecha.

– Rheita, tome cuidado, você só tem uma flecha, não pode errar – alertou o amigo.

Ela sabia disso: tinha apenas uma chance para conseguir a Sexta Chave, não poderia desperdiçá-la. Respirou profundamente, concentrando-se: não queria demonstrar insegurança naquele momento. Então, falou alto o suficiente para que sua voz ecoasse pelo salão:

– Não adianta se esconder, Besouro, já descobrimos a sua crueldade!

Rheita e Kiel ficaram quietos, esperando. Alguma coisa se moveu à direita deles. Uma armadura no meio do salão estremeceu e estatelou-se no chão num baque metálico. Ela se desmontou inteira, espalhando-se por todos os lados; o elmo saiu rolando, indo parar distante do resto, a abertura do pescoço voltada para cima. Rheita ergueu seu arco em posição e aguardou.

Eles ouviram um zumbido e o bater de asas. O elmo se moveu uns centímetros. Rheita mirou sua flecha, o besouro bateu suas asas velozmente. A menina viu somente uma mancha negra cortar o ar.

– KIEL, FECHÉ A PORTA, ELE VAI FUGIR!

O menino saiu disparado, atravessou o salão e, derrapando, fechou a porta num baque violento. Nesse meio tempo, viu o bicho recuar ao se perceber encurralado. Do tamanho de uma barata gigante, o besouro media mais de um palmo de comprimento e tinha a carapaça negra, mal se viam suas asas que batiam rápidas. Sem despregar os olhos do inseto para não o perder de vista, Kiel notou um brilho dourado sob suas asinhas elétricas.

– Rheita, eu vi a Chave! Atire! – gritou ele.

Ela procurou e mirou no alvo, mas no instante seguinte o vulto negro sumiu. Rheita baixou seu arco, desapontada, procurando-o novamente.

– Ali! – disse Kiel, apontando à sua esquerda.

Rheita só teve tempo de ver o inseto avançar; achou que ele escaparia por uma das janelas, porém acabou se chocando contra o que parecia ser uma barreira invisível e perdeu altura. Não podia fugir, o passado estava apenas ali.

A menina levantou o arco outra vez e apontou a flecha; o alvo estava vulnerável, aquele era o momento. Ela afrouxou os dedos e os soltou; um raio dourado riscou o ar e atingiu o besouro agourento no meio do corpo. Ele caiu pesadamente contra o chão, agitando as perninhas finas e peludas; emitia um guincho chiado. Rheita largou o arco e correu para ver a morte do temível inseto que trazia sorte indesejada à vida das pessoas.

Kiel olhou para o besouro com repulsa; ele guinchava tentando se libertar. E o menino fez algo que Rheita não esperava: tirou um dos sapatos e depois arrancou a flecha, não dando oportunidade ao inseto de escapar. A menina fechou os olhos e escutou um *CLAF!*

– Acho que agora está morto – disse ele, satisfeito.

A amiga abriu os olhos e viu no chão o besouro amassado, uma gosma marrom e fedida saindo de suas entranhas. Ela puxou a Sexta Chave escondida sob as asas esmagadas e a limpou no vestido – o brilho dourado, finalmente, aparecendo na superfície.

Os dois garotos haviam obtido algo inédito: encontrar duas Chaves em apenas um dia. Agora, mais confiantes, eles esperavam encontrar a Sétima e última. A corrente estava mais pesada, e as Chaves tilintavam num leve som de metal. Quando Rheita as guardou, percebeu a luz ao seu redor se esvaindo, e o salão do trono sendo envolto por uma sombra crescente.

– Vamos embora, o passado está desaparecendo!

Ela e o amigo desembestaram até a porta, a tempo de ver a sombra se adensar vaporosa e se tornar uma profunda escuridão.



– Essa foi por pouco! – disse Kiel, esbaforido, fechando a porta atrás deles – Mais um segundo, ficaríamos presos lá para sempre! Ai!

Um violento trovão rugiu, fazendo a casa estremecer. No final do corredor, os dois garotos viram o banquete do salão sumir; a toalha rendada da mesa virou um trapo encardido; as pessoas sentadas foram apodrecendo, seus olhos afundando, as bocas murchando – um minuto depois, eram apenas caveiras trajando roupas outrora ricas. Rheita e Kiel, tomados de horror, presenciavam cenas de pesadelo; para deixá-los ainda mais apavorados, todos os archotes se apagaram, sobrando somente a luz que vinha da lareira e do reflexo do espelho, que continuava inteiro, do outro lado do corredor.

Ouviu-se alguém bater à porta. Rheita não teve um segundo de cautela; precipitou-se imediatamente para a entrada, desvencilhando-se do amigo. Quando ela se aproximou, a porta se escancarou com a força do vento ruidoso que soprava levando a chuva da noite para dentro do saguão. Uma sombra foi iluminada por um relâmpago que cortava o céu, deixando Rheita petrificada: um rosto alvo de órbitas vazias encarou-a sombriamente. Ao se chocar com aquela aparição – a pele murcha sobre os ossos, os cabelos longos e ralos caindo podres até a cintura, o vestido roto no corpo esquelético –, a menina reconheceu uma daquelas mulheres outrora sentadas à mesa.

– Vim de muito longe, de um lugar onde os mortos nunca têm sossego – disse ela, a fala sugerindo um gesto que lhe causava enorme sacrifício. – Estou sempre cansada, mas nunca consigo dormir; meu corpo ficou preso no passado, e minha alma castigada perdeu-se na eternidade... Você me libertou, criança. Os outros já foram para um lugar muito além, mas eu tive de voltar e resgatar minha dívida com você.

– Co-comigo? – disse Rheita, apavorada, sem se atrever a se mexer.

– Sim... Finalmente vou poder ir embora, finalmente vou poder descansar em jardins de luz, pois o lugar onde estava eram só trevas e ódio. Fui eu, fui eu que ceifei a vida de todos, fui eu que acabei com tudo! Fiquei cega pela inveja, então eu os envenenei! – lamentou ela, chorando lágrimas secas. – E você quebrou a pesada corrente do arrependimento que carreguei por muito tempo, libertando aqueles que um dia me odiaram por ter lhes tirado a vida; agora todos nós estamos livres, e você tem uma escolha.

– Escolha? – Rheita não sabia o que pensar. Sua mente de repente ficou anuviada. A tempestade lá fora a confundia com os sons dos relâmpagos.

– Sim... Uma escolha. Vou tirar cinco cartas do destino e você escolherá somente uma; ela a guiará até o seu final.

O fantasma da mulher tirou das vestes podres cinco cartas, todas contendo a capa negra e símbolos dourados que Rheita desconhecia. A moça as embaralhou com suas mãos cheias de feridas e as abriu formando um leque.

– Apenas uma – ela disse, instigando Rheita a escolher.

A menina ficou muito quieta; de repente, não ouvia nada ao redor. O zumbir do vento cessou, a tempestade emudeceu, nem o farfalhar da roupa puída do fantasma ela escutou. Rheita olhou para as cartas, admirando os desenhos dourados sem os reconhecer; depois, como se estivesse brincando, contou uma a uma, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita. Por fim, apontou

com o dedo indicador para a carta do meio e esperou com uma estranha e súbita ansiedade. O fantasma lentamente separou aquela carta das restantes e a virou. Rheita franziu o cenho e perguntou:

– O que significa?

A forma de uma balança brilhava dourada no verso da carta negra.

– O que significa? – repetiu a aparição, estudando a carta.

A menina esperou, sentindo um frenesi lhe percorrer o corpo.

– Significa... que você tem de morrer!

A mulher vinda do além ergueu um punhal das vestes, suas órbitas vazias não refletiam piedade ou raiva; sem demonstrar qualquer sentimento, cravou o objeto pontiagudo no peito de Rheita, que, pega de surpresa, não se defendeu nem correu para fugir. Ela escutou apenas um grito de pavor, mas não fora o seu.



O metal frio lhe perfurou o peito, endurecendo-o; a boca se calou num grito mudo, os olhos tremeram e se cerraram pesados, e seu corpo desabou. De repente, Rheita se viu impelida para dentro de si, para dentro de um profundo corredor desconhecido, escuro: era interminável, extenso, longo; o ar ali dentro a tragava para baixo com intensa ferocidade. E ela, enfim, gritou.

Foi como se alguém tivesse libertado as mãos invisíveis que apertavam sua garganta. Sua voz ecoou solitária e estranhamente distante, sem ninguém a escutar. Rheita se debateu, não sabia a razão; queria voltar, tinha de voltar, para onde ela não sabia exatamente, mas não deveria estar ali, caindo, caindo... O ar a impelia cada vez para baixo, investindo contra suas tentativas vãs, adormecendo-lhe pernas e braços com as baforadas gélidas e anuviando-lhe a mente. Ela já quase não pensava, quase não vivia, quando, subitamente seu corpo caiu sobre um chão frio de granito.

Levantou-se atordoada e perscrutou ao redor: tudo era escuro, de uma penumbra densa. Rheita levou um grande susto: via-se no chão, deitada numa estranha posição e, ao mesmo tempo, estava de pé, olhando para seu corpo, ali desfalecido. A ideia de ter-se separado dele lhe causou enorme horror. Como ela

podia ser duas ao mesmo tempo?

Rheita se ajoelhou ao lado do seu corpo, sentindo uma mescla de pesar e compaixão. Por um momento, pensou que aquela ali no chão poderia ser outra pessoa; no entanto, era ela mesma, as mãos segurando apertado o peito, onde o punhal fora cravado, o semblante contorcido pela dor. Então, a menina se lembrou do que acontecera: o fantasma, a carta e o punhal; de repente, aquela dor lhe veio rasgando o coração, cortando-lhe a alma, partindo seus sonhos. Estava morta, sim, morta; Rheita sabia e tinha certeza dessa verdade, escolhera um caminho sem volta, uma estrada para o total desconhecido, para o Mundo-Além.

Era estranho aquele mundo vazio, pensou. Não havia para onde ir, nem abrigos, nem estradas, nem céu, nem terra, era somente uma imensidão sem fim, parecendo até sem propósito. Ela começou a achar que não tinha alcançado o que os homens no seu mundo chamavam de Paraíso; estava perdida entre o meio-termo, sem poder seguir nem voltar.

Então, Rheita tomou uma decisão: distanciou-se do próprio corpo. Iria procurar por orientação, alguém que lhe ensinasse o caminho para a frente, para o fim, já que o começo tinha se perdido para sempre. Ela foi andando, o frio cada vez maior a abraçava, uma luz a guiava seguindo seus pequenos passos; entretanto, percebeu que a luz vinha dela mesma, de sua própria alma. Vagou assim por horas, e mesmo a distância enxergava muito próximo seu corpo que jazia inerte no chão, sua pele parecendo ainda mais branca.

Uma bruma baixa foi se adensando como uma nuvem de vapor esbranquiçada e tomou todos os horizontes. Rheita avançou por um corredor que surgia à sua frente, metro por metro, em tijolos lisos de granito. Distraída, passou as pontas dos dedos na parede que se encompridava, sentindo a pedra gelada, a textura perfeita da superfície.

Rheita se precipitou pelo corredor até desembocar no que parecia um imenso salão; ela não teve certeza de imediato, pois reparava somente em uma sombra indicando que tudo terminava ao redor. E, embora se sentisse intrigada por estar num salão sem paredes, não teve dúvidas de que uma coisa à sua frente era muito real: havia uma cadeira no centro do aposento, toda moldada em ouro, na qual ela enxergou uma ótima oportunidade de parar e descansar, já que tinha caminhado horas a fio. Acomodou-se sem cerimônia e, quando fez isso, outra coisa aconteceu.

Ao seu redor as paredes tomavam forma; brotavam da superfície, encaixando-se uma nas outras como um grande quebra-cabeça. Rheita percebeu que não era uma parede maciça, mas sim caixas vazadas que lembravam estantes, quando todas juntas. A menina assistiu quieta às estantes se unirem e crescerem metros e mais metros acima do chão.

Em minutos, Rheita se viu cercada por cubículos de madeira em que se apoiavam potes de vidro. Primeiro, ela achou que todos estavam vazios, mas algo chamou sua atenção. Piscou várias vezes os olhos para ver o que era; algo se mexia dentro dos potes, ou melhor, pulsava. Rheita levou as mãos à boca quando descobriu, chocada, o que vinha a ser aquilo. Eram corações, sim, órgãos humanos palpitando vivos, presos em cada pote. Ela olhou desesperada para o

chão, procurando evitar aquela cena grotesca. Quem teria feito aquilo? Quem teria cometido a crueldade de matar todas aquelas pessoas e arrancar seus corações? Senti uma súbita vontade de correr dali, mas suas pernas não queriam lhe obedecer; ao contrário, tentavam mantê-la ali, sentada.

Enquanto a garota se debatia contra a própria vontade do seu corpo translúcido, uma sombra surgiu à sua frente. De repente, Rheita ficou estática, encolhendo-se na cadeira. A sombra cresceu, tornando-se uma figura gigantesca. Seus pés não apareciam sob a capa negra; o rosto, coberto por uma máscara dourada que lembrava a face canina de um chacal. As mãos magras estavam cobertas de chagas; numa delas, carregava uma balança de ouro. Rheita notou que sobre um dos pratos havia uma pena alva flutuando no ar; o outro prato se encontrava completamente vazio. A Morte, grandiosa, imponente e temível, acomodara-se num trono e, calada, contemplava em silêncio a menina, os olhos vazios escondidos na penumbra do capuz. Rheita, sentindo-se minúscula, colou os olhos no chão e, recolhendo uma gota da coragem que lhe sobrava, perguntou:

– Que lugar é este? – Isso era o que mais desejava saber desde que chegara ali.

A Morte logo respondeu; sua voz não era nem fria, nem cálida, apenas dura. Havia uma distância, uma plenitude perpétua, um eco em cada palavra que pronunciava.

– Esta é A Sala das Duas Verdades, Rheita. – Ela sabia seu nome.

– Hum... Eu pensava que quando uma pessoa morria, ela ia para o Céu – comentou Rheita, em tom inocente, encarando o chão.

– O Céu fica uma porta um pouco mais além, criança – informou a Morte, num tom sem emoção.

– E como eu faço para encontrá-la? – indagou a menina, desta vez olhando brevemente para a máscara dourada. – Eu não gosto deste lugar.

Ela olhou ao redor; os corações palpitavam vivamente dentro dos potes. Depois voltou a encarar o chão.

– Você não pode seguir adiante, Rheita, sem antes passar pelo grande teste! – A voz da Morte ecoou pela sala, fazendo os vidros retinirem.

– Teste? Que teste? – Rheita voltou a encará-la; no fundo não se intimidava tanto.

– O teste das Duas Verdades, criança, as verdades que nunca erram, aquelas que o homem nunca foi capaz de esconder, sejam elas feitas para o bem ou para o mal, a única e pura verdade...

Rheita permaneceu silenciosa, e a Morte continuou:

– Muitos já vieram até mim durante minha longa eternidade; tenho todos seus nomes gravados nessa estante. Conheci cada um, suas virtudes e seus defeitos, nada passa despercebido aos meus olhos; vejo tudo, até a fagulha mais fraca da mentira. Não estou aqui para perdoar os desvirtuados, meu papel é decidir quem segue e quem fica... Pois para o homem eu só mostro a verdade, não importa qual seja, a verdade tal e qual como ela é. O seu coração será pesado em minha balança, e a Pena da Verdade vai dizer se ele é leve o bastante para ir em frente ou pesado demais para não avançar nem um passo.

Antes que Rheita dissesse alguma coisa, a Morte apontou para ela com o dedo indicador da mão livre. Uma luz aflorou do peito da menina, tornando-se uma

pequena esfera que foi guiada até o prato vazio da balança de ouro. Quando a esfera planou sobre o prato vazio, materializou-se em um coração pulsante. A menina esperou, apreensiva. Os pratos da balança desnivelaram-se uns centímetros, até que a Pena da Verdade afundou como se tivesse virado chumbo, e o prato onde estava o coração de Rheita ficou no alto, leve como um grão de areia. A Morte nada disse por um instante; Rheita não sabia o que pensar, se aquele resultado era bom ou ruim...

– Você está no lugar errado, criança – disse a Morte, depois de um longo silêncio.

Rheita sobressaltou-se na cadeira. Se tivesse um corpo, o coração estaria martelando entre suas costelas.

– Por favor, não me mande para nenhum lugar terrível! – implorou ela, ajoelhando-se no chão.

– Não, você não merece ir para as terras das almas sofredoras – explicou a Morte. – Você, Rheita, tem que voltar, voltar para a vida, pois seu coração é puro e não é velho; o seu dia ainda vai poder esperar por longos anos.

– Co-como? Posso voltar?! – repetiu incrédula, olhando para trás, onde seu corpo moribundo jazia.

– Sim, deverá voltar e completar a missão para a qual você foi designada. O coração que espero está doente por uma chaga de mil anos; seu lugar está reservado entre os outros. – Apontou para um pote vazio no meio de outros cheios. – É ele que eu quero: um coração pesado, endurecido, cruel, um coração de pedra para minha coleção!

A Morte soltou uma gargalhada aterrorizante.

– Consiga-o para mim, criança, e eu lhe darei o que seu coração mais deseje no final dessa jornada, pois conheço todos os seus mistérios. Sou eu a Morte, aquela que vigia todos os passos!

Rheita queria perguntar ao que a Morte estava se referindo, *o que* ela poderia lhe *dar*? Mas a bruma ressurgiu ao seu redor, muito densa e rápida, engolindo-a. Sua mente ficou anuviada e ela escutou ao longe o que parecia ser uma gargalhada insana.

Subitamente, tudo ao seu redor ficou mudo, um vácuo a envolveu, e ela foi puxada para trás. Rheita caiu da cadeira, seus olhos ficaram cegos pela brancura da bruma que a engoliu, densa e repentina; não ouvia nem via nada; somente sentia como se alguém tivesse amarrado uma corda invisível em seus tornozelos e a puxasse para algum lugar desconhecido e assustador. Rheita tentou soltar-se, debateu-se no chão, até desistir ofegante; sabendo que não haveria nada o que fazer, deixou-se então ser arrebatada.

Ela percebeu aquele mundo se distanciando, o horizonte negro se tornar cada vez maior e longínquo. O chão frio lhe congelava as mãos translúcidas. Quando pensou que sua alma não aguentaria mais ser arrastada, topou com o próprio corpo, inerte e sem vida, e se sentiu aprisionada dentro dele. O retorno foi estranhíssimo; parecia que tinha caído num lago coberto por grossa camada de gelo. Rheita perdeu o fôlego; os pulmões se apertaram, secos; o coração deu um grande salto; seu peito inflamou quando ela quebrou o gelo e inspirou finalmente o ar; a sensação de viver lhe trouxe infinito alívio.

Capítulo 38  
O último segredo



Era como se tivesse sido libertada depois de passar muito tempo presa numa caixa apertada. Rheita ficou quieta, os olhos fechados, apreciando o palpitar do próprio coração levando a vida para todo o seu corpo. Abriu enfim os olhos; levou uns segundos para se acostumar com a claridade que vinha da única porta aberta – o vestígio do fatídico encontro com um fantasma. Sobressaltou-se: quanto tempo permanecera ali, morta?

Rheita foi tomada por um repentino desespero: teriam se passado anos desde sua passagem para o Mundo-Além? Não sentia o peso das Chaves e nem a textura do Mapa Mágico em seu bolso. Estava sozinha, não havia mais ninguém, apenas o silêncio naquela tarde de um dia que não sabia qual era.

A menina procurou pela Casa das Lembranças. Todas as portas com o nome de cada mês do ano estavam trancadas. No salão de banquete encontrou apenas uma mesa vazia. Os corpos tinham virado pó; a lareira estava fria, porém o espelho continuava intacto, sem ter sofrido nenhuma rachadura em sua superfície. Ela se mirou nele; dali podia ver a porta do outro lado, ainda escancarada.

“O que aconteceu com Kiel?”, pensou Rheita com seus botões. Imaginou que o

amigo fugira para não ser mais uma vítima da armadilha daquela alma penada, e acabou se lembrando do grito que ele dera quando a viu sendo apunhalada no peito – agora entendia que tinha sido um choque para ele. Resolveu deixar a casa, abandonar a recente lembrança que congelava toda sua felicidade; rumaria para algum lugar, já que sua vida naquele momento não fazia mais sentido.

Tristonha e cabisbaixa, Rheita atravessava o corredor quando, de esguelha, percebeu uma sombra surgir à porta. Ela não acreditou no que viu.

*Kiel!*

Precipitou-se para o amigo, mas ele permanecia parado, os olhos arregalados.

– Não, não se aproxime! – berrou ele, fazendo gestos frenéticos no ar. O rosto estava manchado, parecia que andara chorando, e tinha as mãos sujas de terra.

Rheita parou no mesmo instante.

– Kiel, sou eu, Rheita, sua amiga! – disse ela, sem entender.

– Mas, mas... Você está morta! – retrucou ele num tom estridente. – Eu vi tudo! Vi você cair e não levantar mais! – Seus olhos ficaram marejados.

– Eu sei, eu estive morta... Quero dizer, quase isso... – Ela não sabia por onde começar. – Eu não sou um fantasma... Sou de carne e osso!

Kiel olhou para ela menos desconfiado e perguntou, sem ousar dar um passo:

– O que quer dizer com *quase* morta?

– O que aconteceu foi uma coisa meio maluca, mas você tem de acreditar em mim – começou Rheita, tentando encontrar as palavras certas para não assustá-lo. – Quando o fantasma daquela mulher apareceu...

– Fantasma? Que fantasma? – indagou ele, confuso e desconfiado.

– Você não viu? – disse Rheita incrédula.

– Vi o quê? – rebateu Kiel.

– Ela, a mulher... A alma de uma daquelas mulheres do banquete apareceu ontem – Rheita pôde afirmar o dia, pois agora acreditava que não estava perdida no tempo. – À noite, aí, onde você está...

Kiel deu um salto no mesmo lugar, procurando algo ao redor.

– Fantasmas aqui, Rheita? Eu juro que não vi nenhum – disse ele, tentando acreditar na história. – Eu escutei um barulho na porta, como uma batida, mas foi o vento; você correu para abri-la... E ficou olhando para a escuridão lá fora; depois percebi que você estava falando sozinha – contou ele, quase soluçando. – Chamei seu nome várias vezes, mas você não me deu atenção. Depois, escutei um trovão e vi o relâmpago, e você caiu no chão, durinha. Achei... Achei que estivesse morta. Rheita, eu tentei fazer você acordar, até perceber que não tinha mais jeito: sua respiração parou e você ficou gelada! – O garoto debulhou-se em lágrimas.

A menina não resistiu, correu até ele, e lhe deu um abraço.

– Que bom que está viva! Eu passei o dia cavando um túmulo! – disse ele, enxugando as lágrimas. – Achei que teria de voltar para casa sozinho...

– Eu também tive medo – confessou Rheita, os olhos marejados. – Eu vi aquela mulher... Ela apareceu para mim, disse ter vindo por causa de uma dívida; nós a libertamos, assim como os outros. Então ela me mostrou cinco cartas, e eu tinha de escolher uma...

Rheita contou o que se passou depois disso: explicou como estivera realmente



morta, pois o fantasma a tinha atacado com um punhal, e repetiu sua estranha conversa com a Morte. Mencionou os corações que havia na Sala da Verdade, todos de pessoas que já tinham morrido.

– Então, *ela* deixou você voltar? – perguntou Kiel, impressionado e incrédulo.

– Sim, disse que eu tinha de terminar o que vim fazer. E ainda prometeu que me daria uma coisa.

– O quê? – Kiel ficou curioso.

– Eu não sei – disse Rheita, pensativa. – *Ela* disse ser algo que desejo, mas com uma condição: eu devo lhe entregar o coração de Zhetafar...

– Você não pode fazer isso, Rheita! Se meter no caminho dele é arriscado demais, Zagut nos avisou isso!

– Mas, Kiel, acho que a Morte pode nos ajudar, senão nunca teria me deixado voltar.

– A Morte pode ser uma grande mentirosa, Rheita, não deixe que ela a engane! Temos mais uma Chave para procurar. Hoje é o último dia, logo será o pôr do sol e, se falharmos, Lagoena será condenada para sempre e você nunca fará seu pedido!

Aquelas palavras tiveram um efeito de choque sobre Rheita. Ela percebeu que não estava sendo coerente.

– Desculpe, acho que exagerei um pouco – disse ela, corando.

– Acho melhor a gente ver o que o Mapa Mágico tem para nos mostrar – disse Kiel, tirando do bolso das vestes o pergaminho mágico e devolvendo as Chaves a sua portadora.

Rheita passou a corrente sobre a cabeça e pegou o pergaminho, desenrolando-o rapidamente. Ali, muito perto do enigma anterior, enroscando-se com o espiral no desenho que surgia de uma torre, ela leu:

*“Do fim sempre se faz o começo, no último caminho não haverá segredos, tome somente cuidado para não possuir aquilo que não for verdadeiro.”*

– Ei, conheço essa torre! – disse Kiel. – Vimos quando estávamos voando com Armiel, lembra?

– Lembro – respondeu Rheita. – E pelo o que a bússola do mapa diz, ela fica na margem norte da cidade antiga. A torre não deve ficar muito longe daqui, vamos!

Partiram apressados. As árvores da floresta dificultavam o caminho, fazendo-os avançar lentamente. Kiel ia à frente, arrancando galhos baixos e tropeçando nas raízes que se espalhavam pela superfície, enquanto Rheita se orientava pela bússola do mapa. A torre estava ao leste, e era para lá que eles seguiam. A menina olhou para cima procurando alguma fresta pela qual passasse luz; um pouco adiante ela encontrou um bom espaço entre um grupo de árvores; ali dava para ver o céu tingindo-se gradativamente de alaranjado. Ao seu lado, Kiel deu um grito de satisfação quando avistou uma construção em ruínas. Na parede circular havia grandes buracos; mesmo assim, a torre se mantivera erguida, resistindo às mais furiosas tempestades e à passagem do tempo.

Os dois garotos correram para lá, a ansiedade e a expectativa os envolvendo. Na penumbra da floresta eles encontraram um arco de pedra. Enfim, tinham chegado. Lá dentro havia um pátio circular, onde pequenas plantas rasteiras

nasciam e uma escada de tijolos cinza subia em espiral até o topo da torre. Rheita e Kiel reuniram todo o fôlego e puseram-se a galgar degrau por degrau metros acima. Não foi uma subida fácil; a escada era escarpada e, em algumas partes, os degraus ausentes. Logo, alcançaram o topo da torre, completamente sem fôlego.

A vista dali de cima era espetacular: a Floresta Escura se espalhava para todas as direções, encolhendo-se entre as Montanhas do Viramar e das Montanhas Incultas, onde o sol se escondia, sorrateiro. Aquele era o final que o Mapa Mágico apontara; era o momento de Rheita conseguir a Sétima e Última Chave.

A menina esquadrinhou o local até avistar alguma coisa dourada acima de um comprido pedestal de pedra no topo da torre. Kiel também a viu e, ansioso, inventou a amiga a ir em frente. Hipnotizada por aquele brilho, Rheita seguiu, enquanto tirava a corrente de Chaves do pescoço. Elas tilintavam, parecendo pressentir a presença da outra. Avançou, estendeu uma mão, estava quase lá...

– Nem mais um passo, garota, ou seu amigo morre!

Rheita sentiu um choque gelado correr por todo o seu corpo, os pés colaram no chão, o coração pulsou dolorido. Ela reconhecia aquela voz.

– Kaspar! – exclamou a menina, pasma, quando se virou e viu o homem alto e muito magro abordar Kiel. Tinha o rosto encoberto parcialmente pela sombra do seu chapéu surrado.

– Pensou que ia se livrar de mim tão rápido? – disse ele, sorrindo zombeteiro e afundando um canivete na garganta de Kiel, que desistiu de tentar se soltar.

– Crianças são criaturas tolas – disse outro homem, surgindo dos últimos degraus da escada. Sua voz era fria, escondia qualquer emoção. Rheita já tinha visto seus olhos cinzentos e lúgubres. Ela sentiu aquele olhar lhe perfurar a carne e cobiçar algo que carregava numa das mãos.

– São até dignas de pena. – Ele riu com desdém, avançando a passos lentos. – Nunca imaginei que fossem tão ousadas e tão burras. Deixam-se seduzir por qualquer bobagem e, de repente, quando lhes roubam o doce, não fazem nada a não ser choramingar...

– Cale essa boca! – berrou Kiel, vermelho de raiva.

– Ora, ora... Você fala! – ironizou Zhetafar, com escárnio. – Ouvi dizer que era mudo, e se assim fosse seria melhor; não teria aberto o bico e falado o que não era da sua conta!

Ele avançou sobre o menino e lhe deu um tapa. O canto da boca de Kiel sangrou.

– Crianças intrometidas devem ser castigadas!

– Afaste-se dele, Zhetafar! Seu tempo acabou! – disse Rheita, levantando uma das mãos para pegar a Chave no pedestal.

– Não se atreva, não se atreva! – ameaçou Kaspar observando o filete de sangue escorrer da garganta do garoto. – A escolha é sua, Rheita... Seu amigo pode se machucar seriamente, como aconteceu com seu pai.

– Mentiroso! Seu plano não deu certo – acusou Rheita, baixando a mão. – Meu pai está vivo, vivo! Eu sei que ele está!

– Bom... Pelo menos estava quando o abandonamos moribundo num porão escuro um tempinho atrás... Talvez tenha ficado ali mesmo, servindo de comida a

ratos! – Zhetafar deu uma gargalhada prazerosa.

– Eu não acredito nisso! – retorquiu Rheita, sentindo completo nojo do imperador.

– Acredite, será melhor – disse ele, retomando o seu tom normalmente endurecido. – Tema a mim para se salvar; só o medo livra o homem de coisas desagradáveis...

– Eu não sou covarde! Sou uma Guardiã, não uma criatura desumana como você!

Zhetafar trevejou em gargalhadas e depois ficou sério, trancado na própria dureza.

– Sabe, Kaspar me falou muito sobre você, menina. Ele sabia que você desconfiava dele, mas nós cometemos o erro de acreditar que por ser jovem nunca iria tão longe... Apenas o caduco do seu avô caiu na história.

– Não fale assim dele! – Rheita ameaçou aproximar-se da Sétima Chave.

– Não seja tão ousada, menina! – Zhetafar alteou ainda mais sua voz ameaçadora. – Um Guardiã nunca me deteve nem vai me deter, com ou sem Mapa Mágico. Essa porcaria inútil não me serviu para nada!

Ele pegou um pergaminho dentro das vestes - era a outra metade do mapa, o motivo do desaparecimento de um pai e destruição de uma família - e o jogou ao vento que, ruidoso, o soprou para longe. Em seguida, apontou para a cicatriz no rosto:

– Esta marca me faz lembrar todos os dias da última vez que me encontrei com um dos seus, garota. E meu ódio cresceu, minha força ficou maior. Nada me derrubará, nem Guardiões, nem tesouros escondidos, pois sei de coisas que seu inútil cérebro não imagina, Rheita; foi muito fácil encontrá-la, até mais fácil do que eu achei que poderia ser... Agora, me entregue as Chaves! Todas! – ordenou ele aos berros, olhando de esguelha para o sol que começava a tocar o horizonte.

– Não faça isso, Rheita! – gritou Kiel, tentando desvencilhar-se de Kaspar. – Não entregue a ele! Não!

– Fique calado, moleque! – Kaspar lhe deu um safanão.

– Pense bem, você me dá as Chaves Mágicas, e eu poupo a preciosa vida do seu amiguinho. – Zhetafar olhou para Kiel com desprezo. – A escolha é sua...

– Não dê ouvidos a ele, Rheita! Não entregue as Chaves, por favor! – insistiu Kiel, desesperado.

Agora, cabia a ela uma dolorosa decisão.

Capítulo 39  
Sete Chaves e um desejo



Atordoada e nervosa, Rheita não conseguia raciocinar, o coração acelerado; e o tempo estava correndo. Só sabia que não podia deixar o amigo ser morto; não, aquilo não podia acontecer. Não trocaria a vida dele por aquelas Chaves encantadas.

E ela então decidiu: mesmo sabendo que desistiria de algo precioso, deixou a fina corrente escorregar entre seus dedos trêmulos. Zhetafar arreganhou um sorriso febril ao perceber a renúncia de Rheita. Ele empurrou a menina e apanhou as Seis Chaves.

Kiel correu na direção da amiga. Kaspar o tinha libertado no mesmo instante em que se precipitava sobre o imperador. As duas crianças presenciaram uma cena inesperada: Kaspar, obstinado, avançou e apunhalou Zhetafar pelas costas, mas este se virou em tempo, desvencilhando-se do golpe. O imperador encarou o outro com ferocidade.

– O que pensa que está fazendo?! – esbravejou ele, exasperado, recolhendo as Chaves.

– As Sete Chaves não lhe pertencem, *alteza!* – retrucou Kaspar irônico, com um brilho doentio nos olhos, preparando-se para outro golpe.

– Traidor! – acusou Zhetafar, cerrando os punhos. – Depois de tudo o que fiz! É com essa moeda que você me paga?! Nunca teria chegado até aqui sem mim! Você fez uma péssima escolha, Kaspar!

Ele se precipitou para o pedestal, mas Kaspar, tomado de raiva, avançou sobre o imperador impedindo-lhe o caminho. Os dois se engalfinhavam entre socos e ameaças. Rheita e Kiel assistiam a tudo, perplexos e assustados. Kaspar investiu várias vezes contra Zhetafar, que se desviava agilmente de cada golpe, até que, esperto, usou um dos ataques de seu capanga traidor e arrancou-lhe a arma. Kaspar recuou desequilibrado e, sem reação, parecia ter diminuído de altura, encolhendo-se, encurralado entre duas ameias da torre. O imperador o olhou triunfante, aproximou-se dele e o encarou bem de perto, as testas quase se encostando. A lâmina fria tocou o pescoço de Kaspar, fazendo-o suar e tremer.

– Bom, Kaspar, sempre soube que você iria querer algo em troca, o que é justo... – começou Zhetafar, cravando seus olhos frios no rosto acovardado do capanga. – Não pense que sou sem coração, ou desalmado; eu lhe darei a parte que merece, sei reconhecer o seu mérito...

– O que você vai fazer, *Zhetafar*? – desafiou Kaspar, encarando-o sem piscar.

– Vou fazer aquilo que deveria ter feito há muito tempo!

Zhetafar cravou a pequena faca no pescoço de Kaspar, de cuja garganta saiu um estranho ruído, como se estivesse se engasgando. Aproveitando o momento de desequilíbrio de sua vítima, o imperador o empurrou por cima da ameia. Kaspar soltou um grito, tentando em vão se segurar; suas mãos escorregadias não encontraram apoio, e ele despencou do alto da torre.

Rheita e Kiel ficaram paralisados, os pés colados no chão, cientes de que corriam perigo mortal. O imperador empertigou-se, cheio de si, o rosto corado por uma satisfação doentia. Enquanto as crianças se encolhiam num canto, Zhetafar se aproximava triunfante da Sétima Chave, seus olhos ardendo de intensa cobiça. Os dois garotos, impotentes, assistiam àquele momento que jamais esperavam presenciar: Zhetafar vencera, ele apanhara a Última Chave do Portal dos Desejos para si.

O homem deu uma gargalhada vitoriosa: tinha todas as Sete Chaves nas mãos, conseguira finalmente realizar seu intento e de maneira tão fácil. Enquanto comemorava, uma luz intensa aflorou de origem desconhecida e se materializou numa porta. A madeira lisa e envernizada, com fulgor tênue, revelava não se tratar de uma porta comum: ela concedia pedidos àqueles que reunissem seus Sete Segredos. Rheita e Kiel vislumbraram pela primeira vez O Portal dos Desejos, um dos raros tesouros de Lagoena. Hastes de ferro formavam desenhos sinuosos onde ficavam as dobradiças; a aldrava circular era esculpida em ouro, assim como todas as sete fechaduras que se reuniam no centro na porta.

– Finalmente – disse Zhetafar, orgulhoso com o próprio feito. – Finalmente! Chegou a minha hora, recuperarei tudo o que perdi! Tenho todas as Sete Chaves!

Ele começou a encaixá-las uma por uma em cada fechadura.

– O antigo tesouro retornou a mim! Terei vida perpétua! Serei um homem temido em todo o mundo! – bradou, virando a sexta Chave em sua tranca. – Serei imperador de todas as terras! Todos deverão temer o meu nome! Eu, Zhetafar...

Quando ele encaixou a última, Rheita e Kiel prenderam a respiração.

– Peço novamente o *Poder!*

Zhetafar preparou-se e virou a última chave, mas ela endureceu dentro de fechadura, sem se mover. Desconfiado, ele a forçou, mas ela continuou imóvel, pois o seu segredo era falso.

O sorriso de grande êxito do imperador sumiu da face. Um trovão cortou o céu; Rheita e Kiel se sobressaltaram assustados. Zhetafar recuou, o rosto tomado por ira e incredulidade.

– Não pode ser! Não pode ser! – esbravejou ele. – A última Chave... FALSA! O que vocês fizeram, seus moleques? Entreguem-me a Sétima Chave, agora!

– Nós nunca a tivemos, Zhetafar! – disse Kiel, encarando-o com ferocidade. – Você caiu numa armadilha do Mapa Mágico!

– Mentirosos! Trapaceiros! – urrou ele, colérico. – Me deem a Última Chave! Ou irão pagar muito caro...! Eu matarei os dois, arrancarei suas entranhas com minhas próprias mãos se... AAAHHHH!

Zhetafar apertou o peito, curvando-se de dor.

– A Chave! A Chave! AGORA! Entreguem-me! – Tentou reerguer-se, faltava-lhe ar... – Não... posso... Tenho... de... AHHH!

Caiu de joelhos, o rosto vermelho; ofegava profundamente.

– As... Chaves... O Desejo...! – Com uma das mãos ele se apoiou para não cair e com a outra agarrou o próprio peito.

– Ele está morrendo – disse Rheita, sentindo uma estranha compaixão ao ver o homem contorcendo-se de dor.

– É o que ele merece! – Kiel tocou um lado da face inchada.

– Por favor... me ajudem... – arquejou Zhetafar, a voz fraca – Piedade... Não me deixem... morrer... Não quero morrer... Aahh!

Rheita ficou chocada. Aquela homem agonizava a sua frente, encontrando lentamente o seu final, e não poderia fazer nada para ajudá-lo. Ela olhou para o sol, metade dele ainda aparecia entre as montanhas, mas a maldição de Zhetafar estava se concretizando depois de mil anos. Compreendeu, então, que ele se precipitara...

– Por... favor... – implorou ele, levantando uma das mãos.

A Pequena Guardiã o encarou de perto, encontrando seus olhos frios, agora vermelhos como se fosse saltar das órbitas.

– Você nunca teve piedade de ninguém, Zhetafar – disse ela, com voz segura. – O que você está sentindo é o reflexo da dor que causou. Está pagando por sua maldade... Por ter tirado a vida, os sonhos e a liberdade de pessoas inocentes, e por ter condenado Lagoena, a Terra Secreta e todo o seu bom povo a viver temendo o futuro. Você amaldiçoou a sua própria vida, não se importou com a Ordem de Aura: *“Nunca deseje o que por destino não pode ter. Tal desejo infecta a alma e traz consequências que o futuro não pode prever”* – recitou ela, acrescentando: – Só você é culpado...

– NÃO, NÃO, NÃÃÃOOO!

Zhetafar se contorceu como se sofresse um ataque. O rosto entortou numa feia careta, e ele gritou; ajoelhado, elevou as mãos ao céu, num pedido desesperado de clemência. Seu peito tremeu num último suspiro agonizante e enrijeceu. Ali jazia Zhetafar, O Imperador de Pedra, morto, empredado; em sua condição

amaldiçoada, a forma agonizante parecia uma feia gárgula, uma estátua feita para assustar. E seu corpo começou a se dissolver lentamente em poeira fina, que foi varrida pelo vento, até restar somente uma pedra solitária.

Rheita reconheceu o coração de Zhetafar e o apanhou. Nesse mesmo instante, surgiu não se sabe de onde uma figura de capa e capuz, a Morte. Desta vez, não era gigante nem ameaçadora; tinha o tamanho de um homem comum, usava uma máscara dourada de chacal e trazia numa das mãos cheias de feridas a balança de ouro. Kiel se engasgou e permaneceu quieto no seu canto.

– Vim buscar o que me pertence – disse a Morte, no seu tom sem emoção, apenas frio e distante. – E você deve cobrar a minha promessa.

– O que a *senhora* me daria em troca? – perguntou Rheita, encarando-a. Desta vez, não tinha medo.

– Pense: o que seu coração mais deseja neste momento?

Rheita olhou para o sol quase sumindo no horizonte; deveria ser rápida. Em seguida, vislumbrou O Portal dos Desejos a sua frente. Em alguns minutos, ele sumiria para sempre.

– Eu quero a Sétima Chave verdadeira – disse ela, lembrando-se do último enigma: *“Do fim sempre se faz o começo, no último caminho não haverá segredos, tome somente cuidado para não possuir aquilo que não for verdadeiro.”*

– Muito bem escolhido – elogiou a Morte. E ela retirou de sob uma das mangas uma chave dourada, a Sétima Chave. – Ela é sua agora, para fazer o que quiser.

A menina lhe entregou o coração empedrado de Zhetafar, e a Morte o colocou sobre o prato vazio de sua balança. Este desceu pesadamente quando a pedra o tocou, o que fez a Pena da Verdade dar a resposta que a Morte tanto queria: a condenação.

A Morte partiu de vez levando consigo o coração de pedra. Rheita sentia o metal encantado da Sétima e Última Chave em suas mãos, uma luz fulgurou no meio delas. Percebeu, emocionada, que vinha de sua marca, do “S” do Guardiã; a luz brilhou intensa, resplandecente, inundando-a de um ar cálido.

Kiel ficou boquiaberto ao ver uma pequena estrela nascer na palma de mão de Rheita. O diminuto astro brilhou faiscante para depois subir ao céu, correndo como um cometa, até se encontrar com suas outras irmãs numa pequena constelação azulada que já brilhava no firmamento, dando as boas-vindas e revelando a todos que um Guardiã completara mais um feito.

– Rheita, o Portal! Faça seu pedido! – disse Kiel, ansioso, pois o pôr do sol estava acabando.

A menina viu a borda do sol sumindo entre as imponentes montanhas cinzentas no oeste. Aquela era a hora, não poderia perder nem mais um segundo. Ela tirou a sétima chave falsa de uma das fechaduras do Portal dos Desejos e, antes de encaixar a verdadeira Chave, hesitou.

– Kiel, devemos fazer isso juntos.

Ele correu para o seu lado e disse impaciente:

– Rheita, só o seu desejo pode salvar Lagoena de verdade! Rápido, faça seu pedido!

Ela fechou os olhos e pensou na coisa que mais desejava na vida, no que a motivara a buscar todas aquelas Chaves Encantadas. Então, se lembrou das

palavras de um velho mago chamado Zagut: “...o segredo é fazer um pedido, apenas um pedido verdadeiro, que venha de um coração puro...”.

Rheita inspirou e colocou a Última Chave na Última Tranca, e elas se encaixaram perfeitamente.

– Este é meu desejo – disse a menina, ao virar a Sétima Chave.

O Portal dos Desejos sacolejou e, lentamente, abriu-se num clique. Rheita e Kiel recuaram uns passos ao ranger das dobradiças; o eco reverberou por toda a Floresta Escura, fazendo-a estremecer na superfície. Os garotos, quietos e ansiosos, aguardaram o prolongado instante cessar, para conhecer o que havia além do arco. Quando a porta escancarou totalmente, uma luz branca e pura mergulhou-os numa grande explosão.



Capítulo 40  
Uma surpresa inesperada



Rheita se mexia inquieta na cama, até que acordou de súbito ao desabar no chão. Atravessando a janela redonda, a claridade do dia agrediu seus olhos. Sentou-se meio zonha no assoalho gelado. “Sonhei”, concluiu, ao esquadrihar o sótão que lhe servia de quarto. Deu um longo suspiro desanimado; queria voltar a dormir e se lembrar daquele sonho, porém sua mente misturava as imagens, e ela não conseguia lembrar-se de nada com clareza. Frustrada, atirou-se na cama novamente, escondendo a cabeça sob o travesseiro; logo o avô estaria aos berros, batendo com o cabo de uma vassoura no teto abaixo. No entanto, tudo estava em completo silêncio. Rheita não pôde deixar de notar: havia algo diferente ali...

Desconfiada, aguçou os sentidos: seria possível ter acordado em casa errada? O quarto ainda era o mesmo da noite passada, assim como os móveis escassos. Rheita levantou-se, vestia uma camisola macia, seu cobertor não era o trapo remendado que costumava usar; ao pé da cama reluzia um belo par de botas novas. No armário, uma surpresa: encontrou novos vestidos, todos do tamanho adequado. Dentro das gavetas procurou pela peça que nunca poderia dispensar: luvas. Não encontrou sequer uma luva solitária.

A neta do joalheiro ficou preocupada: o que diria ao avô quando ele descobrisse

que ela havia perdido todas as suas luvas? Pensativa, fez o contorno da cicatriz na palma da mão e, com imenso choque, notou que não mais existia! De repente, seu sonho voltou à tona, vindo da memória: o Mapa Mágico, as Sete Chaves, Lagoena...

Num impulso, correu até a janela redonda do sobrado e espiou lá fora. A Rua dos Artesãos, costumeiramente apinhada de gente brigando por um espaço nas lojinhas, encheu-a de entusiasmo. Uma fila de fregueses se fazia à frente da doçaria da Dona Adeliz do outro lado da rua. Um pouco mais adiante, para o lado esquerdo, o sobrado de janelas encardidas permanecia pouco interessante; na porta de entrada se lia *Calçados Enestam* numa placa. Rheita percebeu que alguém acenava de uma das janelas do sobrado. Kiel sorria e gesticulava, parecia bem. Somente agora Rheita entendia o que significava aquilo tudo; não sabia quanto tempo ficara ausente de casa e, embora temesse a reação do avô, desabalou escada abaixo, gritando pelo sobrado.

– Vovô, vovô, eu estou em casa! Eu voltei! Voltei!

Ela desceu a escada em espiral no fundo da joalheria e deu de cara com um homem desconhecido.

– Ei, Rheita, você acordou! – disse ele, abrindo um amplo sorriso.

Rheita estacou e olhou ao redor: a joalheria estava imaculadamente limpa e organizada. Em seguida, ela encarou o homem que, apesar de maduro, ainda parecia jovem, beirando os trinta e poucos anos. Era alto, os cabelos castanhos caíam lisos sobre a testa, e usava costeletas tingidas por raros fios brancos. Havia algo nele que lhe parecia familiar.

– Onde está meu avô? – inquiriu a menina.

O sorriso dele murchou, e ele se abaixou para ficar na mesma altura de Rheita. Ela percebeu que seus olhos eram verdes, de um verde profundo, parecidos com os seus.

– Você andou sonhando de novo, não foi? – perguntou ele com paciência. Rheita ficou em silêncio, não sabia o que responder. – Nos já conversamos sobre isso, querida. Seu avô foi para o Céu, morar junto com sua mãe.

Rheita congelou. Seus olhos de repente ficaram empoçados de água.

– E-ele morreu? – perguntou, a voz embargada.

– Ele virou uma estrela, minha filha – corrigiu ele com brandura.

A menina o encarou, estudando seus intensos olhos verdes e as finas rugas que começavam a surgir no seu rosto. Rheita desatou em lágrimas, sentindo uma mistura de pesar e contentamento, dor e felicidade. Ao mesmo tempo que ela perdia uma pessoa amada, ganhava outra: o pai. O seu desejo finalmente fora atendido. Ela se atirou em seus braços e em um abraço apertado. Ele retribuiu; parecia emocionado.

– Eu senti tanto a sua falta! – disse ela, as lágrimas escorrendo no rosto.

– Eu estou aqui, Rheita, sempre estive. – Ele secou o rosto da filha com um lenço. – Quer comer uma torta de avelã com chocolate, hein? – sugeriu Domik, abrindo um largo sorriso, tentando alegrá-la. – Dona Adeliz amanheceu inspirada hoje; senti o cheiro daqui! Vamos, suba e se vista!

Rheita deu mais um abraço no pai, ganhando dele um beijo na testa. Nunca se sentira tão feliz em toda sua vida, apesar do luto pelo avô que partira sem que ela

se despedisse. Seu desejo alterara o tempo; tudo acontecia como se ela nunca tivesse encontrado o Mapa Mágico que lhe mostrara um caminho e a trouxera para outro, completamente diferente. Tendo recebido a joalheria de herança, Domik comandava os negócios com a habilidade que o velho e famoso joalheiro Gornef lhe transmitira. A *Ponto de Ouro* prosperava; não era mais a loja escura e poeirenta que Rheita havia conhecido; o lucro aumentara, e ela ganhara até sapatos novos!

Cinco minutos depois, estava pronta, trajando um vestido parecido com que usara na noite em que foi parar em Lagoena seguindo os segredos de um mapa, os cabelos longos e negros presos em duas tranças amarradas por fitilhos. Domik usava chapéu e bengala, elegantes à moda daquela época.

– Vamos indo, o dia está maravilhoso lá fora! – Era primavera no Reino do Vinagre.

Ele ofereceu a mão para a filha, mas ela não reparou no gesto. Rheita fitou um retrato amarelado que nunca tinha visto, pendurado na parede acima da escrivaninha no ateliê da joalheria. As pessoas sorriam: duas de pé e uma sentada numa cadeira. Era sua mãe, Enid, ainda grávida, a mão descansando sobre o ventre; estava feliz. O avô, logo atrás, abria um sorriso, parecia jovem e menos carrancudo, e, ao seu lado, o genro no início da vida adulta.

– Papai – disse Rheita, sem tirar os olhos do retrato. – O que o senhor pediria se tivesse de reunir Sete Chaves que concedessem apenas um desejo?

Domik riu.

– De onde você tirou essa pergunta, Rheita? – indagou ele, intrigado e admirado.

– De um sonho que eu tive, uma vez – respondeu a menina, de maneira breve.

– Você tem uma imaginação e tanto! – comentou ele, ficando pensativo. – O que eu pediria... – Domik mirou o retrato, seguido pelo olhar de Rheita.

– Queria que a mamãe estivesse aqui, não é?

O pai torceu os lábios. Rheita sabia que ele não queria chorar na sua frente.

– Eu encontro sua mãe todos os dias em você, Rheita. Meu pedido seria tê-la como filha... Assim como desejaria sua mãe...

Ele se abaixou e a abraçou, aos soluços. Rheita entendeu por que mesmo desejando algo com toda a força, a mais profunda do coração, não se pode ter tudo; e algumas escolhas, em sua grande maioria, são seguidas de renúncias. Seu pedido tinha sido a prova disso, porém sentia-se mais do que abençoada.

Domik limpou as lágrimas, assoou o nariz no lenço e consultou um relógio que tirou da algibeira do colete. Rheita o reconheceu de imediato: era o relógio do avô.

– Vamos, agora? – disse ele, consultando as horas.

– Oba! – ela concordou, saltitando de alegria.

Rheita e Domik atravessaram a portinhola do balcão e saíram pela porta da joalheria. Sentiam-se contagiados pelo vaivém dos transeuntes. As pessoas conversavam em ruidoso coro, esbarravam-se uns nas outras disputando espaço e espiando pelas vitrinas, curiosas. Rheita apertou a mão do pai e, juntos, sumiram entre a multidão de cabeças que passavam todos os dias pela Rua dos Artesãos.

FIM

